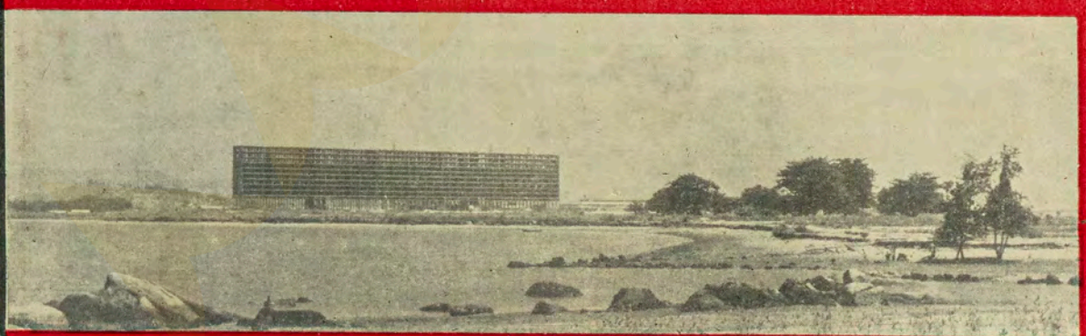
HABITAT

15

revista das artes no Brasil

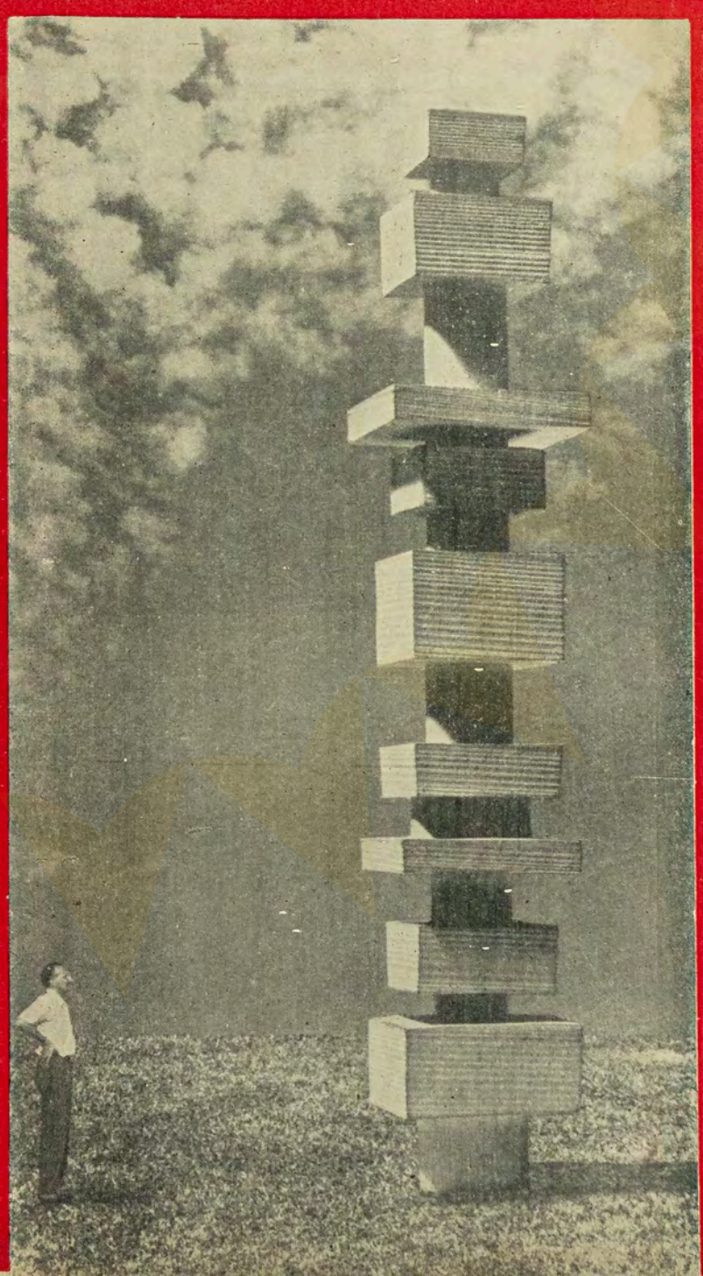


Neste número:

A Cidade Universitária do Rio

Para onde vai a Pintura

a nova rubrica Habitat—O Mundo



Revista de cultura contemporânea, dedicada à arquitetura, pintura, escultura, desenho industrial, artes gráficas, artes visuais, dirigida por Lina Bo e P. M. Bardi

– uma tradição de bons serviços

Decorações
ISAAC G.
TEPERMAN



Eis *Decorações Isaac G. Teperman*, agora em novo e moderno estabelecimento, arrojado empreendimento que traz a garantia de sucesso de um nome de responsabilidade.

Idealizando e executando o que há de mais fino em ambientes residenciais e comerciais, *Decorações Isaac G. Teperman* constitui, em tudo e por tudo, *um novo marco em confôrto e bom-gôsto.*



decorações **teperman**

- MÓVEIS
- TAPÊTES
- CORTINAS

FÁBRICA E LOJA:

rua rêgo freitas, 73 - fone 37-7739

KNOEDLER

Established 1846



Claude Monet (1840 - 1926), Retrato de criança - 13 x 18".

OLD MASTERS
AMERICAN PAINTING
FRENCH IMPRESSIONISTS
CONTEMPORARY PAINTING

Framing Prints Restoring

NEW YORK CITY

14 East 57 th Street

LONDON

14 Old Bond Street

PARIS

22 Rue des Capucines



Mural

MOSAICO VIDROSO

«VIDROTIL»

VENDAS:

SÃO PAULO: S/A DECORAÇÕES EDIS - Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 300 - Telefone, 32-2326
RIO DE JANEIRO: ARTHUR P. KRUG - Rua Almirante Alexandrino, 200, s. 202 - Fone, 22-4394
PÔRTO ALEGRE: C. TORRES S/A - Rua Voluntários da Pátria, 338 - Fone, 7144
SALVADOR: GERALDO GONZAGA - Rua Alvares Cabral, 8
BELO HORIZONTE: BITTENCOURT & CIA. LTDA. - Av. Amazonas, 266, 12.º andar, Sala 1218 - Fone, 2-6354



AÇO TORSIMA LTDA.

Escritório: Rua 7 de Abril, 264 - 13.º - Fone 35-6758 — SÃO PAULO

SEMEANDO O PROGRESSO...

Um colchão de molas para cada brasileiro!

Hoje todos sabem que um colchão de molas não é luxo – é uma necessidade. Todos conhecem o seu valor como complemento de confôrto e de saúde – todos desejam possuí-lo! E são tais as facilidades para sua compra – que cada vez mais, um número maior de pessoas se encontra em condições de comprá-los. Convencida de que dentro de um futuro não muito remoto será possível assegurar a cada brasileiro o uso de um colchão de molas cientificamente construído, Armações de Aço Probel S. A. vem aperfeiçoando ano após ano, o seu sistema industrial. Utilizando máquinas mais modernas e poderosas, melhorando o padrão e o rendimento de sua produção, criando novos tipos e modelos de colchões e de outros artigos para o lar, Armações de Aço Probel S. A. estende o benefício de seus produtos a um número sempre crescente de bôlsas. Assim como vem acontecendo nos mais adiantados países do mundo, o Brasil também poderá um dia orgulhar-se de que a grande maioria de sua população goza do confôrto do colchão de molas – sem dúvida, um índice expressivo do grau de civilização de um povo.



"O Semeador"
Estátua nas imediações do Palácio 9 de Julho em São Paulo

A maior indústria de colchões de molas da América do Sul é a ARMAÇÕES DE AÇO PROBEL S. A. Mantendo sempre a sua tradicional qualidade, os produtos Probel são comprovadamente os mais vendidos em todo o país!

ARMAÇÕES DE AÇO **Probel** S.A.

Pioneira da industrialização do confôrto no País

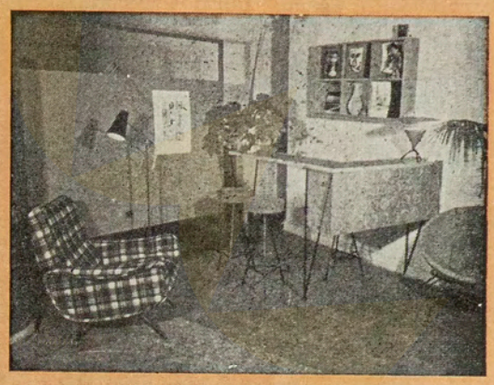
Fábrica: Rua Vilela, 307 (Tatuapé) - Tel. 9-0927 (PBX) - Caixa Postal 1.711
Exposição: Av. Ipiranga, 442 - Esq. R. São Luís - Tel. 36-5597 - São Paulo

heino orro
suécia

marco zanuso
italia

lina bo
brasil

paolo chessa
italia



bons desenhos para interiores contemporâneos

Ambiente

decorações
moveis modernos
tecidos originais
desenhos exclusivos

ambiente – ind. e com. de móveis s. a. – rua martins fontes, 223 – fone 35-0306 – são paulo

Mais que um simples toque de bom gôsto...

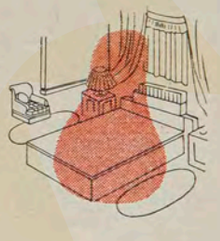


ETICA *propaganda*

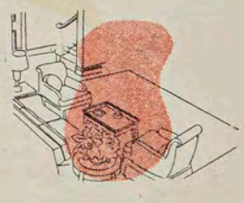
...os tapetes CHENILE aumentam o confôrto de seu lar, tornando-o muito mais acolhedor e alegre. Mestres da Decoração — tradicional e contemporânea — os têm preferido, graças às suas côres vistosas, variadas e atuais, e à sua maciez incomparável.

CHENILE - a beleza que se estende pela casa...

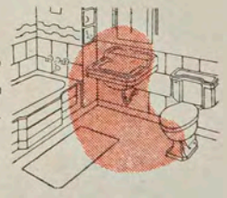
À VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO



Conheça também as colchas CHENILE. Com os tapetes, completam a harmonia do ambiente.



"De parede à parede", especialmente indicado para as principais peças da casa. Também em outros formatos e medidas.



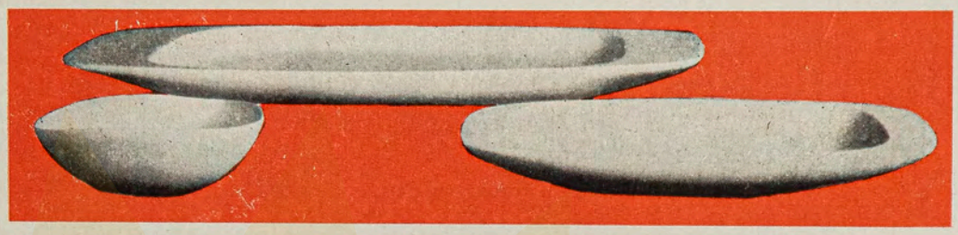
Com avesso de LATEX, não escorregam e são ideais para os banheiros modernos. Fàcilmente laváveis.

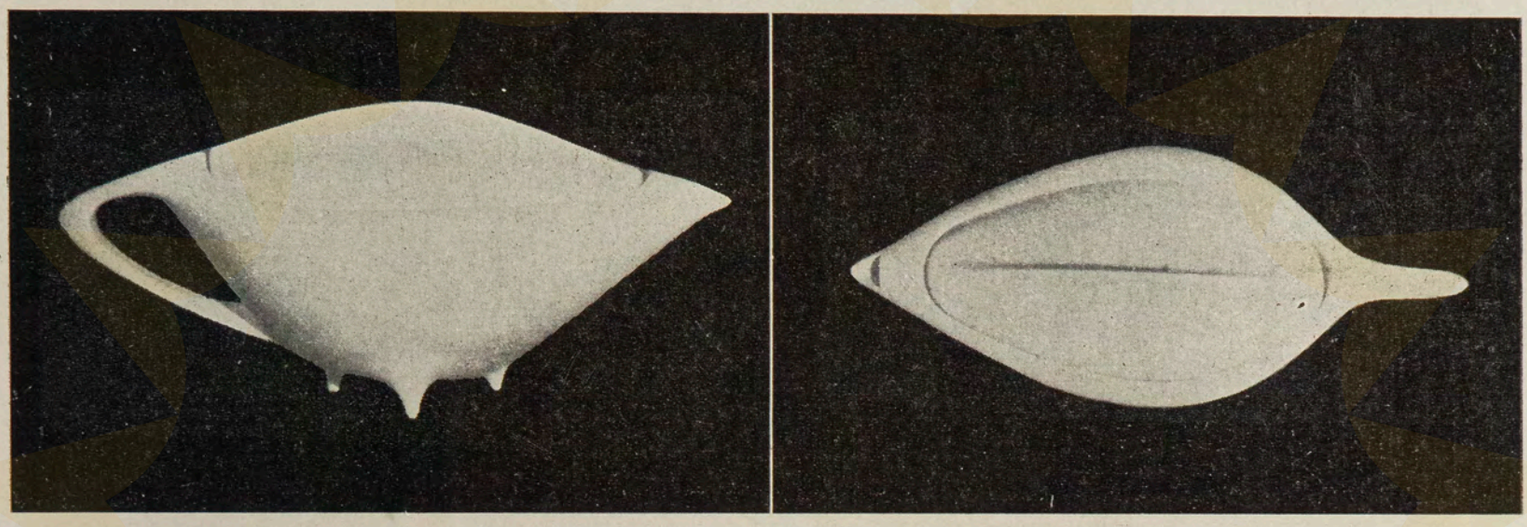
Chenile DO BRASIL S.A.

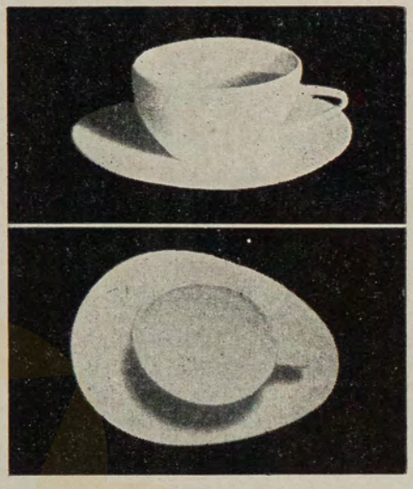
Produz, no Brasil, os famosos tapetes de chenile americano

Rua Venâncio Aires, 29 - Fone: 52-6893 - São Paulo

desenho: carlo hauner – esmalte: a. taccari







h g

cerâmica ltda.

fone 51-4231 s. paulo - rua conselheiro brotero, 892

UNICA IMPORTAÇÃO CONSEGUIDA NESTE GENERO



IMPORTAÇÃO DIRETA DA ALEMANHA

EXPOSIÇÃO E VENDA EXCLUSIVA

36-3620 „SANITÉCNICA" S/A 35-8731

DISTRIBUIDORES GERAIS PARA O BRASIL

SÃO PAULO - RUA QUIRINO DE ANDRADE, 217 - BRASIL

CASA Salus

- FILTROS E ESTERILIZADORES
- FAIANÇA REFRATÁRIA
- CERÂMICA P/ TODOS OS FINS

Lojas em São Paulo:

Rua Xavier de Toledo, 60; Tel.: 31-4711
Av. Rangel Pestana, 2358; Tel.: 9-5928
Rua Augusta, 2449; Telefone: 80-6311

Loja no Rio de Janeiro:

Rua da Quitanda, 24; Telefone: 22-3707

Indústria e Comércio Antonio Nogueira Ltda.

Av. Guilherme, 11 - Tel.: 3-8066 - Cx. Postal, 1438

Enderêço Telegráfico: Verofiltro - São Paulo



na simples casa

- ou no arranha-céu...

KABINHO

e'a torneira preferida!

- fêcho independente da pressão da água
- facilmente desmontavel
- inteiramente de bronze, cromado ou niquelado
- mais econômica, no custo e na conservação

UM TIPO PARA CADA FIM:

- curvas mais fechadas
- projeção mais longa
- jato oblíquo, etc.

NAS BOAS CASAS DO RAMO
A VENDA EM TODO O BRASIL

um produto fabricado e garantido pela

INDÚSTRIA & COMÉRCIO "SIMPLEX" S. A.

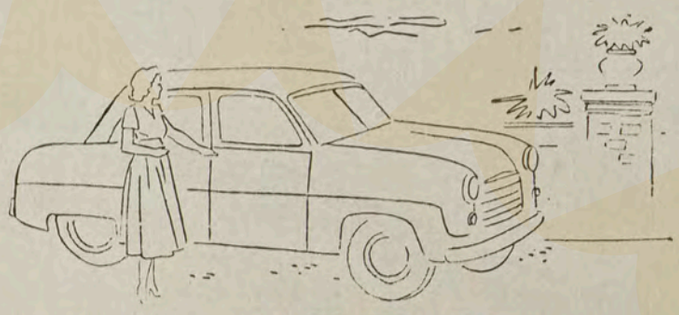
RUA CORIOLANO, 1613 - FONE 33-2728 - SÃO PAULO

EQUIPE

Quando as cantoras famosas como *Maria da Graça* voltam para o lar - é

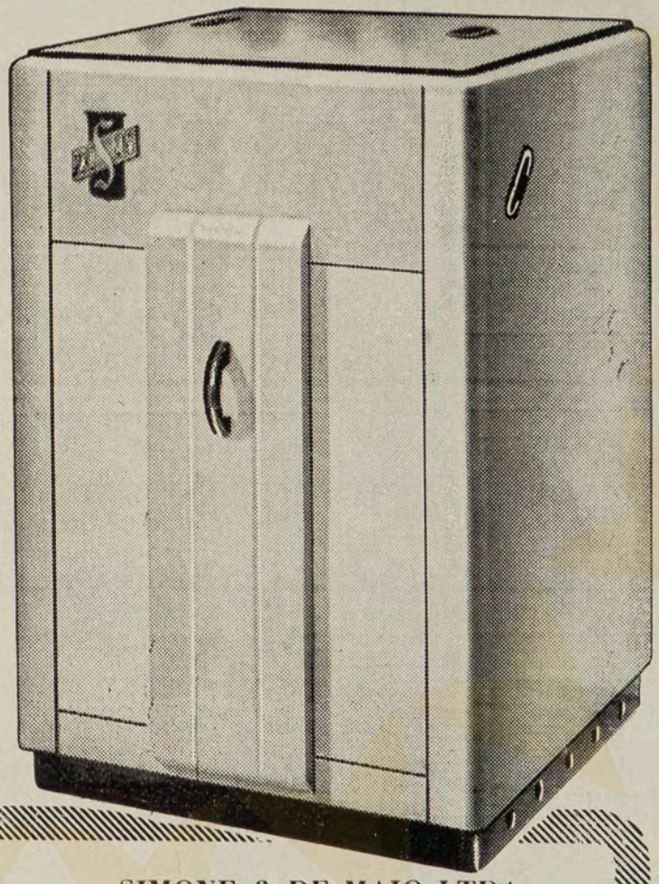


Na foto MARIA DA GRAÇA uma das mais queridas estrelas dos nossos palcos Rádio e Televisão — bastante aplaudida e apreciada pelos seus inúmeros fans.



PRIMA

Que elas preferem



Maria da Graça é uma das felizes e satisfeitas possuidoras de uma PRIMA...

Por que inúteis canseiras, quando se têm ensaios e audições para fazer? A Lavadeira PRIMA elimina a fadiga e transforma em dia de descanso o dia de lavar roupa, pois que PRIMA lava 5 quilos de roupa em poucos minutos com perfeição — sem que as suas mãos toquem na água ou no sabão! PRIMA dispensa fixação ao solo — suas três rodinhas permitem levá-la para onde se queira.

Siga o exemplo de Maria da Graça: Vá conhecer na prática, essa maravilha da técnica moderna a serviço das donas de casa... e os senhores também, que terão colarinhos alvos... alvos como nunca!

REVENDEDORES AUTORIZADOS:

ELETRO RADIOBRAZ S/A
Rangel Pestana, 2145

CASA MELITO LTDA.
Rua Comendador Cantinho, 563 — Penha

CASA BEETHOVEN
Largo da Misericórdia, 36

EMPREZA MERCEDES HERING
Rua da Consolação, 53

AMARAL & SANTOS
Rua da Glória, 24

CASA SONAR
Rua Arouche, 111

SIMONE & DE MAIO LTDA.
Rua da Mooca, 2462

ELETRO CASA GLÓRIA
Rua 24 de Maio, 188

LUIZ & LOTTI
Av. Alvaro Ramos, 784

ELETROLÂNDIA LTDA.
Rua São Bento, 210

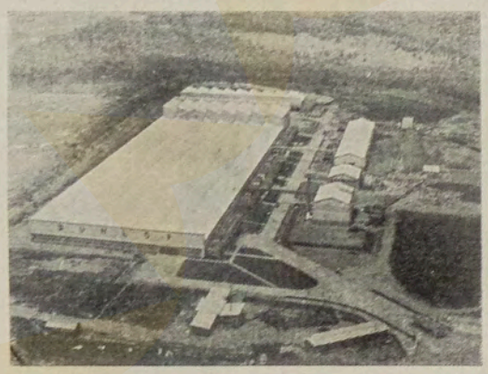
MÓVEIS A NACIONAL LTDA.
Av. Rangel Pestana, 1666

CASA FLEURY S/A
Matriz: Av. Liberdade, 37
Filiais: Rua Guaiauna, 159 — Penha
Rua da Mooca, 2206 — Mooca

DIPRO

A COMPANHIA BRASILEIRA DE CONSTRUÇÃO
FICHET & SCHWARTZ - HAUTMONT

projetou, forneceu e montou
as estruturas metálicas da nova fábrica
DUNLOP em Campinas, Estado de São Paulo.





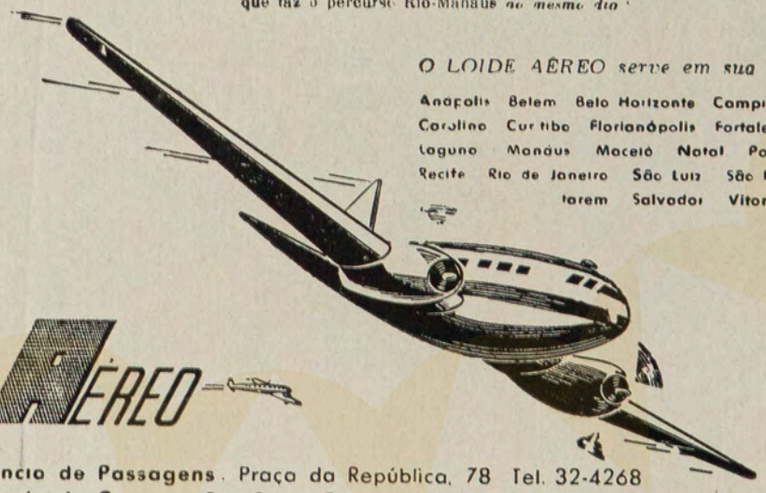
COMPANHIA BRASILEIRA DE CONSTRUÇÃO
FICHET & SCHWARTZ - HAUTMONT

RUA XAVIER DE TOLEDO, 14; 5.º ANDAR; SALA 505; FONE: 35-9124; SÃO PAULO.

VOCÊ NÃO VIAJA ASSIM...



Nas civilizações primitivas o transporte é vagaroso e antiquado, mas não para os que não têm um minuto a perder é a solução natural é voar! Os "Curtiss Comando" do LÓIDE AÉREO desenvolvem *velocidade superior* à dos demais aparelhos comumente usados nas rotas comerciais e possuem confortáveis instalações para 50 passageiros. Viaje pelo LÓIDE e não deixe favores! Pague agora e sempre 25% *menos que o preço normal das passagens*. O LÓIDE é a única Cia. de aviação que faz o percurso Rio-Manáus *no mesmo dia*!



O LOIDE AÉREO serve em sua rota:

Anápolis Belem Belo Horizonte Campina Grande Carolina Curitiba Florianópolis Fortaleza Ilhéus Laguna Manáus Maceió Natal Porto Alegre Recife Rio de Janeiro São Luiz São Paulo Santarem Salvador Vitoria

LÓIDE AÉREO

SÃO PAULO Agencia de Passagens. Praça da República, 78 Tel. 32-4268
Agencia de Cargas: Rua Bento Freitas, 143 Tel 36-7744

RIO DE JANEIRO Agencia de Passagens Rua Mexico, 11-C Tel. 42-9967
Agencia de Cargas Av. Presidente Wilson, 210-B Tel. 52-2567

iluminação
PARA
ambientes
modernos

CÔRES EXPRESSIVAS E RESISTENTES DE QUALQUER TONALIDADE DESEJADA, PERMITEM A PERFEITA HARMONIA DO AMBIENTE COM A ILUMINAÇÃO



Executa-se qualquer encomenda especial sob desenho

AP

AMERICA PRESERVIT
INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.
FABRICA: SÃO PAULO
RUA JOAQUIM ANTUNES, 977
FONE: 8-8427 • 80-5308

CLUB "550"

AR CONDICIONADO



onde você
se sentirá
à vontade,
num ambiente
acolhedor,
que é uma
sugestão
de permanência,
para uma
boa conversa,
para um alegre
bate-papo,
solvendo
um legitimo
whisky,
ouvindo
as canções
da vóz gostosa
de Judith.

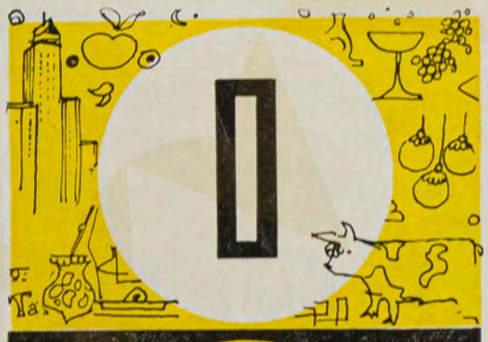
AV. IPIRANGA, 550
Telefone: 36-9121

de norte a sul do Brasil

Montevidéu e Buenos Aires



VARIG



um serviço aéreo tradicional

dema

pastilhas



FACHADAS



PAINEIS

PISOS

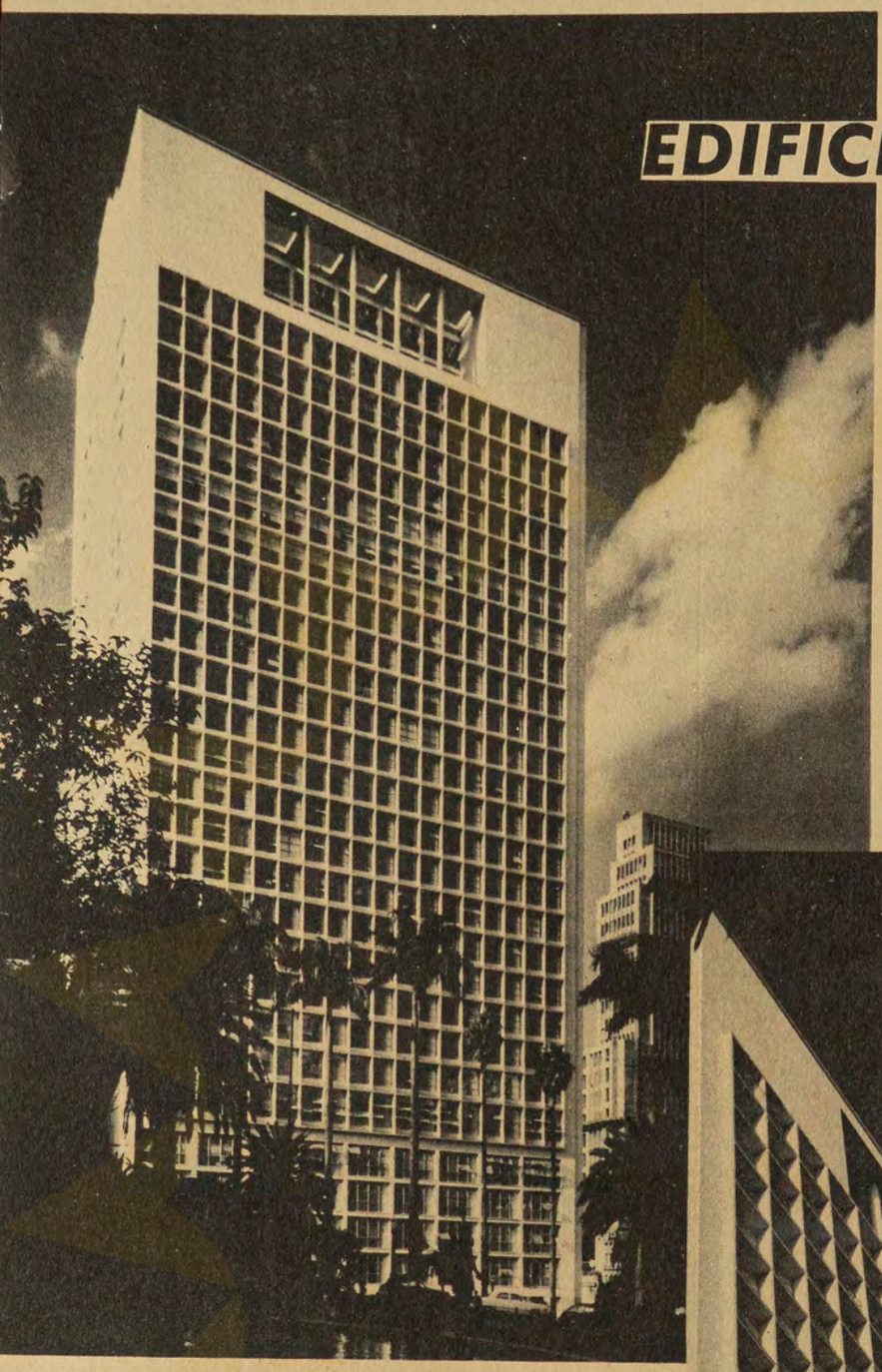


PARA
PRONTA
ENTREGA

RUA DA CONSOLAÇÃO, 1411 - FONE: 35-0426 - SÃO PAULO

"dema"


ELEVADORES
A
ATLAS



EDIFICIO CBI ESPLANADA

SÃO PAULO

33 PAVIMENTOS

50.000 m²

12 ELEVADORES ATLAS

CAPACIDADE 20 PESSOAS

VELOCIDADE 210 m p/ m

SELECTOMATIC CONTROL



ELEVADORES ATLAS S. A.

São Paulo - Rio de Janeiro - Belo Horizonte - Santos - Campinas - Recife Porto Alegre - Salvador - Curitiba

EDIFÍCIO DA FÁBRICA DE PNEUMÁTICOS DA DUNLOP DO BRASIL, S/A.
EM CAMPINAS, RECENTEMENTE INAUGURADA

Como em tôdas as obras onde são exigidas qualidade e durabilidade, nesta construção os ladrilhos e outros materiais cerâmicos SACOMAN tiveram lisonjeira preferência.

PRODUTOS DE TERRACOTA PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

ARGILAS EXTRAIDAS DE JAZIDAS PRÓPRIAS
COM ÁREA TOTAL DE 230.000 M.²



Tijolos Furados, Prensados e Laminados

Telhas Lustrosas, Marselhêsas e Coloniais

Ladrilhos, Rodapés e Cantos

Lajotas, Peitoris e Degraus

Cerâmica Sacoman S.A.

Capital: Cr$ 40.000.000,00

Secção de Vendas: Rua São Bento, 389 - 3.º And. - Fones: 33-4453 - 33-4277 - 36-3610
Fábrica e Administração: Avenida das Lágrimas, 71 - Fone: 3-0105
Caixa Postal 256 - End. Telegráfico "Terracota" - São Paulo

LADRILHOS

GRANITINA

TERRAZZO

C. PUGLIESE & CIA. LTDA.

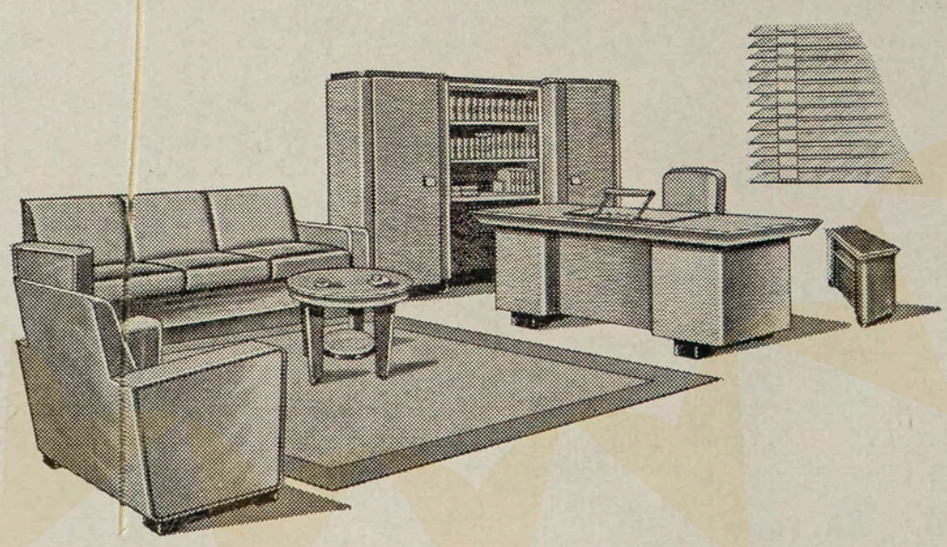
Rua Tabôr, 123 Tel. 3-0481

- Fábrica de Ladrilhos - Mosaicos - Granitina e Terrazzo
- Colunas - Balaústres - Traforos
- Tanques - Caixas d'água em cimento armado
- Decorações em Gesso e cimento
- Distribuidores de Ladrilhos Cerâmicos - Materiais da Eternit
- Azulejos - Artigos Sanitários e Materiais para Construções em geral

---

Forad S/A

INDÚSTRIA MOBILIÁRIA



Instalações modernas para escritórios e estabelecimentos bancários

SÃO PAULO **RIO DE JANEIRO** **PORTO ALEGRE**

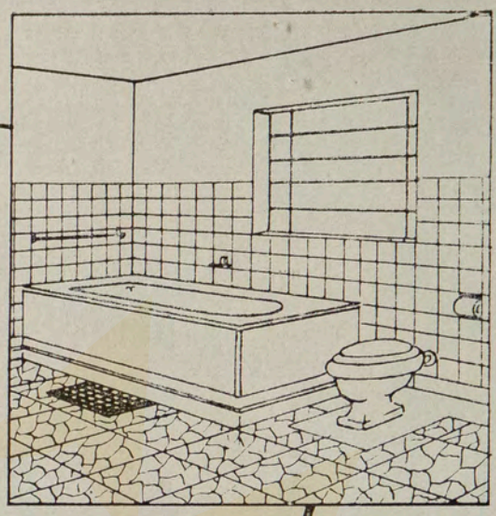
móveis Forad S/A os móveis técnicamente perfeitos

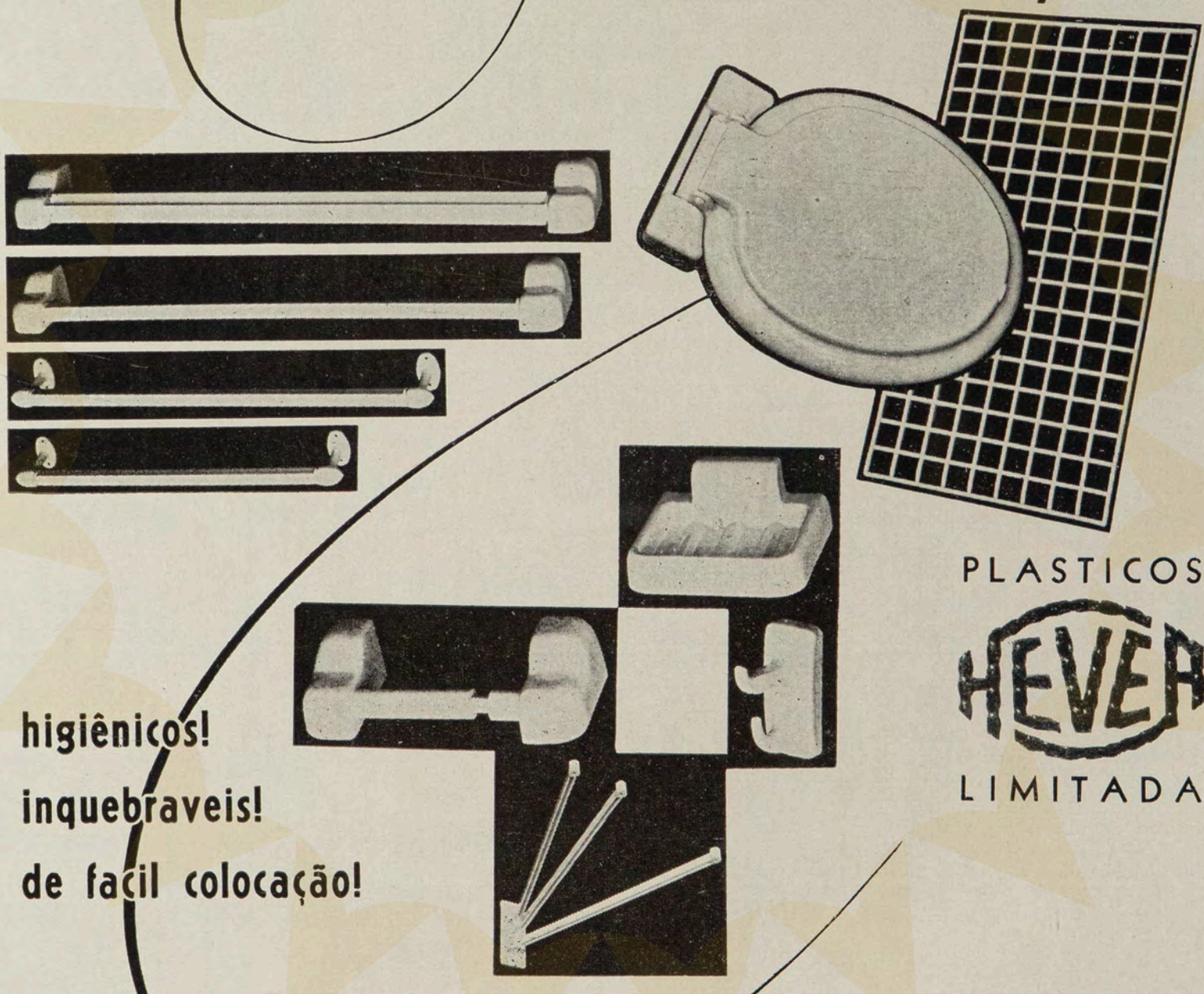


CHANEL

modernise seu banheiro...

com produtos plasticos!





higiênicos!
inquebraveis!
de facil colocação!

PLASTICOS
HEVEA
LIMITADA

PLASTICOS HEVEA LIMITADA

Rua Bixira, 234 - Fone: 9-5385
SAO PAULO

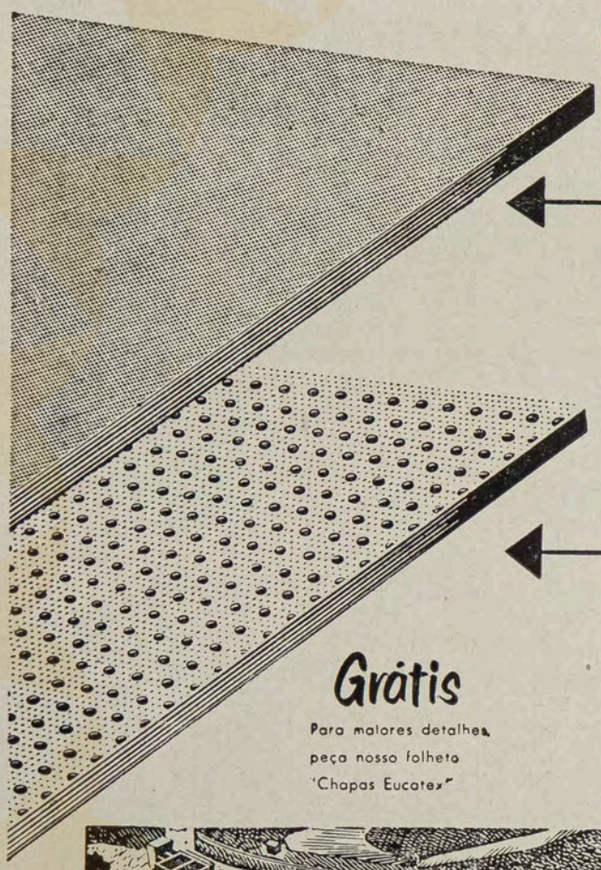
★ UMA DAS NOSSAS LINHAS DE FABRICAÇÃO ★

* Excelentes isolantes térmicos e acústicos.
* Resistentes - chapas leves, podendo ser serradas, furadas, pregadas, folheadas, pintadas ou receber qualquer outro acabamento.
* Duráveis - refratárias à umidade, deterioração e ao ataque de germes e insetos.
* Muito econômicas - produzidas em vários tamanhos, permitem aproveitamento máximo com maior rapidez.

o mais moderno material de construção

CHAPAS EUCATEX de fibras de madeira

Agora fabricadas no Brasil



CHAPAS ISOLANTES lisas

Ideais para:

- Construção de tetos, em substituição ao estuque.
- Revestimento de paredes e decoração interna de casas, fábricas, escritórios e edifícios.
- Construção de divisões.
- Decoração de lojas, vitrinas, stands etc.
- Instalações agrícolas e pequenas construções em geral.

CHAPAS ACÚSTICAS perfuradas

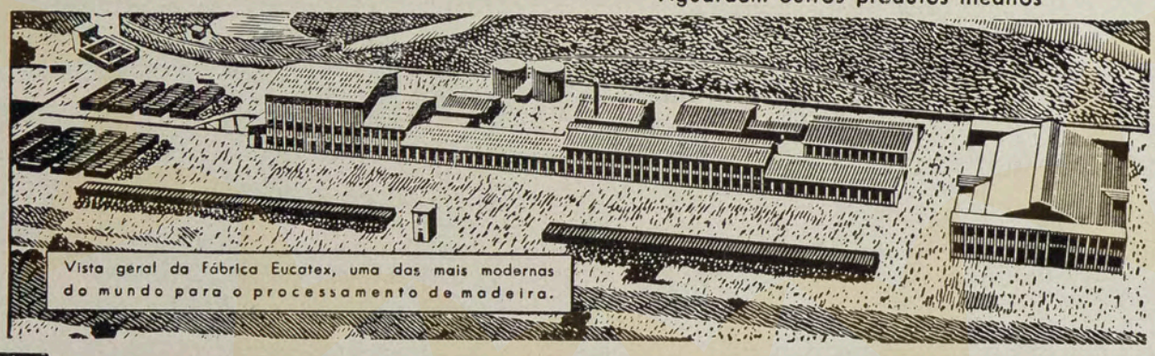
Para absorção e isolamento mais perfeitos do som e de ruídos em escritórios, salões, cinemas, teatros, auditórios, estações de rádio, cabinas telefônicas, hospitais, lojas etc.

Grátis

Para maiores detalhes peça nosso folheto "Chapas Eucatex"

EUCATEX: UM PRODUTO DA FIBRA NACIONAL

Aguardem outros produtos inéditos



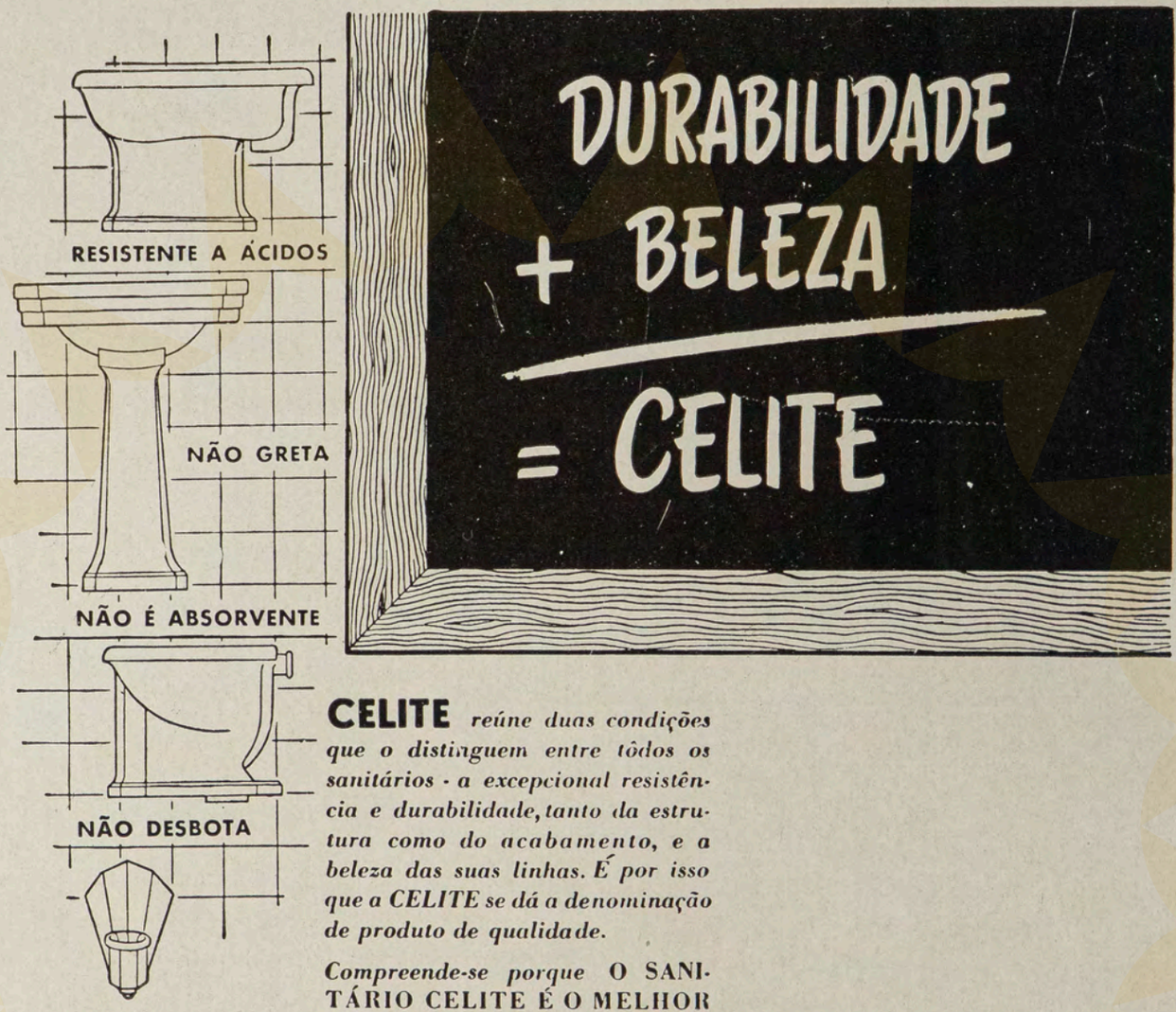
Vista geral da Fábrica Eucatex, uma das mais modernas do mundo para o processamento de madeira.

EUCATEX S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Escritório: Av. Francisco Matarazzo, 530 - Tel. 52-9146 - São Paulo

Fábrica: Salto - Est. de São Paulo

REVENDEDORES AUTORIZADOS NAS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS



CELITE *reúne duas condições que o distinguem entre tôdos os sanitários - a excepcional resistência e durabilidade, tanto da estrutura como do acabamento, e a beleza das suas linhas. É por isso que a CELITE se dá a denominação de produto de qualidade.*

Compreende-se porque O SANITÁRIO CELITE É O MELHOR QUE EXISTE *quando se conhece por dentro a fábrica que o produz.*

A Cerâmica Sanitária Porcelite S.A. é no seu gênero a mais completa e moderna da América do Sul.

PREFIRA

CELITE

- para sua garantia!

Examine um dos nossos conjuntos coloridos nas boas casas do ramo.

CERÂMICA SANITÁRIA "PORCELITE" S. A.

Rua Itapura, 626 - Fone 9-1183 - São Paulo



- Tapetes
- Cortinas
- Decorações

MÓVEIS TEPERMAN

Avenida Rangel Pestana, 2109

(próximo ao Largo da Concórdia) — Fone 9-5205 — São Paulo

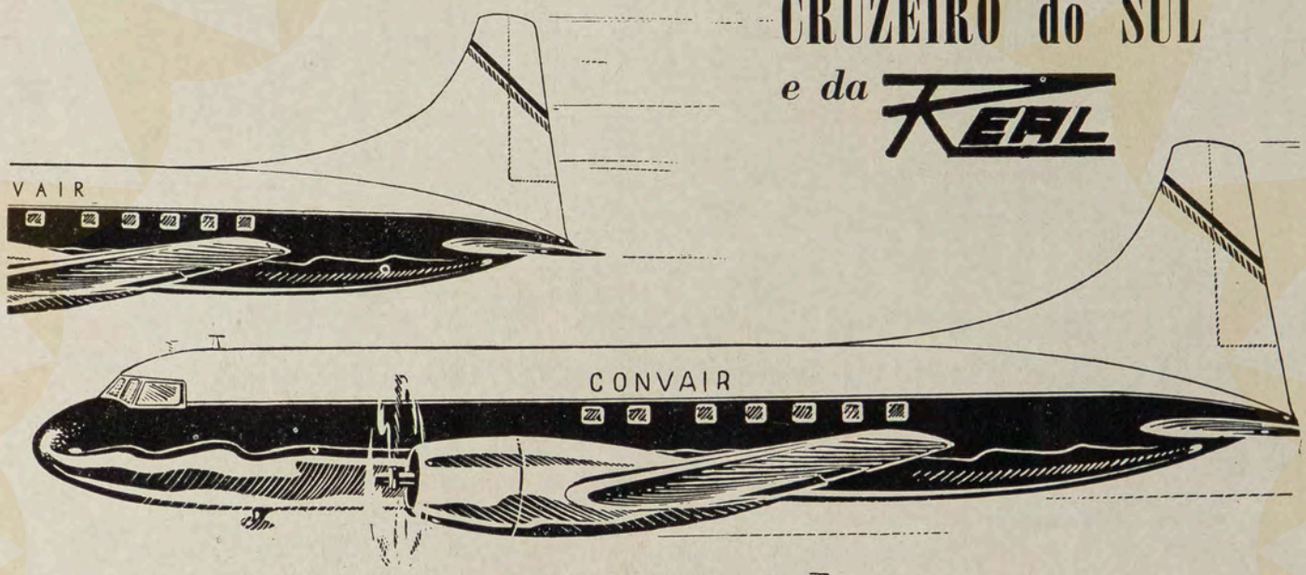
NÃO TEM FILIAIS

novas possantes e modernas unidades

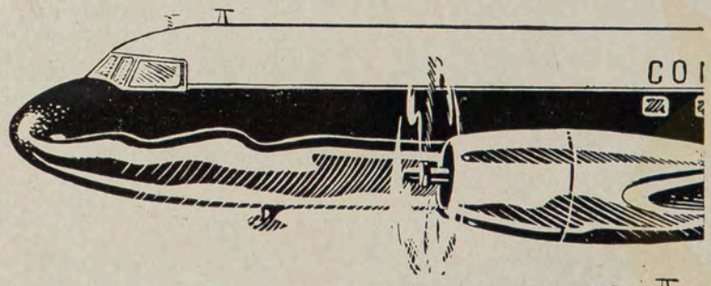
integram-se nas grandes frotas aéreas da

CRUZEIRO do SUL

e da REAL

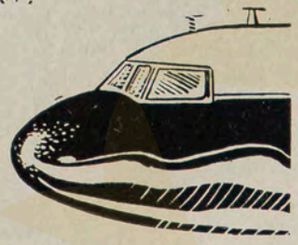


Trata-se dos magníficos aviões "Convair 340", para 44 passageiros, com velocidade de cruzeiro de 450 quilômetros horários, cabina pressurizada, decolagem facílima e outros extraordinários elementos de confôrto.



Os "Convair 340" rapidíssimos transaéreos poderão cobrir as grandes distâncias brasileiras nos tempos da tabela abaixo:

RIO-BELEM, ou vice-versa	**5.20**	de vôo!
SÃO PAULO-BELEM, ou vice-versa	**5.20**	de vôo!
RIO-SÃO LUIZ, ou vice-versa	**4.55**	de vôo!
RIO-FORTALEZA, ou vice-versa	**4.50**	de vôo!
RIO-RECIFE, ou vice-versa	**4.15**	de vôo!
RIO BUENOS AIRES, ou vice-versa	**4.15**	de vôo!
RIO-SALVADOR, ou vice versa	**2.46**	de vôo!
RIO-PORTO ALEGRE, ou vice versa	**2.30**	de vôo!
RIO-CURITIBA, ou vice-versa	**1.30**	de vôo!
SÃO PAULO - C. GRANDE, ou vice-versa	**1.55**	de vôo!
BELEM-MANAUS, ou vice-versa	**2.50**	de vôo!



O "Convair 340" é o mais moderno bi-motor construido no mundo e está sendo grandemente utilizado nos Estados Unidos pelas principais emprêsas de aviação comercial.

SERVIÇOS AÉREOS

CRUZEIRO DO SUL LTDA.

Av. Rio Branco, 128 — Tel.: 42-6060

REAL

S/A - TRANSPORTES AÉREOS
Rua Cons. Crispiniano, 379
Fone: 35 8151 - São Paulo

AS PROPAGANDA 79-CD6-6

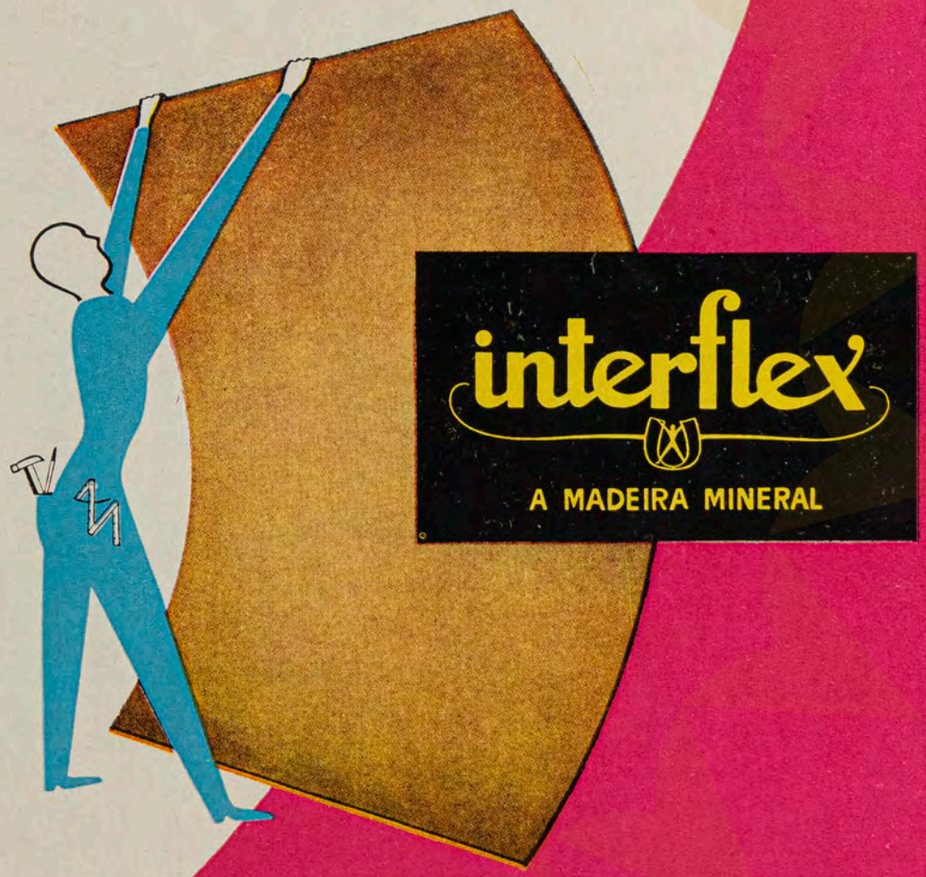


Uma solução para os problemas modernos...

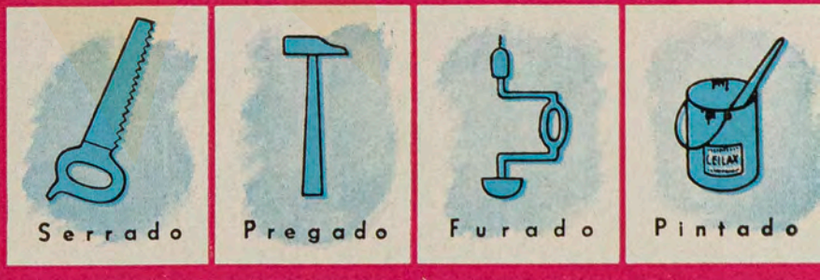
...de fôrros, revestimentos e decoração interna

INTERFLEX, apresentado em forma de chapas planas e lisas, altamente prensadas, é um produto fabricado com cimento, amianto e fibras vegetais. Este modernissimo material oferece caracteristicas insuperáveis para seu emprêgo no revestimento interno de paredes e fôrros, por sua esmerada e impecável apresentação mais flexivel que a madeira e igual à madeira compensada. INTERFLEX, empregada separadamente ou em revestimento, presta inapreciáveis serviços nas construções modernas, para aplicação em interiores. É um material resistente, econômico e de fácil aplicação.

- *incombustível*
- *têrmo-isolante*
- *impermeável*
- *inoxidável*
- *resistente*



Um produto **Eternit**



ETERNIT DO BRASIL CIMENTO AMIANTO S. A.

SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO

ETERNIT Sec. Publicidade

ESTRADA DE FERRO SOROCABANA

PROPRIEDADE E ADMINISTRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO

DADOS INFORMATIVOS—ANOS: 1947 a 1952

Trabalho realizado

ANOS	Tonelada — Quilometro Pêso bruto rebocado	Número índice	% do aumento sôbre ano anterior	% do trabalho por tipo de tração		
				Vapôr	Elétrica	Diesel
1947....	3.827.366.911	100	2,31	75,5	23,08	1,42
1948....	4.245.376.007	110	10,91	65,29	26,52	8,19
1949....	4.392.446.119	114	3,46	60,5	32,4	7,1
1950....	4.523.054.745	118	2,97	59,4	31,9	8,7
1951....	4.902.476.764	128	8,39	48,08	35,28	16,64
1952....	5.152.201.994	134	5,09	39,02	39,61	21,37

Resultado da Exploração Ferroviaria

ANOS	Receita líquida	% aumento sôbre ano anterior	Despesa de custeio	% aumento sôbre ano anterior	SALDO OU DEFICIT	
1947....	474.475.231,00	13,45	470.172.739,40	18,98	Saldo	4.302.491,60
1948....	505.529.810,30	66,54	543.263.379,60	13,63	Deficit	28.733.569,30
1949....	574.982.666,10	13,76	608.654.765,30	13,92	Deficit	33.672.099,20
1950....	610.107.900,60	6,10	749.823.153,10	23,18	Deficit	139.715.252,50
1951....	769.800.750,00	26,17	826.829.432,20	10,27	Deficit	57.028.682,20
1952....	922.181.804,00	19,79	924.229.341,90	11,78	Deficit	2.047.537,90

Artisticos painéis...

em azulejos policrômicos



Desenho de E. di Cavalcanti destinado a um painel executado pela Secção da Cerâmica de Cristais Prado

Informações na Exposição Cristais Prado
Praça da República, 86 - São Paulo

PRADO BRASIL

SECÇÃO DE CERÂMICA *Cristais Prado*



Do antigo Egito ao Império do Ocidente!

Segundo a lenda, há 4.000 anos, Isis, deusa do antigo Egito, confiou aos homens o segrêdo da cerveja. Depois, a fórmula sagrada foi ter a bela terra dos helenos. E quando os romanos recolheram os despojos do Império de Alexandre, com a cultura grega receberam também o segrêdo maravilhoso dessa bebida. E o difundiram por todo o Império Romano. Tão boa era a cerveja, que o seu uso se tornou comum a tôdas as nações. E hoje mais do que nunca todos a preferem. E ainda mais: a cerveja tornou-se uma fonte imensa de saúde e riqueza... símbolo, para nós, de um sadio nacionalismo econômico, porque em tôrno de sua produção gravitam os mais altos interêsses da economia brasileira. Outrossim, corresponde a cerveja ao sentido elevado do Poder Público que é o de estimular as nossas fontes de riquezas, aumentando a produção e o consumo de produtos nacionais adequados não só ao gôsto e à preferência, mas à saúde e ao bem estar dos brasileiros, e, sobretudo, retendo dentro das nossas fronteiras uma riqueza que daquí não sai para enriquecer outros países em prejuizo da economia nacional.



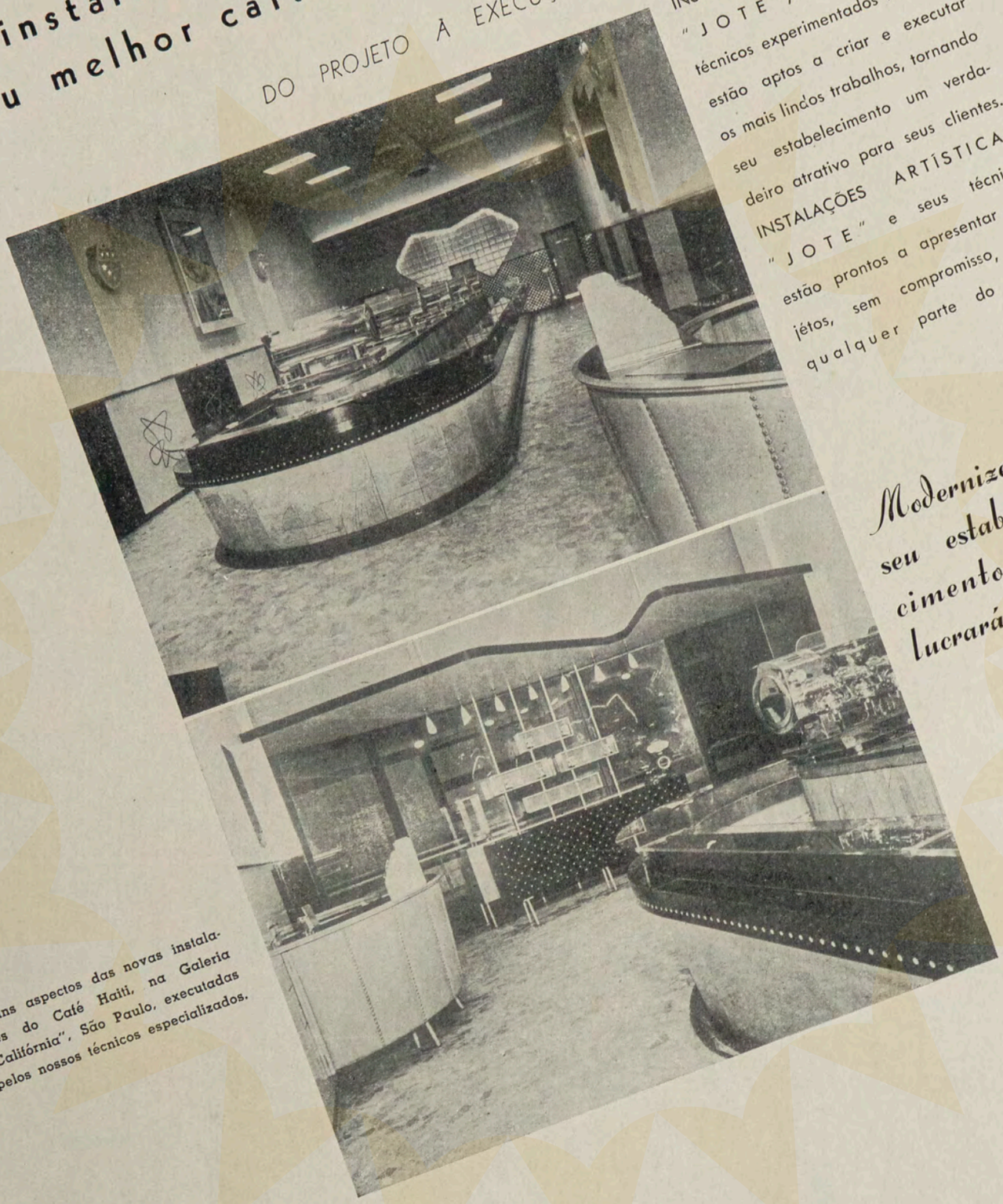
Exigir **ANTARCTICA** *é engrandecer o Brasil!*

ANTARCTICA

A instalação de sua loja é seu melhor cartão de visita!

DO PROJETO À EXECUÇÃO!...

INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS "JOTE", com seu corpo de técnicos experimentados no ramo, estão aptos a criar e executar os mais lindos trabalhos, tornando seu estabelecimento um verdadeiro atrativo para seus clientes. INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS "JOTE" e seus técnicos estão prontos a apresentar projétos, sem compromisso, para qualquer parte do país.



Alguns aspectos das novas instalações do Café Haiti, na Galeria "Califórnia", São Paulo, executadas pelos nossos técnicos especializados.

Modernize seu estabelecimento e lucrará mais

"JOTE" J. Fedesco

INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS "JOTE"

MÓVEIS — DECORAÇÕES

RUA LAVAPÉS, 225; FONES: 36-4745 e 36-1699 — SÃO PAULO

AO MOVELHEIRO LTDA. — AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 289 — SÃO PAULO ★ AO MOVELHEIRO LTDA. — RUA QUINTINO BOCAIUVA, 261 — SÃO PAULO

Móveis Atlas

para escritório

em madeira — Estilo 4º Centenário

REFRIGERADORES - MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA
MÁQUINAS DE COSTURA - DE ESCREVER - CALCULAR
E SOMAR - COFRES - MÓVEIS PARA ESCRITÓRIO
RÁDIO-VITRÓLAS - RÁDIOS E TELEVISORES



MESA DE REUNIÃO - 3 tamanhos - com cadeiras estofadas

MESA de 6 tamanhos com poltronas estofadas, fixas e giratorias

CASA FUNDADA EM 1900

Ao Movelheiro Ltda.

a prazo ou a dinheiro

Av. Brig. Luiz Antonio, 289 - Rua Quintino Bocaiuva, 261 - São Paulo

AO MOVELHEIRO LTDA. — AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 289 — SÃO PAULO ★ AO MOVELHEIRO LTDA. — RUA QUINTINO BOCAIUVA, 261 — SÃO PAULO

tenha presente

é no

ato da compra

que a senhora
deve exigir
o que realmente
precisa em
***confôrto* e**
durabilidade



Comprar bem, chega a ser uma arte Há tantos interesses em jôgo, que a senhora deve exigir o que deseja, não aceitando substitutos.

Em Colchão de Molas, por exemplo, já sabemos: sua preferência, como a da maioria das pessoas, é pelo Colchão de Molas EPEDA.

Oferecendo o mais completo confôrto e uma durabilidade ilimitada, EPEDA conquistou fama mundial, alcançando a posição de produto líder na sua classe.

EPEDA é fabricado em 4 acabamentos diferentes, para oferecer a tôdas as classes a insuperável qualidade EPEDA.

Preços a partir de:

Cr$ 1.350,00

Preço: S. Paulo - para solteiro mais 4% de impôsto

A VENDA NAS BOAS CASAS DE MÓVEIS E TAPEÇARIAS

Colchão de Molas

EPEDA

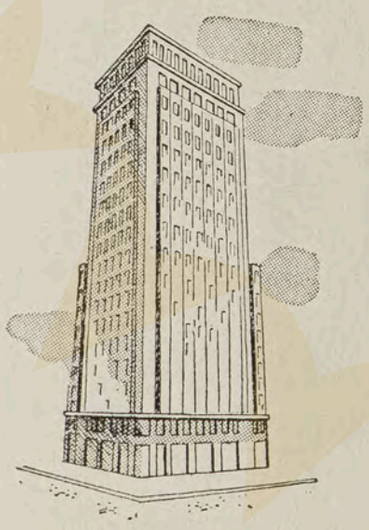
Arco-Artus - 4.300

Um Produto da melhor Fábrica de Colchões de Molas da América do Sul — **INDÚSTRIAS RAPHAEL MUSETTI S/A**

Loja - Exposição: R. Vieira de Carvalho, 169 - tel. 34-1691 -- Fábrica: R. Catarina Braida, 79 - tels. 9-2486 - 9-3857 - S. Paulo



FUNDAÇÕES *de* GRANDES EDIFÍCIOS



EDIFÍCIO OTHON, em São Paulo. Projeto e construção de Dacio A. de Moraes S. A., com 26 pavimentos, dois subsolos, fundações a 8 metros abaixo do nível da rua, 4 metros abaixo do nível da água.

Sondagens, Ensaios, Projeto, Supervisão de construção das fundações, Rebaixamento do lençol de água - a cargo de

Geotécnica s.a.

Engenheiros Consultores

SAO PAULO - RIO DE JANEIRO - BELO HORIZONTE - CURITIBA

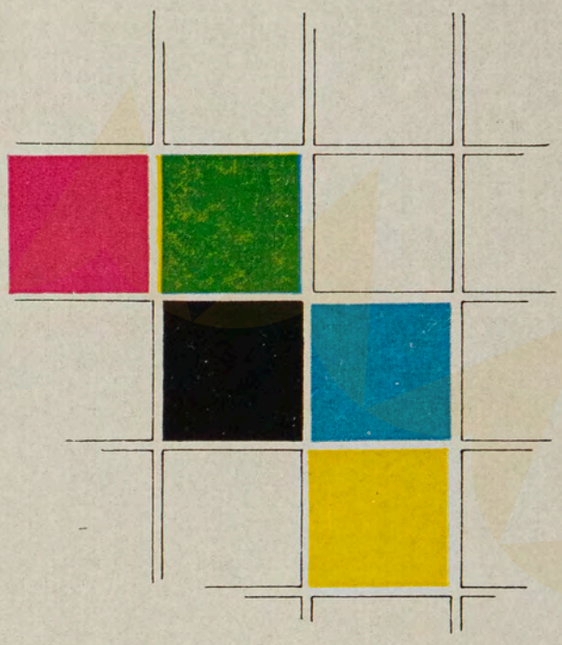


- móveis
- cerâmicas
- decoração em geral
- serralheria artística e industrial

licears

lojas: rua augusta, 1966
av. tiradentes, 141
oficinas: rua joão teodoro, 535
tel.: 36-9111 - são paulo

revestimento perfeito...



com pastilhas

VIPAX

as únicas de arestas perfeitas

pronta entrega

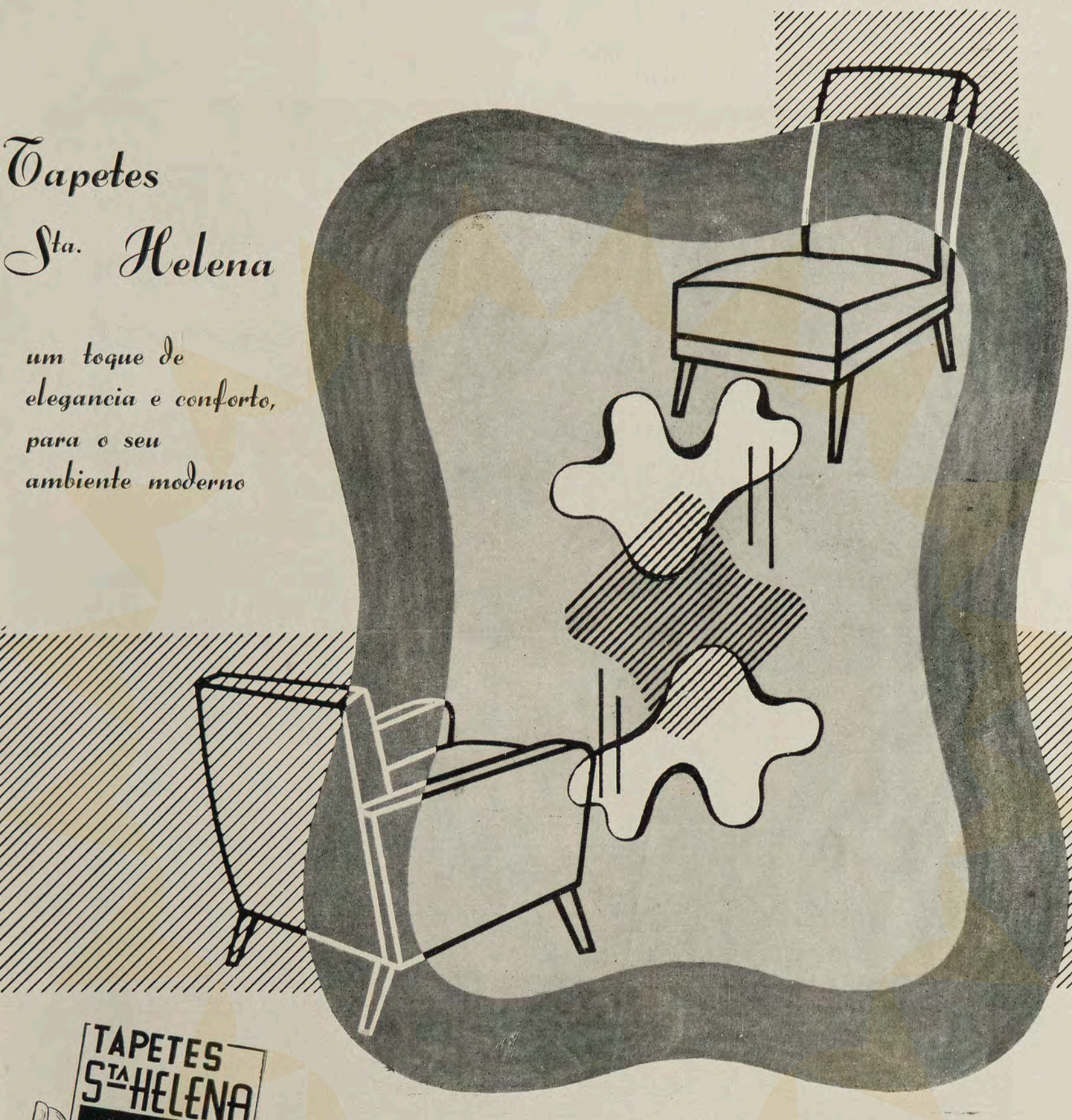
Mosaicos e Ladrilhos de Vidro Lonpi S.A.

UM PRODUTO LONPI S. A. — VIPAX

ESCRITÓRIO:
Rua 7 de Abril, 282 - 8.º - Conj. 82 - Fones: 36-3777, 35-5766, 37-2213 e 37-8394
Endereço Telegráfico: "LONPI" — SÃO PAULO - BRASIL
FÁBRICA: SÃO BERNARDO DO CAMPO

Tapetes Sta. Helena

um toque de elegancia e conforto, para o seu ambiente moderno





TAPETES FEITOS À MÃO

Manufatura de Tapetes Santa Helena S.A.

MATRIZ
Loja e Escritórios: Rua Augusta, 753;
fones: 34-1522 e 36-7372
Caixa postal, 3518 - SÃO PAULO

FILIAL
Rua Chile, 35 - 2.º andar;
fone: 22-9054; Caixa postal, 604
RIO DE JANEIRO

REPRESENTAÇÕES
Aristides Denes & Cia.
Rua Comendador Araujo, 65 e 69.
CURITIBA

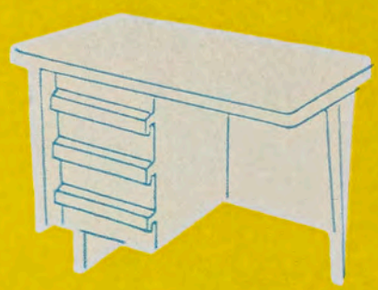
Representações
Washington
R. Castro Ltda.
R. dos Carijós, 454 - BELO HORIZONTE

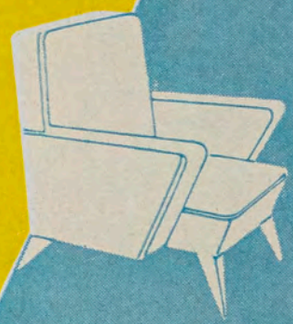
FÁBRICA EM JACAREÍ (E. F. C. B.) — SÃO PAULO

ESTÉTICOS

CONFORTÀVEIS

FUNCIONAIS

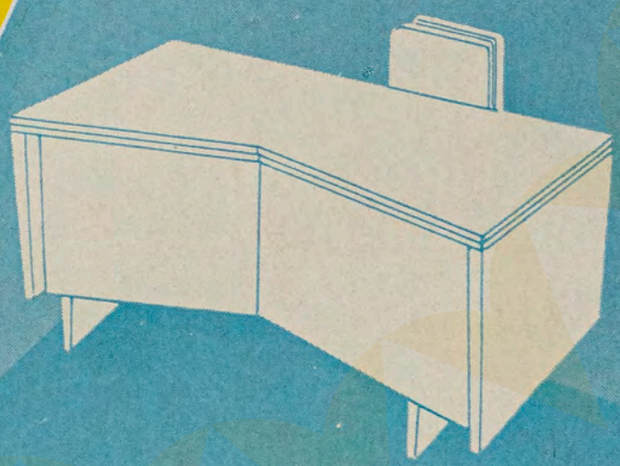




MÓVEIS

BRAFOR

originalidade de linhas...
construção racional...
para atender às exigências
de bom gôsto e eficiência
da vida comercial
moderna.



BRAFOR

A famosa "Unidade Tripartida" do escultor Max Bill, magnífica concepção de forma, prêmio de escultura na I Exposição Bienal de São Paulo.

LOJA BRAFOR (Rio): Rua México 21-A - Tels. 22-0180 e 32-7178
LOJA BRAFOR (S. Paulo): Rua 7 de Abril, 125 - Tel. 34-6665



MOLDURA DE ARTE

para uma visão de progresso

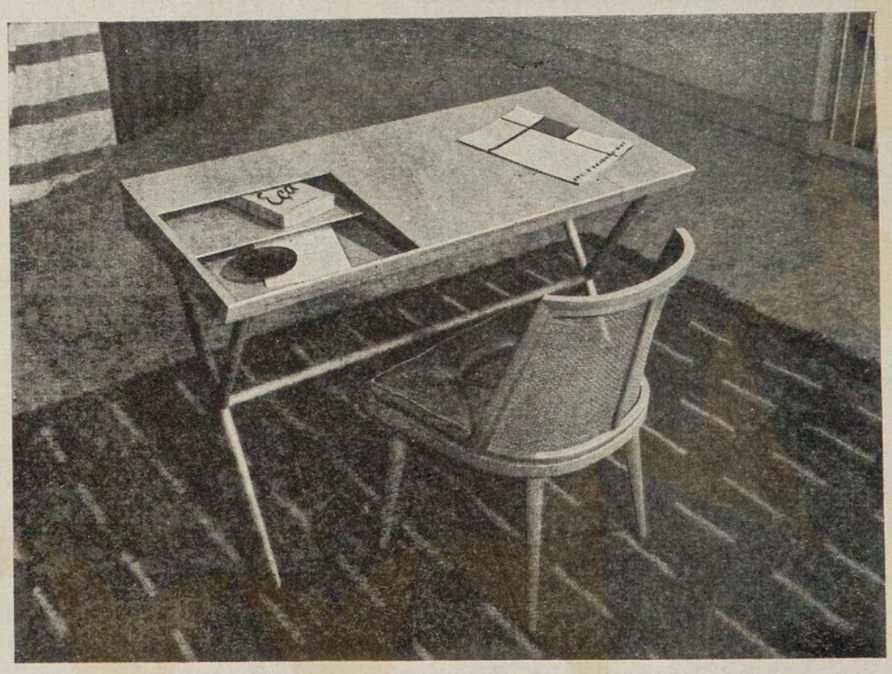
Em milhares de lares, as janelas se abrem
neste ano festivo, revelando aos paulistas
o espetacular panorama da sua dinamica São Paulo,
estarão emolduradas por Cortinas Ludovico que,
há 18 anos, vem prestando sua colaboração ao confôrto,
à elegância e ao bom gosto dos mais finos ambientes.

Cortinas Ludovico

Largo do Arouche, 99
Rua Augusta, 2.699
São Paulo

Norton - 2.607

TENREIRO moveis e decorações



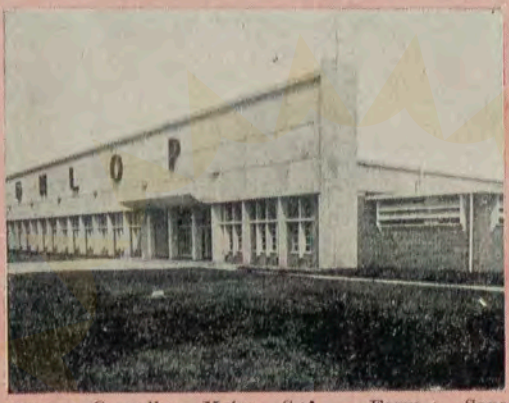
SÃO PAULO: GALERIA RUA MARQUÊS DE ITÚ, 64 - TEL: 37 8980
RIO DE JANEIRO: GALERIA RUA BARATA RIBEIRO, 488 - TEL: 47-4800

King Indústria e Comércio S/A (pág. 69)
Projéto, Construção e Interiores: Escritório Técnico Bernardo Rzezak
Projéto de Eletricidade: Hemel-Hidro-Elétro Mecânica de Engenharia Ltda.



FORNECEDORES: Elevadores: **Elevadores Atlas S/A.** — Empreitagem do Concreto Armado: **Pascoal Brandi** — Estaqueamento: **Benacchio & Cia. Ltda.** — Estrutura do Telhado e Cobertura Brasilit: **Fibrotécnica Ltda.** — Iluminação: **Fábrica Metalúrgica de Lustres Ltda.** — Mosaico vidroso: **Vidrotil Ltda. Soc. An. Decorações Edis** — Pastilhas de Porcelana: **Argilex S/A Indústria Paulista de Porcelanas** — Revestimento de Pedras: **A. Pedrini & Cia. Ltda.** — Sondagens: **Geotécnica S/A** — Tubos: **Metalúrgica Stella Ltda. São Paulo.**

A nova Fábrica Dunlop em Campinas (pág. 74)

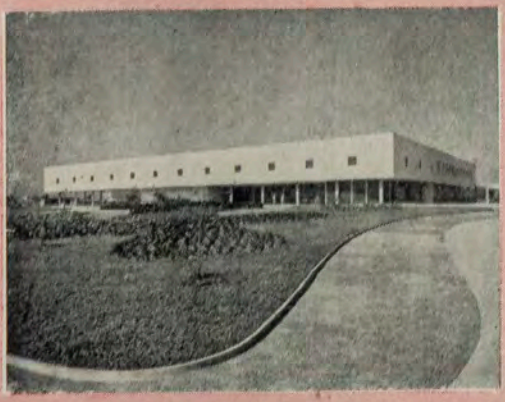


FORNECEDORES: Chapas e Vigas: **José Antônio Rezze** — Cobertura e Paredes laterais: **Eternit do Brasil Cimento Amianto S/A.** — Conexões «Yorkshire»» e Tubos de Cobre «Hidrolar»: **Laminação Nacional de Metais S/A.** — Estrutura metálica: **Cia. Brasileira de Construção Fichet & Schwartz-Hautmont** — Fechaduras e Ferragens: **Carvalho Meira S/A.** — Ferro: **Sanaf Sociedade Nacional de Aço e Ferro** — Moveis para Escritório: **Fergo S/A Industria Mobiliária** — óxido de Zinco: **Usina São Christovão Tintas S/A.** — Parafusos na Estrutura Metálica: **Sokofer, Soc. Com. de Ferragens Ltda.** — Produtos Terracota: **Cerâmica Sacoman S/A.** — Resorcinol: **Brasimet Ind. e Com. S/A.** — Teares automáticos: **Henry Rogers & Cia. Ltda.** — Vibradores: **Zanolin & Antunes Ltda. São Paulo.**

Cidade Universitária do Rio de Janeiro (pág. 2)
Planejamento e Execução do ETUB-Escr. Técnico da Universidade do Brasil



Comissão Supervisora: Eduardo Rios Filho, Presidente. Lucilio Briggs Brito, Secretário. Membros: Augusto Brandão Filho, Jorge Ribeiro Leuzinger, Luiz Hildebrando de B. Horta Barboza, Nehul Benévolo, Paulo Ewerard Nunes Pires. **Arquitetos do ETUB:** Jorge Machado Moreira, Chefe, Aldary Henriques Toledo, Orlando Magdalena, João Henrique Rocha, Donato de Melo Júnior, Wilson Reis Netto, João Corrêa Lima, Adele Weber, Giuseppina Pirro, Asthor Sá Roris, Carlos Alberto Boudet Fernandes, Conceição de Maria Matos Penna, Elias Kaufman, Lauro Francisco Paraizo, Mário Guilherme da Silveira, Nerma Cavalcanti de Albuquerque, Marco Tulio Dias Serrano, Jorge Werneck Passos, Otávio Sérgio da Costa Morais, Noel Victor Saldanha Marinho, Alberto Ferreira Vaz.



FORNECEDORES: Bruno Bagrichewsky, Casa Leandro Martins, Cerâmica Sacoman S/A, Cerâmica São Caetano S/A, Ceibrasil Ltda., Cimento Mauá, Cia. Auxiliar de Viação e Obras, Cia. Construtora Nacional, Cia. Siderúrgica Belga-Mineira S/A, Eletromar S/A, Elevadores Otis Ltda., Emaq Ltda., General Electric, Laminação Nacional de Metais S/A, Usina São Christovão de Tintas S/A. (Rio e São Paulo)

The University City in Rio de Janeiro 2

We are presenting for the first time the group of buildings destined to the University of Rio de Janeiro, built by the architect Jorge Machado Moreira and his collaborators. By the modernity of its construction and its urbanization, this University City can be regarded today as the most modern one of the world.
The «Ilha Universitária» is formed by the junction of nine isles which have been chosen for this purpose in the bay of Rio de Janeiro and assembled by means of great movements of earth. The documentation which we are publishing shows the setting, the planimetry and the urbanistic disposition of the various buildings; the free and open disposition is quite different from the traditional scholastic tendency of the universities.
The group of buildings includes:

1 Pediatrics Institute
2 «Hospital de Clinicas»
3 Psychiatry Institute
4 Neurology Institute
5 Restaurant
6 Residential Centre
7 Sports Centre
8 Faculty of Medecine
Faculty of Odontology
9 Medical Institutes
10 Faculty of Economic Sciences
11 Faculty of Philosophy
12 Civic Centre, Rectory, Library, Museum, Amphitheatre
13 Engineering School
14 School of Fine Arts
15 Faculty of Architecture
16 School of Musics, Theatre
17 Botanic Garden
18 Astronomic Observatory
19 General Services
20 Apartments for the service personnel

The Pediatrics Institute is already finished, the «Hospital de Clinicas», the Engineering and Architecture Schools are in the building phase.
From page 10 to page 28 we are presenting a documentation on these buildings.

The architecture of Museums and the Museums in modern urbanism 29

We are publishing the conference on the organization of museums held by the Italian architect Franco Albini at the Congress of the «Icom» at Genoa. After a short communication about the history of the origin of the museums, the architect Albini exposes a plan for the organization of the modern active, and didactic museum. We are reproducing the Museum «Palazzo Bianco» organized by the same architect in Genoa and the design of the «Museo del Tesoro» of S. Lorenzo, Genoa, also by architect Albini.

Auguste Perret 32

This article, dedicated to the work of Auguste Perret, analyses the essentially «constructive» character of the work of the great architect, one of the pioneers of modern architecture: «Auguste Perret, a «mason» architect, belongs to the group of «master mason» architects like Villard de Honnecourt de Chambrésis, who travelled around the world with a geometry booklet, being convinced that all imagined structures are giving good results and producing forces able to resist, until the consumation of the centuries.»

The architect of gardens, Roberto Burle Marx 36

Roberto Burle Marx has been invited by the Smithsonian Institution of Washington to exhibit his works in the United States, through the intermediary of the Museum of Art of São Paulo. We have reproduced the introduction of the catalogue of the exhibition written by the director of the Museu de Arte de São Paulo, Mr. P. M. Bardi, and a documentation on some details of the gardens of Roberto Burle Marx.

Garden sculptures 39

Also by Roberto Burle Marx, the sculptures illustrated in these two pages, one of which is of granite block and the other ones of iron tubes, are sculptures for practical purposes in order to support climbing plants.

Art of the Amazon 41

This is an article by Napoleão Figueiredo about the ceramics of the Tapajó Indians, which is a research in order to establish the history of this mysterious tribe through their ceramic production. We have reproduced some vases with human and zoomorphic figures, as well as two pipes with vegetable ornamentations.

Where is painting going to? 46

This article summarizes the development of painting from William Morris to our days, examining particularly the post-Kandinsky abstractionism, which is definitely moving towards academism.
The illustrations show works by Klee, Picasso, Kandinsky, Morris, Klimt, Magnelli, Manessier, Bill, as well as a Roman painting of the Ist. century.

51

On this page we represent a documentation on the exibition of the Picture Gallery of the Museu de Arte de São Paulo at the Centraal Museum at Utrecht.

Domestic works 52

We are publishing a correspondence from Paris on the exhibition at the «Salon des Arts ménagers» and «Techniques 1954», reproducing some apparatus and furniture for domestic use.

View-finder on Rio de Janeiro 54

This is a photographic report on Rio de Janeiro and Copacabana.

The anti-nature man? 56

This commented chronicle, accompanied by illustrations on world events, is followed by art chronicles and critical «pieces» on lives and costumes, as well as by the correspondence of Habitat.

La Cité Universitaire de Rio de Janeiro 2

Nous présentons pour la première fois l'ensemble universitaire de Rio de Janeiro, oeuvre de l'architecte Jorge Machado Moreira et de ses collaborateurs. Par la modernité de ses constructions et de son respect de l'urbanisme, la Cité Universitaire peut être considérée aujourd'hui comme la plus moderne du monde. L'Ile Universitaire est formée par l'union de neuf îles qui ont été choisies à cette intention dans la baie de Rio de Janeiro et réunies au moyen de grandes levées de terre. La documentation photographique que nous publions montre «l'ambiance» et les plans, la disposition urbanistique des différents édifices, qui est une disposition libre et ouverte, bien différente du traditionnel caractère scolaire des Universités.
L'ensemble universitaire comprendra:

1 Institut de Puériculture
2 Hôpital Central
3 Institut de Psychiatrie
4 Institut de Neurologie
5 Restaurant
6 Centre Résidentiel
7 Centre sportif
8 Faculté de Médecine
Faculté d'Odontologie
9 Institut Médical
10 Faculté des Sciences Économiques
11 Faculté de Philosophie
12 Centre Civique, Direction, Bibliothèque, Musée, Amphithéâtre
13 École Polytechnique (formant des Ingénieurs)
14 École des Beaux Arts
15 Faculté d'Architecture
16 École de Musique, Théâtre
17 Jardin Botanique
18 Observatoire Astronomique
19 Services généraux
20 Logement du personnel de service

L'Institut de Puériculture est déjà terminé, «l'Hôpital Central», les Ecoles de Polytechnique et d'Architecture sont en construction.
De la page 10 à la page 28 nous publions une documentation de ces édifices.

L'Architecture des Musées et les Musées dans l'urbanisme moderne 29

Nous reproduisons la conférence sur l'organisation des musées prononcée par l'architecte italien Franco Albini au Congrès de l'Icom à Gênes. Après un résumé historique sur l'origine des musées, l'architecte Albini expose un plan pour l'organisation du musée moderne, vivant et didactique. Nous trouverons également des illustrations concernant le Musée du «Palazzo Bianco» conçu par ce même architecte à Gênes et le projet du Musée du Trésor de S. Lorenzo, à Gênes, également par l'architecte Albini.

Auguste Perret 32

Un article consacré à l'oeuvre de Auguste Perret, analyse le caractère essentiellement «constructif» de l'oeuvre du grand architecte, un des pionniers de l'architecture moderne; un architecte «constructeur», Auguste Perret appartient à ce groupe d'architectes «maîtres maçons» du type de Villard de Honnecourt de Chambrésis, qui voyageaient autour du monde avec un livret de géométrie, ayant la conviction que tous les charpentes et constructions imaginées, donnent un bon résultat et engendrent des forces capables de soutenir l'oeuvre jusqu'à la consommation des siècles.

L'architecte de jardins, Roberto Burle Marx 36

Roberto Burle Marx a été invité aux États Unis par l'intermédiaire du Musée d'Art de São Paulo afin de présenter ses travaux; l'invitation a été faite par la Smithsonian Institution de Washington. Nous avons reproduit le préface du catalogue de l'exposition, écrite par le directeur du Museu de Arte de São Paulo, monsieur P. M. Bardi, et une documentation sur les détails des jardins de Roberto Burle Marx.

Sculptures pour jardins 39

Également par Roberto Burle Marx, les sculptures illustrées dans ces deux pages, dont l'une en bloc de granit et les autres en tubes de fer, sont des sculptures à fins pratiques pour soutenir des plantes grimpantes.

Art amazonique 41

Cet article de Napoleão Figueiredo sur la céramique des Indiens Tapajó, traite de recherches pour établir une histoire de cette mystérieuse tribu, à travers sa production de céramiques. Nous avons reproduit des vases avec des figures humaines et zoomorphes, de même que deux pipes avec des ornementations végétales.

Où va la peinture? 46

Cet article qui résume le mouvement de la peinture depuis William Morris jusqu'à nos jours, examine en particulier l'abstractisme post-kandinskien, qui est en train de se diriger décidément vers l'académie. Les illustrations montrent des oeuvres de Klee, Picasso, Kandinsky, Morris, Klimt, Magnelli, Manessier, Bill, de même qu'une peinture romaine du 1er siècle.

51

Cette page nous offre une documentation sur l'exposition de la pinacothèque du Museu de Arte de São Paulo au Centraal Museum de Utrecht.

Travaux ménagers 52

Nous publions ici une correspondance de Paris sur l'exposition au «Salon des Arts ménagers» et «Techniques 1954» avec des reproductions d'appareils et de meubles d'usage domestique.

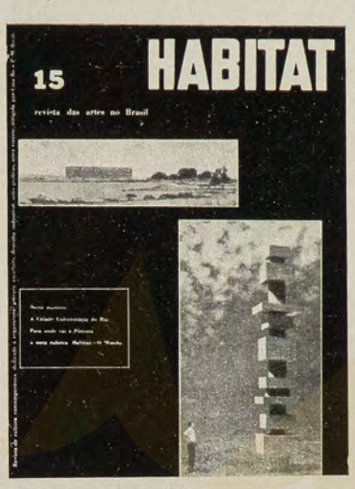
Viseur sur Rio 54

C'est un reportage photographique sur Rio de Janeiro et Copacabana

L'Homme anti-nature? 56

Cette chronique commentée et accompagnée d'illustrations sur les évènements du monde entier, est suivie par des articles d'art et de «morceaux» critiques sur les vies et les coutumes, et par la correspondance de Habitat.

Março - Abril de 1954



«Importa-te com o método, que o resultado advirá por si só.»
William Morris

Revista de cultura contemporânea, dedicada à arquitetura, pintura, escultura, desenho industrial, artes gráficas, artes visuais, dirigida por Lina Bo e P. M. Bardi

Nossa capa: Hospital de Clínicas da Cidade Universitária do Rio e uma escultura de Roberto Burle Marx.

2	Arq. Jorge M. Moreira	*Cidade Universitária do Rio de Janeiro*
A		*Universitas*
28	Arq. Franco Albini	*A Arquitetura dos Museus e os Museus na Urbanistica Moderna*
32	P. M. B.	*Auguste Perret (1874-1954)*
36		*O arquiteto de Jardins, Roberto Burle Marx*
39		*Esculturas para jardins*
41	Napoleão Figueiredo	*Arte Amazonica*
45	P. M. Bardi	*Aonde vai a Pintura?*
51		*O Museu de Arte em Utrecht*
52		*Trabalho Domestico*
54		*Visor sobre o Rio*
56		*O Homem Anti-Natureza?*
60		*Crônicas*
C		*The big Carnival*
D		*Teatro*
64		*Crônicas e fim do texto*

Declaração

Passados já agora quatro anos da fundação desta revista, cujo escôpo foi proporcionar ao Brasil uma lide onde os muitos problemas das artes pudessem ser apresentados e debatidos tendo sempre em vista a necessidade indispensavel da crítica, os seus diretores e editôres podem se comprazer, hoje, com o longo e profícuo caminho percorrido e com o fato de na esteira de *Habitat* terem aparecido tantas outras revistas de arquitetura e arte. Mas qualquer esfôrço ou labor verdadeiramente apaixonado não pode prosseguir até ao infinito, principalmente no campo das artes onde a atividade deveras séria subentende uma polêmica. Ora, a nossa polêmica não pode perdurar mais, pois teríamos que repetir o que já foi dito e repetido, e acabaríamos nos tornando monótonos, deixando assim de interessar aos leitores. Por outro lado, motivos de viagem ligados ao itinerário prolongado na Europa e na América do Norte para a apresentação das exposições das obras-primas do Museu de Arte de São Paulo e ligados à preparação do novo plano do Museu impedem que *Habitat* possa contar com a nossa constante colaboração. Por isso, solicitamos aos editôres desta revista que aceitassem as nossas demissões.

Acreditamos que os quinze volumes da *Habitat* contêm em si todo um panorama bem como a perspectiva de bom movimento artístico brasileiro entendido sob o ponto-de-vista da avaliação dos seus artífices; procuramos defender as verdadeiras personalidades que operam no supradito panorama; diferenciamos sempre a arte da mundanidade; jamais incensamos qualquer indivíduo que, sem cultura e sem idéias, tenha tratado dos problemas da arte como assunto de botequim; nunca comparticipamos de excessivos otimismos sôbre a grandeza de certos arquitetos elevados a monumentos nacionais; jamais outorgamos diplomas à artistas após quinze lições; e assim por diante. Nossa atitude, por certo, pareceu extranhavel a certa gente afeita a se cansar em abracinhos. Mas quantos não serão os verdadeiros artistas, desde os artesãos índios até aos pintores primitivos, desde os simples contramestres até aos jovens arquitetos, que se beneficiaram com o nosso clima de revisões? Esperamos que continue esta liberalidade de *Habitat* e que os seus diretores saibam descobrir continuamente e com a maior cordialidade os novos valores da arte brasileira. Principalmente usando sempre da independência, sem dar ouvido aos vários "patrões" que tanto existem no setor das artes como em quaisquer outros setores da vida. Agradecemos tanto às poucas pessôas que nos ajudaram nêste trabalho como aos editôres e proprietários da revista que souberam dar estrutura administrativa a uma publicação que as gralhas do mau agouro cuidavam que parasse de saír logo após o segundo número, conforme sói acontecer.

Lina Bo Bardi
P. M. Bardi

Os editôres desta revista, aceitando a demissão dos senhores Lina Bo Bardi e P. M. Bardi, diante das razões apresentadas, lamentam verem-se privados de tão valiosos colaboradores, como não deixam de externar, publicamente, seu reconhecimento e seus agradecimentos pela completa e desinteressada ajuda emprestada no período assás difícil de fundação e de estabilização da revista. Destarte, agradece, ainda, ao Museu de Arte de São Paulo todo o apoio moral dado às suas atividades editoriais.

Habitat, não sofrerá solução de continuidade: prosseguirá independente como tem sido, com sua crítica sempre construtiva e seu apôio aos reais valores nos vários setores onde atua e penetra. Com nova equipe e com a ampliação de seu quadro de colaboradores, continuará "a revista das artes e da arquitetura no Brasil", que tem sido motivo de reconhecimento tanto no País como no Exterior.

Rodolfo Klein

Propriedade: Habitat Editôra Ltda.; Diretor responsável: Geraldo N. Serra; Editor: Rodolfo Klein; Departamento de Publicidade: Walter Simoni; Redação: Rua 7 de Abril, 230, 13.º andar, Fone: 34-5648; Administração e Publicidade: Habitat Editôra Ltda., rua 7 de Abril, 230, 8.º andar, conjunto 837-38, Fone: 35-2837, S. Paulo. Fotografias: Marcel Gautherot, José Medeiros, Sascha Harnisch, L. H. Hofland, Michel Aertsens, A. Villani, Alice Brill. Assinaturas: Brasil, 6 números bimensais Cr$ 220,00; número avulso Cr$ 40,00; número atrasado Cr$ 60,00; Extrangeiro, 6 números bimensais US$ 10,00; número avulso US$ 1,75; número atrasado US$ 2,00. Impressão: Empreza Editôra «O Papel» Ltda., Rua Lavapés, 538, Fone: 36-3689; São Paulo.

Cidade Universitária do Rio de Janeiro

O projeto da Cidade Universitária do Rio de Janeiro, obra do arquiteto Jorge Machado Moreira e dos seus colaboradores, é um exemplo daquela modéstia arquitetônica, consciência e sentido da civilização que deveriam encontrar-se na base de tôda a orquitetura moderna, mas que, infelizmente, sobretudo em nossa terra, é raro que se encontrem. Dedicamos muitas páginas para ilustrar essa obra, que constitui um marco na história da arquitetura brasileira pelo empênho moral com que o argumento foi abordado, empênho êsse, de grande responsabilidade diante dos homens, pois nos edifícios de uma Universidade é a própria cultura que se forma, para enfrentar a vida e solver seus problemas.

Êsse empênho com que foi enfrentado o assunto revela-se claramente no estudo cuidadoso de cada edifício, inclusive dos pormenores.

Julgamos importante apresentar pela primeira vez aos nossos leitores essa obra que honra o Brasil.

Acentua-se, no Brasil, a tendência a reorganizar-se o ensino superior sob a forma de universidade, abandonando-se, assim, a tradição de escolas e faculdades isoladas e auto-suficientes.

A criação legal de universidades em vários pontos do país, aliada à péssima situação material da quase totalidade dos edifícios outrora adaptados para o ensino e, ainda, o rápido aumento das matrículas sob a crescente pressão dos candidatos, impõem o problema da construção imediata de conjuntos universitários, tanto no Distrito Federal, como em outros centros populosos do país.

O moderno ensino técnico-científico criou condições e exigências desconhecidas na antiguidade. Os laboratórios de tôdos os tipos e especialidades, preponderam sôbre as salas de aulas teóricas ou de simples exposição verbal. Já se foi o tempo em que o ensino dependia apenas da eloquência e da retórica. Contingências históricas e econômicas fizeram com que o ensino superior se desenvolvesse, entre nós, de modo fragmentário, dentro de um espírito individualista, responsável pelo reduzido rendimento, quer dos equipamentos e instalações existentes, quer dos esforços dos professores e alunos.

Reagindo contra essa tradição, orienta o Govêrno as novas construções no sentido da unificação de tôdos os setores de ensino e pesquisa, sob a forma já tradicional de Cidades Universitárias, de modo a que, da íntima comunhão resultante, se venha obter a desejada formação do espírito universitário.

No caso específico da Universidade do Brasil, a reduzida capacidade de seus edifícios e a insuficiência das respectivas instalações e laboratórios especializados necessários ao ensino técnico-experimental, cada vez mais preponderantes, criaram, a partir da segunda década do corrente século, uma situação embaraçosa e verdadeiramente insustentável. Esparços por vários cantos da cidade, os estabelecimentos que integraram a Universidade do Brasil, em razão das peculiaridades que acompanharam a criação de cada qual, não atendem, em geral, às mais rudimentares exigências da técnica das construções destinadas ao ensino superior.

A Escola Nacional de Engenharia, por exemplo, instalada num velho edifício do Largo de São Francisco, construído para outros fins, não obstante as suas sucessivas reformas, os pavimentos que lhe têm sido adicionados e os prédios da rua Luiz de Camões e da Praça da República que lhe foram anexados, apresenta-se numa situação calamitosa em face da massa de alunos que a superlotam e da crescente pressão dos jovens que porfiam por ingressar em seus cursos científicos e técnico-profissionais.

A Faculdade Nacional de Medicina, nascida como apêndice da Santa Casa de Misericórdia, foi forçada, pelas circunstâncias, a disseminar os seus departamentos, ficando o seu edifício principal na Praia Vermelha, grandemente afastado dos demais centros de estudo e dos hospitais de cujas clínicas se utiliza, bem como dos bairros de onde provêm o material humano para os ambulatórios e enfermarias.

A Faculdade Nacional de Direito, conquanto haja obtido, recentemente, instalações provisórias no velho edifício do Senado Federal, sofrìvelmente adaptado, não possui, na verdade, uma séde à altura de suas finalidades.

A Faculdade Nacional de Arquitetura, a Escola Nacional de Belas Artes e o Museu Nacional de Arte, ocupam, juntos, um mesmo prédio que apenas comportaria, apropriadamente, as mostras do último.

A Escola Nacional de Química, assim como as Faculdades de Farmácia e de Odontologia, funcionam em dependências tão exíguas, inadequadas e desaparelhadas que só a dedicação e a tenacidade dos professores e alunos explicam os resultados ponderáveis que vêm sendo obtidos nêsses importantes campos do ensino superior.

As Faculdades Nacionais de Filosofia e de Ciências Econômicas e as Escolas Nacionais de Música, de Educação Física e de Enfermagem também, estão instaladas em edifícios emprestados, alugados ou adaptados, tôdos insuficientes, como ocorre, de modo gritante, por exemplo, com o de Filosofia.

Quanto às atividades extra-curriculares, às práticas esportivas, às solenidades acadêmicas e outras essenciais à formação de um real ambiente escolar e de um autêntico espírito universitário, sem as quais ter-se-ia apenas mais um órgão burocrático, nada existe que permita à Universidade do Brasil o justo cumprimento dos seus graves encargos sociais.

Felizmente, a par de outros problemas essenciais ao progresso nacional, como os de energia e transporte, as autoridades públicas vêm empreendendo, com crescente interêsse, a ampliação e o reaparelhamento do ensino superior que, como tôdos reconhecem, ainda jaz em nível apenas suficiente à etapa agrária.

Premido e impelido pelas necessidades da vida industrial que desponta por tôdos os cantos de seu imenso território onde quer que medrem núcleos demográficos ponderáveis, está o país reformando e dilatando o seu sistema educacional.

A solução adotada pelo Govêrno, relativamente à formação dos elementos humanos indispensáveis à aludida etapa industrial, consiste, em seu gráu mais elevado, na formação de novos e grandes núcleos de ensino científico e técnico de nível universitário.

Essa centralização, num "campus" único, das antigas escolas, faculdades e institutos, que antes surgiam esporádicos e descosidos, encontra a sua justificativa na interdependência e interpenetração recíproca das ciências e dos numerosos setores técnicos decorrentes de suas aplicações práticas.

A contiguidade construtiva dos edifícios de ensino superior, integrando uma verdadeira "Cidade Universitária", conduz a um sistema coeso de alta eficácia e rendimento, dispensando a repetição de vultosas e dispendiosas instalações de laboratórios experimentais de tôdos os tipos.

A construção, que ora se efetiva, da futura Cidade Universidade da Universidade do Brasil, resultou de sucessivos estudos preliminares procedidos por vários de nossos melhores engenheiros e arquitetos, bem como por ilustres técnicos estrangeiros convidados pelas altas autoridades públicas, então responsáveis por êsse importante problema.

Constitue, sem dúvida, um dos mais complexos e difíceis objetivos da arquitetura e da engenharia contemporânea, o planejamento de uma Cidade Universitária.

Ao contrário das velhas e seculares universidades, lentamente edificadas a partir da Idade Média, as do presente, como ocorreu com as de Atenas, Roma, Madrid, Caracas, Miami e também com as que ora se constroem, como as de Tucuman, de México, Recife, Belo Horizonte e outras, devem ser erguidas ràpidamente e, desde logo, dotadas de grandes proporções.

Por outro lado, o planejamento de uma Cidade Universitária, do tipo moderno, exige uma vasta coleta de dados e a elaboração de difíceis organogramas, dependentes de sua estrutura, de seus currículos e de seus métodos de ensino.

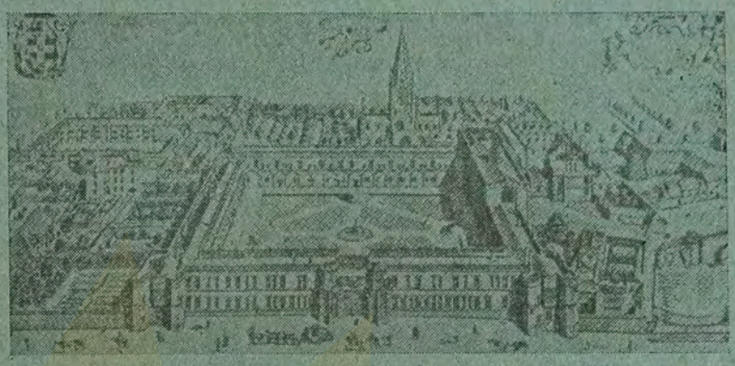
Êsses dados preliminares, cuja importância é decisiva, são, infelizmente, precários em tôdos os casos em que, como ocorre nas universidades do Brasil, a modernização tem sido postergada ou tornada inoperante pela radical insuficiência e inadequação dos respectivos edifícios e instalações.

O correto, no caso presente, seria aguardar-se, para planejar a Cidade Universitária, a total restruturação da Universidade do Brasil, na base da concentração e interpenetração dos ensinos análogos ou afins, de modo a reduzir as áreas a edificar, diminuir o vulto das instalações e equipamentos, bem como baixar as despesas com o seu custeio anual. Essa solução ideal acarretaria, porém, protelações de duração imprevisível, dada a complexidade do assunto e os debates decorrentes da inevitável diversidade de opiniões vigentes a respeito da melhor organização de uma universidade.

Para contornar êsse impecilho, foi adotado o critério de planejar e construir os edifícios de acôrdo com a presente estrutura legal da Universidade do Brasil, dando-lhes, porém, grande plasticidade funcional, de modo a torná-los, com reduzido dispêndio, readaptáveis e redistribuíveis segundo as sucessivas reorganizações que forem sendo impostas pela evolução natural do ensino superior.

Essa plasticidade funcional seria na verdade, necessária em qualquer hipótese, porquanto a vida dos edifícios de uma universidade deve, normalmente, ser muito mais longa do que a dos tipos comuns de construção. A longevidade de uma cidade universitária, tanto mais respeitável e imponente quanto mais provecta, conduzirá sempre, através dos tempos, a repetidos desajustamentos entre a estrutura estática de seus prédios escolares e a constituição essencialmente dinâmica do organismo didático que nêles deverá encaixar-se.

Universitas



A Universidade de Oxford numa gravura antiga.

O têrmo latim medieval «universitas» foi empregado originariamente para significar uma comunidade ou corporação. Provavelmente no fim do século XIV o têrmo universidade sem outro atributo como «magistrorum et scholarium», começou a ter a significação de comunidade de mestres e escolares, legalmente reconhecida.

Parece que a universidade nasceu como uma combinação escolar espontânea, ou de mestres, ou de escolares ou de ambos juntos. O escopo, antes de tudo, era um pouco mais do que obter uma proteção mútua. E assim a universidade, composta de um grande número de estudantes de países estrangeiros, oferecia proteção a seus membros contra as extorsões dos cidadãos e outros acidentes possíveis para os que moravam num Estado estrangeiro. Pouco a pouco algumas autoridades começaram a permitir que fossem abertas outras escolas perto de a «oficial» da catedral; um desenvolvimento ulterior houve-se quando uma licença de ensino, que se obtia depois dum exame formal, permitia ao mestre de exercer a sua profissão num outro centro seminário — «facultas ubique docendi».

Houve-se mais um progresso quando foi estabelecido que sem uma licença do papa, do imperador ou do rei nenhum «studium generale» podia ser constituido com direito de conferir graus.

Gradualmente, no fim do XII.º século, algumas grandes escolas, devido à excelência do seu ensino, exigiram o direito de gozar de uma importância maior de que a local. Praticamente a um doutor de Paris ou de Bolonha tinha que ser permitido de ensinar em qualquer lugar e as grandes escolas foram conhecidas desde aquele tempo como «studia generalia», isto é lugares frequentados por escolares de muitos países.

Algumas «studia generalia» como Oxford eram consideradas «studia generalia ex-consuetudine» isto é a condição delas era firme demais para ser discutida e para precisar de uma licença «oficial».

No fim do período medieval a diferença entre os termos «studium generale» e «universitas» não existia quase mais e o têrmo «universitas» começou a ser usado sozinho.

Sob o ponto de vista cronológico, a primeira universidade medieval foi a de Salerno: a famosa escola de medicina existia naquela cidade desde o fim da metade do XI.º século e foi durante dois séculos o mais afamado centro europeu de ciência médica. Sua origem não é muito certa. Parece que derivou da tradição grego-romana. Pode ser que subiu a influência da última sobrevivência da lingua grega na Italia meridional, mas isto não está completamente certo.

Depois de Salerno temos a universidade de Bolonha, (acerca do ano 1000), famosa no campo dos estudos jurídicos e sobretudo das leis civis e canônicas. Por volta de 1200 o número dos estudantes era de mais ou menos de 10.000, a maioria sendo estrangeiros.

Além de Bolonha os mais importantes centros universitários da Italia eram Reggio e Modena, e depois de 1222 Padova e Vicenza constituidas pela migração de estudantes de Bolonha, Piacenza, que em 1938 absorveu a antiguissima universidade de Pavia.

A universidade de Paris nasceu como escola de lógica e dialética. Durante a segunda década do século XIII alguns mestres começaram a ensinar na margem esquerda da Seine, sob a jurisdição do abade do mosteiro de S. Geneviève, mas a verdadeira fundação da universidade de Paris coincidiu com a entrega da licença de ensino na «Ile de la Cité».

Entre as outras importantes universidades da França fundadas na Idade Media foram as de Toulouse (1233), a de Orléans (XIII.º século), Angers, Avignon, Cahors e Grenoble. O sistema de colégios foi iniciado em Paris onde em 1180 já tinha pelo menos um. Em 1257 Robert de Sorbon fundou o Collège de la Sorbonne Paris.

As universidades inglesas estão ainda organizadas em colégios. Quase independentes do Estado, vivendo frequentemente dos seus próprios recursos, têm por função formar os membros da igreja anglicana. Foi a ruptura das relações entre a Inglaterra e Paris que em 1167 e 1168 conduziu à formação de um «studium generale» em Oxford. A universidade de Cambridge, embora fundada depois de Oxford, têm a sua origem provavelmente no mesmo século. Na Alemanha, a universidade de



A Universidade de Cambridge.



Oxford.



A Cidade Universitária de Roma, construida em regime fascista, representa bem aquele tipo de arquitetura retórica tão apreciada pelos regimes ditatoriais. Nas arquiteturas dêsse gênero pensa-se mais no "efeito magni-loquente" do conjunto dos edifícios do que no bom funcionamento dos mesmos; qualquer consideração útil fica em segundo plano; o que se quer é só "maravilhar". Exemplo perfeito de um conjunto de edifícios representativos de uma cultura sôbre bases erradas; uma cultura que precisa ser reformada com a máxima urgência.



New York, Columbia University.

Heidelberg, que foi a mais velha universidade alemã (1385), alcançou o mais rápido e permanente êxito de tôdas as universidades. Entre outras universidades da Alemanha citamos as de Cologne (1388), Erfurt (1379) e Freiburg.

A unica universidade portuguêsa da Idade Média tinha a sua séde alternativamente em Lisbôa e em Coimbra, até que, no ano de 1537, foi estabelecida em Coimbra. Recebeu do rei Diniz um título de incorporação e em 1772 a universidade foi completamente reorganizada.

As universidades tiveram, na França, na Alemanha e sobretudo na Inglaterra um papel importante nas lutas religiosas até ao século XVII em particular. Foi em Cambridge que nasceu o puritanismo. Na Alemanha, no século XIX, assinalaram-se pelo seu papel científico, político e social.

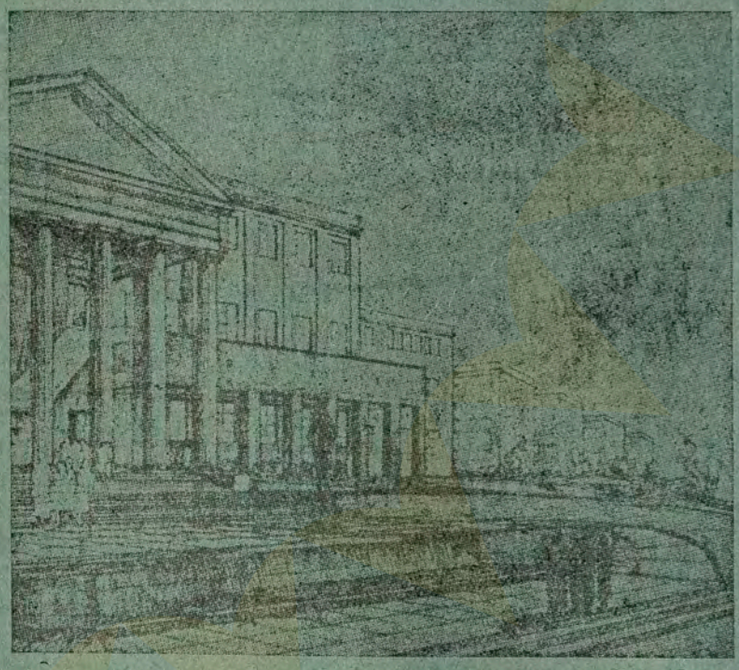
Nos Estados Unidos foi adoptado o sistema inglês. Neste país distinguem-se as universidades privadas, ricamente dotadas, que têm o nome de seu fundador, e as universidades do Estado. São muito independentes e têm caráter particular de ocuparem um grande lugar no ensino das necessidades práticas e sociais. Alguns destes estabelecimentos são reservados às mulheres. As mais antigas universidades como as de Paris, Bolonha, Praga; Salamanca e outras, foram estabelecidas nas cidades, e cresceram e confundiram-se com os edifícios da cidade. Muitas vezes foram procurar sua séde sob a proteção de estabelecimentos religiosos em edifícios monásticos e pertencentes a igrejas.

A Universidade de Moscou.



Inaugurou-se em Moscou a nova Universidade, a maior da U. R. S. S. Acha-se nas colinas Lenin, no subúrbio sudoeste da cidade. É reservada às faculdades científicas, tecnológicas e matemáticas; as faculdades humanísticas, por enquanto, permanecem no antigo bairro do centro de Moscou, perto do Kremlin. Em fase de construção desde 1949, na base de um projeto de quatro arquitetos Prêmio Stalin e com um estilo entre o ecletismo acadêmico e o arranha-céu da "Chicago Tribune", a sua torre central, incluido o pináculo, tem a altura de cerca 240 metros e o conjunto é constituido por 37 edifícios; compreende também apartamentos para os professores e os assistentes e aposentos para cerca de 6.000 estudantes de grau superior e inferior, equipamentos desportivos, um horto botânico, um parque com estátuas educativas, etc.

O exterior é em mármore branco e os interiores são decorados com mármores dos Urais e de outras pedreiras russas. Na Aula Magna cabem 1.500 pessoas. A biblioteca prevê uma quantidade de 1.200.000 volumes. O Reitor da Universidade, prof. Ivan Petrovsky, no seu discurso inaugural, ressaltou que a nova Universidade de Moscou é maior que a Columbia University de New York.

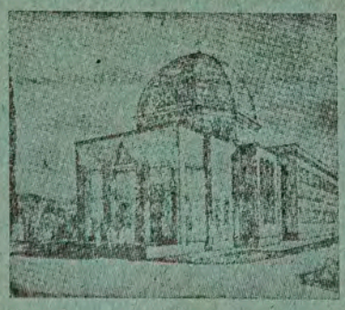


Projeto da Faculdade de Economia Conde Francisco Matarazzo em São Paulo.

Eis um exemplo de projeto de Universidade que exprime sòmente a falta de qualquer noção do "Tempo", da "Arquitetura" e dos "Estilos". Enquanto o Rio realiza a sua grande Cidade Universitária fornecendo um exemplo de civil modestia arquitetónica e de grande eficiência ética, São Paulo continua o seu tom "pernóstico". Fala-se de mármores (chegarão do estrangeiro) e de colunas e, naturalmente, não falta a cúpula, aliás a cupulazinha. O que representa êste edifício? O que êste conjunto de edifícios diz aos habitantes de um País novo, que está construindo as suas primeiras Universidades?

"Não Senhores, não constrói arquiteturas modernas, não sofrei tentando resolver vossos problemas de vida procurando as bases de uma nova cultura. Usai, ao invés, as lindas remastigações estilísticas, expressões de uma cultura fracassada, continuai na vossa atitude nostálgica, reconstroi na vossa nova terra onde ninguem fez cúpulas e colunas, as colunas e as cupulazinhas mal copiadas das nossas espléndidas cidades, esplêndidas porque expressões de um "tempo" e portanto insubstituíves, "não copiáveis". Continuai; e procurai transplantar o mais cedo possível os destroços da nossa cultura; da nossa velha cultura de inventores da bomba atómica".

Igreja da Universidade. Matarazzo.



Índices Universitários

Já é um truísmo afirmar-se que o binômio "homem-máquina" constitui a base sôbre a qual se eleva a Humanidade, o seu progresso e a sua felicidade, devendo, por isso, a êle aplicarem os esforços de tôda a sociedade.

A formação adequada do fator humano exige, porém, antes de mais nada, que se trabalhe no sentido de propiciar a todos o máximo possível de *saúde* e de *educação*. As atividades práticas, tendo por objetivo desenvolver o segundo fator, vale dizer, o fator *material*, devem, por sua vez, concentrar-se principalmente na ampliação dos recursos em energia e em transporte.

O regime pacífico industrial, que caracterizará as sociedades do futuro e cujo doloroso surto se processa sob nossas vistas, pressupõe um correlato desenvolvimento científico e tecnológico.

A dilatação, aprimoramento e difusão das ciências, bem como dos processos técnicos que as estimulam e lhes dão um destino social, é a finalidade essencial do moderno ensino superior, também denominado universitário.

A importância e o alcance social que tem a divulgação da instrução técnico-científica não precisa ser realçada. A correlação entre o progresso econômico e êsse tipo de instrução, é bem evidenciada na publicação da Unesco "Educação e Tecnologia", 1952, onde, entre outros índices, o relativo à percentagem das profissões liberais em relação ao total dos indivíduos ativos, nos Estados Unidos, apresenta a seguinte seqüência:

Anos	Profissões liberais
1840	1,3 %
1880	3,20%
1900	4,1 %
1920	5,1 %
1940	6,8 %

O nosso índice, no caso brasileiro, é de 0,41% com relação à população ativa de 1940, segundo o "Anuário Estatístico do Brasil", editado em 1951.

De outra publicação da mesma Unesco, "Fatos e Algarismos", 1952, tiramos os dados reproduzidos ao lado. Êsses índices permitem situar o Brasil sob o ponto de vista do preparo intelectual de seu povo e, portanto, de suas disponibilidades em cientistas, técnicos e operários altamente especializados.

O rápido surto da mecanização agrícola, extrativa e fabril em nossa pátria, nestes últimos anos, veio pôr em relêvo a insuficiência de seus quadros humanos para chefiar e operar os equipamentos que se vão instalando onde haja energia e transporte.

Restritos quantitativamente e deficientes quanto aos conhecimentos e experiência, constituem aquêles quadros, no entanto, fator decisivo para o êxito da nova fase em que ingressa a civilização brasileira, a primeira dêsse tipo a implantar-se entre os trópicos.

A indústria moderna, fundada nas ciências positivas e, por sua vez estimuladora do progresso delas, evoluiu lentamente nos velhos centros europeus e, logo depois, nos Estados Unidos, transitando de suas formas primitivas até a complexíssima estrutura atual, simultâneamente com os técnicos e os operários que se formaram e se aperfeiçoaram em rítmo idêntico.

O Brasil, como outras nações relativamente retardadas em seu progresso, ingressam na fase industrial quando a técnica já está em sua plena maturidade, queimando, por assim dizer, as etapas intermediárias e preparatórias.

Dessas circunstâncias resultam sérias dificuldades para a formação das equipes de técnicos, cientistas e operários especializados. As improvisações, o autodidatismo e aventureirismo consciente ou não, a importação de estrangeiros, em parte incapazes ou de pouca capacidade, o baixo rendimento e o conseqüente alto custo dos produtos e tantos aspectos negativos, são o preço que pagamos pelo incontrolável progresso material que agita a nação.

Para atalhar tais inconvenientes e reduzir ao mínimo os graves prejuízos que decorrem para a economia nacional urge, entre muitas outras medidas solidárias, ampliar ràpidamente o número de nossos pesquisadores e técnicos, dando-lhes preparo teórico e prático à altura de seus crescentes deveres sociais.

Para tanto é imprescindível reaparelhar e ampliar o ensino superior que, como todos reconhecem, ainda jaz em nível apenas suficiente à etapa agrária.

Sob nossas vistas, processa-se a substituição das escolas, faculdades e institutos, surgidos de modo fragmentário e ao sabor de iniciativas esporádicas e desconexas, pelos sistemas coesos, de alta eficiência e rendimento: *as universidades*.

Não há, porém, como confundir, apesar da identidade de denominação, as universidades do passado medieval, absorvidas em eternas disputas teológicas e metafísicas, com as modernas universidades estruturadas, tendo em vista a pesquisa e o ensino das ciências positivas e de suas aplicações à melhoria do mundo e do homem.

O ensino indispensável à civilização industrial criou, na verdade, condições desconhecidas na antiguidade. Os laboratórios de todos os tipos e especialidades preponderam, cada vez mais, sôbre as salas de aulas teóricas ou de simples exposição verbal.

Por outro lado, a interpenetração e interdependência das ciências e das numerosas artes práticas que delas se utilizam, levam à moderna solução centralizada em cidades universitárias de tôdas as unidades de ensino e pesquisa superiores. As vantagens para a cultura, bem como para a formação do espírito de equipe a par da notável redução do custo global de edificação e, posteriormente, de administração, conservação e custeio, explicam a generalização cada vez maior dêsse tipo de construções. Os casos recentes de Roma, Atenas, Madrid, Oslo, México, Caracas, Bogotá, Tucuman, Miami, Recife e Rio de Janeiro e de muitas outras, confirmam semelhante tendência.

Um dos aspectos a ser examinado logo no início de qualquer projeto

POPULAÇÃO ANALFABETA

Países	Percentagem	Data do censo
Estados Unidos	3%	1947
Canadá	4%	1931
França	4%	1936
Argentina	14%	1947
Itália	22%	1931
Chile	28%	1940
Brasil	57%	1940
Venezuela	57%	1941

ESTUDANTES DE CURSOS PRIMÁRIOS

Países	P/1.000 habitantes	Data do censo
Canadá	171	1948
França	151	1948
Estados Unidos	140	1950
Chile	132	1949
Argentina	126	1949
Itália	106	1948
Venezuela	106	1948
Brasil	84	1949

ESTUDANTES DE CURSOS SUPERIORES

Países	Total	P/1.000 habitantes	Data do censo
Estados Unidos	2.175.000	14,34	1950
Canadá	69.000	4,98	1949
Argentina	79.400	4,62	1950
França	138.000	3,29	1950
Itália	146.500	3,18	1949
Venezuela	6.900	1,38	1950
Chile	9.500	0,89	1940
Brasil	37.300	0,79	1947

BIBLIOTECAS

Países	Nos. de bibliotecas	Nos. de livros	Data
Estados Unidos	8.748	219.000.000	1944/46
Canadá	1.486	17.317.000	1947
Itália	34	14.428.000	1948
Brasil	2.874	7.651.000	1946
Inglaterra	24.440	71.100.000	1949
Argentina	2.209	5.204.000	1944
Chile	561	877.000	1944
Venezuela	94	145.000	1950

LOTAÇÃO

Universidades	Lotações	Ano
New-York University	47.946	1949
New-York College	34.722	1949
California University	43.426	1949
Shaw University	776	1947
University of Richmond	820	1947
Roma	40.000	1948
Milão	17.000	1948
Buenos Aires	32.000	1948
La Plata	18.203	1948
Litoral	12.716	1948
Cordoba	8.698	1948
México	28.000	1950
Rio de Janeiro	9.000	1952
São Paulo	5.000	1952
Recife	3.800	1952



O "ambiente" da Cidade Universitária do Rio de Janeiro.

de uma Cidade Universitária é o relativo à sua lotação.

Como a unidade de tempo com que se mede a vida de uma universidade é, pelo menos, o século, a sua lotação deve poder crescer não só com o desenvolvimento demográfico da região que lhe cabe servir, como também com o índice percentual de estudantes em relação à população, índice que normalmente aumenta com o progresso local.

No entanto, o número de matrículas não pode ser excessivamente grande. O alto custo de uma cidade universitária e o de sua manutenção, desaconselham, a nosso ver, lotação inferior a 5.000 alunos. O limite superior, não deve, acreditamos, ir além de 30.000.

Não obstante as universidades da América Latina, como também algumas dos Estados Unidos, haverem surgido e crescido sem qualquer plano, esparsas de modo arbitrário dentro das cidades, aquelas que estão sendo renovadas e as que foram recentemente criadas, estão adotando, sem exceção, o modêlo centralizado em um "campus" único. As melhores experiências, aliadas às características ideais de uma Cidade Universitária e aos estudos baseados nos modernos princípios urbanísticos, conduzem a aconselhar, para tais conjuntos de ensino e pesquisa, áreas de 150 a 200 metros quadrados por aluno. Nessa base, as glebas a serem reservadas deverão medir de 150 a 200 hectares de área útil, no caso da lotação não passar de 10.000 alunos. Na hipótese limite de uma capacidade de 30.000 estudantes o "campus" poderá oscilar entre 450 e 600 hectares. Admitindo-se que até o fim dêste século o índice da população universitária brasileira suba, mui modestamente, de 0,8 a 2,0 estudantes por mil habitantes e que a nossa população chegue a 90 milhões, teremos de construir, aparelhar e custear cidades ou núcleos universitários para cêrca de 180.000 jovens, isto é, para mais 140.000 além dos 40.000 que ora dispõe o país. Êsse moderado acréscimo de estudantes de nível técnico-científico, exigirá que, em 40 anos, construa o Brasil nunca menos de 14 novas universidades de 10.000 alunos.

A gravidade dêsses números é indiscutível. A incúria e displicência nacionais nesse campo são antigas. Há vários decênios que as simples obras de renovação e reaparelhamento dos sete principais núcleos de ensino superior do país, situados em Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Pôrto Alegre, arrastam-se lentamente, classificadas como suntuárias e, portanto, adiáveis.

Para que se tenha uma idéia do vulto do problema que terá de ser solucionado antes de chegarmos ao ano 2000, basta lembrar que, computando-se todos os tipos de construções que integram uma universidade constituída como a do Rio de Janeiro, a área a edificar, por alunos, atinge a 40m2 na hipótese de uma lotação de 30.000. Para uma lotação de 10.000 essa área deverá subir a 50m2.

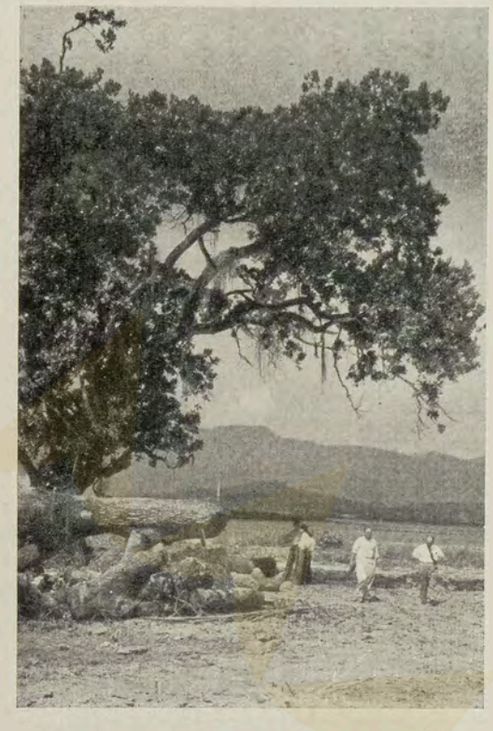
Nestas condições, uma universidade para 10.000 estudantes terá uma área construída de 500.000 m2 e custará, com todos os equipamentos e mobiliários, dois billhões de cruzeiros. As 14 universidades novas ascenderão, juntas, a 28 bilhões de cruzeiros. Isto significa que a nação terá de aplicar, desde já, 700 milhões de cruzeiros anuais, se quiser dar solução ao problema. Essa parcela anual não inclui, é preciso lembrar, as despesas indispensáveis à renovação das universidades atuais, reconhecidamente inadequadas e insuficientes.

Essas verbas serão, na verdade, durante alguns anos, um tanto pesadas. Mas o rápido crescimento do potencial econômico do Brasil permitir-lhe-á, em breve, arcar com tais encargos e superá-los.

Para tanto, seria indispensável, porém, planejar a longo prazo o que ainda é inútil entre nós, dada a falta de continuidade administrativa e a grande versatilidade que caracteriza o gênio latino sublimado, sob tal aspecto, em nossa terra.

Luiz H. de B. Horta Barboza

Uma das grandes árvores e um recanto da mata tropical das ilhas. Infelizmente, muitas das velhas mangueiras tiveram de ser cortadas pela necessidade do planejamento.



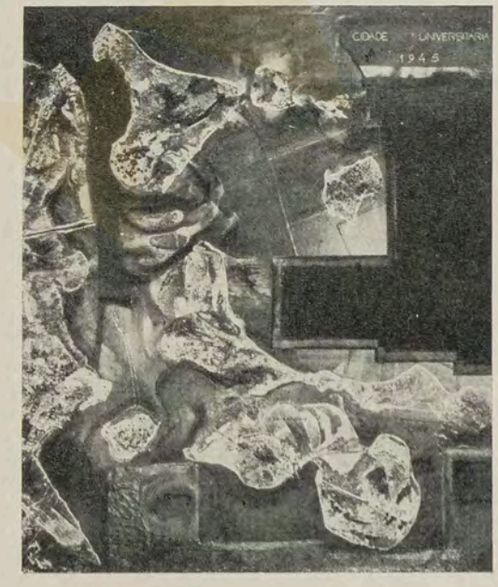
Ilha do Bom Jesus. Vista tirada da Escola Nacional de Engenharia, mostrando em primeiro plano a Avenida Principal e ao fundo, o atêrro hidráulico.





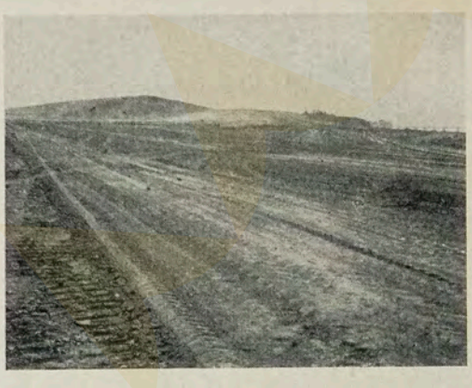


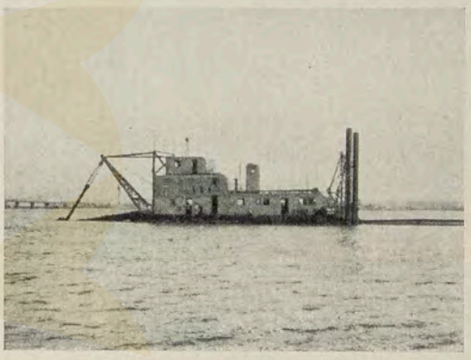
Outra vista do "ambiente".



Levantamento aéreo - fotogramétrico das ilhas.



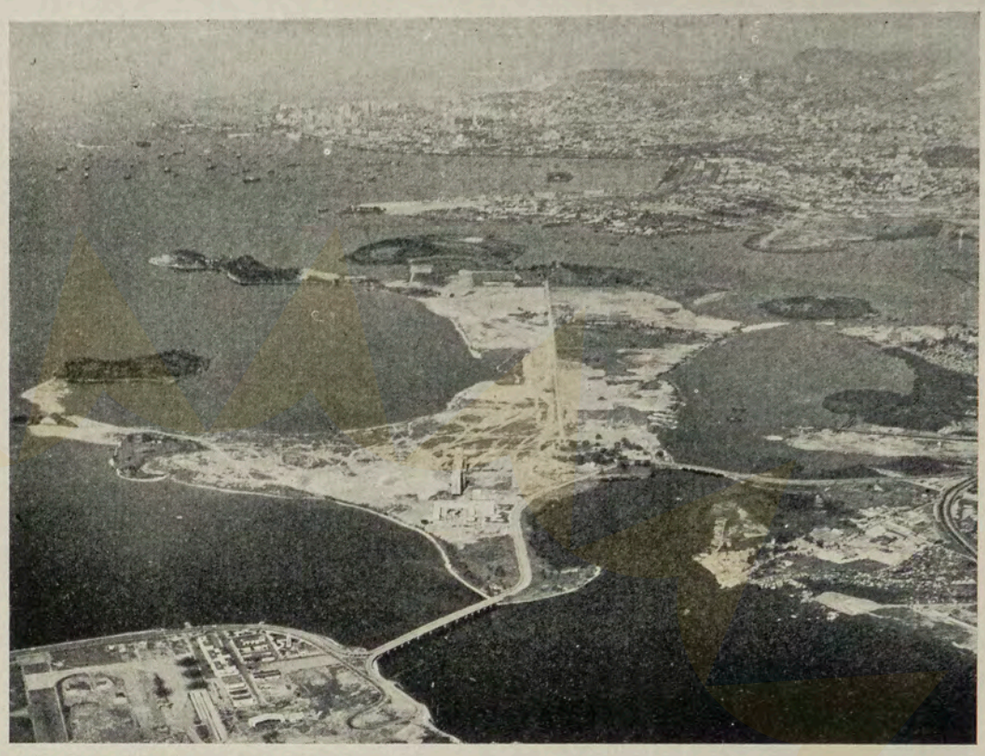








Obras gerais. As dragas realizando atêrros hidráulicos com arêia retirada dos bancos. Desmonte da colina do Fundão.



Vista aérea da Ilha Universitária.



A paisagem da Ilha Universitária é uma das mais belas do mundo.



Vista da Ilha Universitária com o Instituto de Puericultura e o Hospital de Clínicas, em construção.

COMISSÃO SUPERVISORA DO PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO

Eduardo Rios Filho, Presidente
Nahul Benévolo
Augusto Brandão Filho
Jorge Ribeiro Leuzinger
Paulo Ewerard Nunes Pires
Luiz Hildebrando de B. H. Barboza
Lucilio Briggs Brito, Secretário

RELAÇÃO DOS ARQUITETOS DO ESCRITÓRIO TÉCNICO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA

Jorge Machado Moreira, Chefe
Aldary Henriques Toledo
Orlando Magdalena
João Henrique Rocha
Donato de Mello Júnior
Wilson Reis Netto
João Corrêa Lima
Adele Weber
Giuseppina Pirro
Asthor Sá Roris
Carlos Alberto Boudet Fernandes
Conceição de Maria Matos Penna
Elias Kaufman
Lauro Francisco Paraizo
Mário Guilherme da Silveira
Norma Cavalcanti de Albuquerque
Marco Tulio Dias Serrano
Jorge Werneck Passos
Otávio Sérgio da Costa Morais
Noel Victor Saldanha Marinho
Alberto Ferreira Vaz

ILHA UNIVERSITÁRIA

Situação: A localização adotada sobreveio depois de numerosos e detalhados estudos procedidos por vários técnicos, inclusive estrangeiros. Quando da escolha do terreno para a construção da Cidade Universitária, o Rio de Janeiro já era um grande e populoso centro urbano, cujos melhores locais só poderiam ser obtidos a preços elevados e mediante demolições vultosas de prédios residenciais, fábricas, quarteis, edifícios públicos etc.

Conseguir grande área tão central quanto possível, não só em relação à população atual da cidade mas, principalmente, em relacão à sua população futura e isso sem gerar problemas políticos e sociais decorrentes das desapropriações e sem destruir benfeitorias de valor ponderável, constituia um problema quase insolúvel.

As plantas e gráficos anexos mostram que a Ilha Universitária atende razoàvelmente ao conjunto das condições impostas pela complexidade do problema de bem localizar uma cidade universitária.

A situação adotada leva em conta a inalterável e sempre crescente preponderância demográfica da zona norte, que já no recenseamento de 1940 acusava 52% da população estudantil de nível universitário, ao passo que a zona sul contava com apenas 39 %, cabendo 9 % a Niterói.

O plano diretor da cidade do Rio de Janeiro revela a situação privilegiada, da zona de Manguinhos e, portanto, da Ilha Universitária não só como centro para o qual convergem quase tôdas as principais vias de trânsito urbano e interurbano existentes e projetadas, como pela circunstância de que irá ficar, com o decorrer do tempo, cada vez mais próxima do que qualquer outra dentre as que forem estudadas, do centro de gravidade das populações a que deve servir.

Além dêsses aspectos essenciais, releva assinalar a voltada para nordeste, que mede 2.100 metros de comprimento por 830 metros de largura. As suas praias de areia têm uma extensão de 3.400 metros. As profundidades variam, depois das dragagens, entre 5 e 6 metros, em relação à maré média.

Foram conservadas seis colinas, das quais uma, com 145 mil metros quadrados (Catalão), fica na extremidade da zona residencial; outra com 120 mil metros quadrados (Pinheiro), está no setor de Engenharia; e a terceira, com área igual à anterior, sitúa-se ao lado dos setores de Arquitetura e Música; as três últimas constituem a extremidade sul da baía acima citada. A altura dessa colinas é de 18 metros, para a mais baixa, e de 35 metros para a mais elevada.

Salvo as seis colinas acima citadas, tôdos os terrenos da Ilha Universitária são quase planos, flutuando as suas cotas, em relação ao nível do mar; mínima entre 9.00 a 3,20 metros. Referidos às marés máximas, êsses desníveis vão de 6,60 a 0,80 metros. Os pisos térreos dos edifícios não ficarão a uma altura inferior a 5,50 metros e a 3,10 metros em relação às marés mínima e máxima, respectivamente.

Constituição geológica : As nove ilhas agora reunidas resultam de pontas ou cumes de montanhas constituidas de gneiss mais ou menos decomposto, circundadas e alongadas mediante bancos de areia de extensões variáveis e, inclusive, de quantidades reduzidas de lôdo.

As três colinas da ilha de Bom Jesus, assim como a de Sapucáia, são ainda de rocha viva recobertas com capas de terra. Na colina do Catalão, a rocha apresenta-se decomposta até uma profundidade bem maior, ao passo que as de Fundão e Pinheiros estão inteiramente laterizadas muito além da profundidade atingida pela sonda.

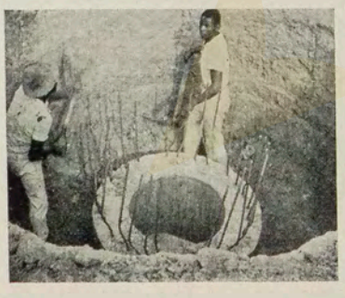
Durante as sondagens e atêrros dos mangues e canais, deparou-se com alguns bolsões de lôdo cujas profundidades variavam de 3 a 5 metros, tôdos, porém, de pequenas proporções.

Encarregou-se o Instituto Nacional de Tecnologia do estudo mecânico do subsolo da Ilha Universitária, tendo em vista a determinação de suas características como terreno para fundações. Mais de nove centenas de furos de sonda já foram executados, prosseguindo êsses trabalhos de modo sistemático para a obtenção de um conhecimento preciso da totalidade da área em causa. Subsidiàriamente, efetua o mesmo Instituto sondagens mais cerradas e minuciosas nos locais precisos de cada uma das sapatas, tubulões ou grupos de estacas dos edifícios em construção. Tendo em vista o desmonte da colina da ilha do Fundão, bem como o estudo das fundações do Instituto de Puericultura e do Hospital de Clínicas foi essa ilha objeto de sucessivas sondagens. O seu subsolo pode ser classificado como residuais ou de alteração «in situ». Sob o critério da consistência e compacidade, trata-se de solos compactos e muito compactos. Na







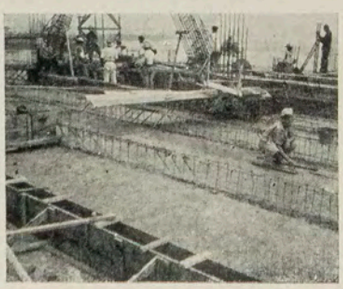


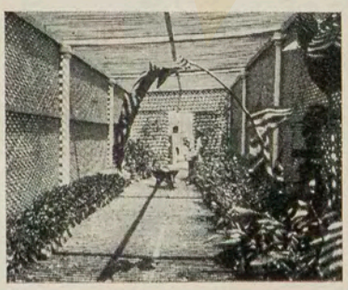


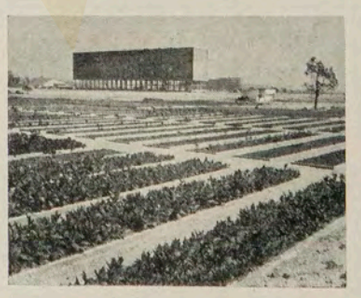
O ante-projeto do Conjunto da Cidade Universitária.

1 Instituto de Puericultura
2 Hospital de Clínicas
3 Instituto de Psiquiatria
4 Instituto de Neurologia
5 Restaurante
6 Centro residencial
7 Centro esportivo
8 Faculdade de Medicina
Faculdade de Odontologia
9 Institutos Médicos
10 Faculdade de Ciências Econômicas
11 Faculdade de Filosofia
12 Centro Cívico, Reitoria
Biblioteca, Museu, Anfiteatro
13 Escola de Engenharia
14 Escola de Belas Artes
15 Faculdade de Arquitetura
16 Escola de Música, Teatro
17 Jardim Botânico
18 Observatório Astronômico
19 Serviços gerais
20 Alojamento pessoal serviço

Início dos trabalhos. Na Ilha Universitária surgiu uma pequena cidade de trabalhadores. Paralelamente ao trabalho de construção procedem os de ajardinamento; foram criados verdadeiros viveiros de plantas.











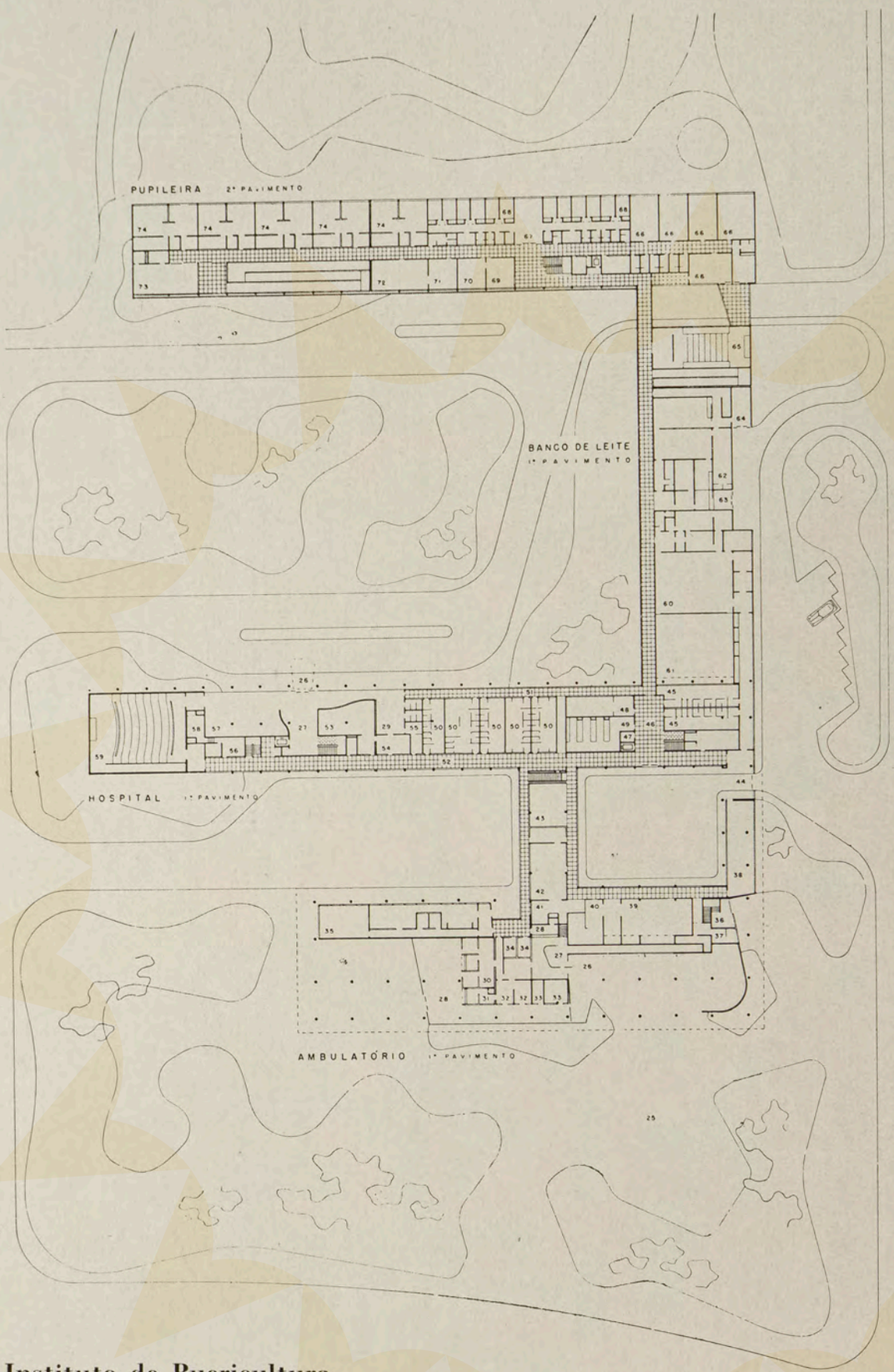
Zoneamento da Ilha Universitária.

A Centro Médico
B Centro Residencial
C Centro de Educação Física
D Centro de Ciências Sociais
E Centro de Administração
F Centro de Filosofias e Ciências
G Centro de Engenharia
H Centro de Música
I Centro de Belas Artes
J Centro de Arquitetura
1 Instituto de Puericultura
2 Hospital de Clínicas
3 Escola de Engenharia
4 Faculdade de Arquitetura

terminologia comum de terraplenagem, tais materiais seriam denominados moledos duros. As sondagens especialmente efetuadas para as fundações dos edifícios em construção nessa área, acusaram boas características, permitindo, em grande parte, o emprêgo de uma taxa de trabalho igual a 5 kg/cm2.

No eixo Fundão-Sapucáia o subsolo apresenta-se de caráter essencialmente arenoso e areno-argiloso, com ocorrência de quando em quando de lentas de argila rija e dura, crescendo a compacidade das areias com a profundidade. Em muitos trechos os primeiros horizontes são suscetíveis de receber fundações diretos. Nas proximidades de Bom Jesús foram encontrados, por vêzes, os primeiros horizontes constituidos de argila orgânica mole sobreposta a horizontes de areias medianamente compactas e argilas arenosas, rijas e duras.

O subsolo das Ilhas de Bom Jesús e de Sapucáia, nos trechos já amplamente sondados e que abrangem apenas partes delas, é bastante variável. A parte leste da Ilha de Bom Jesús é constituída por colinas rochosas às quais se segue longa restinga arenosa no sentido noroeste com várias aflorações rochosas. A grande área em que está sendo erguida a Escola Nacional de Engenharia, acusou sedimentos arenosos fôfos no primeiro horizonte, repousando sôbre horizontes progressivamente mais compactos até um excelente solo de alteração de rocha. Para o horizonte arenoso foi fixada uma taxa de 2 kg/cm2 e para o de alteração de rocha, situada de 4 a 10 metros de profundidade, admitiu-se uma taxa de 8 a 10 kg/cm2. Já na Ilha de Sapucáia, a constituição do subsolo é mais complexa. Ao lado da grande colina rochosa e das planícies arenosas, assentes sôbre decomposição de rocha, encontram-se áreas aterradas com lixo e outras lodosas sobrepostas a horizontes mais profundos de areias de compacidade variável que, finalmente, assentam sôbre decomposição de rocha. A série de sondagens mais próximas da colina, acusou horizontes de areias sobrepostas a alteração de rocha. A série mais distante, em local aterrado com lixo, revelou um primeiro horizonte de argila arenosa mole orgânica, impróprio para leito de fundação, seguido por horizontes de sedimentos de espessura variável de areias argilosas e argilas arenosas de compacidade e resistências variáveis que denotam capacidade para fundações diretas com baixa taxa de solicitação. Estas camadas assentam, por fim, sôbre alteração de rocha compacta e muito compacta. Foi sôbre êste horizonte, de ótimas características, o escolhido para leito de fundação da Faculdade Nacional de Arquitetura.





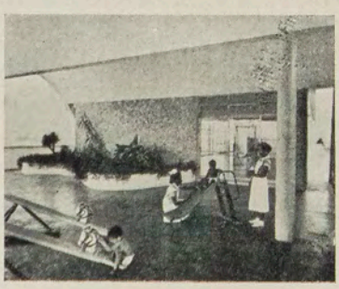
Detalhe da rampa de acesso.

Planta do 1.º pavimento do Ambulatório, Hospital, Banco de Leite e do 2.º pavimento da Pupileira.

25 Jardim
26 Entrada principal
27 Hall principal
28 Informações
29 Espera
30 Serviço social
31 Fichário médico
32 Triagem
33 Sanitário de público
34 Sanitário de médicos
35 Anatomia patológica
36 Hall dos infectados
37 Cantina
38 Depósito de gêneros
39 Cozinha geral
40 Copa geral
41 Copa de leite
42 Cozinha de leite
43 Refeitórios de subalternos
44 Entrada de serviço
45 Vestiário de subalternos
46 Hall de serviço
47 Casa de máquinas
48 Rouparia
49 Almoxarifado
50 Vestiário de graduados
51 Circulação suja
52 Circulação limpa
53 Secretaria
54 Administrador
55 Internamento, Recepção
56 Fotografia
57 Museu
58 Cabine de projeção
59 Anfiteatro
60 Biotério
61 Pátio
62 Banco de Leite
63 Hall de venda
64 Hall de doadoras
65 Aula atendentes
66 Alojamento de atendentes
67 Abrigo maternal
68 Binômio
69 Administração
70 Médicos
71 Copa
72 Refeitorio de crianças
73 Estar de crianças
74 Alojamento da Pupileira

Instituto de Puericultura

A sala de estar e o terraço - jardim das crianças.



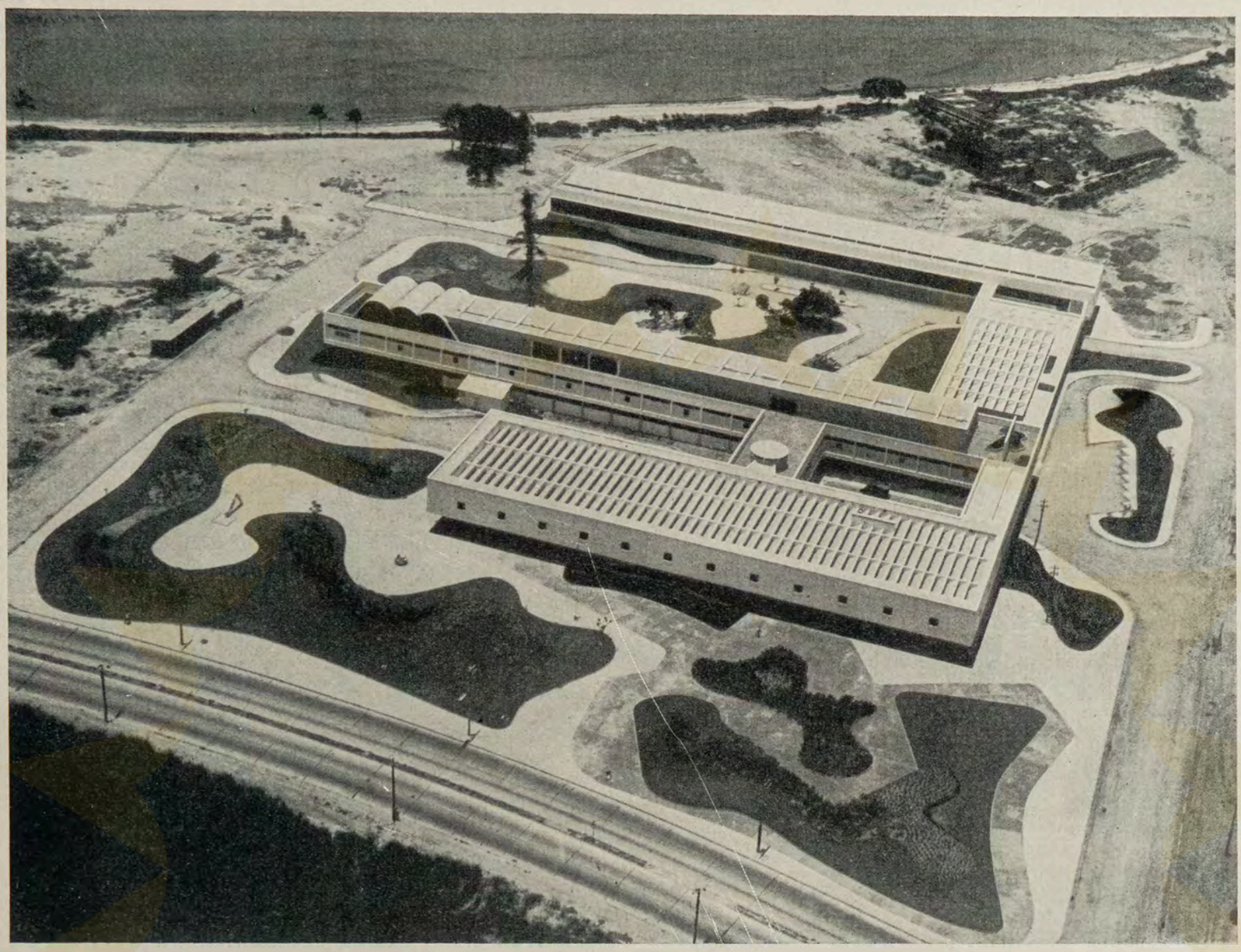




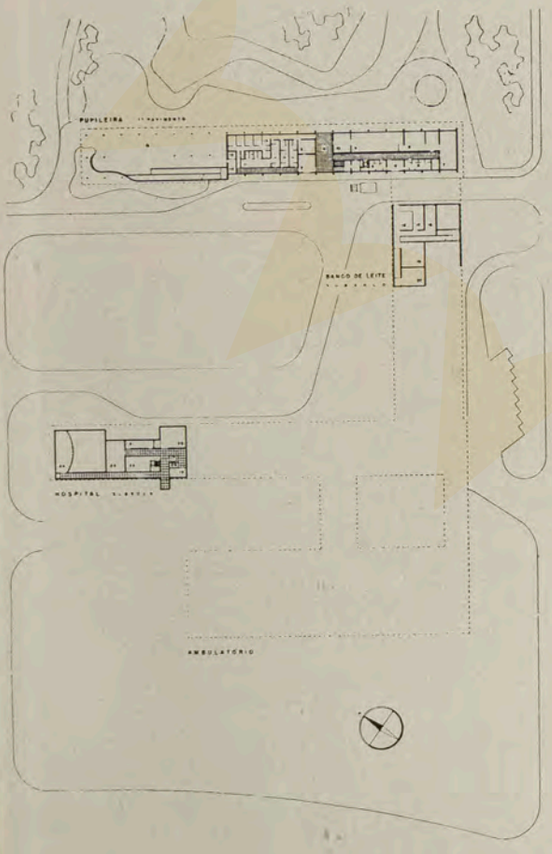
Esta unidade do ensino médico foi a primeira construção a ser iniciada na Cidade Universitária. O seu projeto desenvolveu-se sob a orientação geral do professor Martagão Gesteira e assistência de vários médicos e laboratoristas especializados. Destina-se o Instituto, cuja área total é de 16.974 m2, à realização de estudos, pesquisas e ensino de natureza biológica e social referentes ao desenvolvimento físico e mental da criança.

Situado no setor Médico, à margem da Av. Brigadeiro Trompowsky, junto ao Hospital de Clínicas e da futura Maternidade, consta o Instituto de Ambulatório, Hospital, Abrigo Maternal, Pupileira e Banco de Leite.

O Ambulatório, em dois pavimentos, parte em pilotis, mede pouco mais de 3.990 metros quadrados de área construída. A sua capacidade normal, em cada turno, permite atender a 200 crianças. No pavimento



Vista do Instituto de Puericultura; o jardim é de Roberto Burle Marx.



Planta do 1.º pavimento da Pupileira e do subsolo do Banco de Leite e do Hospital.

1 Entrada principal
2 Hall principal
3 Portaria
4 Hall de serviço
5 Entrada de subalternos
6 Vestiário de subalternos
7 Refeitório de subalternos
8 Copa de distribuição
9 Refeitório de graduados
10 Sala de estar
11 Vestiário de graduados
12 Filtro
13 Pôsto de enfermeira
14 Sanitário de crianças
15 Play-ground
16 Lixo. Lata suja
17 Lixo. Lata limpa
18 Lavagem de carros
19 Subestação hidráulica
20 Subestação elétrica
21 Desinfecção
22 Arquivo morto
23 Ar condicionado
24 Anfiteatro

térreo há o "Serviço Social", os "Consultórios de "Triagem" e outros serviços subsidiários.

Classificadas em contagiantes ou não, as crianças terão acesso independentes ao 2.º pavimento, onde existem tôdos os consultórios necessários para ambos os tipos de doentes.

O Hospital, em 3 pavimentos, dispõe de 7.222 metros quadrados. Os seus 107 leitos estão divididos por 6 enfermarias, sendo que 16 leitos são para prematuros, 24 para lactantes, 50 para crianças de 2 a 7 anos, 6 para observação e 11 para isolamento.

A pupileira, com 3.490 metros quadrados de área construída, tem por finalidade e internamento de 72 crianças sadias, das quais 12 com as suas mães nutrizes, para o estudo de dietética e desenvolvimento infantis.

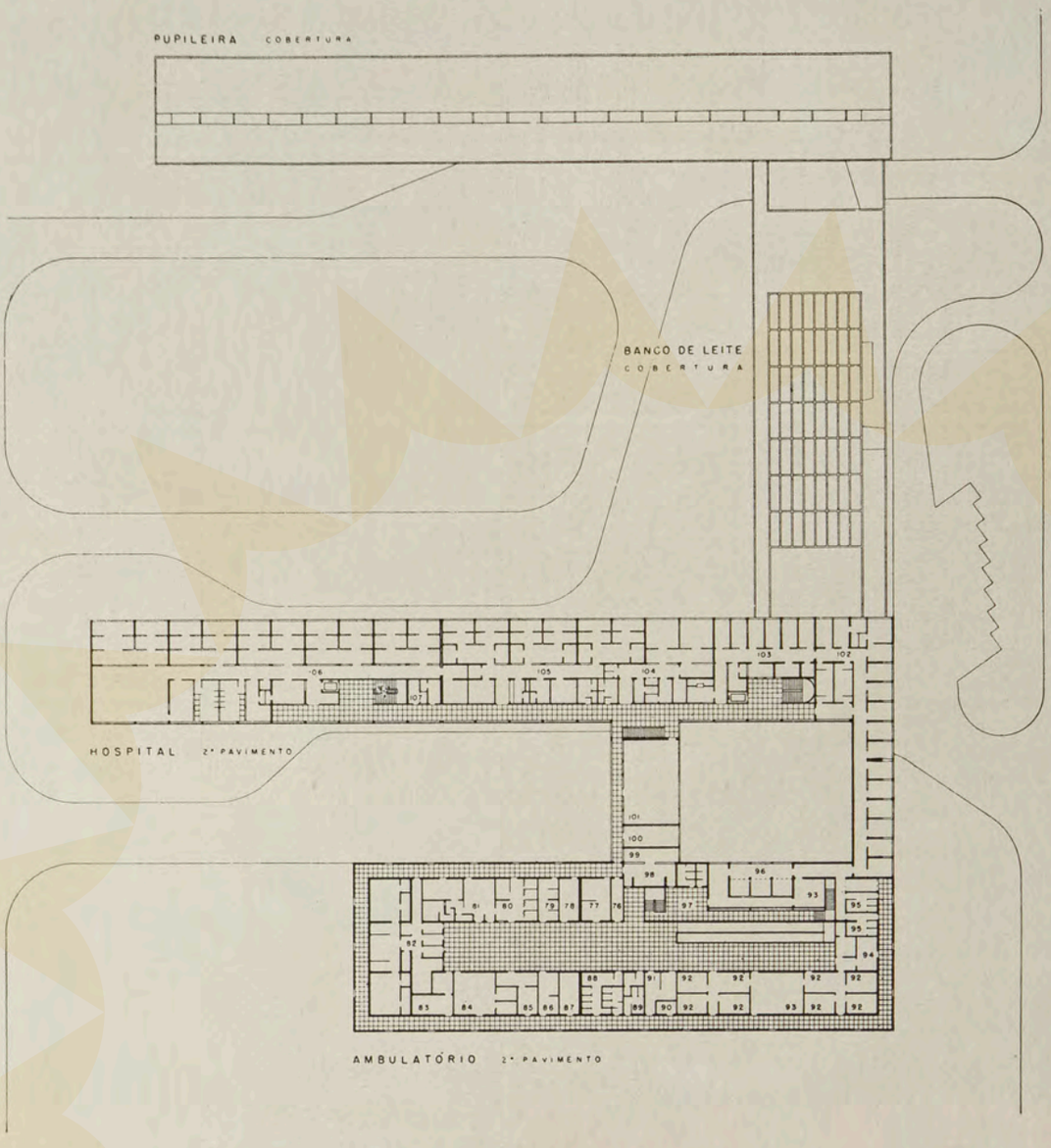
Num corpo de ligação do Hospital com a Pupileira, ficam vários serviços auxiliares, inclusive o Biotério e o Banco de Leite Materno. A área bruta dêsse corpo é de 1.365 metros quadrados.

Os trabalhos do Instituto estão distribuídos por três Divisões: Administração, Ensino e Pesquisa.

A Divisão de Administração subdivide-se em: Expediente e Comunicações; Contabilidade; Pessoal; Material; Rouparia e Limpeza.

A Divisão de Ensino terá os seguintes cursos sob sua orientação: Curso de Formação; Curso de Extensão e Especialização em Puericultura e primeira infância; Curso de Auxiliares de Puericultura e Biblioteca.

A Divisão de Pesquisa compreenderá: Serviços Técnicos de enfermagem, dietética, farmácia e fotografia; Serviços Médicos de Puericultura, clínica pediátrica, cardiológica, otorínica, odontológica, psiconeuro-psiquiátrica, fisioterápica, metabólica, alérgica, radiológica etc.



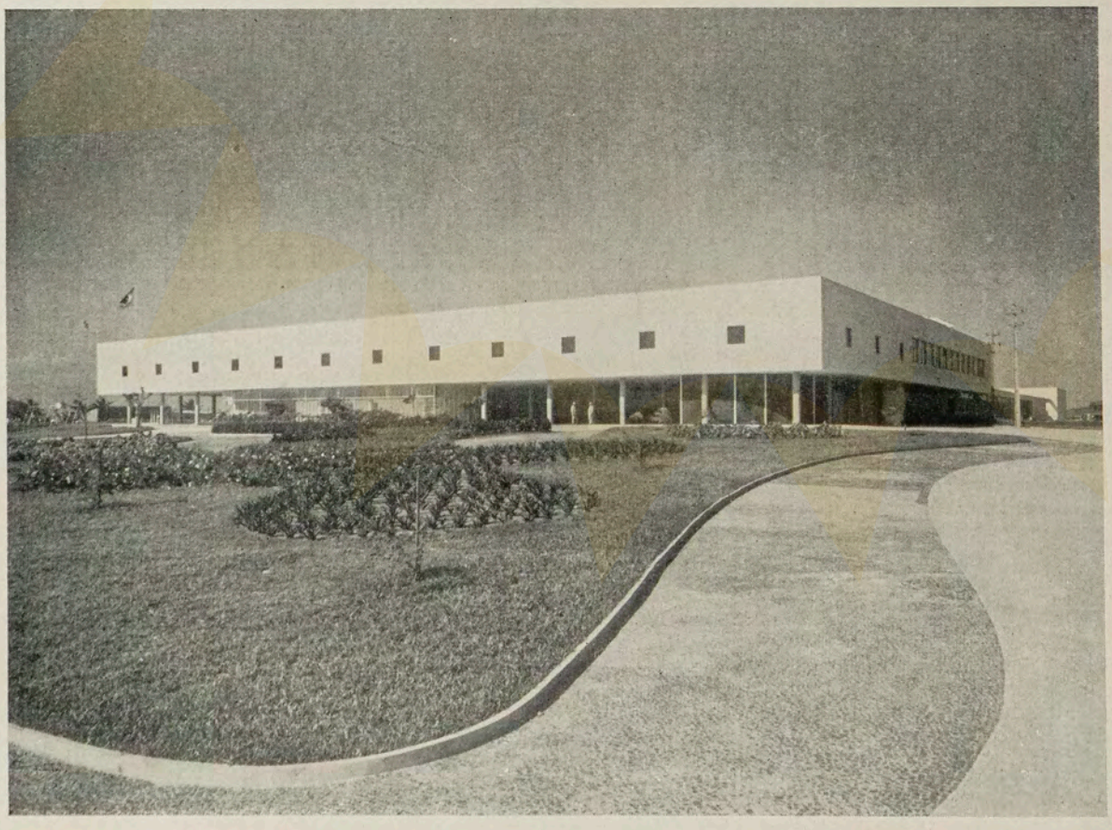


O corpo do Hospital visto duma janela do Banco de Leite.

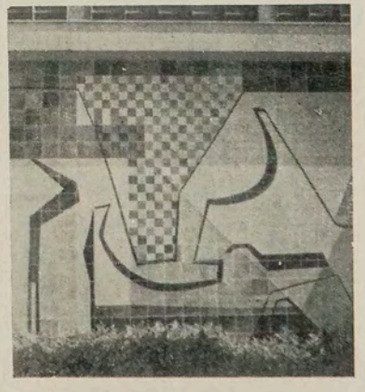
Planta do 2.º pavimento do Ambulatório e do Hospital e da cobertura do Banco de Leite e da Pupileira.

75 Espera de público
76 Limpeza
77 Cardiologia
78 Biometria
79 Alergia
80 Fisioterapia
81 Raio X
82 Laboratório de análises
83 Neuro-Psiquiatria
84 Otorrinolaringologia
85 Oftalmologia
86 Odontologia
87 Arquivo
88 Sanitário de público
89 Sanitário de médicos
90 Sanitário de serventes
91 Injeções
92 Consultórios de diagnósticos
93 Aula
94 Curativos
95 Filtro
96 Consultórios de infectados
97 Espera de infectados
98 Farmácia
99 Laboratório
100 Esterilização
102 Enfermaria de infectados
103 Enfermaria de observação
104 Enfermaria de débeis e prematuros
105 Enfermaria de lactentes
106 Enfermaria de 2 a 7 anos (geral)
107 Plantão
108 Shed
109 Cobertura

Uma vista do Ambulatório.



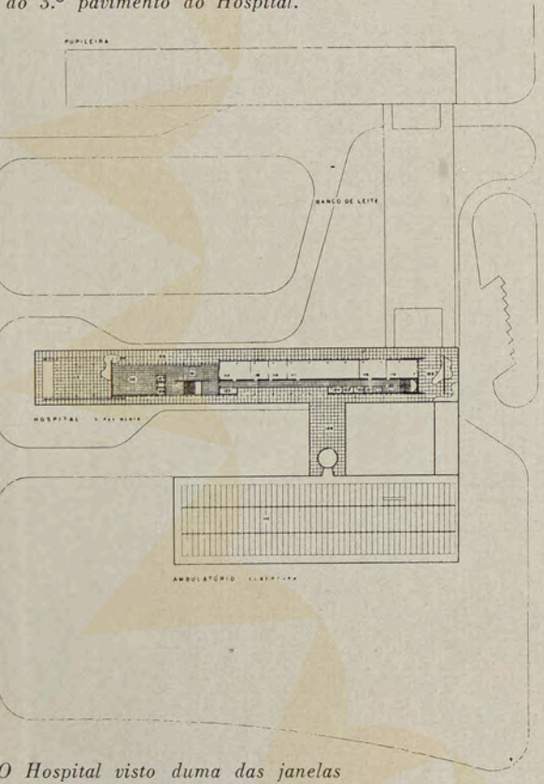
Detalhe do painel de R. Burle Marx.



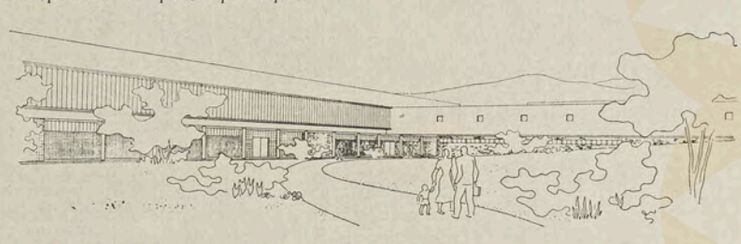
Vista do Hospital.

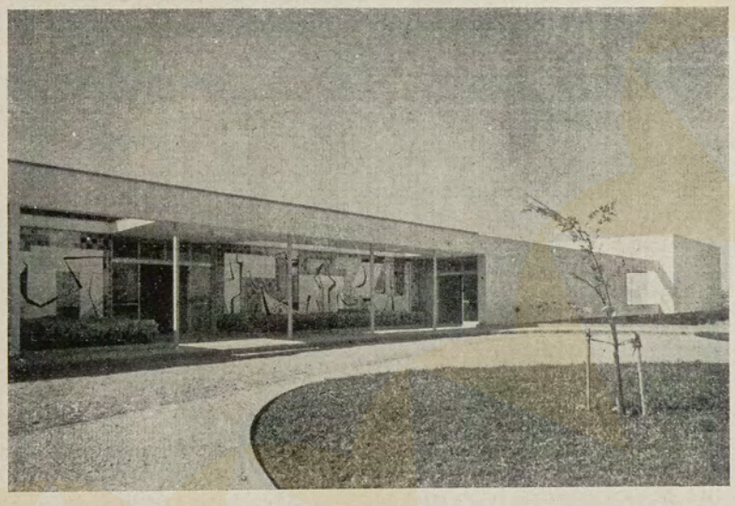


lanta da cobertura do Ambulatório, do 3.º pavimento do Hospital.



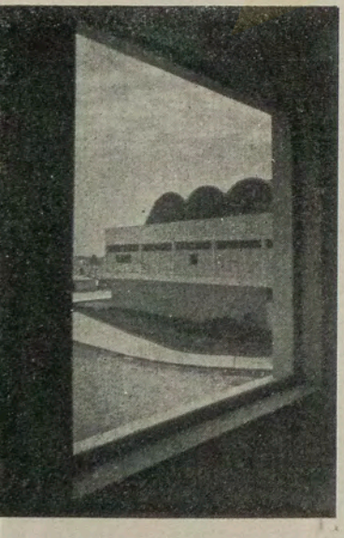
Perspectiva do páteo principal.

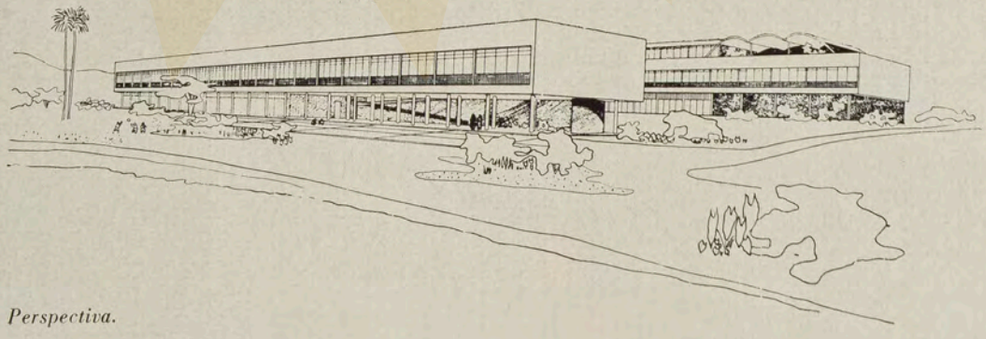




Entrada do Banco de Leite. Painel de autoria de Roberto Burle Marx.

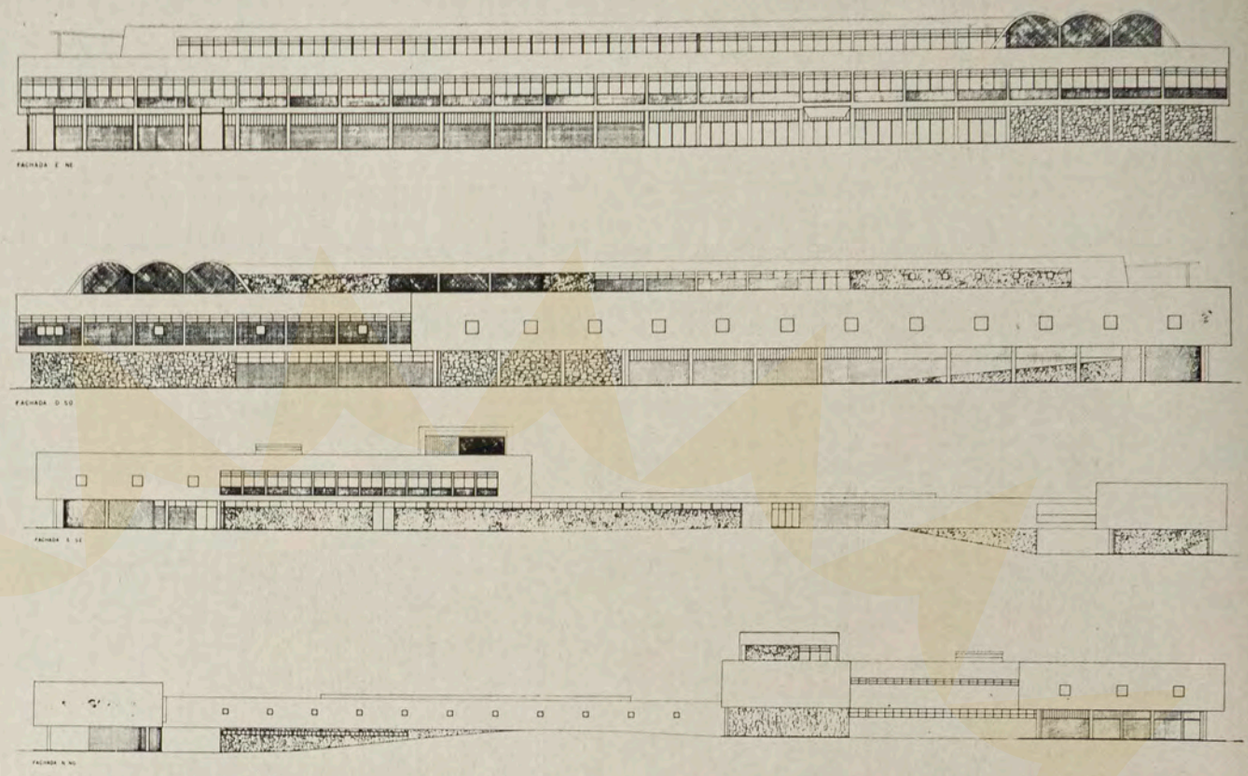
O Hospital visto duma das janelas do Ambulatório.





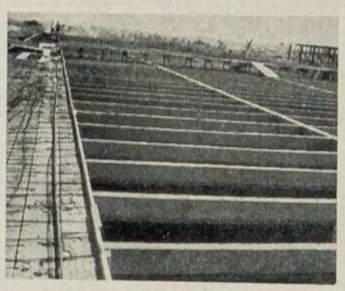
Perspectiva.

Fachadas: E-NE, O-SO, S-SE, N-NO.

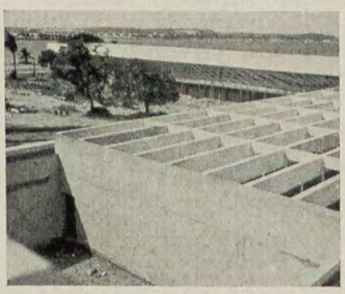


ESTUDO DAS PROTEÇÕES

1.º Pavimento. Todo o 1.º pavimento é protegido pelo balanço que sôbre êle projeta o 2.º.
2.º Pavimento. Orientação dos cômodos:
a) enfermarias e alojamentos, voltados para **Ene** (**Sol** pela manhã nos equinócios e verão; e pela manhã e à tarde, no inverno);
b) janelas dos **«Sheds»** do Ambulatório e Banco de Leite abertas para **Sse** (**Sol** no verão, pela manhã);
c) serviços gerais na fachada **Oso** (**Sol** à tarde, no verão, equinócios e inverno);
d) circulação jogada para o quadrante **Nno** (**Sol** à tarde no verão e durante todo o dia no resto do ano).
Desta maneira, protegido com circulações o quadrante mais insolado, foram necessários estudos especiais de proteção apenas para:
A Serviços gerais da Pupileira (taxa de intermação da fachada **Oso** ultrapassa o limite de confôrto).
B Circulação das enfermarias de Infectados (raios de pouca altura do fim da tarde atingiriam os cômodos da fachada **Sse**).
B Janelas dos «Sheds» do Ambulatório e Banco de Leite (no sentido de impedir completamente a entrada de **Sol** no verão).



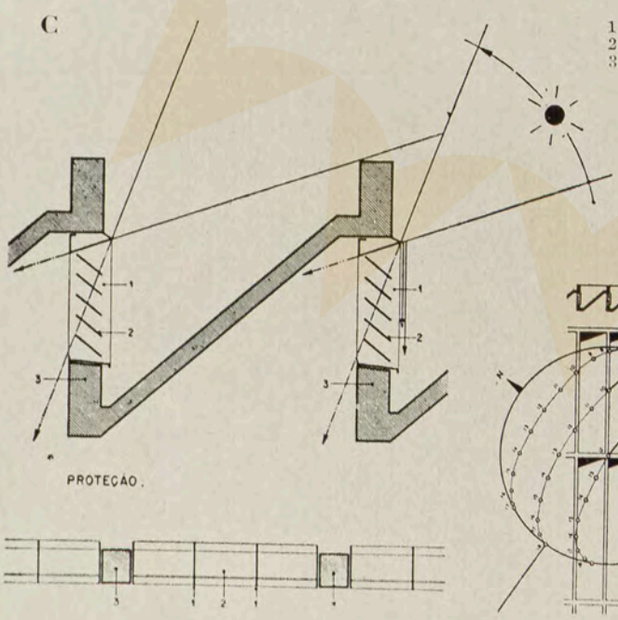
Sheds.



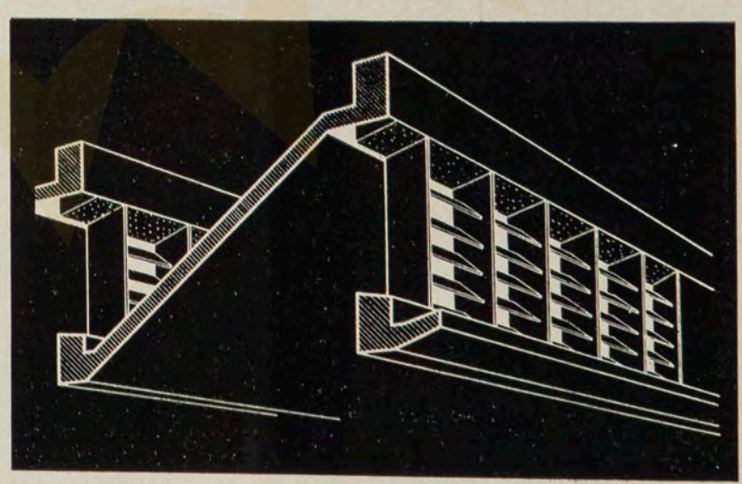


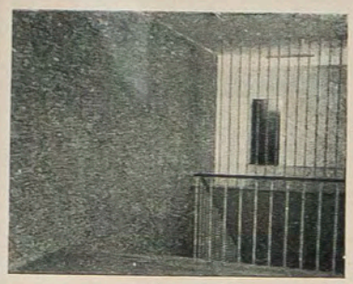
O Ambulatório.

C

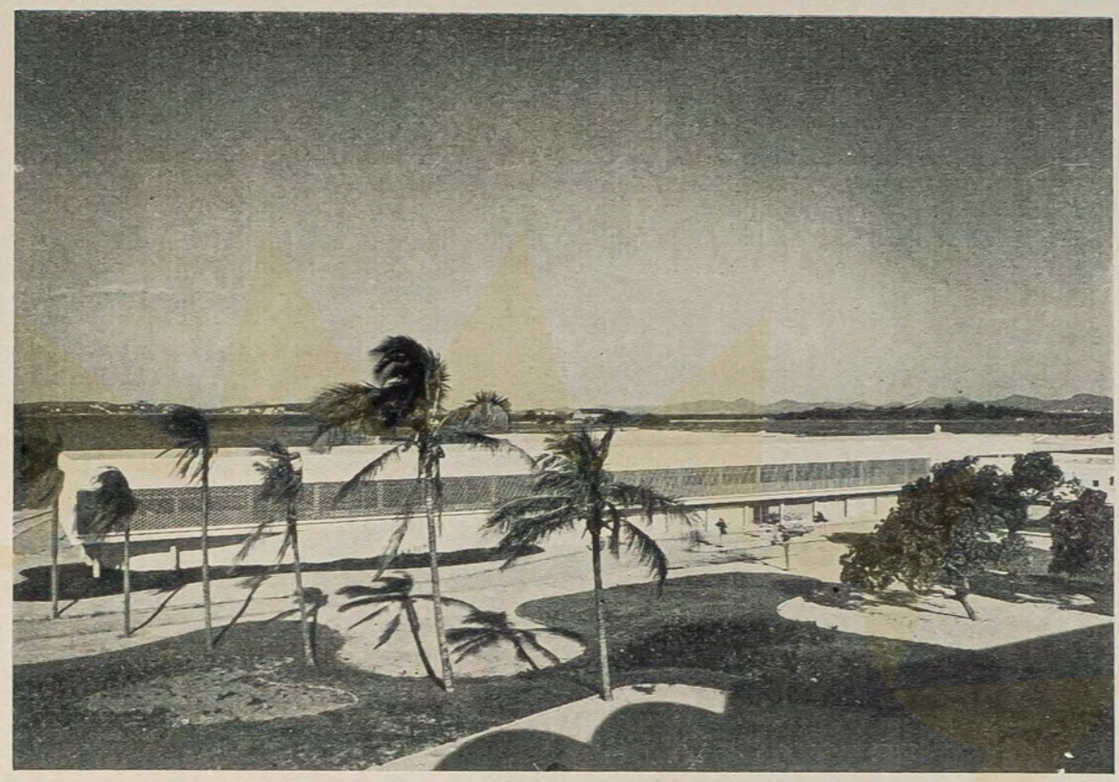


1 Lâminas verticais de alumínio
2 Réguas de vidro inactínico
3 Estrutura do shed

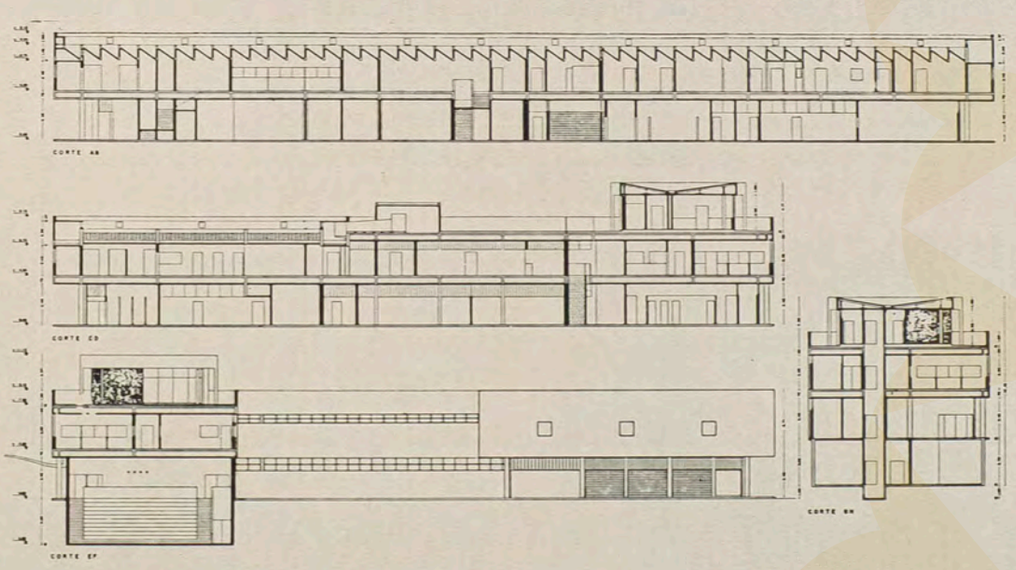




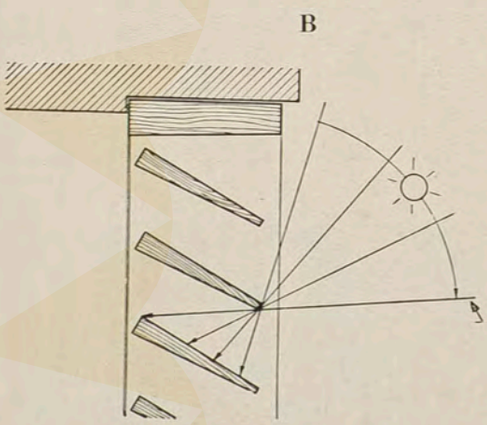
Detalhe de uma escada.



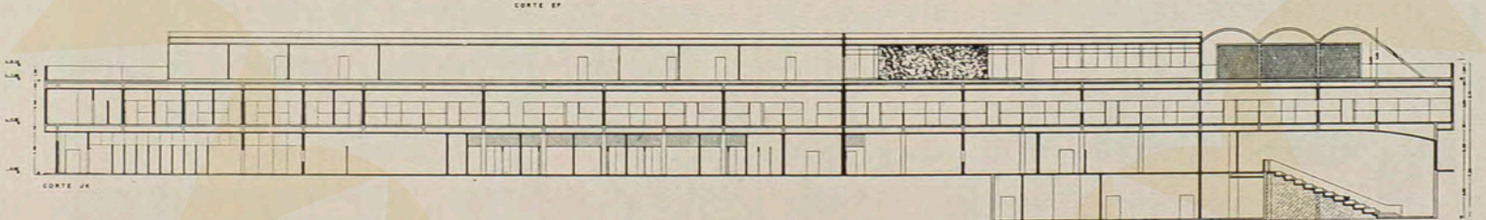
Outro aspecto do conjunto.

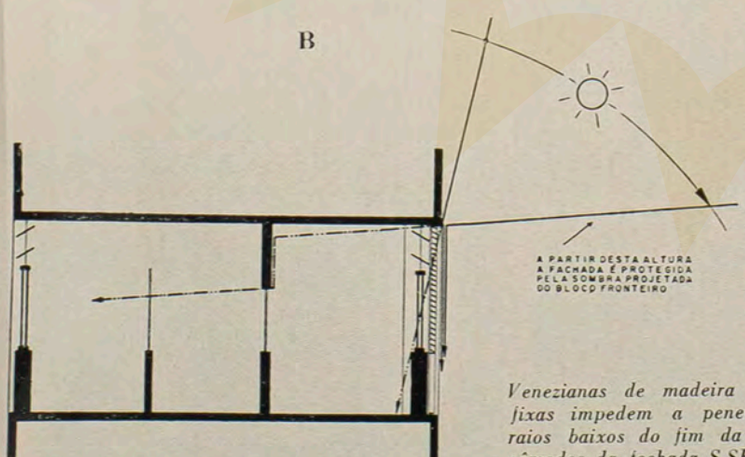


Cortes longitudinais e transversais.

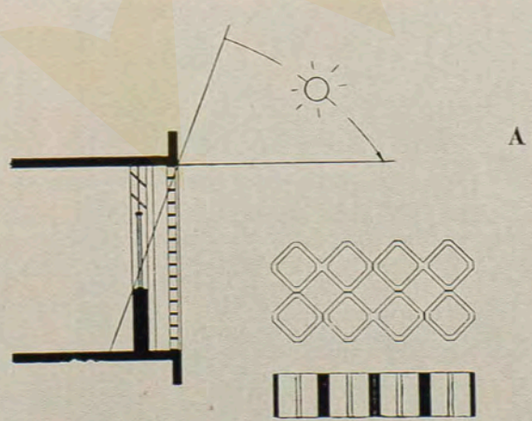


Sombra do bloco fronteiro.

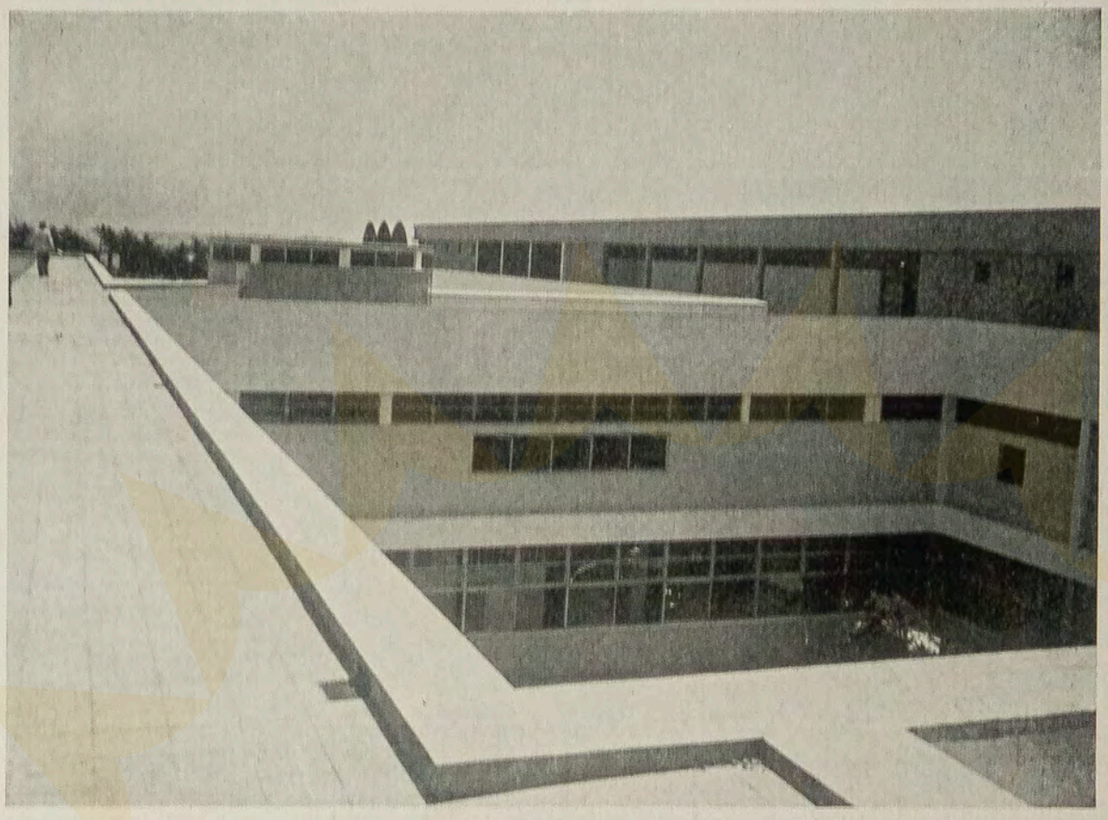




Venezianas de madeira horizontais fixas impedem a penetração dos raios baixos do fim da tarde nos cômodos da fachada S-SE.



Proteção, parede de cerâmica vazada vedando toda a fachada.

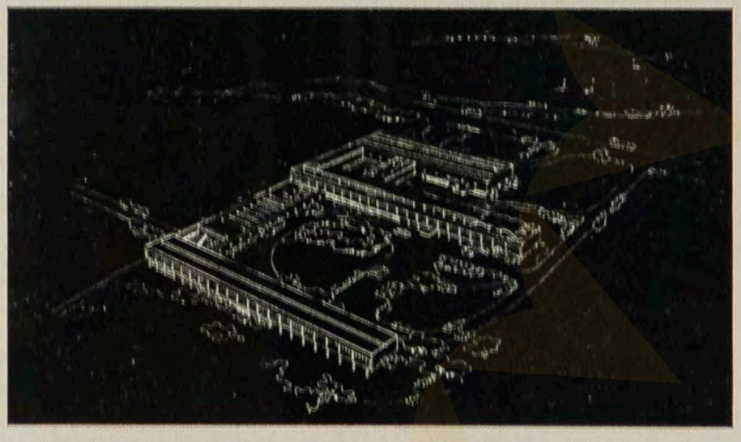


Vista dos terraços de cobertura.

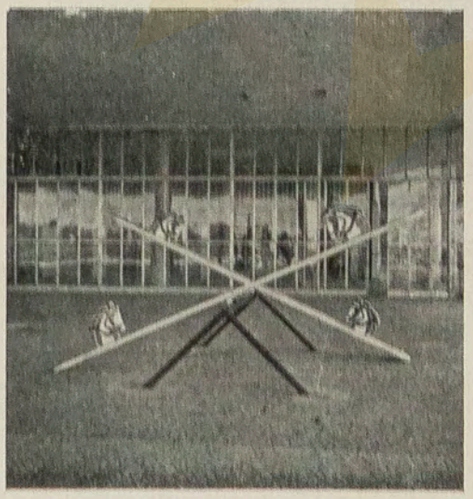
Uma das rampas.



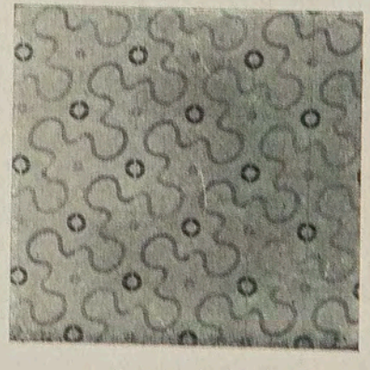
Um detalhe.

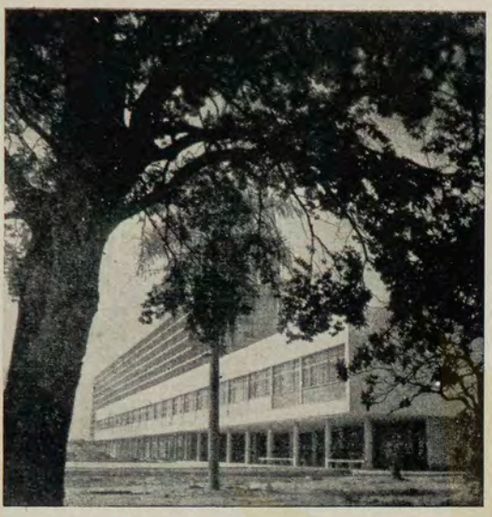


Perspectiva do conjunto.



No revestimento das paredes foram usados azulejos com predomínio das côres: branco e azul.



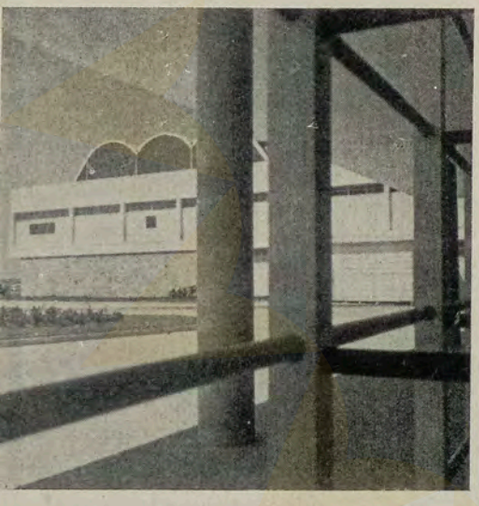


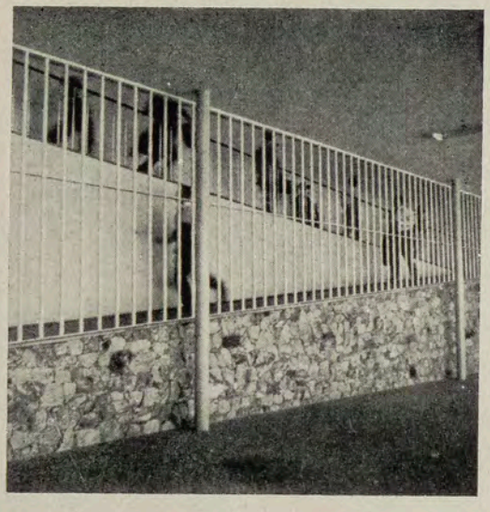
Atrás do Instituto de Puericultura vê-se o Hospital de Clínicas, em construção.

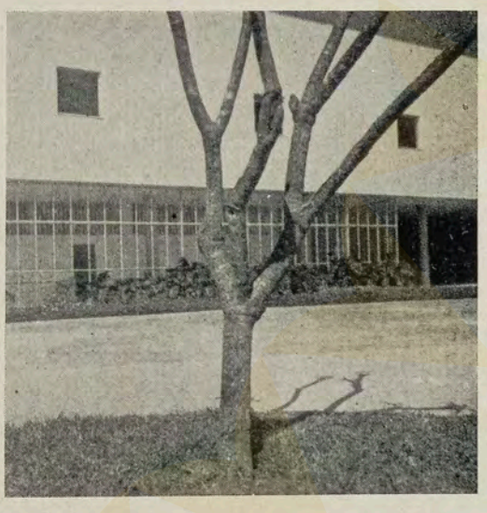


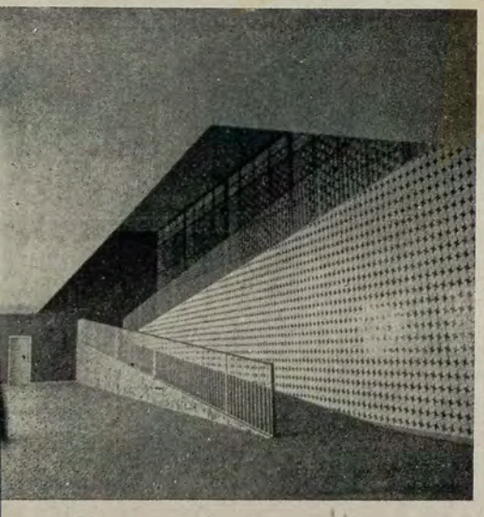
Uma rampa de acesso.

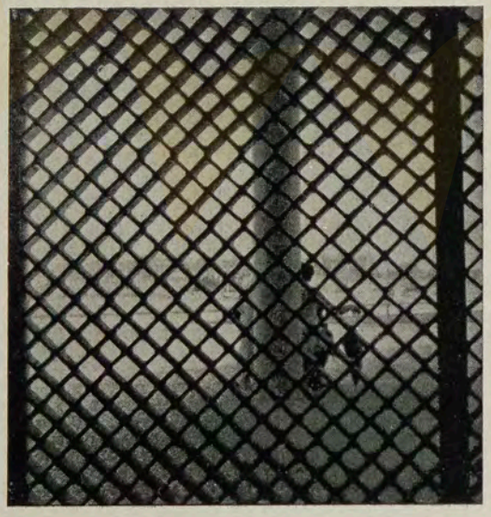
Detalhe do Instituto de Puericultura. O emprêgo de diferentes materiais: vidro, pedra, azulejos, cimento e ferro é cuidadosamente estudado e bem resolvido.



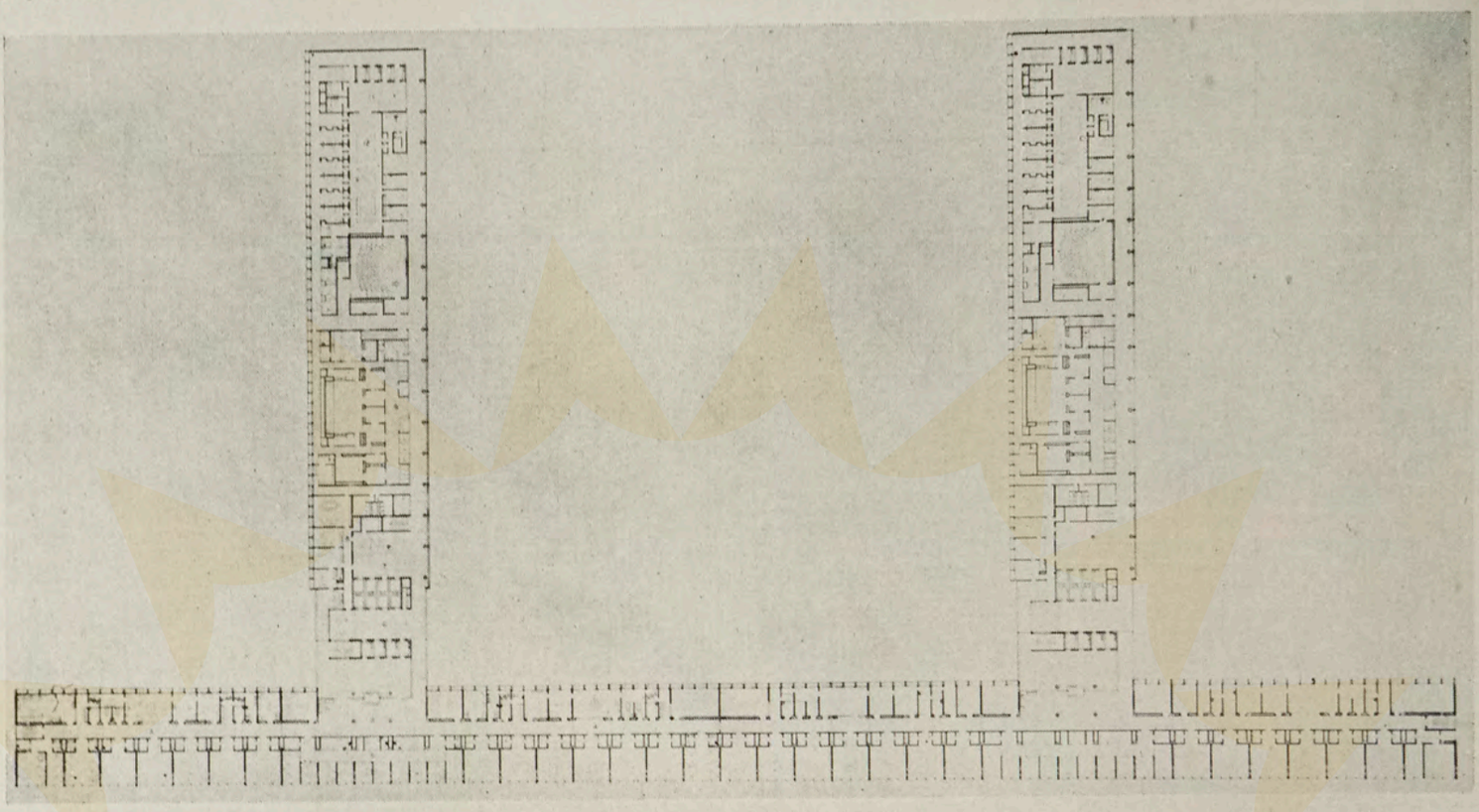




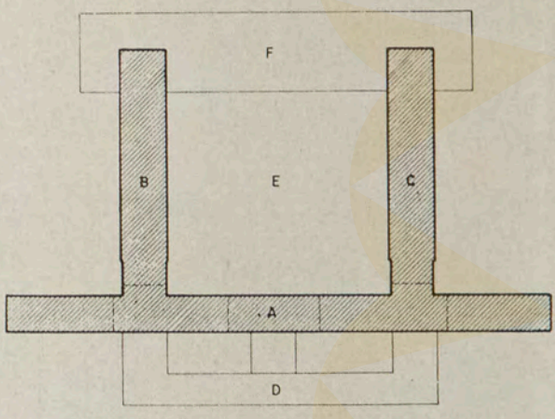








Planta dos 3.°, 5.°, 7.° e 9.° pavimentos.



Hospital de Clínicas

O Hospital de Clínicas da Universidade do Brasil constituirá, em volume de construção, a maior obra do conjunto universitário.

Realização de invulgar complexidade visto abranger assistência médica, em ambulatórios e enfermarias, ensino e pesquisa, o seu projeto está sendo desenvolvido por arquitetos e engenheiros do Escritório Técnico sob a orientação geral do Prof. Augusto Brandão Filho, membro da Comissão Supervisora do Planejamento e Execução da Cidade Universitária e Diretor da Faculdade Nacional de Medicina, com a assistência de consultores de várias especialidades. Três fatores principais influiram na escolha de sua situação: 1.°) estudos de urbanização e localização periférica, à margem da Av. Brigadeiro Trompowsky, para atender ao volumoso acesso de consultantes; 2.°) condições do terreno, as mais favoráveis ao projeto, dentre os locais que permitiam o início imediato das obras; 3.°) estudos de orientação que definiram os planos das fachadas de maior confôrto térmico e luminoso para as enfermarias e diversos serviços do hospital.

O partido adotado é de simplicidade incomum em obras dêsse gênero. A forma resultou de numerosas considerações de ordem geral, além das que já foram enunciadas, entre as quais podem-se ressaltar as relativas às circulações, limitação de altura e necessidade de se dar a tôdas as enfermarias a mesma orientação para que tenham o mesmo índice de confôrto.

A distribuição dos serviços do hospital, por pavimentos, pode ser resumida do seguinte modo:

Subsolo: Em consequência do partido adotado, o Hospital de Clínicas terá a grande vantagem de não

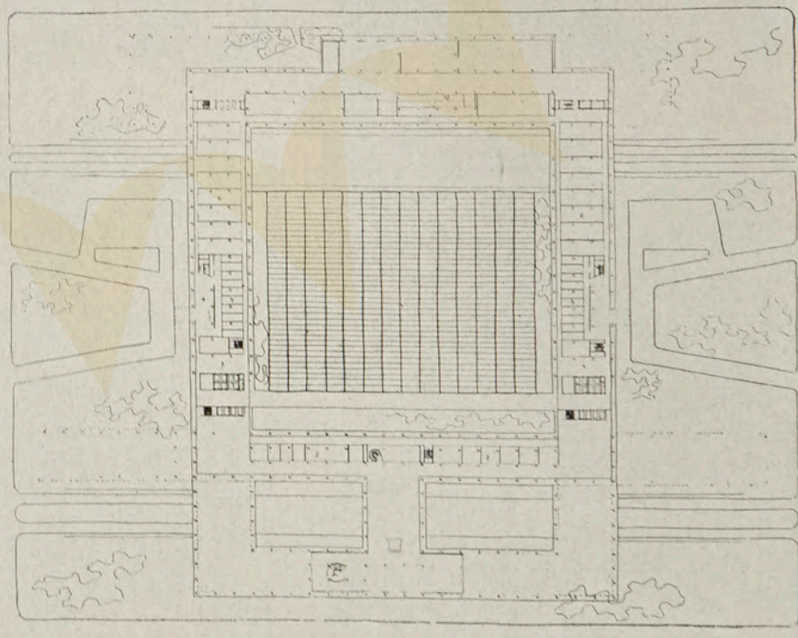
1 Hall de público
2 Hall da clínica
3 Enfermaria de homens
4 Enfermaria de mulheres
5 Enfermaria de postoperados
6 Hall de serviço
7 Hall de professores e alunos
8 Administração
9 Centro cirúrgico
10 Sala de aula
11 Hall de doentes ambulantes
12 Ambulatório



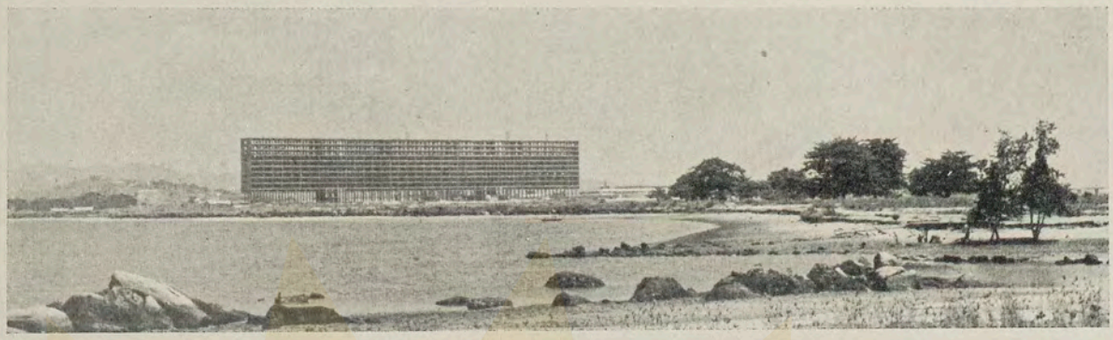
Início da construção do edifício.

Planta do 1.º pavimento.

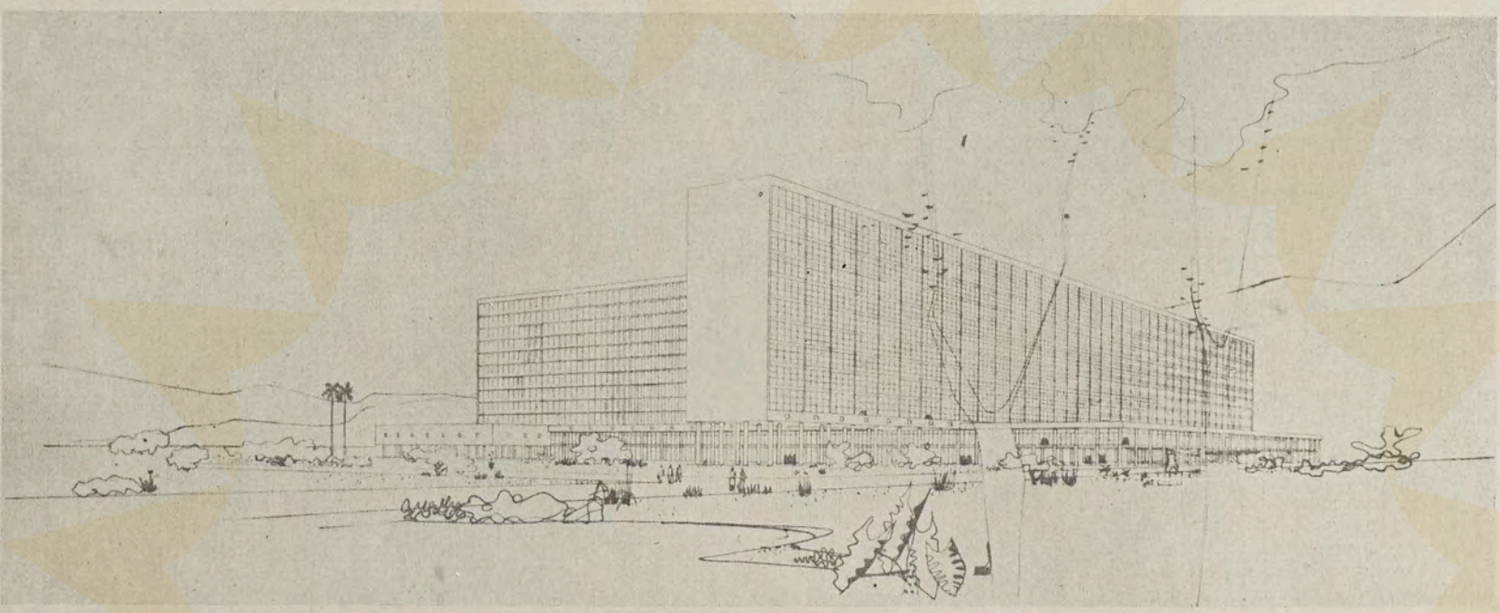
1 Hall principal
2 Serviços públicos
3 Hall de professores e alunos
4 Hall de entrada de professores
5 Vestiários de professores
6 Vestiários de alunos
7 Hall dos ambulatórios
8 Serviço de admissão
9 Serviços
10 Rampa dos serviços adjuntos de diagnósticos e tratamento



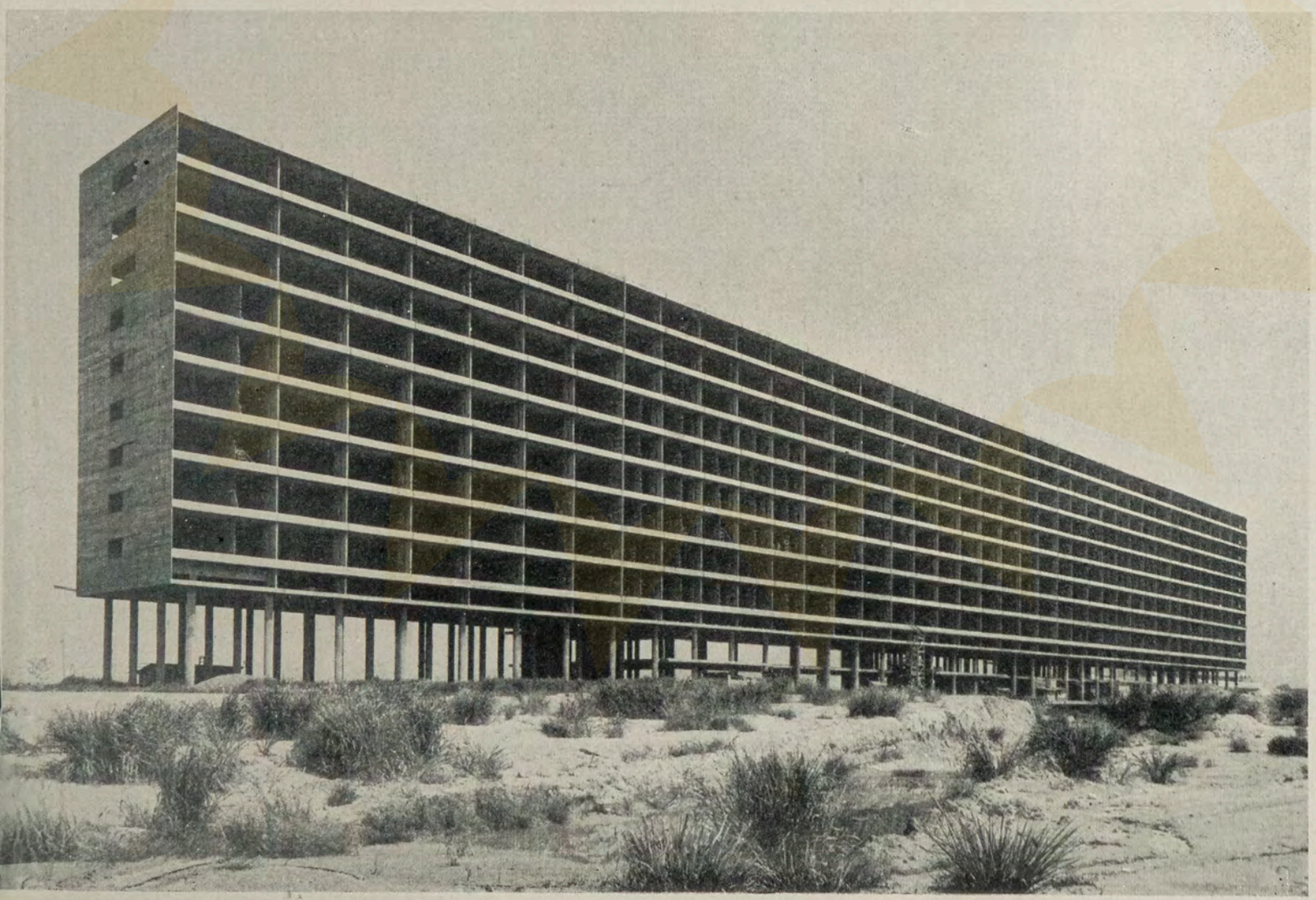
Aspecto do edifício em construção.



Perspectiva da fachada principal.



Outro aspecto da estrutura.



possuir subsolo na acepção comum dêste têrmo. É que, salvo os pequenos trechos sob as duas alas, tôda a sua área será amplamente iluminada e ventilada por meio de 'sheds' e áreas internas. Êsse subsolo que se coordena de modo preciso com todo o hospital, é atingido do exterior por duas ruas, uma para servir aos serviços gerais, e a outra ao acesso de doentes que se vão hospitalizar e dos que necessitarem dos serviços médicos de urgência.

O subsolo se divide em quatro setores. No primeiro estão situados os serviços de admissão, de pronto-socorro e mortuário. No segundo setor funcionarão os serviços de dietética, armazens centrais, e vários serviços técnicos. No terceiro setor localizam-se os arquivos e serviços auxiliares da secretaria, como mecanografia, etc. No quarto e último setor foram projetados o biotério e os serviços de manutenção do hospital.

O subsolo possue largas ruas de circulação interna e comunica-se com os demais pavimentos por meio de seis grupos de transportes verticais, num total de 32 elevadores.

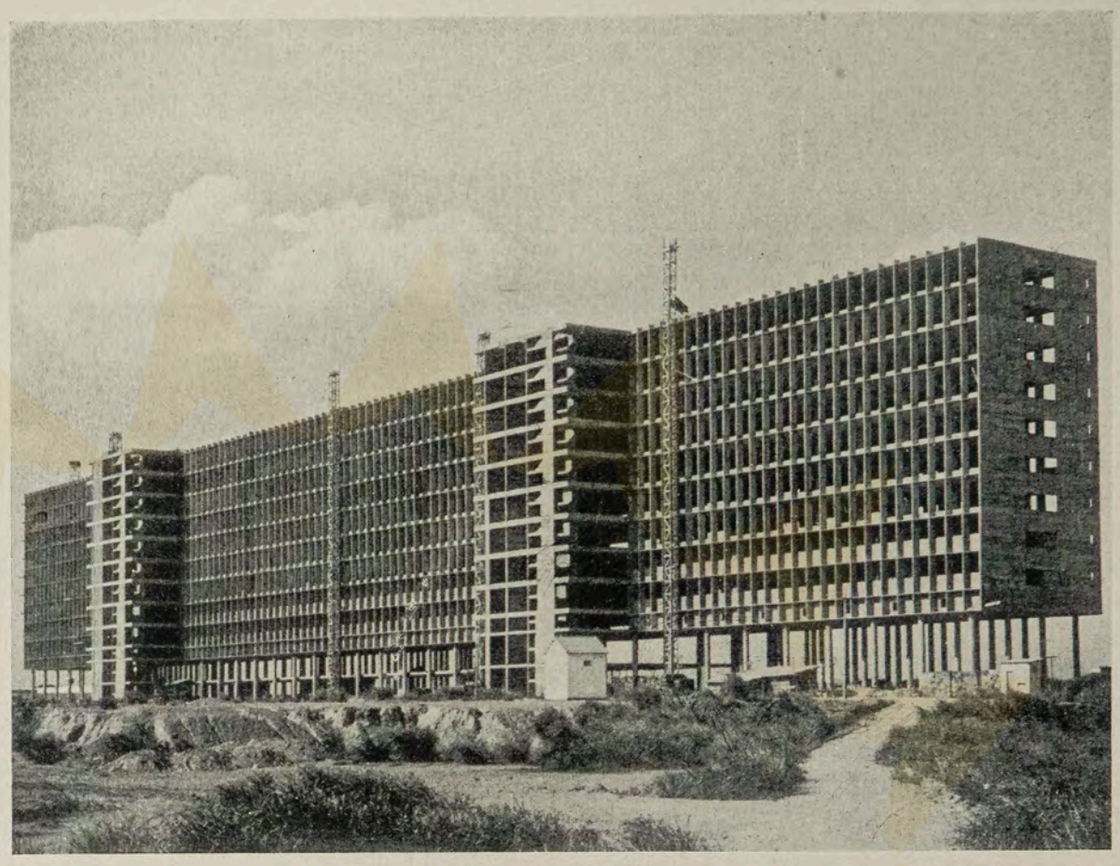
Pavimento térreo: No pavimento térreo estão as entradas principais do hospital: entrada para público e visitantes, voltada para a grande praça onde se localizarão as Faculdades de Medicina, Odontologia e Farmácia; entrada para alunos e professores e entrada de consultantes dos serviços de ambulatórios pela Avenida Trompowsky. Nas proximidas das entradas correspondentes, localizam-se as dependências de portaria, administração do edifício, guarda-volumes, lojas, etc. ligados ao movimento de público, vestiário de professores alunos, serviço de admissão dos ambulatórios, farmácia, cantina e demais instações necessárias para atender aos pacientes externos.

Sobreloja: A direção geral do hospital ocupa a parte principal da sobreloja. Os outros serviços que nela se situam são: bibliotéca, arquivo clínico, serviço médico-estatístico, auditórios, serviços centrais de intercomunicação e instalações anexas. Na parte da sobreloja que se prolonga sob as duas alas estão os vestiários de enfermeiras, técnicos e funcionários. Para os Serviços Adjuntos de Diagnóstico e Tratamento foi criado um prolongamento na sobreloja, com frente para a Avenida Trompowsky com a finalidade de garantir um fácil acesso para os doentes e perfeita comunicação com todo o hospital.

3.º *ao* 10.º *pavimentos*: Nestes oito pavimentos estão situadas as as dezesseis clínicas. Cada clínica possue serviços próprios para hospitalização, com capacidade de 104 leitos, ambulatório completo, cirurgia, ensino e administração.

11.º *e* 12.º *pavimentos*: *Êstes dois* pavimentos foram destinados à hospitalização de doentes particulares. O Hospital de Clínicas, quando em pleno funcionamento, terá a capacidade total de 2.000 leitos.

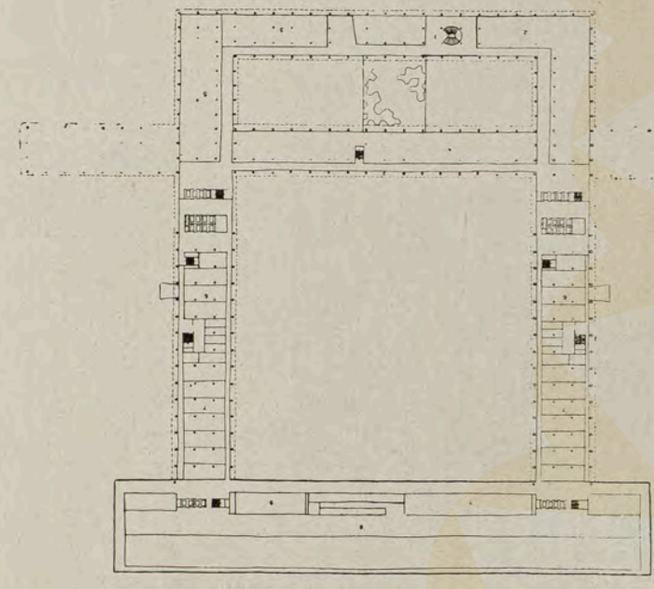
Em linhas gerais é êsse o esquema do Hospital de Clínicas, para cuja conclusão efetuam-se extensos e detalhados estudos.

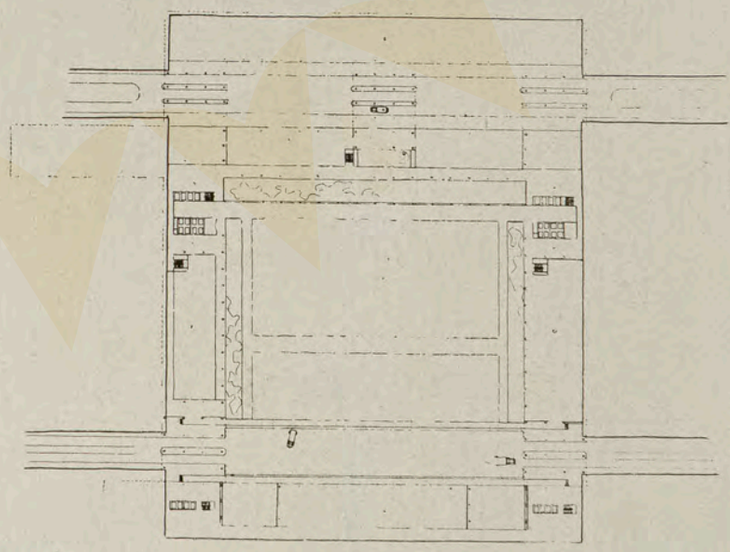


A estrutura em 1954.

Planta do 2.º pavimento.

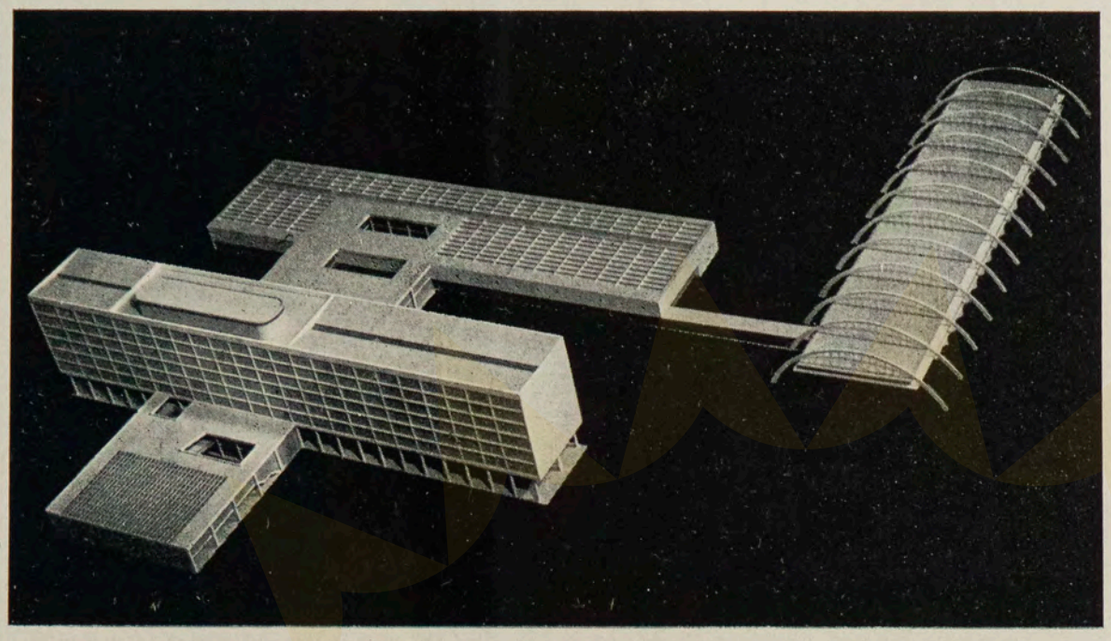
1 Hall da administração
2 Administração geral
3 Biblioteca e auditório
4 Administração de enfermagem, dietética e assistncia social.
5 Arquivo clínico e serviço médico-estatístico
6 Vestiários de funcionários
7 Vestiários de enfermeiras
8 Circulação de consultantes
9 Serviços adjuntos de diagnóstico e tratamento



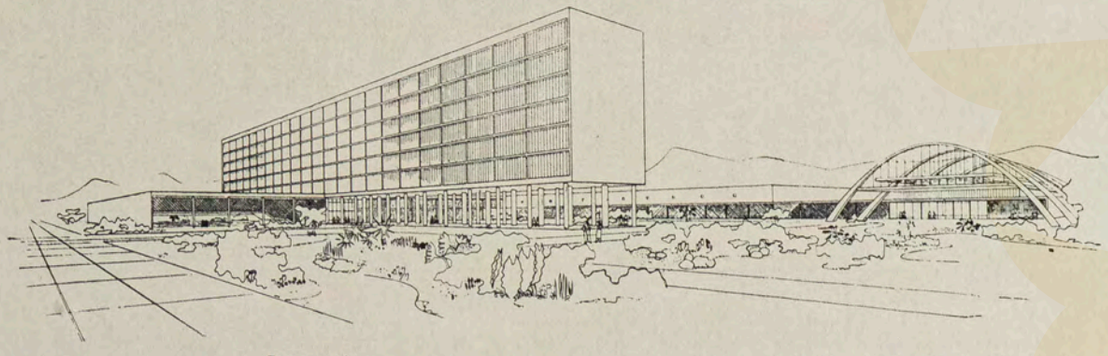


Planta do subsolo.

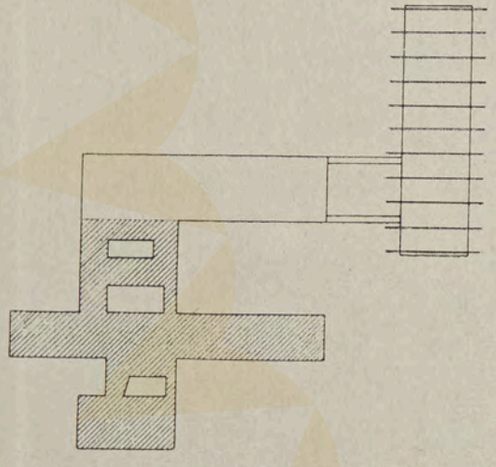
1 Hall
2 Serviço de admissão (Hospitalização)
3 Pronto-Socorro
4 Morgue
5 Arquivos e depósitos da administração
6 Hall de doentes
7 Hall de serviço
8 Hall de médicos
9 Circulação de serviço
10 Serviço de dietética
11 Armazéns centrais
12 Serviços
13 Vestiários de subalternos
14 Serviços centrais
15 Rua de acesso de doentes
16 Rua de serviço

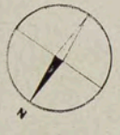


Vista geral da maquete.

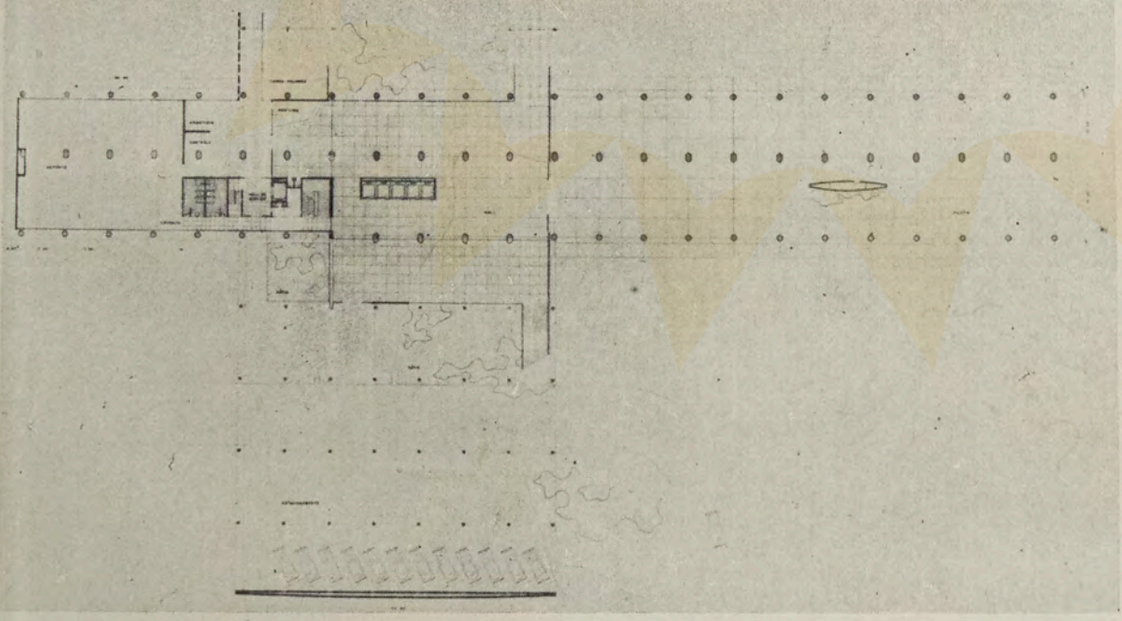


Perspectiva.





Planta do 1.º pavimento; Hall, portaria, estacionamento, pilotis.



Faculdade Nacional de Arquitetura

A Faculdade Nacional de Arquitetura, com capacidade para 900 alunos, está localizada entre o Centro de Engenharia e o de Belas Artes. Compreenderá quatro blocos ligados entre si:

A Bloco principal
B Biblioteca
C Administração
D Aulas práticas especiais

O bloco principal, cuja obra já está muito adiantada, tem oito pavimentos e os demais apenas dois: térreo e sobreloja.

No pavimento térreo ficarão localizados:

Bloco A: pilotis, grande hall de entrada, arquivo, portaria.

Bloco B: estacionamento coberto para bicicletas e automóveis.

Bloco C: dependências da portaria, cafeteria e parte de estar e jogos do diretório acadêmico.

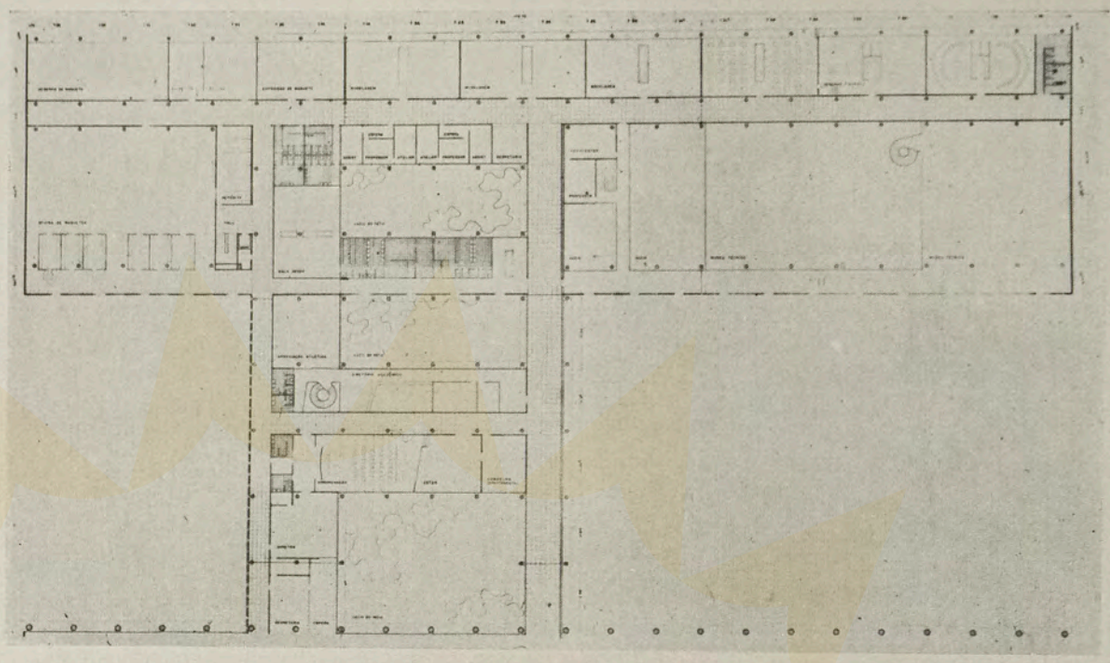
Bloco D: entrada de funcionários subalternos com serviço de ponto, contrôle, instalações sanitárias e vestiários; oficinas necessárias ao ensino (carpintaria, serralheria e fundição); vestiários e chuveiros para professores e alunos; instalações das cadeiras de Materiais de Construção e Mecânica dos Solos, Física Aplicada, Higiene das Habitações e Saneamento das Cidades, compreendendo salas de aula, laboratórios, dependência dos professores e secretaria para atender às necessidades dessas cadeiras; Museu Técnico e Mostruários; sala de aula ou pequeno auditório para 300 pessoas com acesso independente e ligado ao Museu de Arquitetura Comparada.

Na sobreloja ficarão localizados:

Bloco A: Secretaria com os serviços auxiliares, salas de cópias heliográficas, mecanografia, laboratório fotográfico, publicidade, etc.

Bloco B: Biblioteca.

Planta do 2.º pavimento; Museu técnico, oficina de Maquete, modelagem, diretório acadêmico.



Bloco C: Parte administrativa da Escola composta das salas do Secretário, Diretor, Congregação, Conselho Departamental, Estar dos Professores e dependências administrativas do Diretório.

Bloco D: Instalações das Cadeiras de Desenho Figurado e de Modelagem com oficinas de Maquetes; dependências dos professores e secretaria para atender às necessidades dessas cadeiras; sobreloja do Museu Técnico e Mostruários; vestiários e chuveiros de professoras, alunas e funcionárias graduadas.

Os demais pavimentos do bloco principal são destinados exclusivamente ao ensino. A Faculdade comportará 900 alunos distribuidos em cinco anos, sendo que a cada ano corresponderá um pavimento no bloco principal. A lotação de 180 alunos por ano ficará dividida em 4 turmas para as cadeiras teóricas e em 8 para as cadeiras práticas.

Cada pavimento compreenderá:

Uma secretaria servindo a todos os professores que lecionam matérias no ano considerado, tendo como suas atribuições o serviço de contrôle dos alunos, fornecimento do material escolar, distribuição de horários e apostilhas, divulgação de notas de prova, cooperando ainda, com a secretaria geral, na parte administrativa da Faculdade.

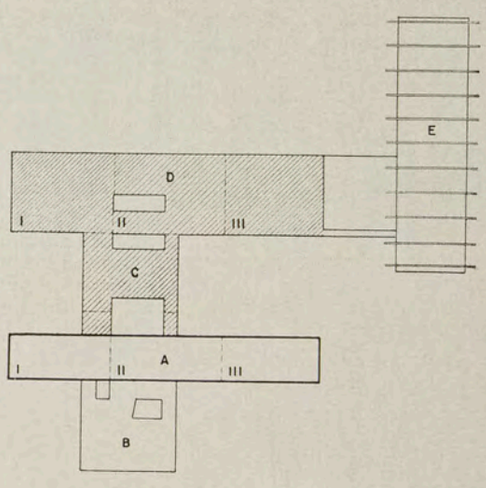
Instalações dos professores, constituidas de sala de espera, sala do professor catedrático, dos assistentes, de reuniões, de depósitos de provas e escaninhos.

Salas para o ensino teórico, prático-teórico e prático.

Salas de trabalho dos alunos com capacidade para 8 a 11 alunos.

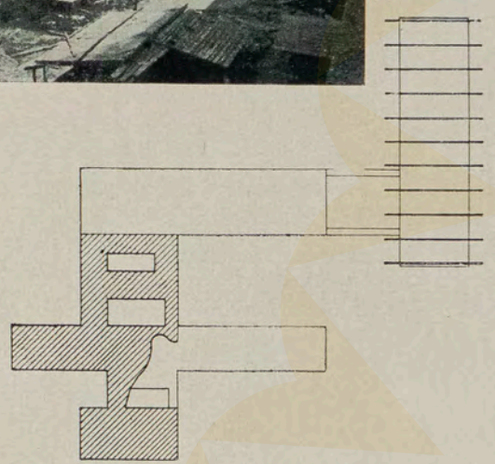
Instalações sanitárias para professôres, professôras, alunos, alunas e serventes.

O último pavimento do bloco principal será destinado para os concursos de grau máximo. O critério adotado no projeto da Faculdade Nacional de Arquitetura, foi de dar ao aluno uma ampla possibilidade de trabalho prático. Êle terá, juntamente com 7 ou 10 colegas uma sala para realizar todos os seus trabalhos, como se fôsse um estúdio ou escritório. Além da mesa de desenho, com possibilidade de substituir a prancheta, terá um escaninho e gavetas privativas para guardar roupas e material. Com o critério seguido, o aluno quando tiver que assistir uma aula teórica ou prática-teórica interromperá apenas o seu trabalho no "cubículo" para voltar a êle assim que a aula tenha terminado. Sua prancheta terá sempre um trabalho em andamento, e êle poderá adiantar e desenvolver em todo o tempo que tiver disponível. O trabalho em conjunto com outros colegas será útil e necessário, porquanto habituará o aluno ao espírito de equipe indispensável à formação atual da profissão.

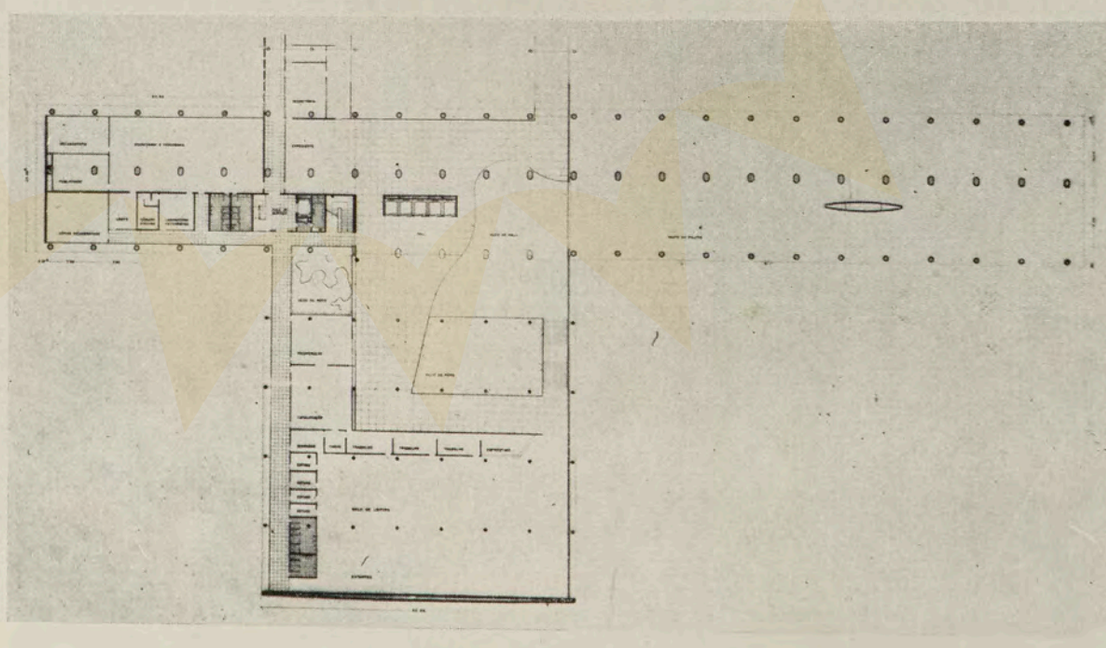


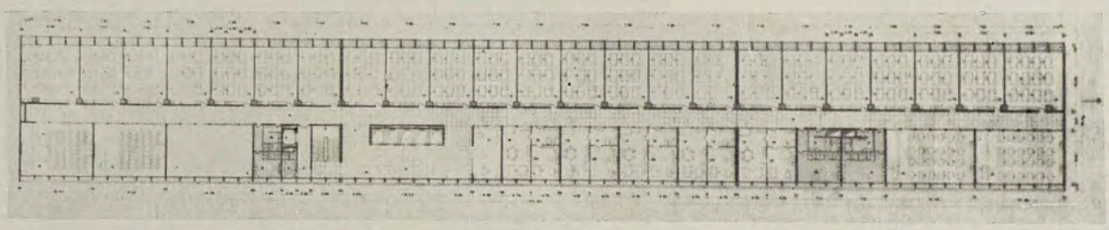
Começo da construção.



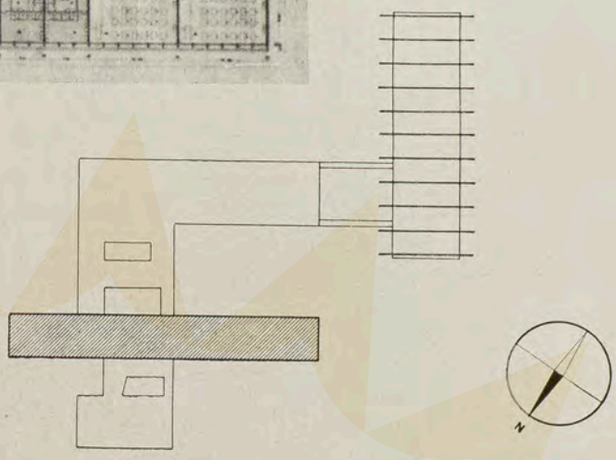


Planta do 2.º pavimento; vazios do Hall e dos pilotis, secretaria, biblioteca, laboratório fotográfico.

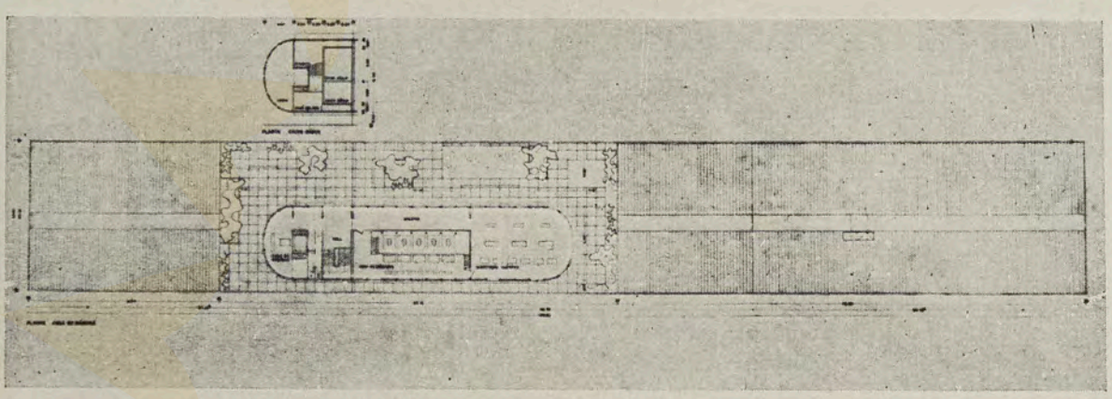




Planta do 3.º ao 7.º pavimento; serviços gerais; salas de trabalho, de ensino prático e teórico, secretaria, sala de reuniões de assistentes, salas dos catedráticos.

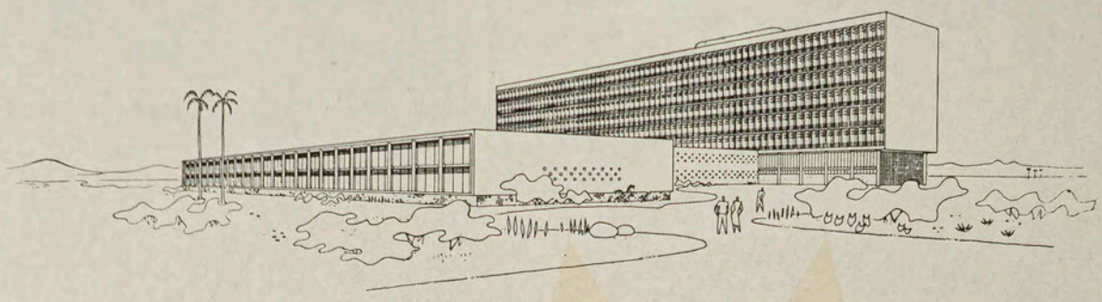


Planta da cobertura.

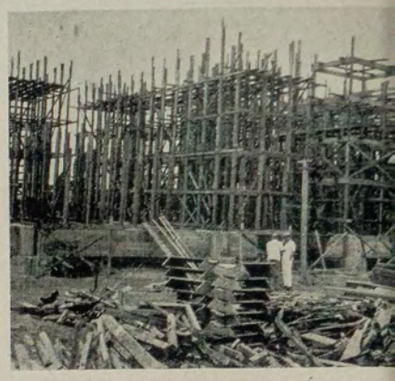


Vista do edifício em construção.

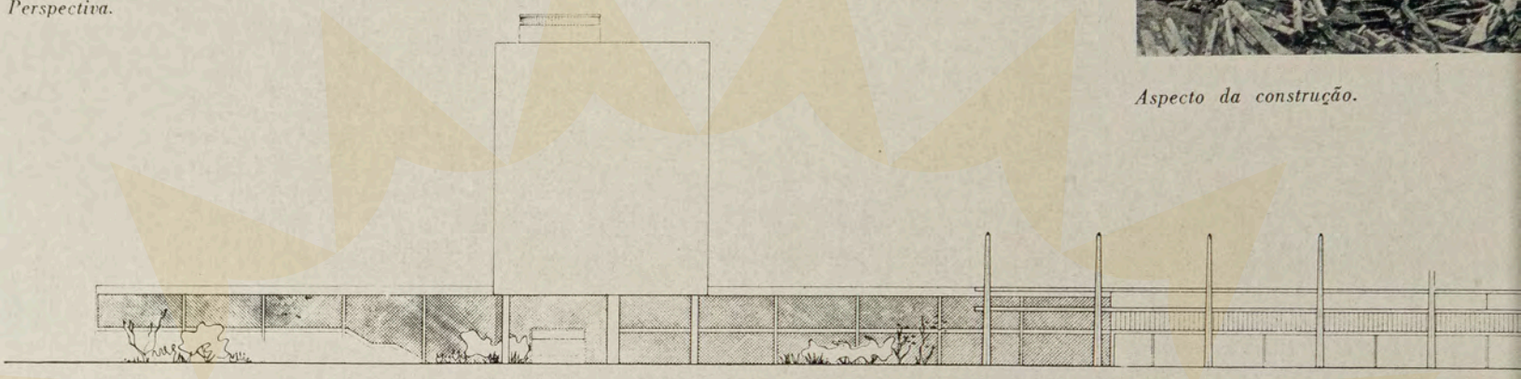




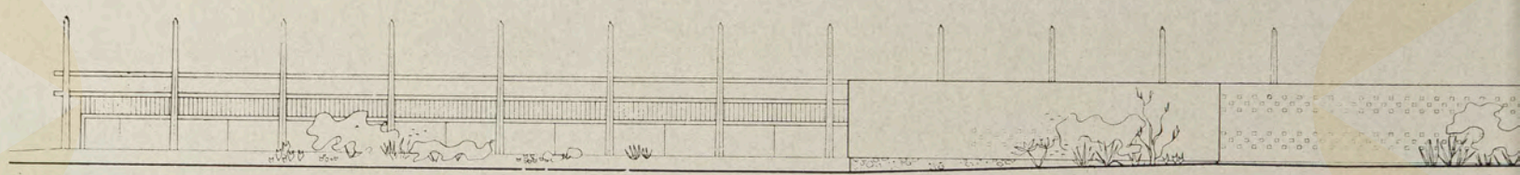
Perspectiva.

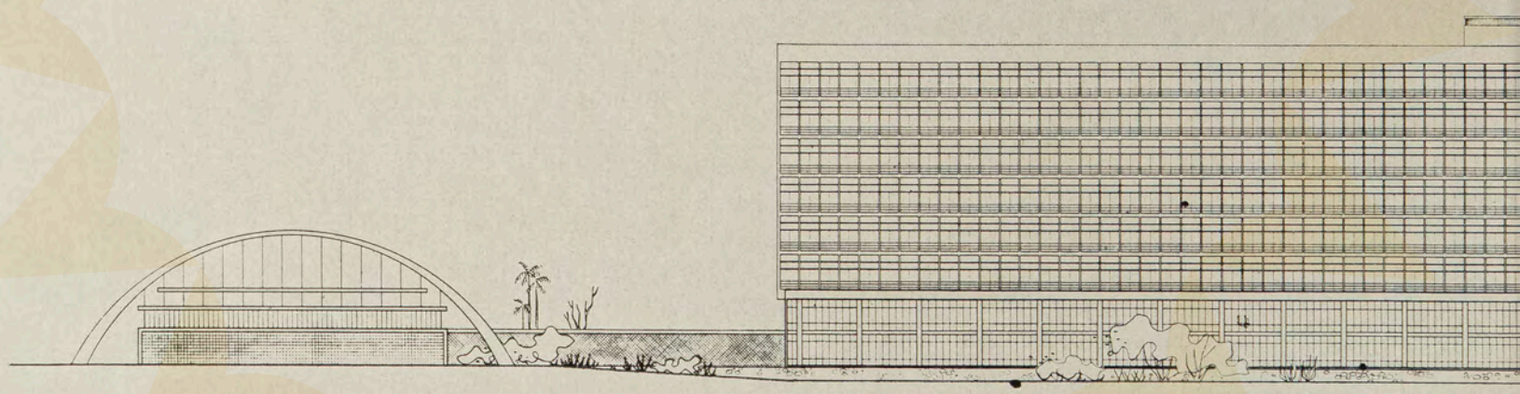


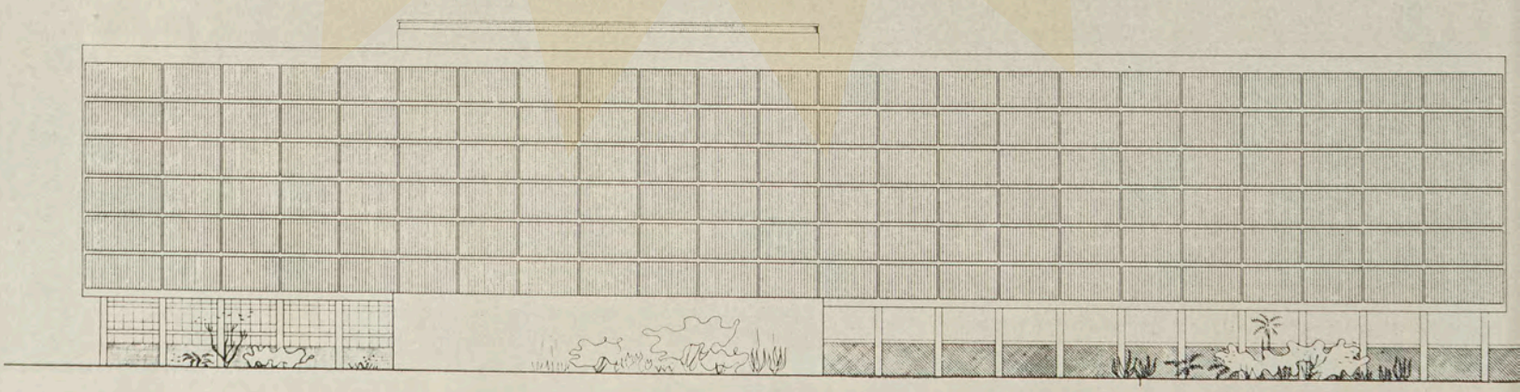
Aspecto da construção.



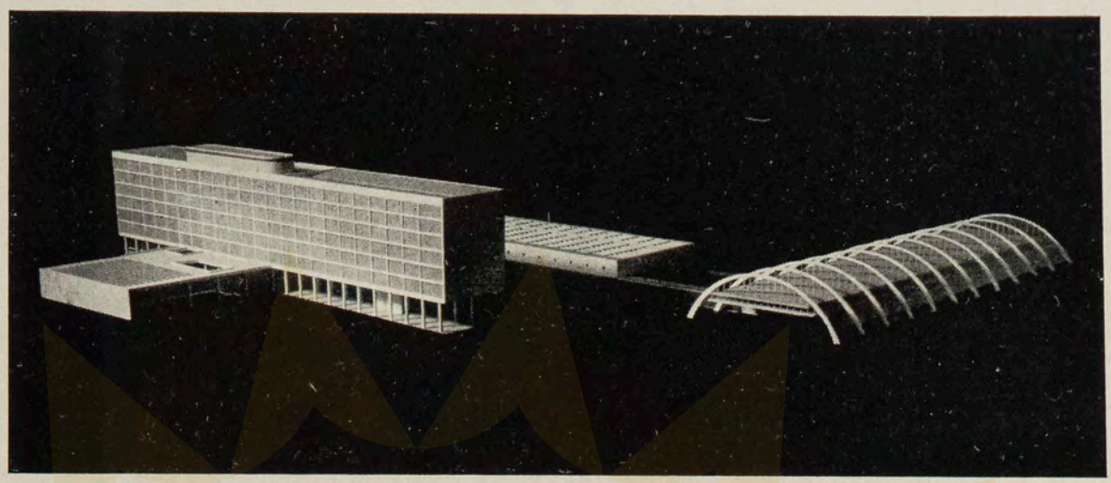
Fachadas: O-SO, E-NE, E-SE, N-NO.

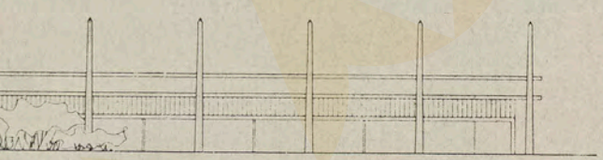


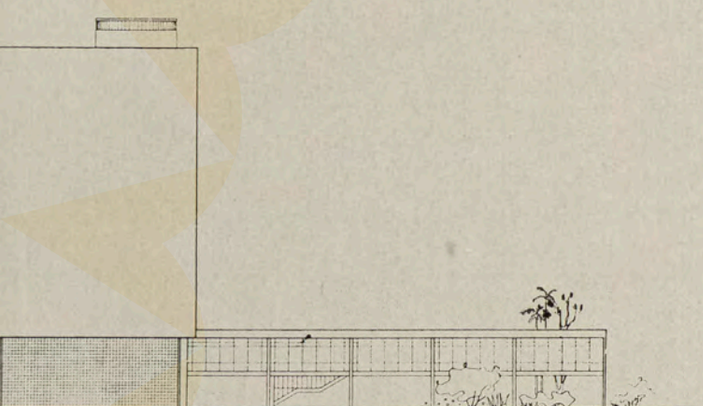


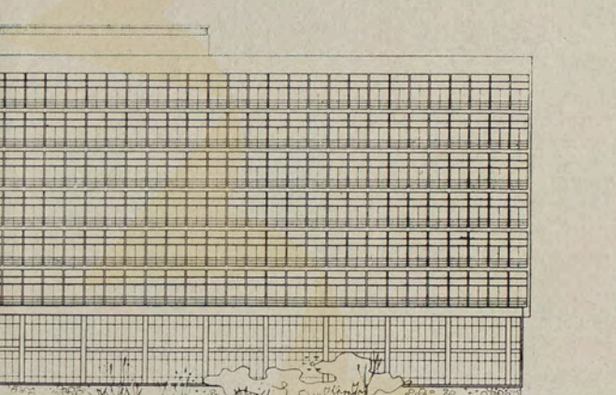


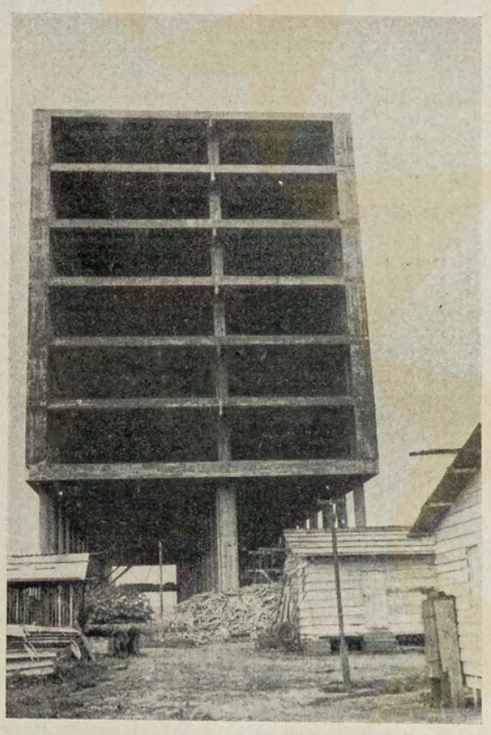
Escola Nacional de Arquitetura, vista da maquete.



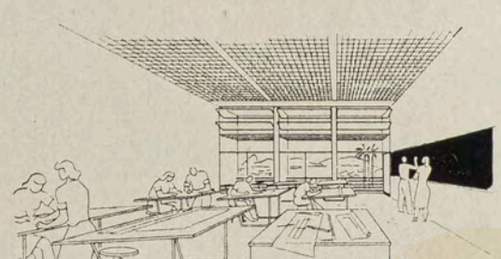






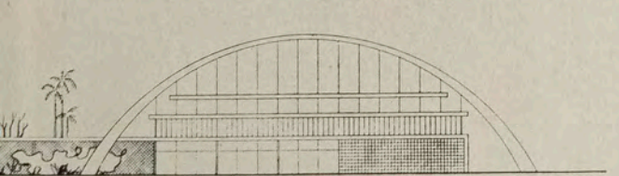


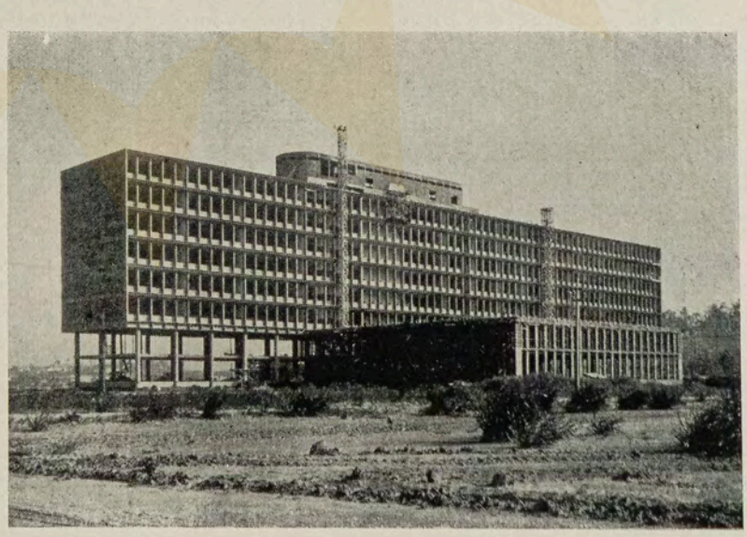
Detalhe da estrutura.

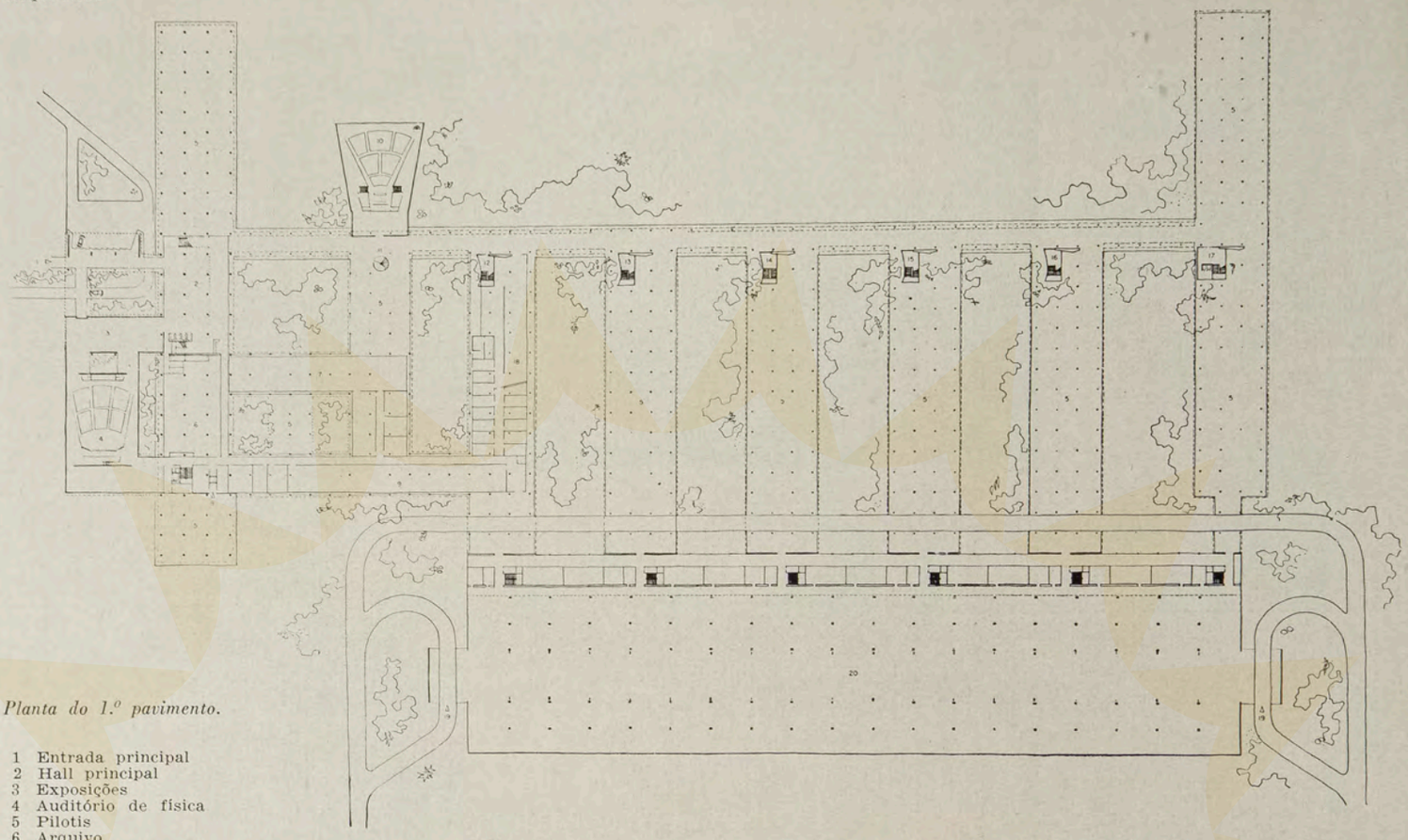


Perspectiva da sala do trabalho dos alunos.

A obra em 1954.







Planta do 1.º pavimento.

1 Entrada principal
2 Hall principal
3 Exposições
4 Auditório de física
5 Pilotis
6 Arquivo
7 Restaurante
8 Entrada de serviço
9 Almoxarifado
10 Auditório
11 Acesso à biblioteca
12 Hall do departamento de ciências naturais
13 Hall do departamento de mecânica
14 Hall do departamento de engenharia mecânica
15 Hall do departamento de minas e metalurgia
16 Hall do departamento de topografia e geodesia
17 Hall dos departamentos de engenharia civil e ciências econômicas
18 Diretório acadêmico
19 Entrada de material pesado
20 Oficinas

Escola Nacional de Engenharia

O ensino de engenharia, sob suas múltiplas especialidades, cada vez mais subdivididas em consequência do progresso industrial, exige amplas instalações para laboratórios, leves e pesados, além de grandes áreas disponíveis onde se possam erguer usinas-pilôto.

No setor respectivo, medindo pouco mais de 700.000 metros quadrados, estão em andamento as obras de construção do novo conjunto destinado a essa tradicional Escola. Nêsse mesmo setor ficarão, também, a Escola Nacional de Química e os Institutos Eletrotécnico, de Física Nuclear e de Tecnologia.

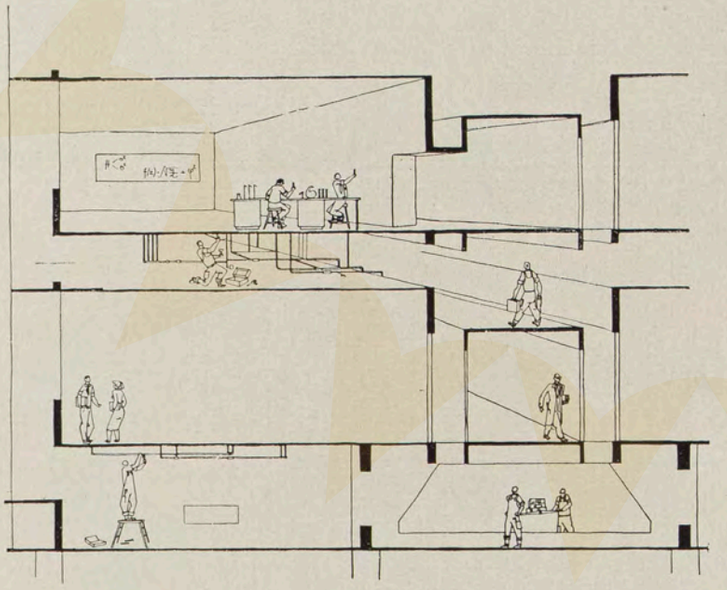
O projeto em execução foi examinado e aprovado preliminarmente, pelo Conselho Departamental e, depois, pela Comissão Supervisora do Planejamento e Execução da Cidade Universitária. Estudos complementares, relativos a cada Departamento e respectivas disciplinas, prosseguem sob a orientação dos seus catedráticos.

O edifício é formado por oito blocos interligados:

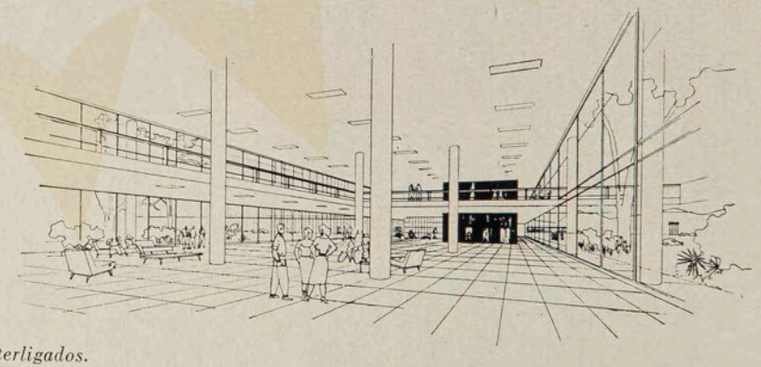
Bloco A: com seis pavimentos e área bruta de 31.777 metros quadrados, destinados à entrada principal, projetada em conjunto com sala de exposições e auditório de física, Departamentos de Matemática, Desenho, Física e Química, bem como pilotis, portaria, serviços gerais, secretaria e tesouraria.

Bloco B: dotado de dois pavimentos e área construída de 10.098 metros quadrados, abrange, no térreo a Cafeteria e suas dependências e um auditório para 500 pessoas; no segundo pavimento, os gabinetes do Diretor e Vice-Diretor, o Conselho, a Congregação, salas de estar para os Professores, Assistentes, Bibliotecas e sala de leitura.

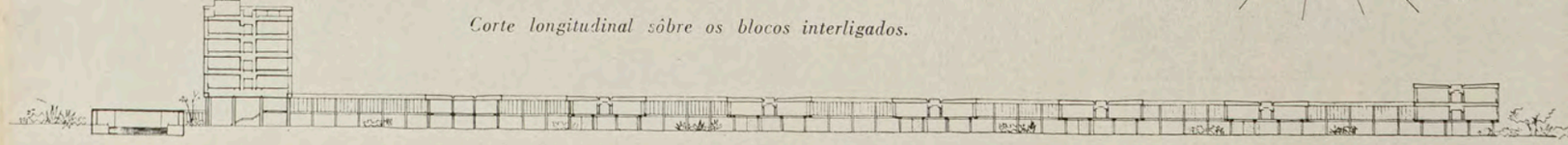
Corte ilustrativo mostrando o entrepiso geral e o entrepiso tipo.

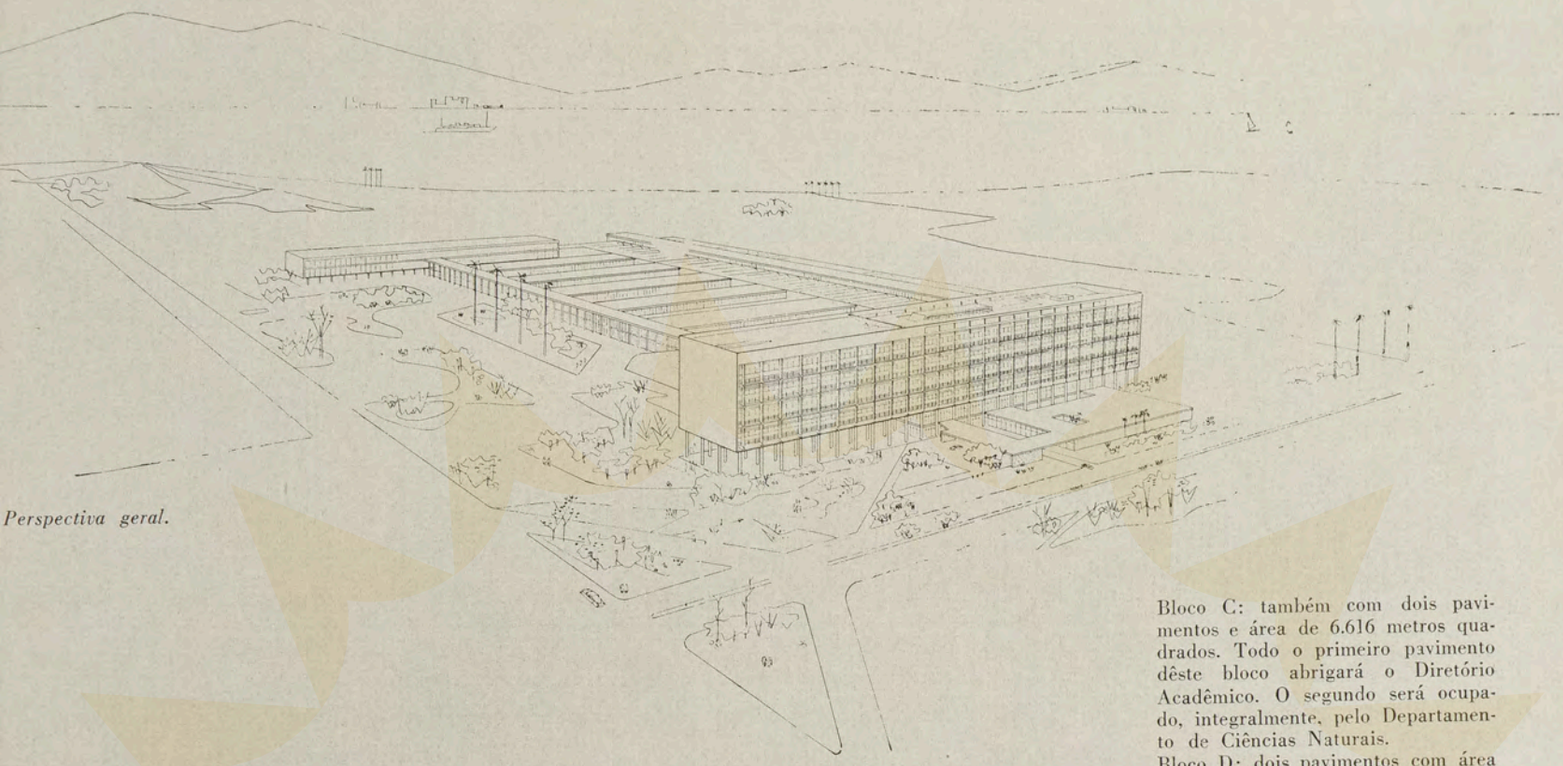


Perspectiva. Hall principal.

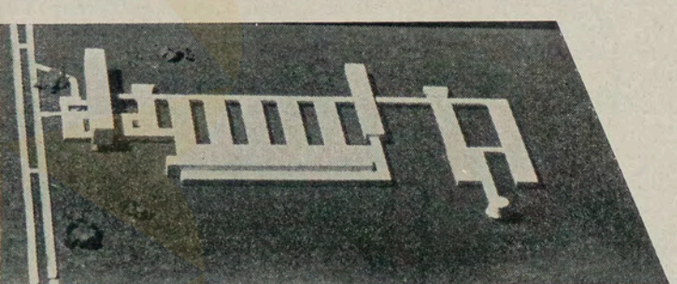


Corte longitudinal sôbre os blocos interligados.





Perspectiva geral.



Vista da maquete.

Bloco C: também com dois pavimentos e área de 6.616 metros quadrados. Todo o primeiro pavimento dêste bloco abrigará o Diretório Acadêmico. O segundo será ocupado, integralmente, pelo Departamento de Ciências Naturais.

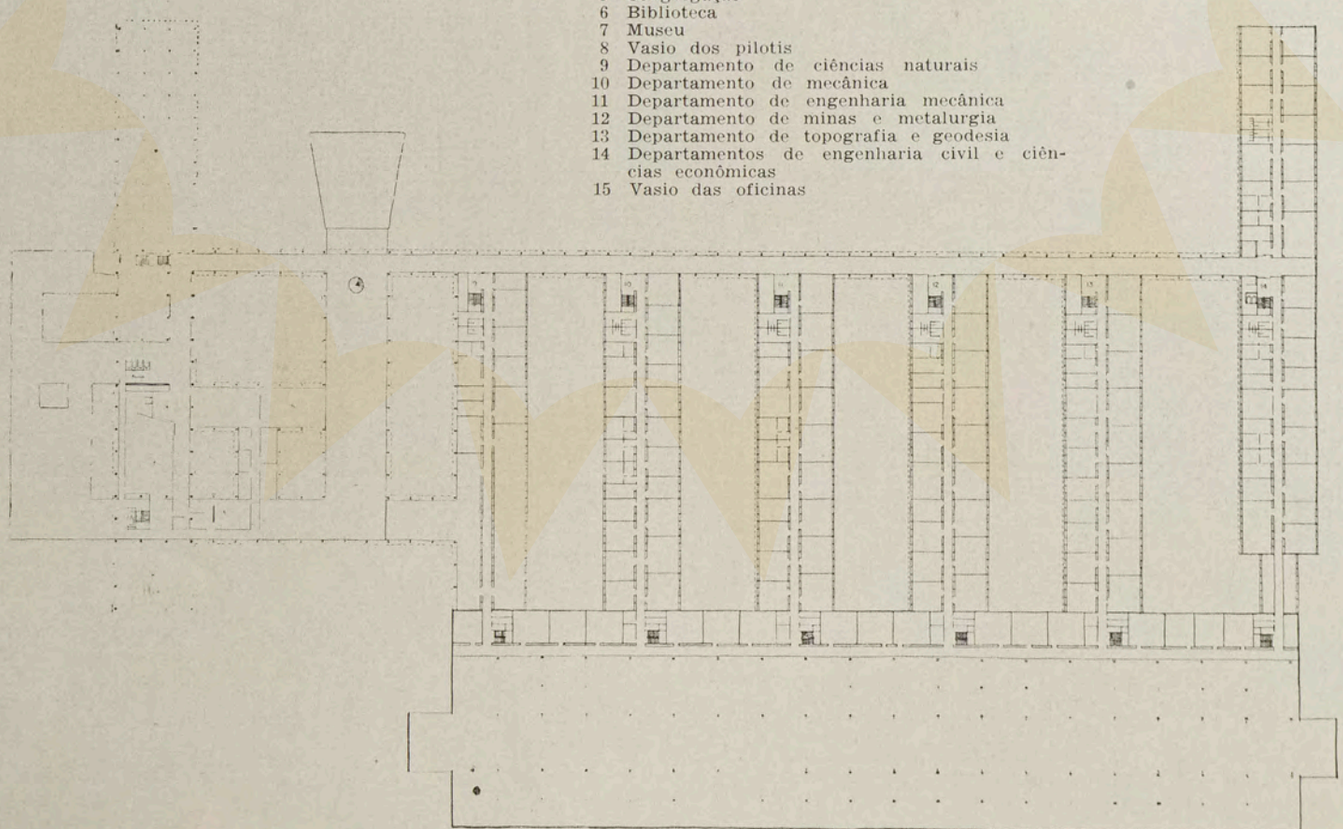
Bloco D: dois pavimentos com área total de 6.620 metros quadrados. O pavimento térreo constitui simples área de recreio e estacionamento em pilotis. O pavimento superior destina-se ao Departamento de Mecânica.

Bloco E: igual ao Bloco D. Pavimento térreo em pilotis, para alunos; pavimento superior ocupado pelo Departamento de Engenharia Mecânica.

Bloco F: igual aos dois anteriores. O pavimento inferior em pilotis e o superior reservado para o Departamento de Minas e Metalurgia.

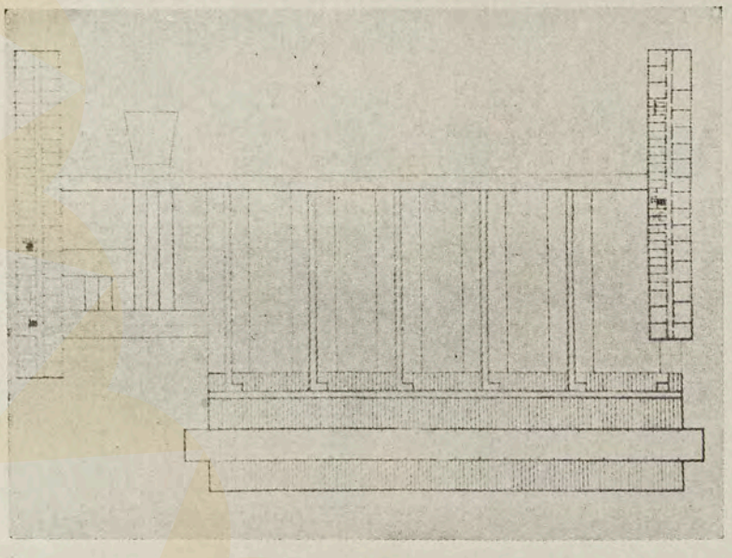
Planta do 2.º pavimento.

1 Hall principal
2 Secretaria
3 Diretor
4 Professores
5 Congregação
6 Biblioteca
7 Museu
8 Vasio dos pilotis
9 Departamento de ciências naturais
10 Departamento de mecânica
11 Departamento de engenharia mecânica
12 Departamento de minas e metalurgia
13 Departamento de topografia e geodesia
14 Departamentos de engenharia civil e ciências econômicas
15 Vasio das oficinas



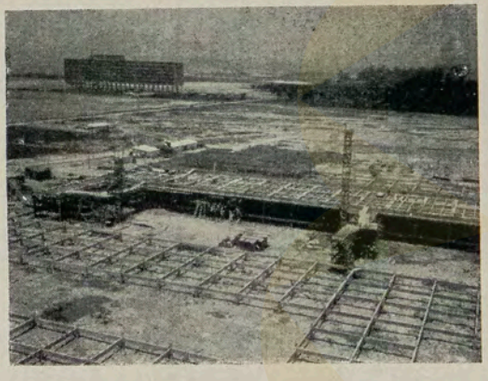


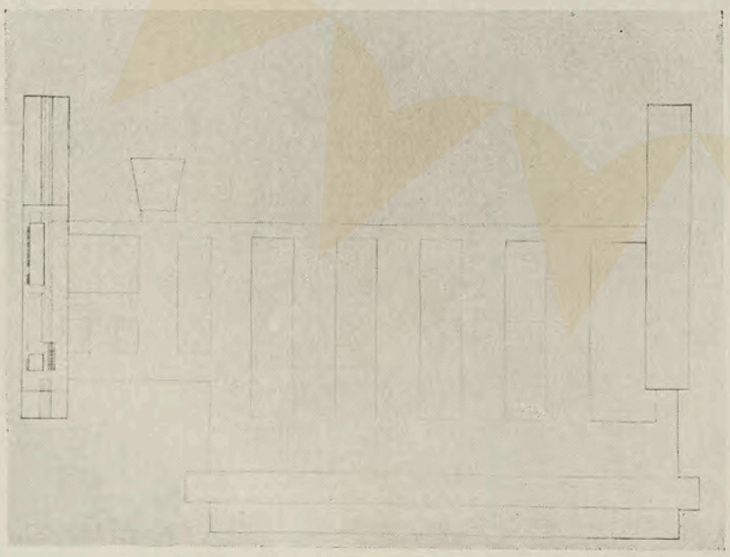
A construção.



Planta do 3.º pavimento.

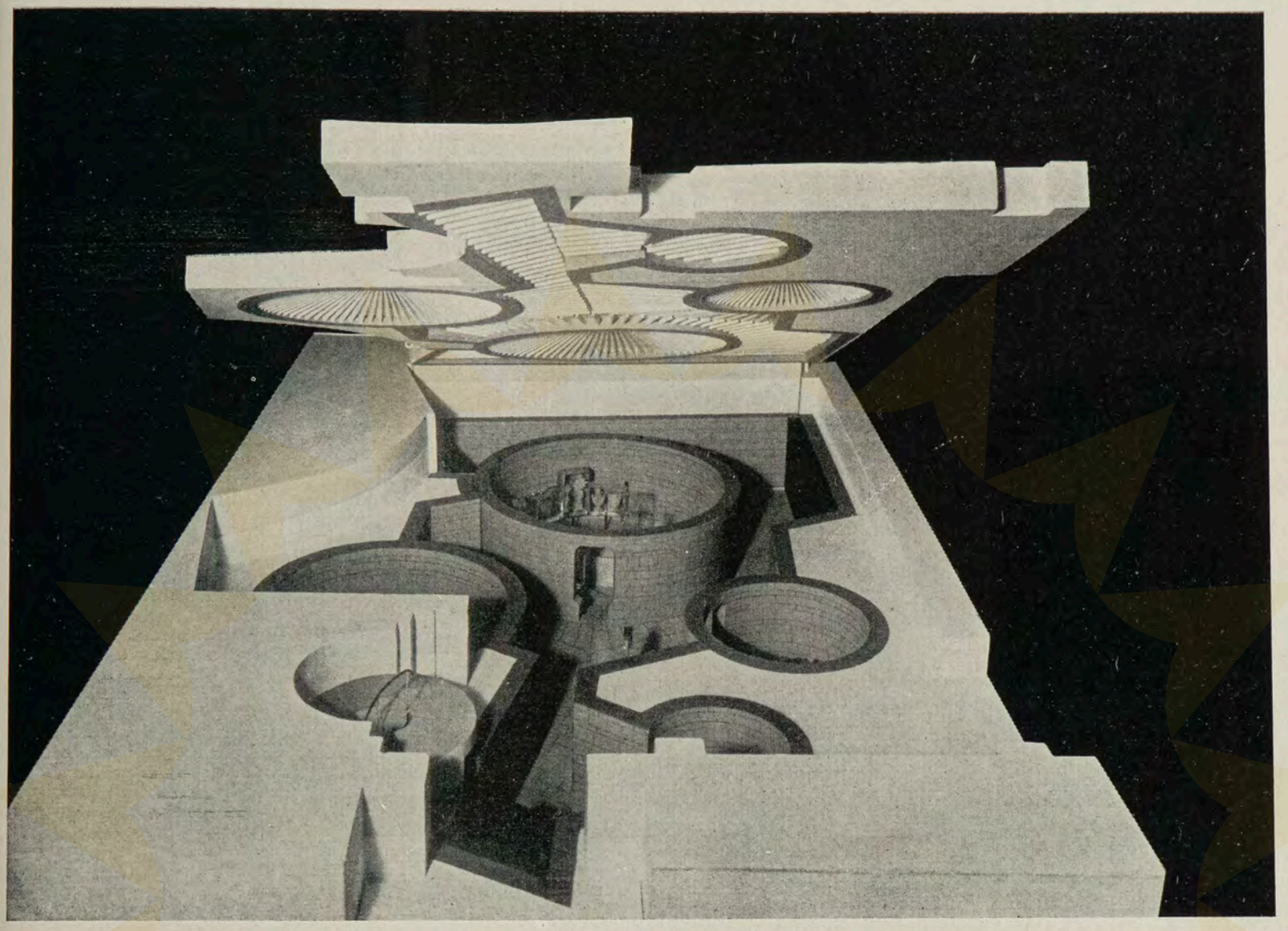
1 Hall principal
2 Departamento de desenho
3 Departamento de matemática
4 Departamento de engenharia civil
5 Ponte rolante





Planta da cobertura.

Bloco G: como os anteriores. Recreio e estacionamento em pilotis no pavimento térreo e o Departamento de Topografia e Geodésia localizado no segundo pavimento.
Bloco H: em três pavimentos semelhantes aos pavimentos homólogos do Bloco A. Primeiro pavimento em pilotis como os demais. No segundo e terceiro ficarão os Departamentos de Engenharia Civil e Ciências Econômicas. A área dêsse Bloco é de 15.098 metros quadrados.
Bloco I: será êste Bloco de tipo especial, com pé direito duplo, sobreloja parcial e cobertura em sheds para iluminação zenital. Destina-se êle às oficinas e laboratórios pesados dos Departamentos de Mecânica, Engenharia Civil, Minas e Metalurgia, Química e Engenharia Mecânica. A sua área, passível de crescimento por múltiplos inteiros de seus módulos longitudinal e transversal, deverá medir, de início, 27.372 metros quadrados.
A superfície total da Escola será, pois de 115.439 metros quadrados, dos quais, cêrca de 23.226 metros quadrados correspondem aos pilotis, de baixo custo e de grande utilidade para o confôrto dos estudantes.



Arquiteto Franco Albini, Museu do Tesouro de São Lourenço em Genova; duas vistas da maquete.

A arquitetura dos Museus e os Museus na Urbanística Moderna

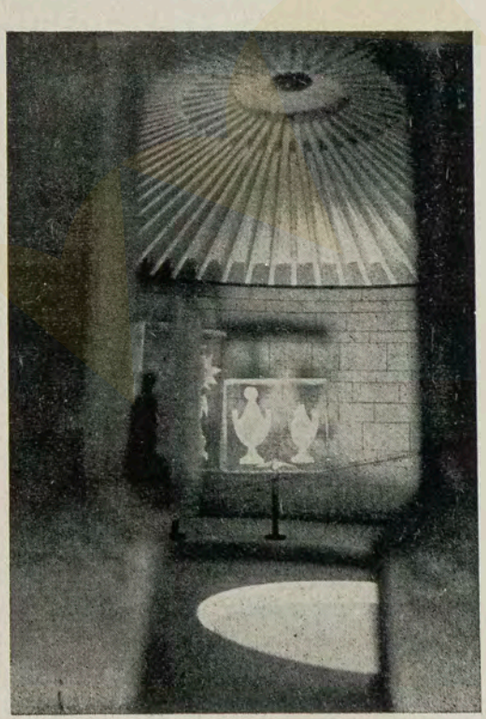
Problema importantíssimo para a cultura, o problema do museu tem sido motivo de discussões e de sérias pesquisas. Há pouco tempo, no congresso da "Icom" em Gênova, reuniram-se tôdas as celebridades mais versadas no assunto. Entre elas, o arquiteto Franco Albini do qual publicamos a interessante conferência e a relação de Museus por êle analisados o que para nós é duplamente interessante, pois entre tantos outros cita também o Museu de Arte de São Paulo. Interessou-se pelos museus italianos, europeus e americanos, que foram por êle observados atenciosamente. (1)

As grandes coleções de arte da era helenística, as de Roma no fim da república e do império, as da Renascença, com os "gabinetes" e "guarda-roupas" de famílias principescas e os "Museus da Opera" das Catedrais, continham a semente do futuro museu de arte.

A instituição dos museus, no sentido moderno de patrimônio publico, nasceu das revoluções e das mudanças sociais. Surgidas como expressão de potência política, de luxo e de apurada cultura, as coleções principescas e eclesiásticas tornaram-se populares.

De fato, os museus franceses foram criados depois da revolução francêsa, com a nacionalização das obras de arte, de propriedade da Coroa. A êstes seguiram, no fim do século XVIII até à metade do século XIX, os mais importantes museus públicos da Europa, formados com a aquisição de obras das coleções de famílias decaídas, especialmente italianas, e de obras-primas saídas das excavações da Itália e da Grécia. A supressão das ordens religiosas dispersou insignes coleções que se haviam constituído nos conventos, mas, ao mesmo tempo, fez surgir em muitos lugares, como Itália, França e outros, numerosas e ricas coleções locais. No mesmo período, o aparecimento dos museus de história natural, também surgidos em seguida às transformações dos "gabinetes" particulares, coincidiu com o notável desenvolvimento dos estudos de história natural. As coleções particulares devidas aos exploradores, aos missionários, aos grandes viajantes, deram lugar aos museus etnográficos e geográficos, para cujo desenvolvimento muito contribuiu o crescente interêsse às expedições geográficas e científicas. É, portanto, no período que assinala o início do progresso social que se firmou o valor social dos museus: os documentos científicos, históricos, as obras de arte, tornaram-se acessíveis a todos e seu potencial educativo e o aproveitamento dos seus valores espirituais, tornaram-se um "bem" coletivo.

A função dos primeiros museus ficou, todavia, limitada a recolher o maior número possível de cópias de material e a conservá-lo para finali-



dades de estudo e para a curiosidade do público. Em geral, cada museu expunha tudo quanto possuia, não havendo na época, uma orientação mais acertada.

O interêsse do conservador era dirigido exclusivamente para os objetos guardados e para o trabalho científico dentro do museu, ficando o público em plano secundário.

Antigos palácios foram adaptados, e novos edifícios foram construidos, mas, o simples fato de colecionar e de guardar, não suscitou problemas de ambientação, e a arquitetura não estava nem em função das obras expostas, nem do visitante, mas, sim, em função de si própria.

A evolução da crítica, afirmando o conceito de arte pura, dotou de um novo sentido os museus. A obra de arte, separada do ambiente ao qual estava ligada, perdida a sua destinação prática, foi adquirindo uma essencial autonomia de obra de arte, tornando-se fonte de gozo espiritual, através da contemplação. E os museus públicos deram a todos essa possibilidade. A obra de arte adquiriu, assim, um valor social potencialmente mais amplo.

Surgiu, nesse momento, uma nova finalidade do museu: favorecer a contemplação por parte do público, à obra de arte nos seus valores essencialmente estéticos. E essa nova função encontrou a sua expressão arquitetônica na ambientação. O conceito de ambientar a obra de arte com elementos que se refaziam ao gôsto contemporâneo da propria obra, é documento interessante da cultura eclética da época. A arquitetura procurava relações com as obras expostas, mas, não ainda com o visitante; não procurava aproximá-lo a obra de arte através de uma linguagem coerente com a sua sensibilidade, interpretando a sua essência de homem moderno.

No ordenamento, como na arquitetura, a educação da coletividade não foi um problema de primeiro plano. Os museus não tiveram influência sôbre o grande público e permaneceram como sendo a expressão de uma cultura de "elite". O mais amplo valor social da obra de arte ficou, como já se mencionou, no estado potencial, como conquista de um princípio, sem encontrar possibilidade de aplicação e de desenvolvimento.

A guerra criou, especialmente na Europa, condições excepcionais para a renovação dos museus; novas experiências museugráficas tiveram a possibilidade de serem realizadas, e uma viva renovação de conceitos, de métodos e de formas, pode-se notar agora neste particular campo de estudos. A análise de alguns museus, (particularmente os europeus e italianos) desenvolvida no apendix anexo a esta conferência, esclarece as suas características. Logo após a guerra, o conceito de ordenamento ou planejamento se fixou e se enriqueceu. Diferenciaram-se os carateres específicos dos museus, conforme os tipos das coleções e a cultura dos vários países. Os museus de arte mantiveram a tarefa preponderante de valorizar as obras-primas e conservaram um caráter mais áulico; enquanto os museus científicos, técnicos, etc., têm acentuado a função educativa e adquirido um caráter mais elástico e didático.

Em geral, os museus europeus, devido à sua antiga instituição e porque hospedam em monumentos históricos, coleções de arte antiga, documentos importantes para a história da cultura artística, conservam um caráter humanistico; enquanto os museus americanos (ou também os norte-europeus) têm, prevalentemente, um caráter de divulgação, adatado ao grande público que nesses países frequenta os museus.

No atual período, o ordenamento conforme os princípios científicos e críticos, esclarece as funções específicas de cada museu e determina o tema da arquitetura. Articulam-se, antes de tudo, as funções naturais de recolher, no sentido também de enriquecer, as coleções, de conservá-las, de acôrdo com os critérios científicos, em relação ao estado físico das obras, e de oferecer aos especialistas, material de estudo críticamente classificado; exalta-se a função de criar as condições de ambiente adequadas ao máximo aproveitamento das obras (ou dos objetos de estudo, sendo o problema análogo para museus de arte, de ciência ou de técnica). Afirma-se, também, a função educativa do museu e a necessidade da sua introdução na vida moderna; a atenção do diretor técnico ou ordenador estende-se às obras guardadas ao público; a arquitetura faz-se medianeira entre os dois.

Em alguns países, como a Suécia, a necessidade do fim educativo foi sentida antes que em outros lugares, e quase todos os estudos museugráficos, vêm sendo, há muito tempo, orientados nesse sentido; como exemplo, o museu de Linköping de 1939 é um ótimo protótipo daqueles organismos, com multiplas funções.

No quadro cultural do após guerra, a finalidade do museu é a de fazer compreender ao visitante, que as obras que êle admira, antigas e modernas, pertencem à sua cultura, à atualidade da sua vida; que a tradição é um fenômeno vivo, que se renova, que continua no presente graças aos artistas modernos criadores de tradições; que os problemas de coerência entre arte e sociedade continuam em cada época e que a arte é a expressão de uma civilização harmônica, seja em ato ou em potência. E assim a arquitetura procura "ambientar o público", se assim pode-se dizer, invés de ambientar a obra de arte.

A arquitetura cria em tôrno do visitante, uma atmosfera moderna, e justamente por isso entra diretamente em relação com a sua sensibilidade, com a sua cultura, com a sua mentalidade de homem moderno. Os elementos da arquitetura e da decoração, se familiares ao visitante e estilisticamente coerentes com os atuais costumes (objetos em série, por exemplo), não provocam desvio da atenção, que pode, tôda ela, dirigir-se aos valores expressivos da obra exposta. Um tal ambiente é, certamente, o mais favorecido à compreensão e à apreciação da obra de arte. A necessidade de exprimir a concepção estética da nossa época, também nêsse campo museugráfico, vem assim reafirmada também em sede funcional. A organização de coleções, através da classificação, atuada com claro rigor científico, e através da escolha das obras representativas atuada na luz de uma crítica viva e atual, adquiriu, nesses últimos tempos, primordial importância.

Enquanto os problemas do *ordenamento* estão bastante focalizados, o mesmo não se pode dizer das realizações arquitetônicas. À clareza do tema deve corresponder maior aderência da arquitetura, ao proprio tema. É necessária maior consciência das exigências científicas, críticas, técnicas e preponderantes nos problemas puramente formais. Quanto mais a obra arquitetônica, seja edifício novo, ou adaptação de antigos edifícios, respeitar e favorecer os critérios do "ordenamento" e for sensível ao espírito, tanto mais viva e autônoma será ela. E aqui também, como sempre na arquitetura, um problema moral: é um fato de consciência dos problemas por parte dos planejadores do arquiteto, e um feliz resultado proveria da "colaboração entre um diretor de museu inteiramente cônscio das proprias responsabilidades científicas e educativas (são palavras de Argan) e de um arquiteto moderno, que compreenda as possibilidades que a moderna arquitetura pode oferecer também com respeito à função cultural e social dos museus".

No momento atual, alguns aspectos salientes da arquitetura dos museus, merecem ser notados: o caráter de flexibilidade e a criação do "ambiente", o caráter de flexibilidade da arquitetura satisfaz a necessidade que tem o "ordenamento", de ser mutável, em virtude do aumento das coleções e das modificações periódicas, conexas com o material museugráfico ou de mutação, nos proprios conceitos do "ordenamento".

A arquitetura deve dar forma ao museu, como elástico instrumento de exposição, que não limite o "planejador" com dimensões "a priori" dos ambientes.

Flexibilidade, possibilidade de intercâmbio, módulo padrão elástico, determinaram tôda uma corrente de gôsto.

Em particular no campo museugráfico, o modo de conceber a vida do edificio, a mutabilidade dessa vida, o tempo de cada mutação, a graduação, do efêmero e do definitivo na arquitetura, estabelece a diferença entre "museu" e "mostra".

O "ordenamento" e a arquitetura do museu devem obedecer a uma certa, ainda que elástica, estabilidade, e exprimir uma continuidade entre as origens, o passado e os previstos futuros desenvolvimentos da função do museu, enquanto que a mostra dirigida para tarefas mais informativas e mais abertamente didáticas, que desenvolve uma dissertação sôbre um tema limitado, válido por uma duração determinada, é por sua natureza efêmera.

A arquitetura deve se tornar intercessora entre o público e a obra exposta: por isso, ela deve dar o máximo valor ao ambiente, como poderoso elemento de sugestão sôbre o visitante; deve se dirigir mais para as soluções espaciais, do que para as soluções plásticas; deve criar espaços arquitetônicos, ligados numa absoluta unidade com as obras expostas, agir através do ar e dar luz sôbre os vazios, e imprimir vibrações à atmosfera, na qual o visitante deve se achar imerso e empolgado.

As relações entre as diferentes partes nas quais se divide e articula o museu, devem ser atentamente sentidos, de maneira que a passagem de uma parte para a outra, não assinale quedas de tensão.

Essas relações podem se dar nos dois limites extremos, através da ligação de um ambiente com outro, que se fundem em um único espaço arquitetônico, procurando anular aquêles elementos que constituiram concretas separações, acentuando ao contrário, os outros elementos que marcam a continuidade entre as várias partes; ou então, através da ligação de sucessivos ambientes isolados, recolhidos, cujo efeito centrípeto, particularmente se adapta a temas museugráficos concluídos, dos quais seria necessário favorecer a valorização.

Um ponto bastante importante na procura da unidade entra a obra exposta e o espaço arquitetônico, é representado, para as galerias de pinturas, pelo discutido problema da moldura. Talvez não se possa dizer que a moldura seja necessária ou talvez inutil, mas pode-se dizer que quase sempre é oportuno um espaço intermediário entre o quadro e o ambiente, seja êsse moldura ou parede, superfície de fundo ou volume de ar fixado ao quadro, quase zona de influência do seu espaço pictório.

A sistematização arquitetônica de um museu, mesmo em se tratando de um edifício que existe, requer a obra de arquitetos altamente qualificados: frequentemente os conservadores dos museus aos quais temos reconhecido os maiores méritos na moderna renovação dos critérios museugráficos, acreditam poder dispensá-los e as exposições perdem em eficácia, em comunicabilidade, sugestão, para o público.

Os componentes do problema são vários e complexos. E' necessário que uma atenta sensibilidade controle os seus limites. Todavia, a solução arquitetônica não deve ser simplesmente de gôsto, seja êle o mais apurado, mas, deve ser realmente autêntica.

No ordenamento, uma forte tendência se dirige para a didática. É sintoma de uma difundida consciência da necessidade de criar em tôrno da obra de arte, colocada no museu como um valor em si o seu quadro histórico, e de democratizar a própria obra, colocando-a na viva cultura moderna. Para esclarecer o conceito, repetiremos algumas palavras de Jean Cassou: "No ordenamento dos museus, a obra de arte (privada pelos outros fatores, sociais, religiosos, históricos, que originalmente a constituiram, marcando sua utilização), corre o risco de uma certa abstração. Seu fim é a deleitação ou a emoção estética, como também a comparação de seus carateres essencialmente plásticos com os de outros objetos, no espírito do visitante, não seria completado, se não fôsse feita alguma alusão às circunstâncias que cercavam a sua criação. Daí a necessidade de valorizar na classificação e na apresentação das obras de arte, algumas intenções didáticas".

A função didática pode ser resolvida também para as coleções antigas, graças às exposições temporárias.

Segundo Argan, "não é possivel despir os museus italianos do seu caráter tradicional; todavia, se não houver providências por meio de atividades integrativas, isto não só impedirá aos museus

de exercitar qualquer função educativa, como também, anulará qualquer desenvolvimento museugráfico, no sentido indicado pelos estudos críticos modernos, e leverá consigo o declínio progressivo de sua função de conservação do museu, que se justifica ùnicamente pelo seu valor e pela tarefa educativa reconhecida à obra de arte. Sòmente as exposições temporárias permitem resolver o problema".

A acentuação da função educativa, com as exposições didáticas e temporárias, levam à mais vasta concepção, que está sendo formada nos últimos tempos, de "museu vivo" como organismo autônomo, com funções múltiplas e complementares, enxertados na atual vida social. Esta concepção é da maior importância nos aspectos urbanísticos do museu. Apresentam-se problemas de sua função na sociedade e, já em vários países, os museus estão se tornando, ao lado da imprensa e do rádio, um dos principais veículos de conhecimentos, adaptando-se a cada gênero de público, transformando-se num instrumento de grande difusão; há ainda a vantagem de que a linguagem visual propria da obra de arte, tem sôbre as técnicas de ordem literária e verbal, próprias da imprensa e do rádio.

O "museu vivo" pode ser concebido com duas tendências que conduzem a problemas urbanísticos diferentes. A primeira tendência, inclinada a conservar ao museu o seu caráter tradicional, aspira ligá-lo a outros organismos culturais da cidade, escolas, clubes, centros de vida, levando-o assim, a participar de um conjunto de atividades coordenadas no organismo urbanístico da cidade; a segunda tendência quer criar um museu que seja um organismo autônomo, com o maior número possível de atividades e motivos de atrações, além de manter contactos com tôdas as escolas de arte, e todos os cursos em geral.

Um museu moderno deve organizar exposições, para poder constantemente valorizar o seu patrimônio, deve organizar espectáculos, concertos, conferências, publicações de livros, documentários, reproduções fotográficas, enfim, promover tôdas as atividades artísticas, oferecendo uma séde apropriada para debates, congressos etc. Portanto, o problema urbanístico dos museus não é simplesmente de caráter técnico, mas está ligado aos mais vastos problemas de organização da vida de uma comunidade civil. A existência de algumas atuais correntes críticas e artísticas, faz com que se pergunte, se a instituição do museu, coerente à concepção de arte pura, com "o quadro de cavalete", não cairá, ao menos em parte, como museu de arte moderna, caso a arte retomasse a sua concreta direta função, enxertada de novo com a arquitetura, em contato quotidiano com a vida da comunidade.

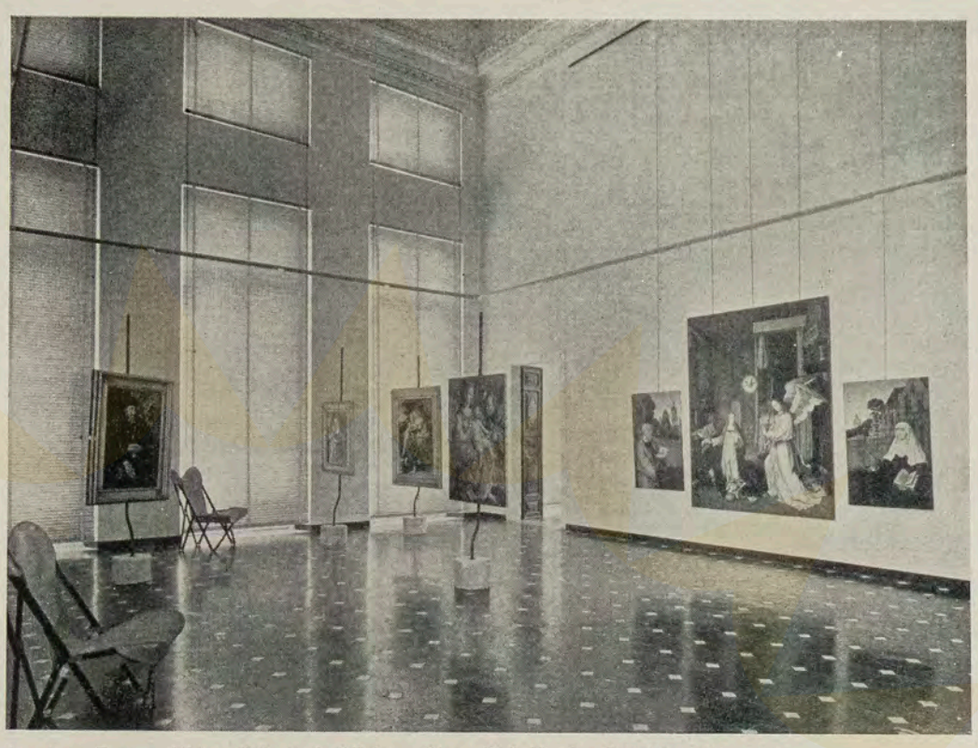
arq. Franco Albini

Museus italianos (1)

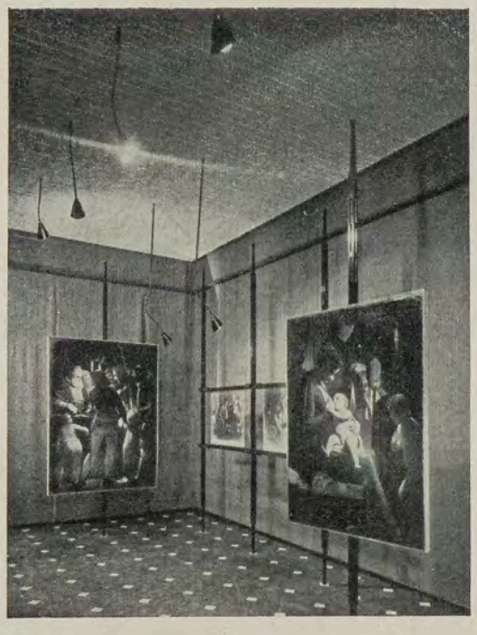
Galleria degli Uffizi, Firenze
Galleria di Palazzo Bianco, Genova
Galleria dell»Academia Carrara, Bergamo
Museu Chiossone, Genova
Museo del Tesoro di S. Lorenzo, Genova
Museo Nazionale, L'Aquila
Pinacoteca di Brera, Milano
Musei Civici Castello Sforzesco, Milano
Galleria d'Arte Moderna, Milano
Museo Poldi Pezzoli, Milano
Museo Teatrale alla Scala, Milano
Galleria Estense, Moderna
Museo Nazionale di S. Martino, Napoli
Galleria del Banco di Napoli, Napoli
Museo Civico, Padova
Nuovo Museo Archeologico, Paestum
Museo di S. Mateo, Pisa
Galleria d'Arte Moderna, Torino
Museo Correr, Venezia
Museo Leone, Vercelli
Museo Borgogna, Vercelli
Palazzo Chiericati, Vicenza

Museus europeus e americanos

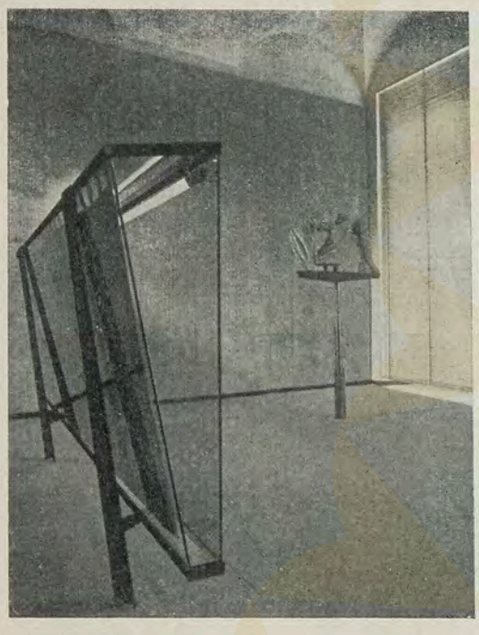
Kunst Museum, Basilea
Museu Civico, Linkopings
Museu da Cidade, Lucerna
Museu Kroeller-Müller, Otterlo
Museu de Arte Moderna, Paris
Museu Boymans, Rotterdam
Museu de Arte, São Paulo
Projeto de museu para a cidade de Ahmedabad, Arq. Le Corbusier
Museu de Arte abstrata Guggenheim em NewYork, Arquiteto Frank Lloyd Wright
Museum of Modern Art, New York
Projeto para um museu de arte moderna, Shanghai. Arq. Jeoh Ming Pei
Museu para uma pequena cidade, Arq. Mies Van Der Rohe



Arquiteto Franco Albini; Galeria do "Palazzo Bianco", Salão dos Primitivos Flamengos.



Galeria do "Palazzo Bianco" em Genova. Sala das Exposições didaticas.



"Tomba di Margherita di Brabante" e o "Pallio Bizantino", no "Palazzo Bianco".

Descrição técnica do «Palazzo Bianco», Genova.

Todas as salas têm pavimento antigo de ardósia preta e mármore branco exceto as salas 1.ª e 2.ª (com o Crucifixo dos Caravana, com o Pálio Bizantino e com o grupo de mármore de Giovanni Pisano) que têm o pavimento em pano de lã cinza.
Nas janelas, venezianas de alumínio cinza pálido apropriadas para regular oportunamente a luz.
A iluminação artificial obtem-se por meio de lâmpadas fluorescentes à catode frio, que não prejudicam as côres das pinturas.
Os quadros são em parte expostos na parede, pendurados de maneira a correr sobre coulisses de ferro, e em parte sobre suportes de ferro sobre fragmentos de colunas antigas.
Em algumas salas, umas janelas, que teriam fornecido uma iluminação inadapta às obras expostas, foram fechadas por meio de uma parede de chapas de ardósia, montadas sobre uma armação metalica. O equipamento das salas é completado por poltronas «tripoline».
A sala 2.ª, a mais importante da Galeria, inclue o grupo de mármore de Giovanni Pisano e o Pálio Bizantino.
As três figuras do grupo de G. Pisano faziam parte do Monumento funebre da esposa de Arrigo VII, erigido em Genova na Igreja destruida de S. Francisco de Castelletto.
Originariamente êles deviam ser colocados em cima do sarcófago bastante levantado da terra. O problema por isso é de poder mostrar as três esculturas quer à altura que deviam ter no Monumento, quer de perto, para facilitar o mais possível um exame.
Por isso, o grupo foi adaptado a um sustento metálico que pode ser levantado ou abaixado por meio de uma bomba hidráulica. A escultura também pode rodar sobre si-mesmo.
A iluminação artificial da escultura obtem-se mediante projetores colocados nas paredes opostas.

Descrição técnica do Museu do Tesouro de São Lourenço, Genova.

Carateres urbanísticos: O museu será construido na corte do Arcebispado, atrás do abside do «Duomo di S. Lorenzo», no centro da cidade.
Carateres do edifício: Os objetos expostos devem ser usados frequentemente no exercício do culto e por isso é preciso entrar diretamente e facilmente da sacristia (que fica a um nível inferior do andar do pátio do Arcebispado) no museu.
Por isso, o museu será enterrado no proprio pátio.
Para passar da sacristia aos locais do museu propriamente dito, atravessa-se uma zona onde está situado o depósito.
Carateres técnicos: Os três locais cilíndricos têm, no cume da sua abóbada uma pequena janelinha fechada em vidro cimento.
Sempre nos cumes das três abóbadas são situadas as aberturas para a aspiração de ar.
A iluminação é exclusivamente artificial e concentra-se sobre os objetos expostos.



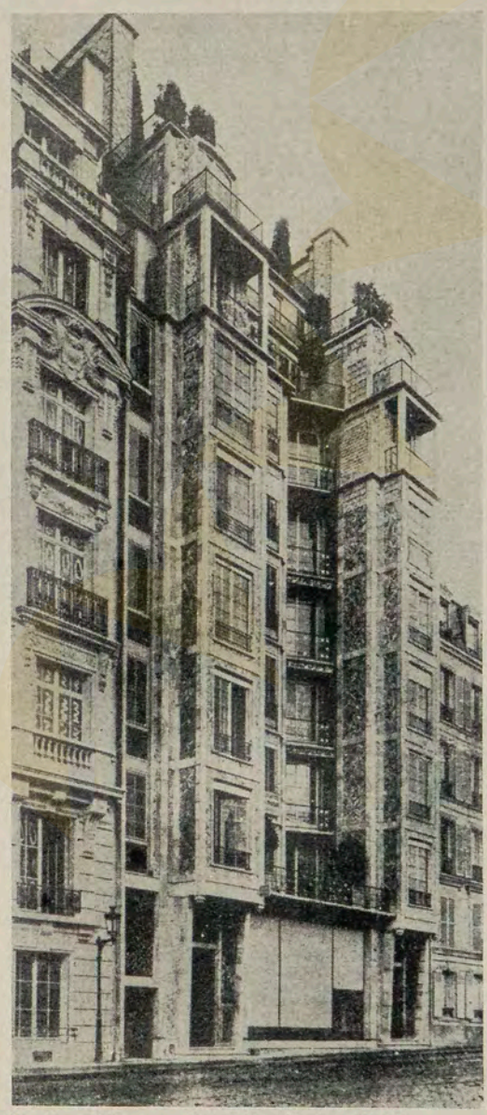
Auguste Perret de Bourdelle.

Auguste Perret (1874-1954)

Morre um arquiteto e, pouco antes, pede para ser sepultado na igreja que construiu e para cuja realização empregou o melhor daquilo de que eram capazes as suas fôrças: Auguste Perret pediu para repousar em Saint-Joseph, no Havre, a cidade que êle reconstruiu. Orgulho? Sim, verdadeiro orgulho de quem sabe viver e lutar pela arte, e que a ama. Êle pediu com devoção aquilo que Bartolomeo Colleoni ordenou com as armas mas, por sorte, ordenou a Amadeo seu mausoleu num flanco da igreja de Santa Maria Maggiore, em Bérgamo, e foi outro momento de gáudio para a arquitetura. E isso me ocorre, menos por analogia, do que pelo fato de Perret detestar a Renascença italiana e de o arquiteto da Certosa de Pavia não dever passar, a seus olhos, de um mero artesão especializado em móveis e obras de talha, habilíssimo, sem dúvida, mas sem qualquer capacidade de construtor; já que Perret tinha predileção pelos Gregos do dórico, pelos construtores das catedrais góticas e, como certa vez nos confiou, pelos "*maestri comacini*" talhadores de pedra e mestres em erguer paredes com poucas regras e com correto sentimento de honestidade.

Auguste Perret pertencia àquela raça de arquitetos-mestres de obras do tipo de Villard de Honnecourt de Chambrésis, que viajavam pelo mundo com um livrinho de geometria e com a certeza de que todos os travejamentos e urdiduras imaginados dão boa composição e geram as fôrças capazes de manter a obra em pé até à consumação dos séculos. Mas o jóvem Perret, associado ao irmão na "*Perret Frères, entrepreneurs*", descobrira, no começo do século, que o invento do concreto armado ainda não servira à arquitetura, mas tão só a indústria; e começou a utilizar o concreto do mesmo modo que os góticos utilizavam a pedra: como estrutura, de início e, mais tarde, deixando o conglomerado à vista. Decorridos cinquênta anos, quando o mascarar das estruturas portantes constitui ainda prática cotidiana de noventa e cinco por cento dos arquitetos, e o restante cinco por cento, tôda a gente sabe que constrói mais em sonho do que na realidade, isso significa alguma coisa: é o alvorecer da nova arquitetura, que procura sair do barroco mediante esfôrços herculeos para implantar um mínimo de comezinhas idéias de bom senso e de bom gôsto. E' pena que êsses paladinos de uma geração, que devia ainda levar acorrentada ao pé a bola de ferro do estilo da Exposição Universal de 1900, não tenham podido alcançar a volta do mais puro construtivismo; Perret, Frantz Jourdain, François Le Coeur, Tony Garnier, Henry Sauvage são arquitetos de transição, numa terra, ou melhor, numa cidade, Paris, ainda demasiado submetida ao "*décor*" oficial "*des bâtiments civils et des palais nationaux*". Será mister esperar a chegada do suiço Le Corbusier para ter-se o benefício de uma atmosfera intransigente e polêmica, que induzia Perret a dizer, com alusão por demais evidente: "*Rien ne se démodera plus vite que ce qui aura été très à la mode*". E talvez se encontre nessa censura, entre os eminentes méritos que aqui estamos para lhe proclamar, a limitação de Perret. Êle fazia eco a um conceito da "moda" que é, geralmente, mal compreendido e, sempre, mal expresso. No Oitocentos francês, o pintor na moda era Meissonnier ou Cabanel, e não Manet ou Cézanne. Neste século, e ainda na França, o arquiteto na moda foi Perret, moda universal, como dizem agora seus biógrafos, porque "conciliava o espírito moderno com o aulicismo do clássico", fórmula esta, que denuncia sua *défaillance* em matéria de sentido crítico. O teatro dos Champs-Elysées (1913), que possui, sem dúvida, uma organização das três salas de espectáculo bem resolvida, porque bem pensada, apresenta uma fachada que ainda constitui um esfôrço decorativo, mais limpo, com menores concessões ao "ornato citadino", mas, ainda assim uma fachada, estilística; e gostaríamos de dizer mesmo alguma coisa mais, repetindo outra definição do mestre: "*Style n'a pas de pluriel*".

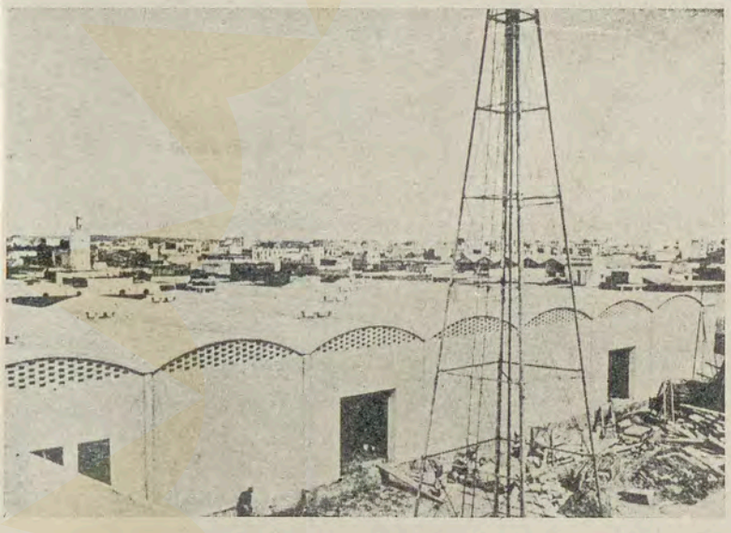
Para comemorar Perret, cumpre lembrar suas obras mais antigas, a casa da *rue Franklin*, por exemplo, resultado de um espírito de economia da "*Perret Frères entrepreneurs*" e, conjuntamente, do achado consistente no emprêgo do concreto armado em formas funcionais e, portanto, lógicas, pelo prisma da arquitetura: uma casa que abre as portas de par em par a concepções mais livres, uma casa polêmica, que nunca será *démodée*, entretanto, mesmo se em 1903 ela estêve na moda por sua excentricidade. Mas o que nos agrada é a garagem da *rue Ponthieu* (1905), onde o arquiteto põe ordem, concede e retira



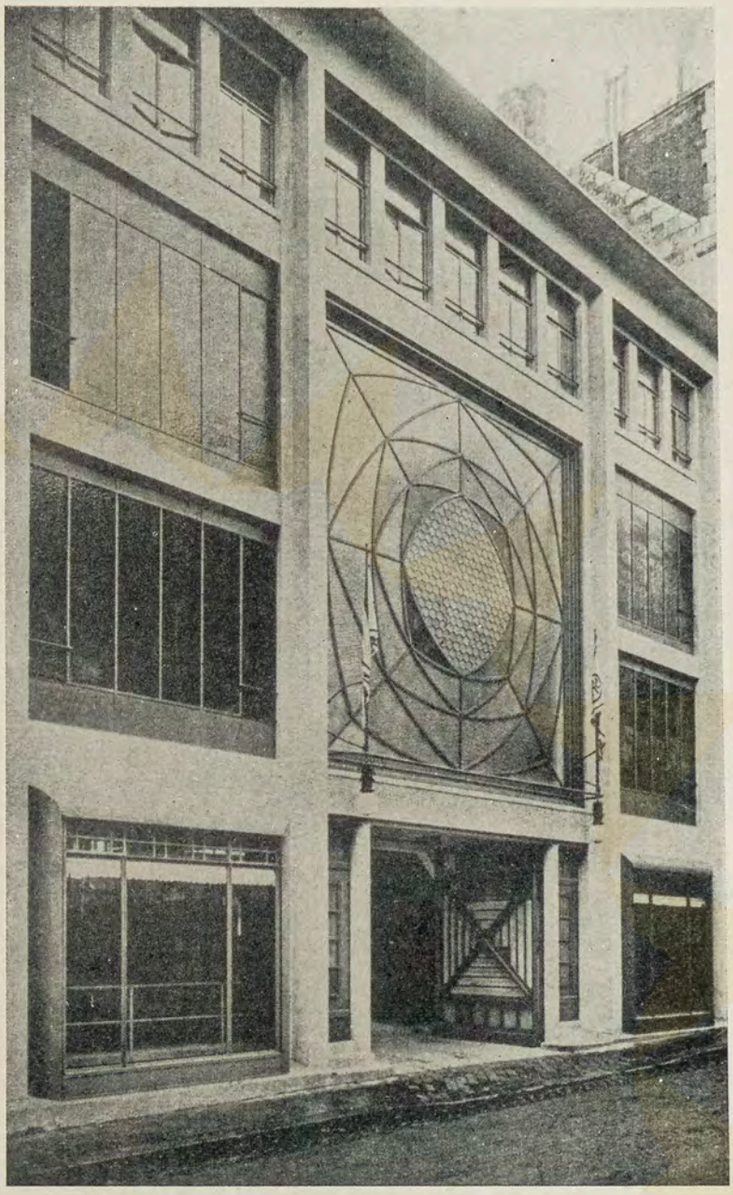
Predio, 22bis rue Franklin, Paris. (1903).



Palais de Bois. (1924).



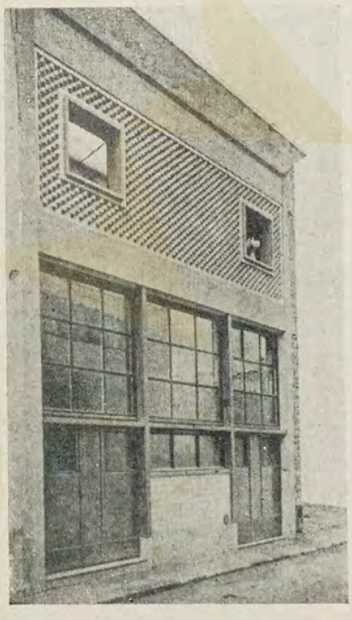
Doca em Casablanca (Maroco). (1915).



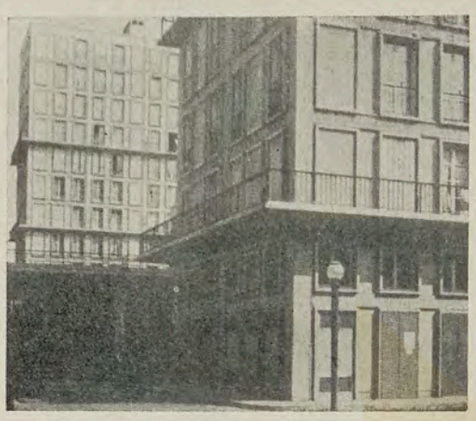
Garage Ponthieu. Fachada. (1905).

Oficina de confecção, Paris. (1919).

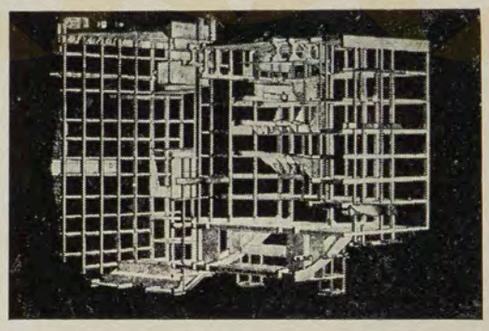




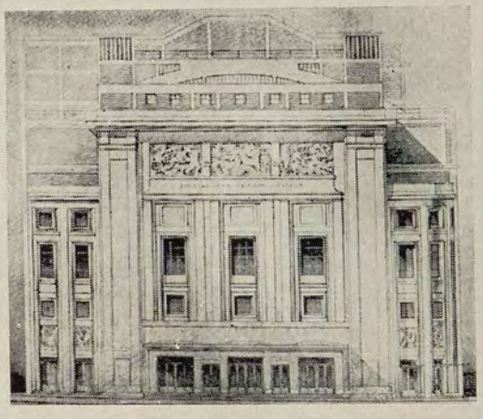
A casa de Mme. Chana Orlof. (1926).



Reconstrução de Le Havre. (1952).



Estrutura do Théâtre des Champs-Élysées.



Fachada do Théâtre des Champs-Élysées.



Théâtre des Champs-Élysées. Peristilio.



Théâtre des Champs-Élysées. Fachada. (1911-1913).

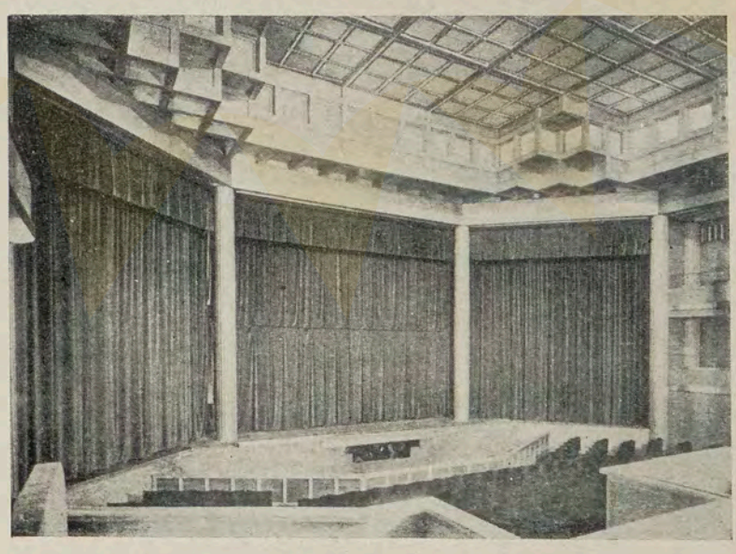
espaço, facilita a função, prevê a possibilidade de os automóveis ultrapassarem, algum dia, a fase de carruagens que se movem sòzinhas, deixa circularem o ar e a luz e desenha uma fachada que não é fachada, extremamente livre, com uma vidraça quase total, se bem que, também, com algumas linhas de *décor*. Partindo dêsses primórdios (a primeira obra de Perret remonta ao ano de 1899 e é o Casino de Saint-Malô), a evolução é lógica; é a evolução de um arquiteto que põe muito diplomacia em seu profissionalismo e procura impôr suas idéias por meio da cordialidade e da simpatia, sempre alheio a chegar às derradeiras conseqüências de uma arquitetura em sentido absoluto, isto é, despida de quaisquer adjetivos. Eis a igreja de Raincy (1923), onde o cimento é deixado à vista, quer como estrutura, quer como material, obra que pode fazer pensar no gótico (mas já é muito adjetivo). Em certas fôlhas autógrafas que deu a André Hermant, Perret afirma: "*L'architecture est l'art d'organiser l'espace. C'est par la construction qu'il s'exprime. C'est par le splendeur du vrai que l'édifice atteint à la beauté*". O esplendor da verdade é procurado através das muitas decorações que fragmentam a unidade. Não se trata de demasiados vazios e do modesto desenho dos vitrais, senão, antes, do contrário daquilo que Paul Valéry escreveu a respeito do seu autor: "*il n'y avait pas le détail dans l'exécution*". Nessa igreja, ao contrário, há detalhes em demasia, com o resultado de os volumes carecerem de clareza e de equilíbrio.

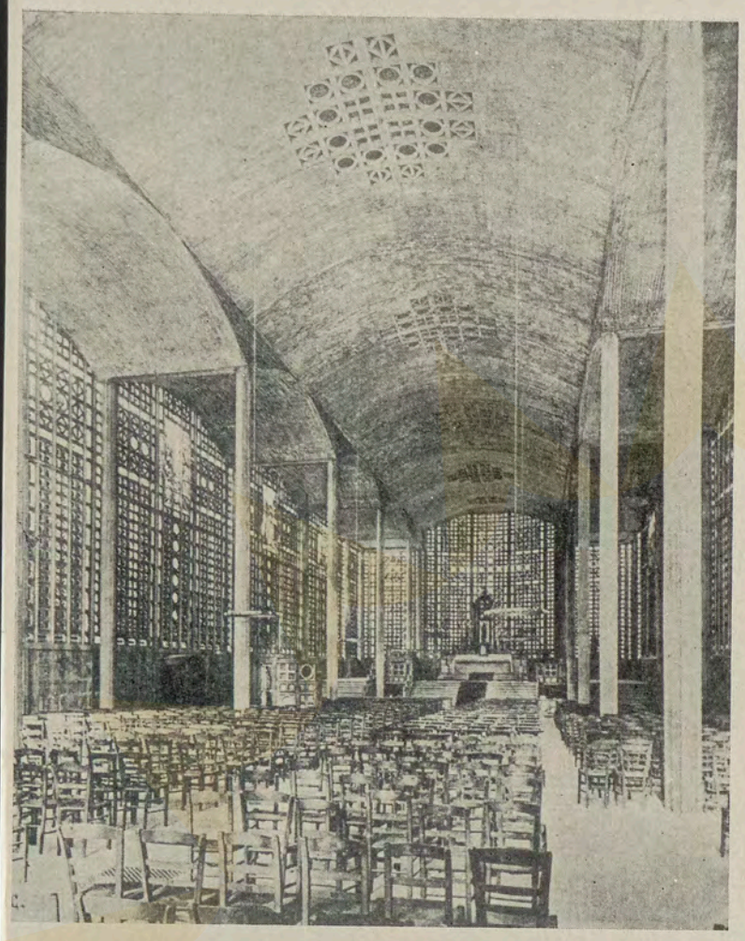
Mas não tencionamos passar em resenha a inteira e vasta obra do popular arquiteto, o qual, durante a velhice, foi incumbido de reconstruir Le Havre, que não saiu trabalho satisfatório. Nosso fito é apenas registrar o desaparecimento de um mestre que chegou a meter a mão em assunto aqui de São Paulo, ao rever o projeto do pranteado Armando Penteado para o Museu atualmente em construção perto do Estádio.

Êle trouxe para a arte da arquitetura uma paixão intensa, de homem que nasceu numa família de operários, um prazer de artesão, o conhecimento do ofício e o sentido do valor financeiro, de uma construção, e foi, nisso, um verdadeiro construtor à antiga; mas, talvez, com escassos pendores para refletir na filosofia da arquitetura e, digamos sem rebuços, da arte. São palavras suas: "*L'architecte est un poète qui pense et parle en construction*". Mas êle foi um poeta, cumpre-nos acrescentar, expressivamente mundano. Bonito, elegante, forte e afortunado, tal como o vemos no busto famoso de Bourdelle, com a barba sempre muito bem penteada, a bengala na mão, despenseiro de elogios e amabilidades, carregado de honrarias, como pode sê-lo um francês célebre, presente em tôda a parte como um ator galã, talvez Auguste Perret andasse demasiado atarefado na organização da sua vida, para ter tempo de refletir nas imensas responsabilidades do arquiteto contemporâneo. Quis ser um arquiteto oficial, perseguindo certa luta anticulturalista; merece, entretanto, pela nobreza da sua obra, que a Igreja e o Estado lhe concedam o túmulo que pediu, pensando talvez em Vignon, que está sepultado sob a escadaria da Madeleine.

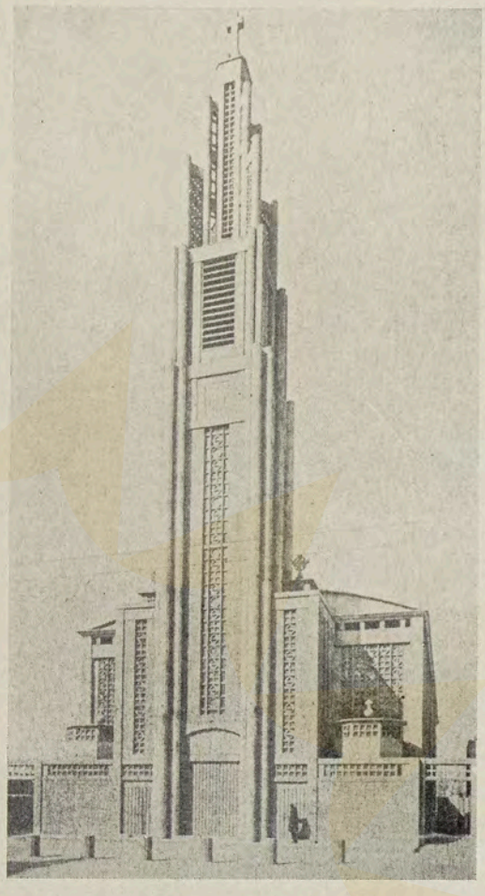
P. M. B.

Teatro da Exposição das Artes decorativas, Paris. Cena tripartida (1925).

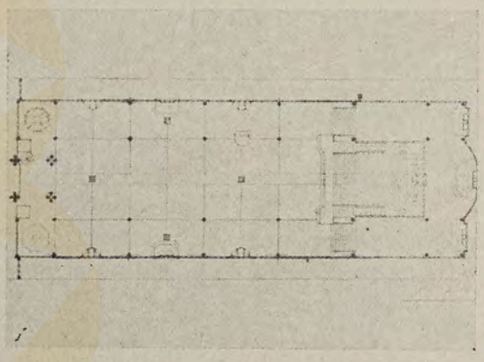




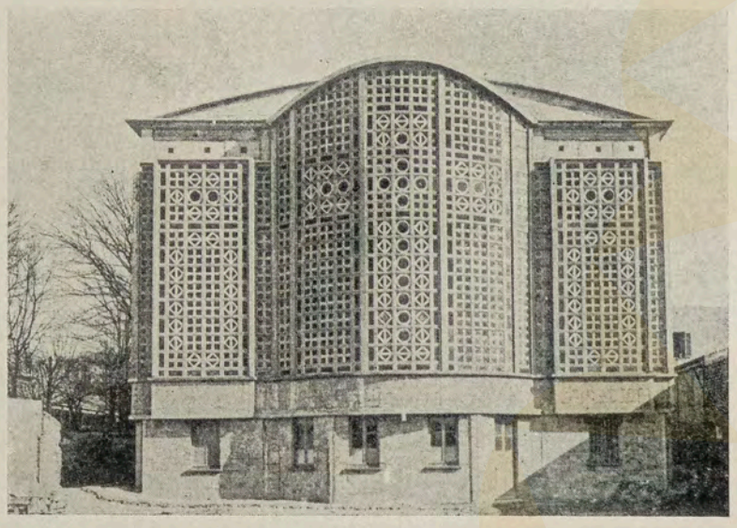
Nôtre-Dame du Raincy. A nave. (1923).



Nôtre-Dame du Raincy. Fachada. (1923).

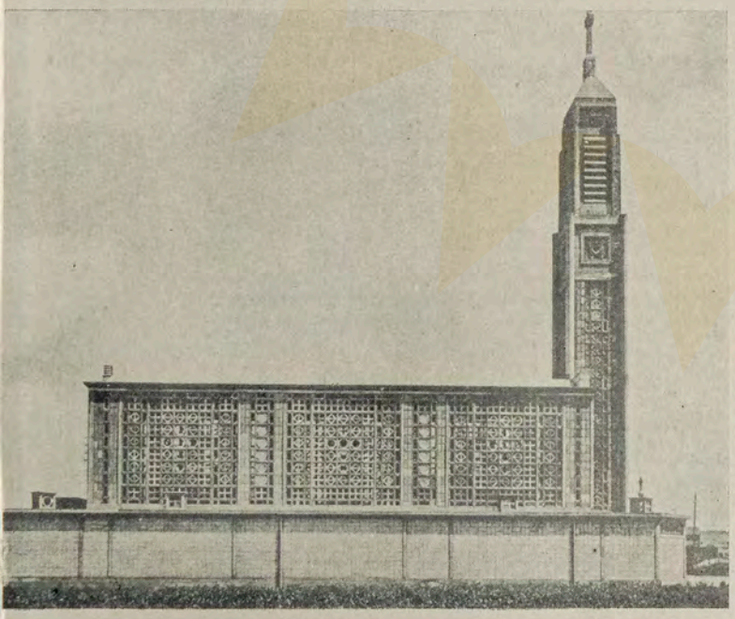


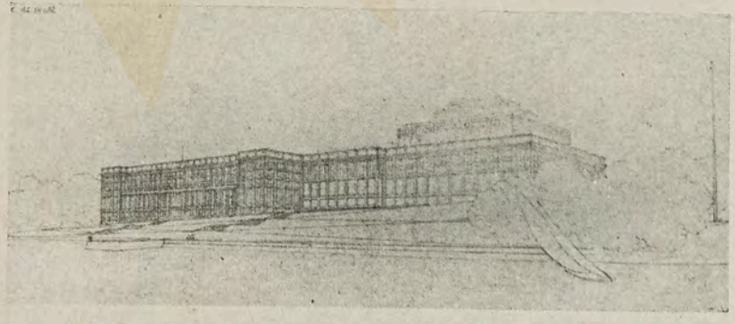
Planta de Nôtre-Dame du Raincy.



Nôtre-Dame du Raincy. Abside exterior. (1923).

Sainte-Thèrése, Montmagny. Fachada lateral. (1926).





Projeto do Palácio para a Sociedade das Nações (1927).

O arquiteto de jardins, Roberto Burle Marx



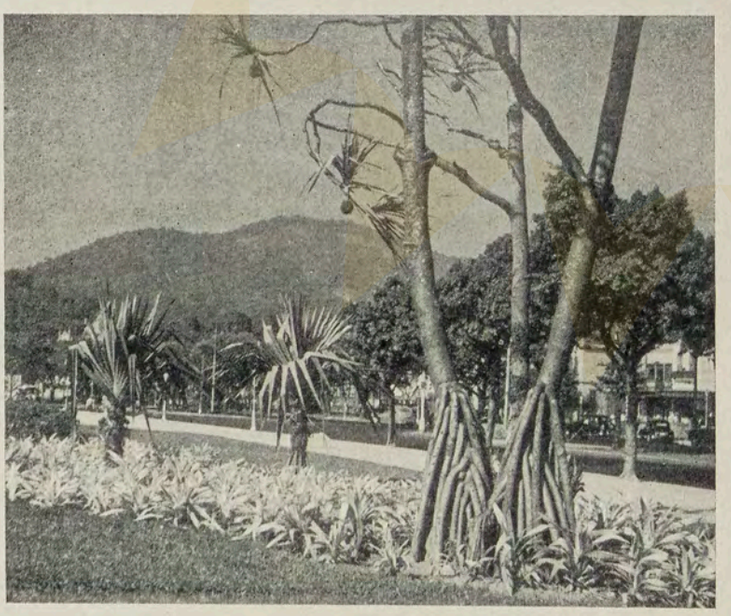
Sitio de Roberto Burle Marx. Inflorescencia de Agave Attenuata Salm-Dyck Strelitzia Reginae Banks. Ao fundo: Tecoma Odontodis Cus Bur. Et K. Schum. Cordyline Dracaenoides.

Roberto Burle Marx foi convidado, através do Museu de Arte de São Paulo para exibir seus trabalhos nos Estados Unidos. O convite foi feito pela Smithsonian Institution. Reproduzimos aquí o prefácio do catálogo da exposição, de autoria do diretor do Museu de Arte de São Paulo, sr. P. M. Bardi.



Jardim Leite Garcia. Helichrysum Petiolatum DC., Agave Attenuata Salm-Dyck, Rhododendron Indicum Sweet.

Jardim da Praia de Botafogo, Rio. Grupo com: Pandanus Utilis Bory; Pandanus Veitchii Hort. Paspalum Notatum Fluegge.



Roberto Burle Marx chegou à arquitetura de jardins partindo da consideração da flor como simples unidade decorativa. Compondo bouquets êle descobriu e anotou pouco a pouco uma porção de situações formais e de côres, afinidades de tons e elementos construtivos. Depois chegou à criação dos grandes conjuntos plásticos florais, superando a limitação temática do ramalhete; para isso, além da flor e da folhagem, serviu-se do fruto, da ramaria, modelando mais do que compondo à maneira da qual teria gostado Arimboldi, o surrealista do século XVII que pintou a figura humana com flores e frutas. Partindo dos trofeus florais dos quais lançou a moda, na ornamentação dos altares, dos salões para festas e no uso doméstico, Roberto dedicou-se à formação dos jardins, de pequenas áreas que enfeitam uma casa e as vastas áreas destinadas à coletividade.

Duas qualidades favoreceram o sucesso dêste artista; ser um ótimo pintor numa constante felicidade de pesquisa e de participação aos problemas do desconcertante desenvolvimento da nossa estética cotidiana; ser, não sòmente um botânico conhecedor de materiais, mas o verdadeiro amigo da natureza, que sabe penetrá-la e reuní-la, e ouvir nela um sempre novo e vivo renascer. É o destino deu-lhe talvez o maior Eldorado que exista, pois em grande parte ainda inexplorado, o Brasil esconde os incomensuráveis tesouros vegetais da bacia das Amazonas, as imensas superfícies das florestas, as zonas já cultivadas e plantações para jardim, isto é um inesgotável campo de escolha e de descoberta.

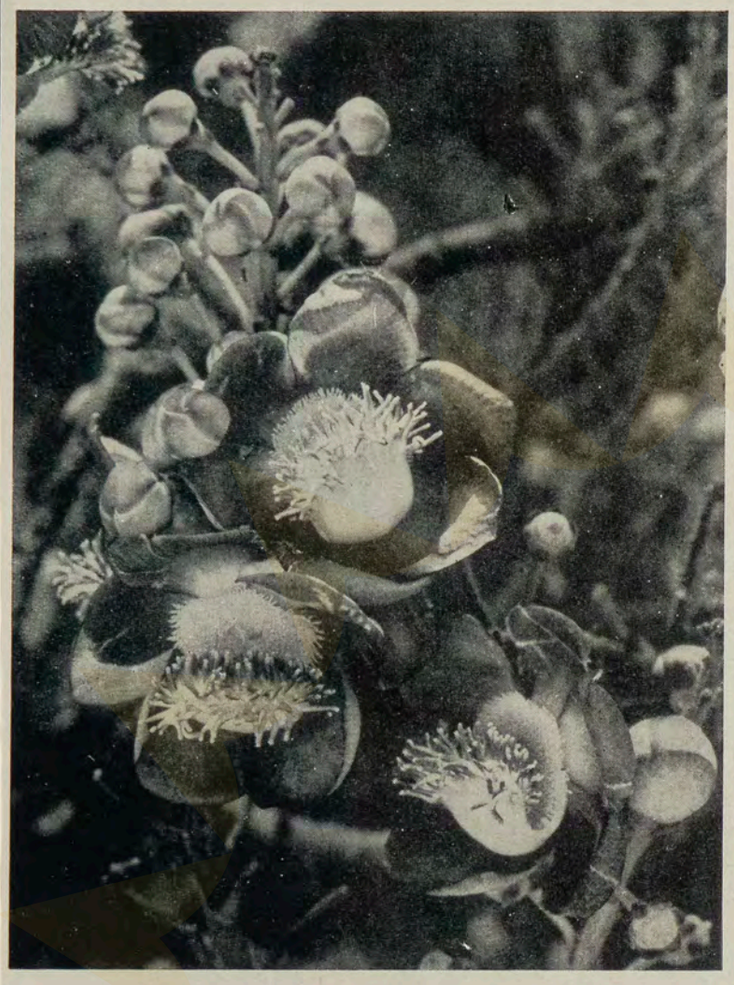
De vez em quando Roberto parte e chega nos pontos mais afastados do seu Rio de Janeiro, com outros botânicos especialistas, com os seus buscadores dêste ouro-vegetal, e penetra sob os tetos da selva, à procura de espécies raras e das novidades, exatamente como os Humboldt faziam em 1800 cêrca. E tudo transporta, transplanta, aclimata e as vezes enxerta para obter os híbridos, na sua propriedade de Campo Grande em frente ao Oceano: esta é a sua oficina, a paleta viva, com côres que duram o período determinado pela natureza e cambiantes por causa das luzes tropicais. Talvez, nada mais infinito e renascente como fonte de inspiração para gentilmente tornar plástica alguma coisa que parece fugir e esconder-se ao desejo do homem, sempre ambicioso em propor novamente as suas modificações à natureza.

Roberto Burle Marx não é o primeiro manipulador da cornucopia floreal, a história dêstes artistas acha-se na própria história da poesia e da arte; mas é a opinião geral que no modo de compor a flora e de desenhar os jardins êle possue uma sensibilidade excepcional, expressão da sensibilidade de nosso tempo, estritamente ligada às mais válidas produções das vanguardas.

O abstráto e o surrealista que nestes jardins a uma certa altura se integram aos outros elementos plásticos, como a água e a pedra ou os esmaltes das cerâmicas para marcar alguns limites, é como para mostrar a mão do homem, seja mesmo no ato de imitar a natureza. Partindo das composições vaidosas da idéia romântica da melancolia do livre e prepotente desenvolvimento floral, caro aos Arcades, quase uma homenagem à Antiguidade, até aos projetos das zonas a palmares alinhados conforme a idéia platônica do Deus, sempre geómetra, Burle Marx nunca fica parado nas suas concepções, consciente da inconstância continua do seu meio expressivo.

Assistimos ao reflorescer da fantasia, cada vez que um tema se apresenta para solução.

E isto se pode ver nesta exposição pedida ao Museu de Arte de São Paulo pela benemérita Smithsonian Institution e destinada a um grupo de Museus americanos. Os visitantes entrarão em contáto com a arte brasileira, a qual tem em Roberto Burle Marx um dos seus mais ilustres representantes, digno de ser comparado aos nossos melhores arquitetos com os quais, de outro lado, colabora no setor dos jardins.



Detalhe da flôr Couroupita Guianensis.



Sitio de Roberto Burle Marx.
Heliconia Latispatha Benth.



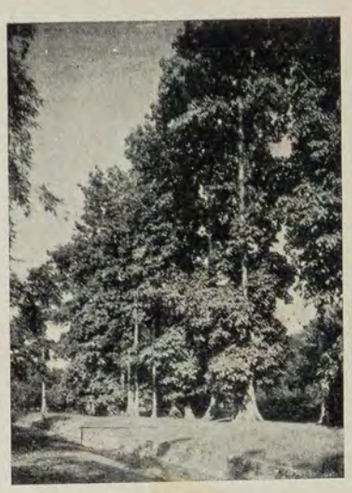
Flôr da Couroupita Guianensis.

Bouquet Tropical com: Uriseas Phaeomeria Maqnifica K. Schum.



Heliconia Psittacorum L.F.





Brasiloxylon Brasiliensis (Páu Rei ou Farinha Sêca). Árvore que chega a 20, 25 metros de altura incluida no projeto da Praça da Independência.



Calycaphyllon Spruceanum (Páu Mulato). Árvore que atinge alto porte; seus troncos eretos são perfeitamente lisos.

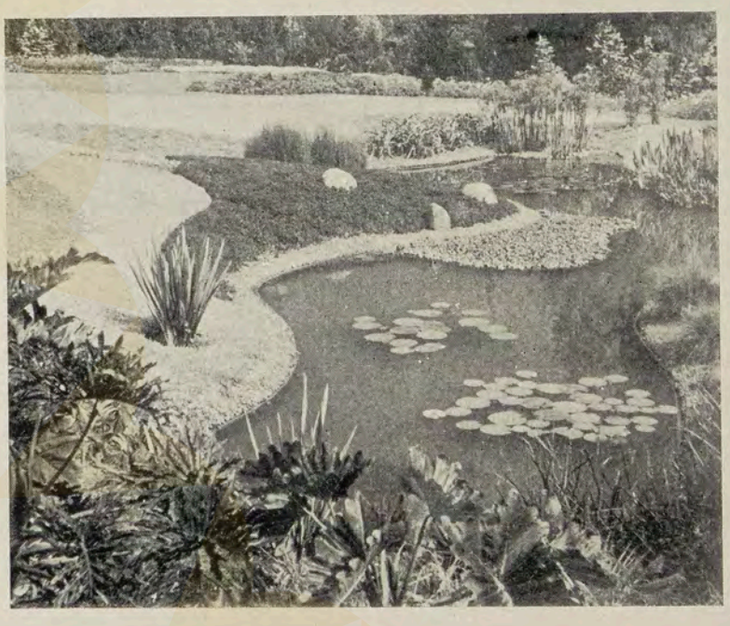


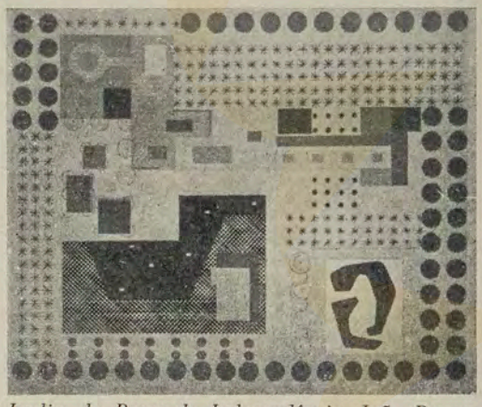
Palmeira Oleracea (Palmeira Imperial), atingindo 30 metros de altura. Utilizada no projeto do Jardim do Paraiba.



Assaí (Euterpe Oleracea Mart.). É uma palmeira cespitosa; também utilizada no projeto do Jardim do Paraiba.

Trecho do jardim da residência do sr. Carlos Somlo, Vale da Boa Esperança. Lago com Nymphaeas, Eichornias, Pontederias Cordata L., Phormium Tenax Forst., Eragrostis Curvula, Philodendron Bipinnatifidum Schott, Philodendron Undulatum Engl.





Jardim da Praça da Independência, João Pessoa, Paraiba. Neste jardim a palmeira é usada como elemento arquitetônico da maior importância, plantada na forma de blocos de modo a suster o efeito de colunadas imponentes pois as árvores são colocadas equidistantes em fileiras de 4 ou 5.



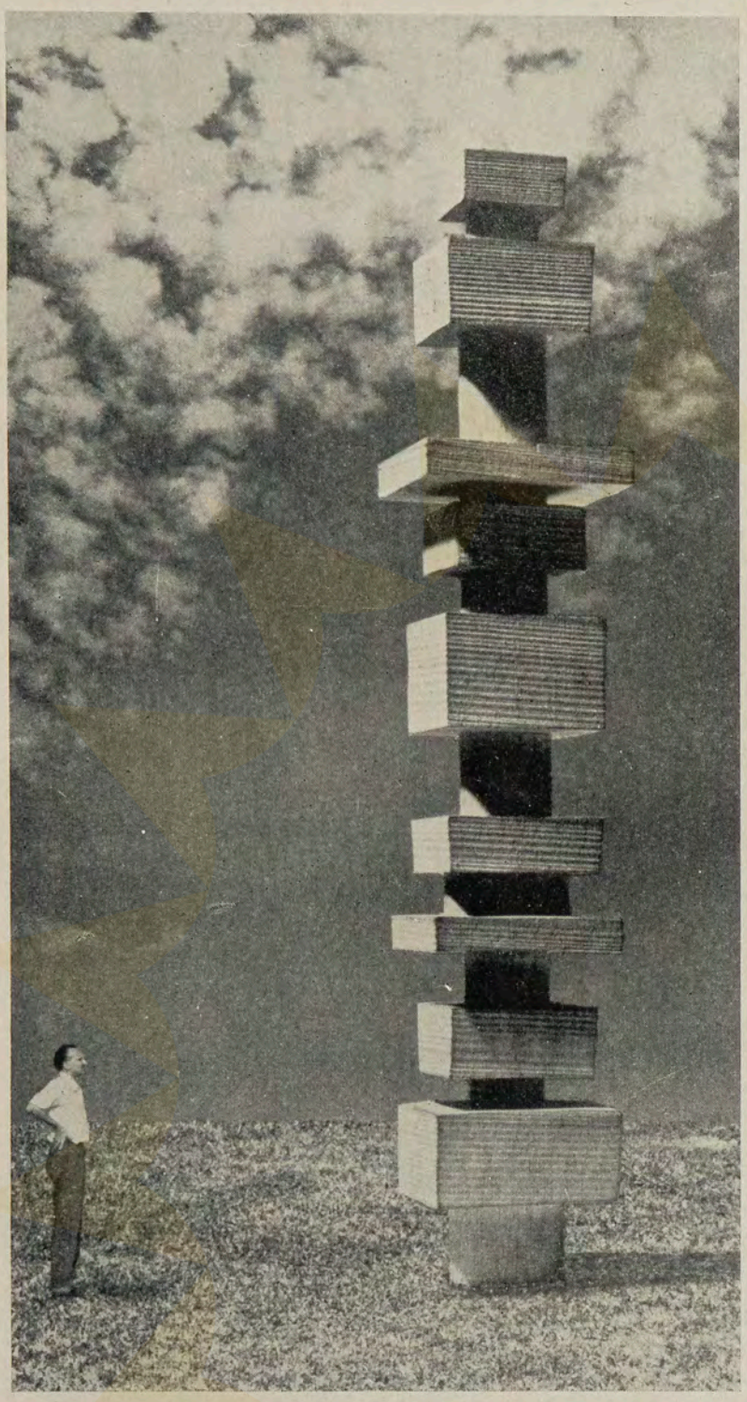
Jardim Jucelino Kubitschek. Lago: Nymphaea Ampla Var. Rosa, Nymphaea Rudgeana G.F.W. Mey. Sagittaria Montevidensis Cham et Schlecht. Ao fundo: Thalia Sp.



Jardim Odete Monteiro. Detalhe de Jardim. Saxicola Gneiss-Granítico. Cephalocereus Fluminensis (Miq.) Br. et R. Epidendron Weddelii Lindl. Pitcairnias e uriseas.

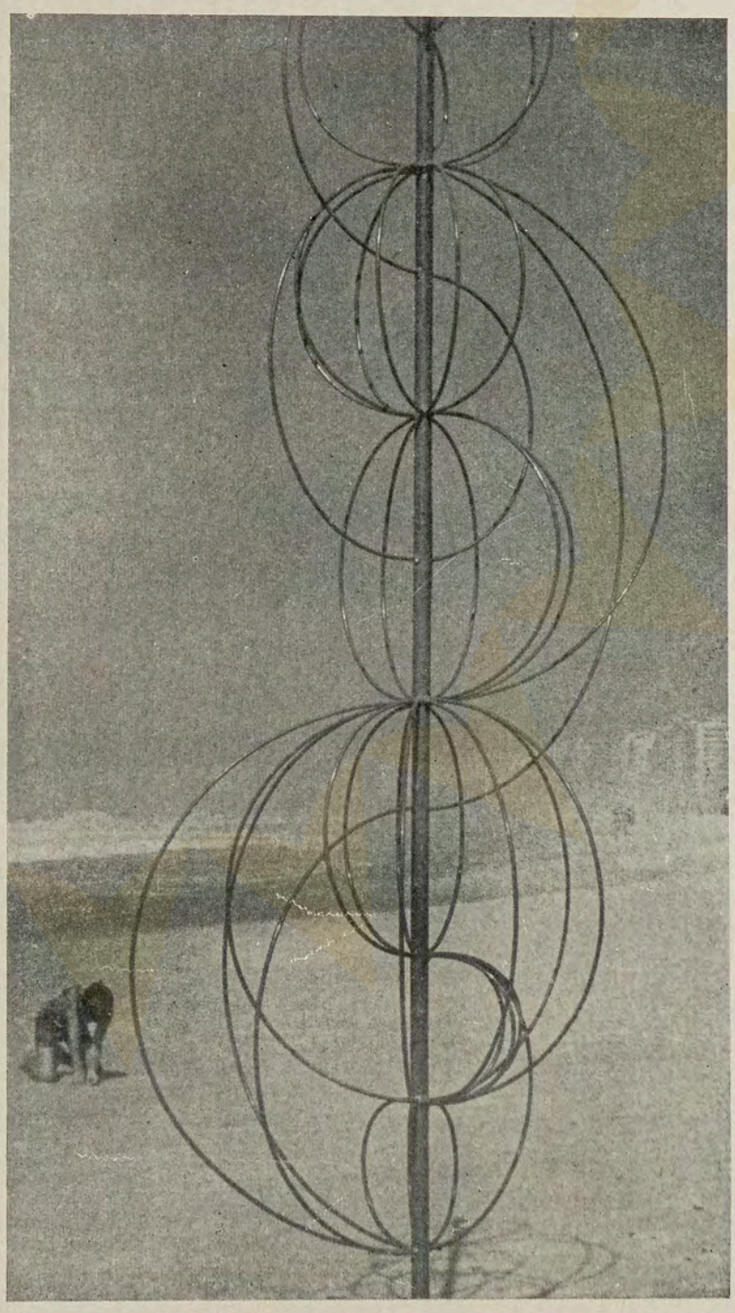
Esculturas para jardins

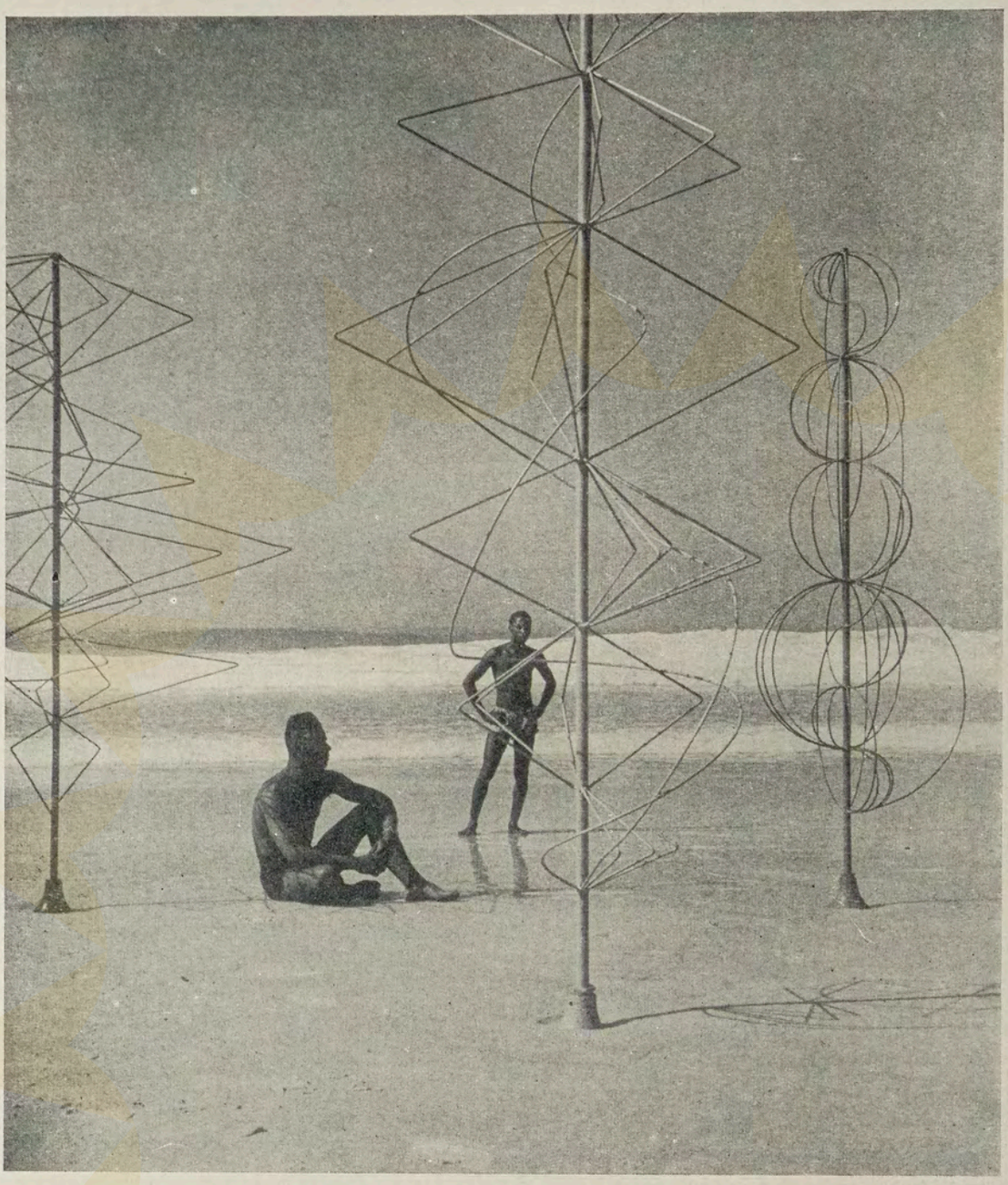
Apresentamos algumas esculturas para jardins de autoria de Roberto Burle Marx. Algumas entre elas são verdadeiras esculturas, outras, de metal, são suportes para trepadeiras. A leveza e a elegância dessas formas, verdadeiras inovações, abrem um novo campo na arquitetura dos jardins.



Escultura em blocos de granito. Altura 8 mts.

Escultura-suporte para trepadeiras, realizada em ferro.





Mais três esculturas-suportes para trepadeiras, de Roberto Burle Marx, fotografadas na praia de Copacabana.



Suporte helicoidal para plantas, em tubo de ferro (deitado).

Arte Amazônica

A pesquisa no campo das ciências naturais sempre foi mais acentuada promissôra e realisadôra que a Histórica e Geográfica. O estudo das antigas culturas e da vida dos habitantes do vale, em suas fases pré e post colombiana, trouxe um conjunto de ensinamentos, e, se essas pesquisas ainda não se realisaram por completo, pelo menos, as existentes e feitas, nos proporcionaram parceladamente um conhecimento da gente da Amazônia e das culturas que ali viveram.

A história dessas culturas é a propria história da arte Amazônica em sua evolução e sua vida, seu florescimento e decadência, e se é verdade o aforisma que nos ensina Bourdelle, de que a Arte é a eterna Esfinge, pois se formos a ela, mister se faz penetrar em seu enígma, ou do contrário seremos devorados, não menos verdade é o princípio filosófico defendido pela escola de Proust, de que uma catedral não é sòmente uma beleza que se deve sentir, senão também, um ensinamento a colher e um livro que é necessário compreender, e desse modo, a obra de arte, nos ensinamentos da escola proustiana, aparece sempre como um prazer, como um exemplo, como uma lição.

Não se conhece existência de povo algum, por mais rudimentares que tenham sido suas faculdades intelectuais, técnicas, creadoras ou simplesmente copiativas, que não tenha buscado procedimento próprio para a investigação do belo, ou seja, essa combinação de certos elementos destinados ao prazer do olhar, para genericamente. podermos dizer que a arte aparece com o Homem. O que aconteceu com todas as culturas, onde quer que se desenvolveram, vamos encontrar no vale Amazônico. Trabalho de difícil desenvolvimento e sobretudo de análise, pela precariedade das coleções existentes, de vez que sòmente através de estudos arqueológicos podem ser conhecidos, pois aquela exuberância arquitetônica que encontramos em outros povos, e mesmo na América, com as duas grandes civilizações do México e dos Andes, pouco ou nada restou do homem Amazônico, e êsse homem, sem arquitetura, desconhecendo o emprêgo dos metais, sòmente nos legou sua cerâmica e objetos líticos, porquanto as artes de escultura em madeira, do trabalho de cestearia, de arte plumaria, de elementos subsidiários do adorno, não conseguiram chegar até nós.

Do Padre Carvajal às expedições de nossos dias, a ciência evoluiu e transformou-se; novos conhecimentos e novas orientações modificaram os conceitos já firmados, e se de um lado aparecem difíceis de serem interpretadas em seu conjunto, dada a fragilidade das teorias e da dificuldade de material para análise, o acurado estudo das peças conhecidas, nos traz verdadeiramente, interpretações corretas para cada uma dessas culturas, vistas isoladamente.

Várias culturas, através dos achados arqueológicos que nos atestam e asseguram sua existência, aqui viveram, vindas não se sabe de onde, se trazendo em seu Völkerwanderung, uma cultura já estabilizada ou em formação, que se instalaram em diversas partes do vale Amazônico, e alí localizaram-se para desaparecer, nos legando apenas, cerâmica e objetos líticos, coletados aqui e alí, e que hoje são guardados ciosamente nos Museus do Mundo.

Com o final do século passado, desencadeou-se na Amazônia uma verdadeira caça a tesouros artísticos indígenas, no campo arqueológico, e infelizmente desprovidos de qualquer critério científico resultando disso a destruição dos sítios arqueológicos, verdadeiramente assaltados por



Vaso efígie de aprimorado acabamento técnico, representando um índio acocorado com as mãos sôbre o joelho. E' revestido de uma camada creme clara bem polida e recoberta de desenhos em preto, imitativos de tatuagem. O bocal, os pés, as mãos e as orelhas são pintados de vermelho. A espessura do barro é fina e por isso a peça é leve. A cabeça é encimada por um diadema liso sôbre o qual se ergue um bocal que tem na aba de cada lado, dois orifícios para sustentação ou introdução de penas ornamentais. Êsse bocal é idêntico aos que se vêm em certos vasos zoomorfos, tipos dos de gargalo, mas muito curto, com apenas 3 centímetros de altura, como se o gargalo tivesse sido amputado. Os cabelos marcados por incisões, revelam ser cortados, não se prolongando além da nuca. Nas pernas não exibe enfeite algum, mas em cada braço mostra uma grande pulseira, apertada sôbre o biceps. O sexo masculino está perfeitamente caracterizado, embora possua a figura seios volumosos. As orelhas têm nos lóbulos inferiores ornamentos do mesmo tipo que em outros "idolos porém bem maiores. Em baixo não há orifício algum.



Grande vaso efígie de forma até então nunca encontrada na Cerâmica de Santarém. Representa uma índia sentada que segura ao colo, sôbre as pernas esticadas um vaso em forma de alguidar ou cuia, cujas inserções se fazem em quatro pontos, exatamente à altura das cintas que apertam e deformam os membros inferiores. O diadema, de sob o qual sai o cabelo, penteado em duas tranças, até a cintura, é liso na parte frontal, mas enfeitado em cada lado com dus figurinhas zoomorfas em relêvo, bolhudas e assemelhadas à cabeça do coatí. Os seios são erectos e grandes e as orelhas tão perfuradas que os lóbulos se distendem até os ombros para nêles repousarem. No alto da cabeça, à frente, há um pequeno orifício, único visível na peça que é completamente ôca. Tôda superfície é recoberta de desenhos de tatuagens, em preto e vermelho sendo assim pintadas, do mesmo modo, as cintas das pernas e um colar no pescoço. O vaso que a mulher segura ao colo, vê-se pelo fragmento aderente à mão direita, era também externamente ornado com desenhos nas duas cores citadas. Na face interna, não apresenta vestígio de pintura.

aventureiros na ânsia louca de conseguirem coleções para vendê-las a Museus, assalto esse que nos deixou em condições precárias e difíceis, de hoje poder estudar, confrontar, analisar e sentir, toda a cultura de uma terra.

Sòmente com o início das atividades do Museu Goeldi é que verdadeiramente iniciou-se a pesquisa feita em carateres rigorosamente científicos dos sitios arqueológicos da Planicie.

E um mundo verdadeiramente novo se nos apresentou com a constatação da existência dessas culturas. Já os cronistas nos referiam sua existência, através de estudos desses grupos tribais, aqui e ali localisados, porém o estudo de sua cultura material, nunca foi feito.

Procuramos trazer num estudo mais histórico que verdadeiramente arqueológico, essas culturas e a mais antiga citação de uma delas, vamos encontrar no Padre Carvajal, companheiro de Orellana (1542) na descida do Amazonas pela primeira vez, em sua Relação: Os Tapajó. Frederico Barata estabelece em seu trabalho "Arqueologia" em *As artes plásticas do Brasil*, quando estuda os Tapajó, que a avaliar pela tradição e pela imensa área em que se distribuiu sua típica arqueologia, nenhuma nação Indígena na Amazônia foi tão numerosa como essa, cuja adiantada cerâmica, é tão conhecida como a de Santarém. Realmente, num olhar retrospectivo para aquilo que estudos anteriores já haviam consagrado e demonstrado, pela tradição, pelas crônicas antigas, pela pesquisa arqueológica na região, imenso e vasto era o território dominado pela poderosa tribo que campeava às margens do Tapajós.

O Padre Carvajal (1542), nos traz referências singulares à respeito dessa tribo, entre elas, de que o bergantim que conduzia sua minguada tripulação, faminta e cansada, foi atacado por inúmeras canoas, tripuladas por guerreiros hostis, e que foram obrigados a procurar a outra margem do Amazonas, para poderem sobreviver ao ataque. Essa é a primeira referência que nos traz sabores de lenda e aventura, pois aí aparece a primeira palavra ouvida pelos aventureiros de Orellana, Chipayo, de onde se supõe ter provido o nome da tribo. E esse é o começo da história dos Tapajó, no ciclo por nós conhecido. Especialmente os cronistas nos trazem relações minuciosas de seus contatos com a poderosa tribo, ligada estreitamente à história do Pará, pois aos Tapajó se deve a não efetivação da ocupação inglesa um pouco antes de 1631, e dessa época em diante, ora lutando com o Português que teimava em escravisá-lo, ora aliando-se a êle contra outras tribos, esmagado pela civilização do conquistador, nesse choque de cultura que não pôde sobreviver, no final do século XVIII, quando o Padre Betendorf terminou sua crônica, da grande aldeia da foz do Tapajó, nada mais restava e as outras existentes no interior, estavam parcialmente destruidas.

Pela última vez vamos encontrar referência à tribo dos Tapajó, na lista das tribos do rio em 1779, organisada por Ricardo Branco de Almeida e Serra e o sábio Martius estabelece que em 1820 os Tapajó estavam completamente extintos. Da grande e poderosa tribo, sòmente o relato apagado das cronicas e documentos, vivendo silenciosamente nas estantes dos arquivos, e na biblioteca dos estudiosos, e sua arte, exposta através de objetos de cerâmica e líticos ornamentando os mostruarios dos Museus e das coleções particulares, sobreviveram.

A cultura material dos Tapajó sòmente nos tempos atuais pode ser completamente conhecida. Na parte referente à cerâmica, as crônicas antigas, e mesmo as relações minuciosas dos cronistas, pouco ou nada nos adiantaram sôbre ela. A bibliografia é escassa sôbre o assunto, e o próprio Museu Nacional, em um de seus Anais todo dedicado à cerâmica Amazônica, poucas informações nos trazem a respeito. Ferreira Pena e Ladislau Neto, e a própria coleção Rhome, hoje incorporada ao Museu Nacional, nada nos trouxeram de real e positivo, para sòmente em 1923, Kurt Nimuendajú, trazer ao mundo os restos arqueológicos dessa cultura que largamente resistiu à conquista lusitana e ao contato com os missionários.

E assim hoje essa cerâmica, se nos apresenta sob uma forma quase que inédita, e se é verdade que alguns como Helen Palmatary, Nimuendajú e Nordenskiold, procuram encontrar laços e correlações com as culturas do vale do Mississipi, America Central e Grandes Antilhas (Chiriqui e Darien), o que carateriza por outro lado essa cerâmica é sobretudo a unidade, a solidez de sua cultura peculiar, com elementos e fatores tão definidos e expressos, que a aculturação não conseguiu modificar nem desviar o padrão tipológico que funciona como constante, dentre os limites impostos pela comunidade. A busca do realismo e da exatidão constituem as leis imutáveis dentro da arte primitiva. A cultura dos Tapajó não se poderia furtar a esse determinismo artístico e não se pode aplicar a essa cultura a doutrina que adota como norma, o apagar das personalidades, e admitir uma espécie de fatalidade condutora, toda ela derivada do materialismo histórico, e onde mesmo se fala de uma "Kunstgeschichte ohne Namen".

O florescer dessa cultura nos inspira admiração, e dentro dela, surgiram os imitadores, dando um norte às sensibilidades, pois as artes não são anônimas, senão por motivo da fraqueza de nossa documentação e da imperfeição dos nossos sentidos. Não somos bastante sutis, quase sempre para distinguir e identificar as personalidades se não dispormos de meios auxiliares.

Como dissemos, sua caraterística maior, é a unidade e sempre buscando elementos da natureza como motivos a serem aplicados naquilo que produziam, vamos encontrar a solidez de sua cultura peculiar, onde não se encontra um só motivo de inspiração vegetal, preferindo sempre os motivos zoomorfos ou antropomorfos, e sòmente nos cachimbos, que verdadeiramente são como ponto discordante dessa constante invariável, constituindo quase que um elemento à parte de todo conjunto, vamos encontrar ornatos de inspiração vegetal. Presume-se assim que esses cachimbos não pertencem à cultura tapajonica em suas fases pré e post colombiana, e sim, talvez como único produto de aculturação depois do contato com os Jesuitas, já em pleno florescimento do século XVII.

Devemos a Frederico Barata um sem número de estudos e pesquisas, que tornaram verdadeiramente conhecida e estudada essa cultura. Suas publicações sôbre a mesma formam o maior conjunto de obras de um só autor sôbre o assunto, e o contato diário com essa cerâmica, verdadeiramente o faz sentir como se a mesma falasse. E' o que êle próprio diz quando esclarece que "toda cerâmica dos Tapajó é assim. Fala. Esclarece com uma linguagem muda a quem com ela se habitua e com suas variadíssimas representações se familiarisa. E' a unica escrita que nos legaram e, para decifrá-la, todas as conjeturas que tenham base aceitável, comparativa ou dedutiva, nos devem ser permitidas".

Essa cerâmica é constituida quase sempre de vasos, fruteiras, ídolos e pratos, alguns sem enfeites nem ornatos, certamente destinados ao uso doméstico e comum, e que constituem a cerâmica usual, e outros, caraterisados pela abundância dos ornatos, esculpidos e aderentes com uma exuberância de motivos antropo ou zoomorfos, todos de pequeno tamanho, e certamente destinados a algum cerimonial, já que os Tapajó não realizavam enterramentos secundários, como sucede com a cultura que floresceu em Marajó.

Dois são os tipos de vasos caracteristicos e típicos dessa cultura: os de "cariatides" e os de "gargalo", aquele se assemelhando a uma taça sustentada por três figuras femininas montadas sôbre um suporte em forma de carretel e este, lembrando a forma de uma anfora votiva oriental, onde o gargalo emerge ao centro de duas azas



Figura de sexo feminino, das que já se convencionou chamar de "ídolos". Representa uma india sentada com a perna direita dobrada à frente, na postura habitual dos de sua raça, e a esguida à boca que chupa o pé. A peça é totalmente recoberta de uma camada creme clara, bem polida e de aparência vitrea, revelando grande esmero no cosimento. O corpo é inteiramente desnudo e o orgão sexual acha-se reproduzido com naturalismo, fugindo a habitual representação por meio de um triângulo inciso ou tanga. Os seios são excessivamente pequenos e a peça inteira é coberta de desenhos em preto e vermelho, parecendo simbolizar tatuagens, sobretudo nítidos em redor dos olhos, nos braços e nas pernas. A pintura dessas duas côres é visivelmente feita sobre a superfície já polida, possivelmente após o cosimento a fogo, o que lhe dá pouca fixidez.



Grande prato fruteira com ornamentos escultoricos zoomorfos nas bordas e na parte externa. A face interna apresenta ornatos de cobras.



Vaso globular de gomos na parte superior, um dos quais, o da frente, onde foi estilizada em baixo relêvo a cara de um macaco, é dividido em dois lóbulos menores. A cauda do animal em oposição forma uma alça. Pintado de vermelho no cocal, na cauda, nas mãos e na cara do animal e ainda na ornamentação dos lóbulos.



Cachimbo totalmente decorado com ornatos vegetais mas já visivelmente de imitação e sem apuro técnico. Paredes espessas e barro claro comumente usado na cerâmica indígena.
Visto de perfil, outro luxuoso cachimbo que se destaca pela pompa dos ornatos de origem vegetal, esculpidos com segurança e obedecendo a um desenho de esmerada composição. Barro escuro e bem cosido, recoberto de leve camada de tabatinga clara.



Vasos do tipo de gargalo ornamentados com estilizações de rãs e cobras em relêvo, apresentando decorações incisivas e geométricas em baixo relêvo.







Vaso globular da coleção Museu Goeldi. Do pouco que se sabe sobre os Tapajó, uma coisa é certa: êles não enterravam seus mortos em urnas funerárias. Moiam-lhes os ossos, para adicioná-los às bebidas que sorviam em vasilhames de barro. Sua cerâmica, assim era toda de superfície e facilmente se misturava com outras, anterior ou posteriormente depositadas nas áreas de terra preta em que êles e outros indígenas instalaram suas aldeias ou fizeram suas lavouras, e acabaram de misturar-se, depois, extintas as tribos, pela enxada do civilizado sempre com predileção pelas terras pretas, consideradas superiores para a agricultura.
A pesquisa estratigráfica do terreno que tão ótimos resultados produz nos aterros artificiais ou mounds de povos que praticavam o enterramento secundário, depositando os mortos ou os restos dêles em grandes urnas, torna-se assim no caso dos Tapajó, problemática ou inútil, tais os erros a que pode conduzir em virtude do amanho secular e continuado das terras pretas nas quais, por essa razão mesma, sempre a cerâmica surge completamente revolvida e até às vêzes queimada e enegrecida pelo fogo dos roçados.



alongadas para os lados, ambos com complicadas estilizações zoomorfas, aplicados juntamente com os ornatos esculpidos e gravados.

A cultura dos Tapajó como toda cultura primitiva, em sua parte artística, é um fenomeno e uma função social, e assim vão buscar seus temas e motivos na natureza e os escolhem com raras exceções entre os acontecimentos naturais e sociais que se apresentam em derredor, esforçando-se por ser realistas, chegando mesmo a dar à suas obras êsse carater de verdade, que muitas vêzes vamos encontrar como fator carencial nas obras artísticas dos povos superiores.

Êsses vasos, pela delicadeza e pelo requinte dos ornatos, exigem maior cuidado e maior técnica em sua fabricação, e se presume que os mesmos eram destinados a algum ritual, sôbre os quais as relações e crônicas não nos legaram dados concretos e positivos.

A fixação de furos ao longo dêsses vasos é que nos leva a supor que os mesmos eram destinados ao recebimento de plumaria, que enfeitavam os mesmos juntamente com os ídolos, durante êsse cerimonial.

Muito embora a cerâmica dos Tapajó seja um verdadeiro jardim zoologico, há uma subordinação às formas representativas de apenas um reduzido número de animais, que servem de motivo e tema a essas estilizações, e são êles: serpente, rã, tarturuga, coruja, onça e homem, que inspiram os desenhos geométricos dos gravados.

A escolha desses animais não é função do livre arbitrio do artista, pois se as representações em relêvo são estilisadas, as incisas são sempre simbólicas, e essa escolha era um imperativo cultural, pois vamos encontrá-los invariavelmente repetidos e esculpidos em toda sua cerâmica. E esta é a história dos Tapajó, e de sua cerâmica, poderosa tribo que dominava as margens do grande rio. Há muita cousa de filosófico quando se manuseia uma peça artística de um povo já extinto. Os Tapajó que na Amazônia viveram e desapareceram, sòmente isso nos legaram, e essas figuras que parecem nos trazer o conhecimento de sua simplicidade, arte que fala de Terra, de luta, de vida, nos faz sentir que, apesar de haver contemplado durante milenios o espetáculo soberbo do Universo e da Humanidade, nunca deixou de se assombrar com o prodigioso fenômeno da vida e captar algum de seus segredos, procurando salvar, ainda que seja um só instante dela no naufrágio do tempo, e êsse momento de vida, detido para sempre, quer nos pratos, nos vasos, nos idolos, é na cultura dos Tapajó como em todas as outras, a mais humana das conquistas da arte.

Napoleão Figueiredo

As peças ilustradas pertencem à coleção Frederico Barata; um dos vasos de cariatide e o vaso globular ao Museu Goeldi de Belém; um dos dois cachimbos à Coleção Charles Townsend.

Bibliografia

F. Barata — A Arte Oleira dos Tapajós. I — Considerações sôbre a cerâmica e dois tipos de vasos característicos. 1950 — Publicação n. 2 do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará.

F. Barata — A Arte Oleira dos Tapajós. II — Os cachimbos de Santarém, 1951. Revista do Museu Paulista. Vol. V. Nova Série.

F. Barata — A Arte Oleira dos Tapajós. III — Alguns elementos novos para a Tipologia de Santarém. Publicação 6 do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará. 1953.

F. Barata — Uma análise estilistica da Cerâmica de Santarém. 1952. Revista Cultura n. 5.

F. Barata — Arqueologia in As Artes Plásticas no Brasil. Vol. I, 1952. Rio.

Kurt Nimuendajú — Os Tapajó. Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi. Tomo X - Belém 1949.

Helen Palmatary — Tapajó Pottery. Etnologisk Studier n. 8. Göteborg, 1939.

Erland Nordenskiold. Ars Americana — L'Archeologie du bassin de l'Amazone. Paris 1930.

Alexandro Pellecier — Mil obras maestras del Arte Universal, Barcelona, 1946.

Ernest Grosse — Die Anfaenge der Kunst.

Pierre du Colombier — Historia da Arte, 1947, Porto.

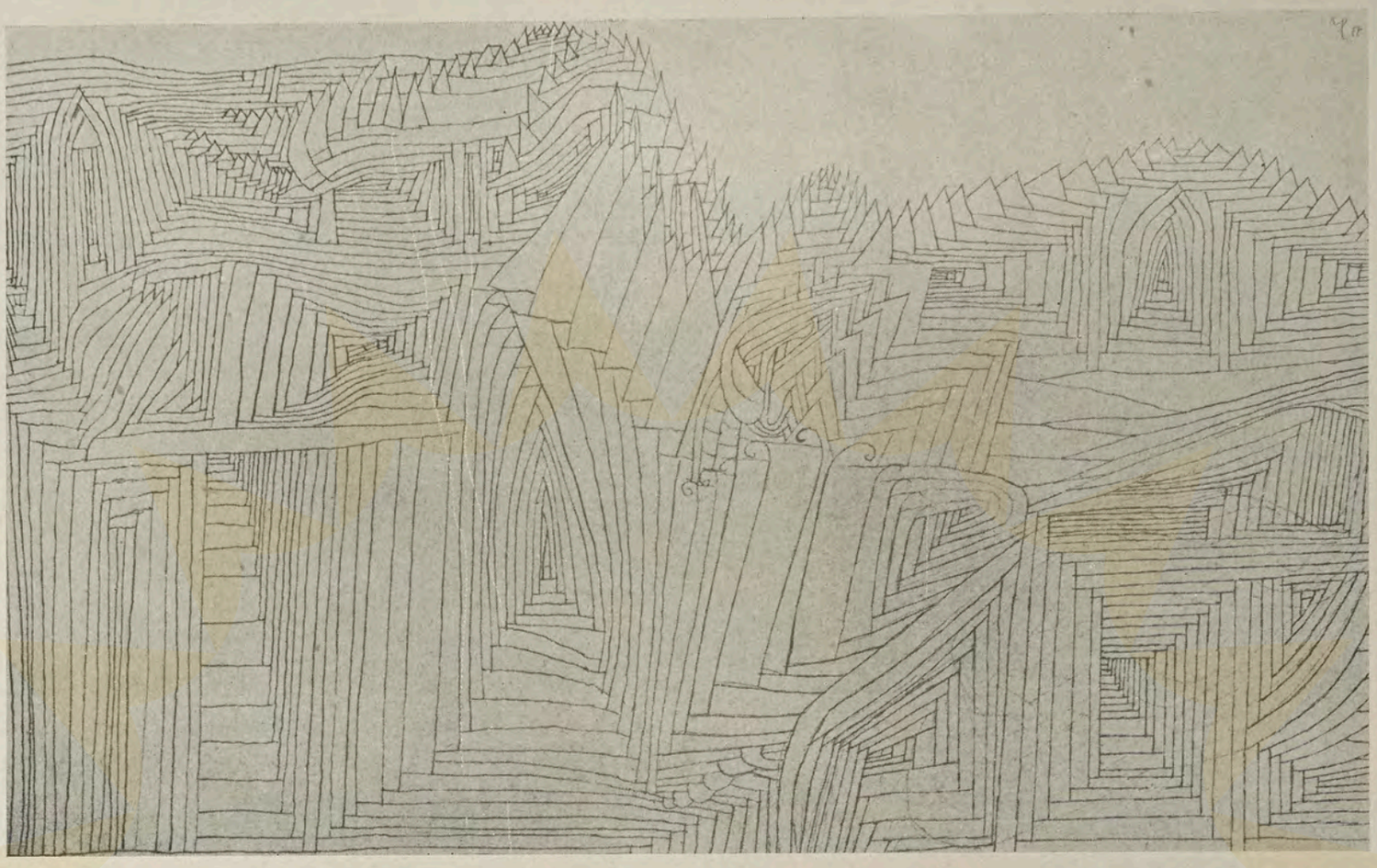


Vaso de cariatide.

Nesses vasos observa-se que todo esfôrço representativo parece ter se concentrado na parte plástica ou escultórica, seja nas cariatides, seja nas figuras nitidamente antropozoomorfas, de destacado relêvo que circundam a bacia em sua linha média, erguendo-se desta até um pouco acima da borda. Estas figuras antropozoomorfas diversificam-se de um vaso para outro nas atitudes, tal como as cariatides, mas obedecem a um permanente e invariável estilo de representação, que a deduzir da própria constância deve significar algo de muito importante para a vida tribal, possívelmente refletindo na simbiose de alma do homem e do animal, comum nas crenças primitivas, e manifestação de um totemismo peculiar.

Vaso de cariatide.





Paul Klee. Templo de rocha (Coleção Lina Bardi, São Paulo).

Aonde vai a Pintura?

O observador, ao qual não escapem os problemas e os estados de espírito que formam e determinam a arte contemporânea, aquêle conjunto de fatos já apontados por Taine com a teoria do *milieu*, encontra muita matéria para reflexão, quando assiste, na Europa, à inauguração de uma exposição da arte chamada abstrata. Isso nos ocorreu com frequência durante êstes mêses de viagem, em várias cidades, grandes e pequenas, em galerias de certa nomeada e nas pequenas galerias que surgem uma após a outra com um nítido programa "não figurativo".

Há um público que participa dêsses movimentos mas não de um modo passivo e, talvez, tampouco para seguir uma moda ou para que o julguem *à la page*. Vimos gente discutindo diante de certas telas de conteúdo algébrico, que a nós induziam ao silêncio, e encontrando, para falar nelas, um verdadeiro vocabulário de têrmos novos, mais ou menos aderentes ao tema, mas, certamente, em todo o caso, interessantes; e não apenas têrmos, mas, com os substantivos e adjetivos, também uma sintaxe carregada de hermetismo, digno do hermetismo pictorico das obras ao qual se referia. Nas mais das vêzes, os lindos discursos constituem puro desperdício, pois servem apenas para panegírico de pinturas nas quais a ausência de qualquer capacidades de forma-côr-composição salta aos olhos, de saída, de quem possui uma certa familiaridade com a tarefa de encontrar, na pintura, o truque, a repetição do trabalho alheio, a compilação e tôdas as demais modalidades em que se apresenta a "maneira". Em vinte, trinta exposições de arte abstracionista ou concretista que queiram chamar-lhe, é muitas vêzes, raro encontrar um metro quadrado de verdadeiro talento, de sensibilidade e honestidade. O pintor novo, o "não figurativo", mesmo aquêle ao qual se reconhece um certo talento, fala dos "figurativos" com desdém e compaixão, ao mesmo tempo, como de pessoas que laboram no êrro, como de pobres coitados ainda não esclarecidos pela luz da verdade. Outrora o pintor, quando não estava em condições, como Leonardo, de escrever um "Tratado", pouco falava; agora, ao contrário, êle fala, seguro de si, em tom de leguléio, com seus silogismos adrede preparados, alardeando uma dialética que elimina quaisquer dúvidas e é capaz de atordoar um surdo. Há dias, numa dessas exposições, perguntei a um artista se estava mesmo certo de que suas linhas, traçadas simplesmente numa tela de juta de larga urdidura, sem preparação, acabariam perdurando no tempo. "A pintura não deve nhece um certo talento, fala dos "figurativos" com desdém e compaixão, ao mesmo tempo, como de pessoas que laboram no êrro, como de pobres coitados ainda não esclarecidos pela luz da verdade. Outrora o pintor, quando não estava em condições, como Leonardo, de escrever um "Tratado", pouco falava; agora, ao contrário, êle fala, seguro de si, perdurar no tempo", respondeu logo. Observamos-lhe então: "Seria realmente pena se Giotto e Bosch não tivessem perdurado até nós". E êle revidou: "A História não deve ser uma escravidão". Mas então, pensamos nós, porque êsse pintor contribui, na substância, para a História, pintando e vivendo? O que mais oprime, neste oceano de abstracionismo, é a ignorância filosófica, é o desconhecimento das coisas, é a verificação que se pretende mudar o roteiro da arte sem ter nas mãos a bússola. Outro pintor de alguma nomeada, que sai da cidade ou chega de volta acompanhado pela sua pequena côrte, é verdade que, segundo uma carta de Miguel Angelo, também Rafael passeiava por Roma com um séquito de *supporters*, falava-nos na incomensurável conquista da arte abstrata, no fato de ter ela encontrado uma "linguagem internacional", o que significaria que Cézanne e Van Gogh falam a linguagem de Aix ou de Saint-Rémy. Não assinalaríamos êsses despautérios se não os tivessemos colhido nos lábios de pessoas com uma certa responsabilidade.

Mas, como íamos dizendo, eis que o público começa também a pensar dêsse mesmo modo. Um colecionador russo, de quem vimos em Bruxelas verdadeiras obras-primas, o senhor Dautremont, fala com elegância e argúcia, e com a mesma convicção, dos seus quadros abstratos, do mesmo modo que do seu estupendo Douanier Rousseau, da paisagem de Klee e de um Matisse *fauve* que parece ter sido pintado com a própria alma de artista. E são essas pessoas cultas, já agora imbuidas na tendência, que nos levam a refletir, pois está longe de nós a ideia de negar um valor ao movimento. Na mesma coleção Dautremont, eis que aparece um jôgo de vermelhos e pretos de Kandinsky e uma sólida composição de Magnelli, onde não é possível mudar nada, pois tudo se origina de um pensamento unitário, amadurecido, solvido. Mas é justamente quando pensamos em Kandinsky que nos acometem muitas dúvidas a respeito do Kandinskysmo retardado. Acostumados, desde a meninice, ao suceder-se das polémicas de arte, cubismo, futurismo, metafisicismo, dadaismo, surrealismo, abstratismo, etc., este retôrno a uma idéia que alguns dos mestres já lembrados, e mais Mondrian e poucos outros, tinham concluido e esgotado, produz em nós um ressaibo de sopa requentada. Não no que toca aos mais velhos, repetimos, mas no que concerne à massa de decoradores, que achando o modo de estampar na tela, descontroladamente uma ou outra forma padronizada, uma ou outra côr, põem no mundo um quadro, ou melhor, dezenas de milhares de quadros. Não é a arte abstrata que está errada. E' a pletora de pintores abstratos que incomoda, é ver a pintura rebaixada a soluções demasiado fáceis, de todo o gênero, espirituais e técnicas. E, com essa excessiva facilidade produtiva, eis que surge a excessiva facilidade colecionista, a moda de ter



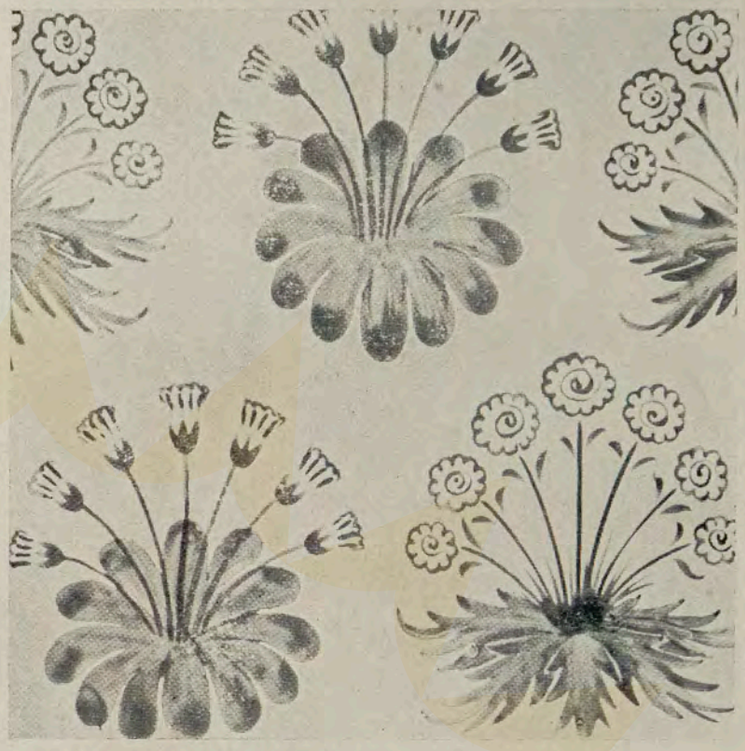
Picasso. Mulher sentada numa poltrona.



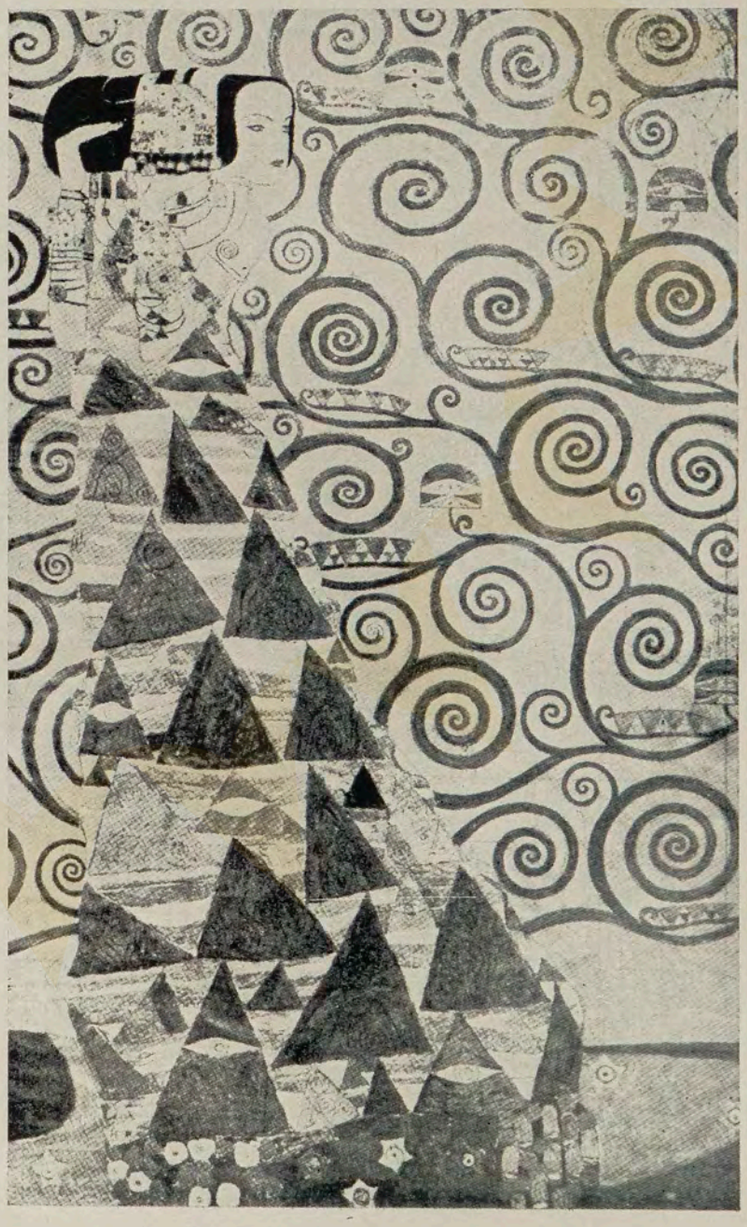
Vassily Kandinsky. Variação horizontal (Museum of Non-objective Painting, New York).



Pintura romana, Pompei, 1.º séc. d. C. (Coleção P. M. Bardi, São Paulo).



William Morris. "Daisy", desenho para tapeçaria (Morris & Co. Ltd., London). Sec. XIX.



Gustav Klimt. Esbôço para um painel em mosáico da residência Stocklet, Bruxellas.

dentro de casa pinturas abstratas, do mesmo modo que nas casas de antes da guerra se colocavam nas paredes as paisagens com o cabrito e os lagos ao luar.

Há, sem dúvida, profundos estados de efervescência entre as pessoas que se interessam pela arte, poucas ainda, infelizmente. Há, de cinqüênta anos para cá, um cansaço em relação à figura e à natureza: o trabalho continuado de seccionamento e de desagregação, iniciado por Cézanne e levado a suas derradeiras conseqüências por Picasso e Braque, acabou com um deleite naturalista que se prolongara até o fim do século, num momento de enfado da maioria dos bons pintores. De outro lado, pressentia-se um século de ambições desmedidas no descobrimento científico, quase que a desfiguração da medida homem: desde o bombardeamento do átomo até à máquina eletromagnética para traduções, caminha o homem para além dos limites de seus próprios progressos, cada vez mais urgentes e cada vez mais desproporcionados à lógica de tempo. Ora, os artistas pressagiaram isso perfeitamente, à maneira de um Julio Verne, quando as primeiras obras dos cubistas obrigaram o mundo a perguntar a si mesmo o que estava acontecendo. A atual preferência por esta volta à liberdade das formas fora da medida humana e a aprovação que a acompanha, por parte de um público cada vez mais numeroso, podem levar a previsões, até ao fim do mundo, no que tange à moral tal como a entendiam os antigos. Os revolvimentos religiosos, as sangrentas lutas políticas, a inadequação das religiões tradicionais que não acompanham a marcha dos tempos, a ameaça continuada de uma nova Arca de Noé, podem, de certo modo, justificar o repúdio pelo centro da nossa própria razão, o homem. Parece quase uma espécie de preparação para o grande sacrifício do homem ao seu narcisismo.

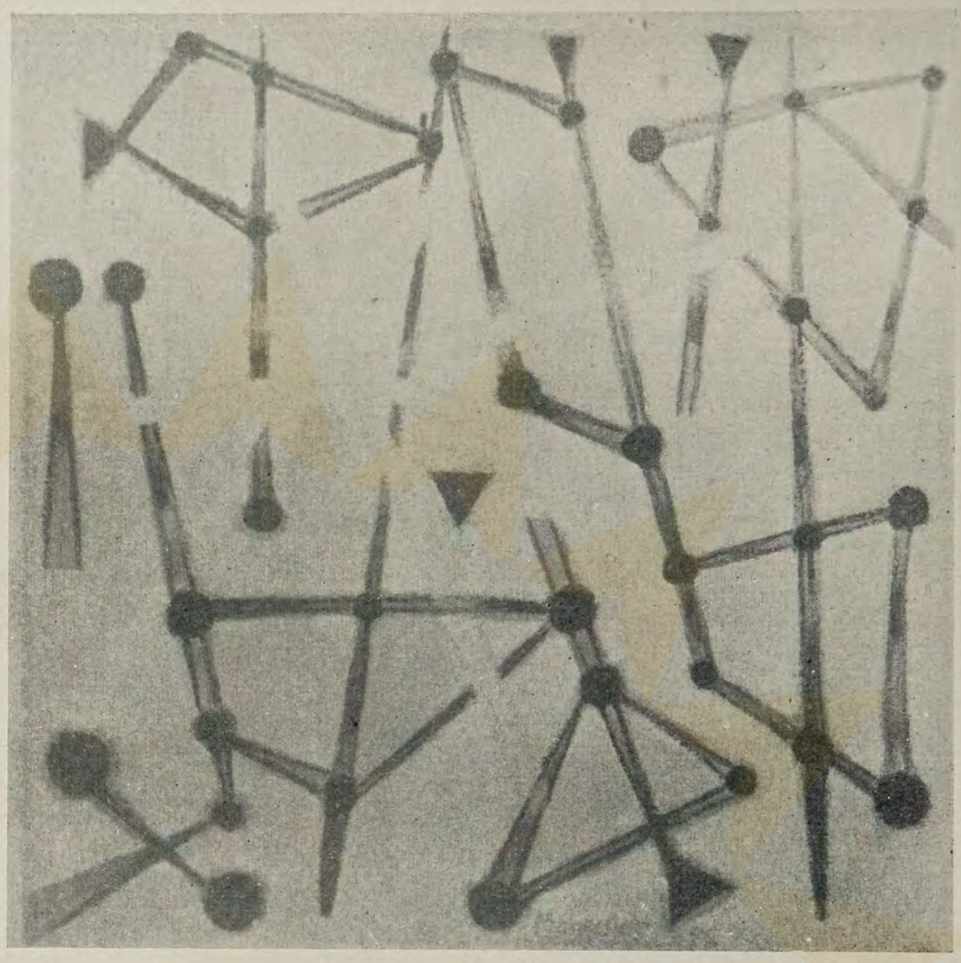
Há dias, numa pequena galeria de arte onde estavam penduradas umas cinquênta telas, executadas com um esmêro sabor bizantino, penduradas com todo o cuidado, distanciadas uma da outra com meticulosidade, pareceu-nos quase que éramos uns intrusos. O pintor era um bom conversador, inteligente, consciente do seu trabalho, que não deixava dúvidas quanto à renúncia completa à figura; e a espôsa dêle estava de calças pretas. O casal morava numa vila *not sophisticated*, em comunhão com um mundo simples. Não sabemos se as pessoas simples podem compreender alguma coisa nêsses segmentos de linhas com os campos devidamente cobertos de côres. Mas, dentro da galeria, nos sentíamos como estranhos, por mais que desejosos de compreender.

Um fenômeno ainda mais indicativo é o das exposições a dois tempos: meio figurativo, meio antifigurativo. Procurámos interrogar o pintor. Disse-nos que, desde algum tempo, é assim que êle sente. Sem dúvida, de boa fé, sem dúvida, influenciado por conversas, por leituras de revistas, por conferências, por espírito de emulação, pela outorga de prêmios da parte de comissões formadas por críticos de arte que sabem o que fazem e, quiçá, autores de graúdos volumes sôbre Ticiano ou Manet, como é o caso da última Bienal de São Paulo, onde a pintura abstrata, ao que dizem, foi apresentada em tôdas as suas manifestações mais sérias e, também, mais extravagantes. O fato é que um pendor para as formas não figurativas existe e deve ser levado em linha de conta. São tolos os que imitam o avestruz, que esconde a cabeça para não ser visto. Outra observação que fazemos continuadamente, ao visitarmos ateliers e conversarmos com autores e cultores de arte abstrata, é a que se refere às fontes de inspiração, à imaginação, ao emprêgo dêsses elementos frios e formais que já se compõem, apenas, de linhas ou de figuras de sabor geométrico, quando não são simples e diretamente tiradas da geometria. A primeira coisa que nos vêm à mente é o velho caleidoscópio, é a dilatação de elementos e formas imprevistas da natureza, desde certos restos de madeira, corroida pelo mar, que vêm dar à praia, até o esquema molecular da matéria. Os armazens dos novos elementos abstratos são inumeráveis e os encontramos debaixo dos olhos a todo o momento, contanto que lhes prestemos alguma atenção; olhando um tecido "Salon des arts industriels" de 1924 ou 1925 e eliminando alguma forma que sabe



Alberto Magnelli. Composição. (Coleção Aldo Magnelli, São Paulo).

Manessier. Composição.



demais a flor, pode-se constituir a existência de um pintor abstrato à cata de temas. Mas justamente aqui, em Bruxelas, descubro algo de que nunca ouvi falar ou de que ninguém se lembrou no terreno da crítica de arte contemporânea: o mais puro e verdadeiro precursor dêste conceito da arte do qual estamos tratando, as decorações de Gustav Klimt para a sala de jantar da casa Stocklet de Hoffmann. O assim chamado decorador dos escaravelhos vienenses tem trechos de "abstrato", de um abstrato verdadeiro e precioso, dignos de Kandinsky. A casa Stocklet é de 1903. Dizemos isto para pedir aos organizadores da Bienal de Veneza que façam o favor de descobrir a Escola de Viena. Se nossa conversa se demora tanto e se deleita neste tema da arte abstrata é porque não se trata de coisa simples ou fútil. Durante nossas numerosas visitas, todo o leitor de "Habitat" pode fàcilmente imaginar o tempo que dedicámos à procura das fontes. Para tôdas as vicissitudes da história da arte e para as suas infinitas partes, cumpre sempre procurar as fontes, com paciente trabalho de penetração. Nêsse espírito se realizaram nossas visitas ao ainda intacto atelier de Kandinsky. Na primeira vez, fomos lá junto com Lasar Segall, que do autor da "Espiritualidade na Arte" foi amigo devotado. O quarto, que a viuva mantém intacto, tem uma claridade metafísica, a ordem amável que voltamos a encontrar nas obras do mestre. Ficámos horas a fio examinando as pinturas, horas a fio pensando nessa extraordinária vocação de um descobridor de mundos. No atelier à margem do Sena, pensámos num êrro de nossa parte, ao querermos atribuir a esta arte, que Kandinsky não quis nunca definir com um adjetivo, a posição de uma exasperação do expressionismo. Vendo e examinando de perto as obras de Munique, as paisagens de um estilo ainda ligado àquela escola, convém de preferência pensar que Kandinsky recebesse uma divinação repentina, sentisse uma repulsão subita pelo descritivo ao qual era forçado e mediante o qual não conseguia expressar-se.

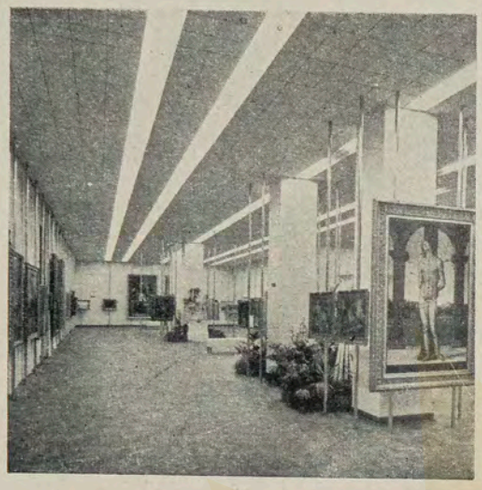
Mas eis o mestre, inspirado em todo o seu momento de criação: centenas de motivos, na escala de variações infinitas, de pensamentos que correm um atrás do outro, a multíplice e variada fantasia no tomar e retomar a forma nas posições mais imprevistas de movimento, a fixação eterna de um conjunto de linhas, a carga da côr, a poesia da narrativa e a placidez da entrega da maravilha à eternidade. Kandinsky é anadiomene, é a candura de um deus que geometriza, é um trecho claríssimo de Platão. Infelizmente, não sabemos se essa corrida de retardatários nas pegadas de Kandinsky não passe em noventa e cinco por cento das vêzes, de uma espécie de inútil maratona. Pensamos numa Arcádia com raríssimos Pastores.

Movem-se os países novos, a América do Sul, diz-nos um colega da Venezuela. E, com efeito, aqui está outra exposição na qual se exibem obras que serão executadas, como decorações abstratas, na Universidade de Caracas. Acrescenta o colega que isso é possível porque êsse continente não tem bolas de ferro amarradas aos pés, não tem tradições que estorvem as livres expressões da arte; e cita o desenvolvimento da arquitetura brasileira e o impulso que teve com a Bienal, a arte abstrata. E como eu estivesse bem disposto para as observações, expliquei-lhe que Le Corbusier e os inventores do abstrato são todos produtos dêste já gasto continente europeu, com suas rugas tão duras quanto as de um hipopótamo, mas com um cérebro ainda cheio de fósforo, que agora se agita à volta de uma idéia da arte que exporta para o mundo inteiro, como parece ser seu privilégio há milênios.

P. M. Bardi



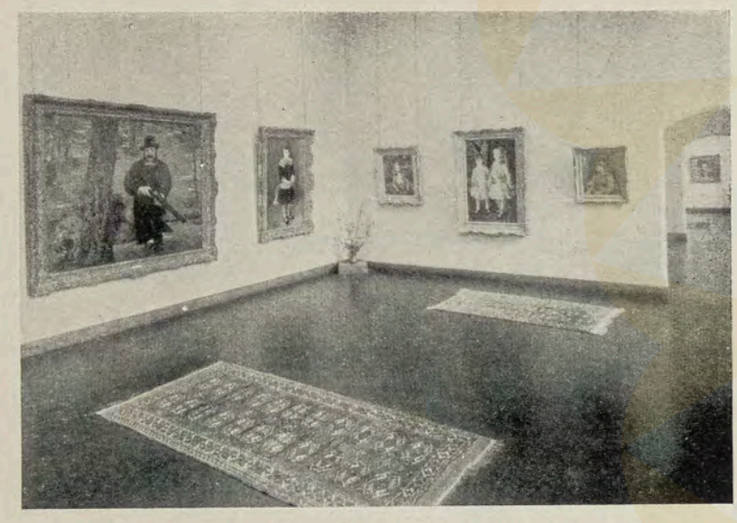
Max Bill. Composição.



O Museu de Arte de São Paulo iniciou sua existência numa sala com alguns quadros. Depois de sete anos sua pinacoteca já é uma dentre as mais famosas do mundo.



Obras da pinacoteca do Museu de Arte expostas em Utrecht, Centraal Museum.



A Sala em Utrecht dedicada às telas dos Impressionistas franceses.

O Museu de Arte em Utrecht



Prossegue pelos países da Europa a exposição das obras-primas do Museu de Arte de São Paulo. Apresentada inicialmente no Musée de l'Orangerie, de Paris, e depois, no Palais des Beaux Arts, de Bruxelas, e no Centraal Museum, de Utrecht, encontra-se atualmente no Kunstmuseum de Berne, à convite do Govêrno suiço. No mês de junho, à convite do Art Council do Govêrno britânico, a exposição será apresentada na Tate Gallery, de Londres. Nessa ocasião, serão substituídas por outras, várias das obras até agora exibidas, já que nesse interim aumentou ainda de modo considerável o patrimônio do Museu. Depois de Londres, as telas do Museu seguirão para Nova Yorque, onde serão apresentadas no Metropolitan Museum.



O Senador Assis Chateaubriand visitou, no mês de Abril, a Exposição das obras primas do Museu de Arte de São Paulo, em companhia dos srs. Adriano Seabra, José Lins do Rego, Odorico Tavares, recebido pela diretora do Centraal Museum, sra. Elizabeth Houtzager e do prof. dr. W. Vogelsang. No chiché ao alto, o representante da cidade de Utrecht oferece ao Senador Chateaubriand uma recordação da Holanda.

"Passeio ao Luar" de Van Gogh, exposto em Utrecht.





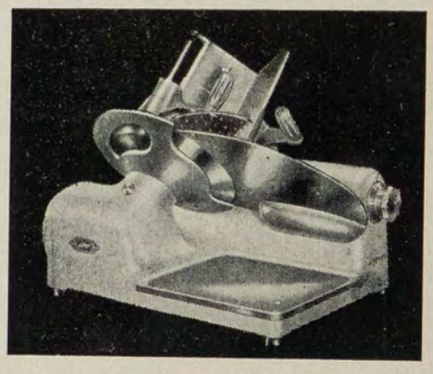
Trabalho Doméstico

O problema do trabalho doméstico, isto é, libertar a mulher da escravidão da casa, é um dos problemas "sociais" dos mais importantes. A racionalização do trabalho doméstico, o aperfeiçoamento e a mecanização da casa são os instrumentos para resolver êste problema.
Publicamos duas "correspondências" de Paris relativas aos acontecimentos mais importantes do ano no domínio da "casa": o Salon des Arts Ménagers e a exposição "Techniques 1954".

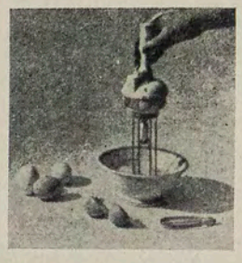
O salon des Arts Ménagers em Paris

Paris, abril

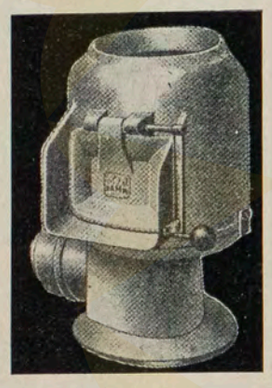
Foi um prazer visitar o 23.° Salon das artes domésticas, que inaugurou na primavera fazendo voltar Paris novamente concorrida, alegre e cordial. A cidade inteira, a França toda veio ao Grand Palais para ver quais as novidades, quais os preços, qual a qualidade dos objetos apresentados. Esta exposição tem o caracter de uma especie de feira popular destinada a ajudar a dona de casa em seus complexos problemas de govêrno, principalmente quando o orçamento familiar é reduzido; e devemos admitir que o Salon é verdadeiramente um auxílio para a dona de casa. Aos poucos, ela, seguindo o exemplo americano, vai se libertando de tantos pequenos aborrecimentos, de trabalhos muito cansativos que lhe roubam um tempo precioso, facilitando, assim, as tarefas: uma nova descascadeira de batatas ou uma vassoura tipo esponja, podem tornar mais facil a vida doméstica, sem falar na quantidade de aparelhos elétricos, que dão liberdade de movimentos, asseio, economia.
O slogan mais difundido dêste Salon é aquele referente ao standard: a fabricação em massa de um objeto reduz seu preço e aumenta sua perfeição técnica, e, consequentemente, sua duração. O alto-falante, nos corredores onde a exposição é mais tranquila, anuncía: logo que se começou, na França, a fabricação dos primeiros aparelhos TV, cada um custava Fr. 140.000; pelo aumento da produção, o preço baixou a 75.000 francos. Num país como êste, em que a vida industrial baseia-se na concorrência, os preços são inevitavelmente honestos, e, no Salon, em qualquer que seja a secção, podemos constatar o quanto estamos longe daquela economia facil e protegida pelos preços elasticos, sempre a favor, naturalmente, de quem produz.
A exposição abrange desde o urbanismo (o público, entretanto não demonstra o mínimo interêsse pela arquitetura das casas coletivas e individuais), até aos produtos alimentares. O público aglomera-se



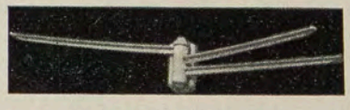
Pequena máquina para cortar frios.



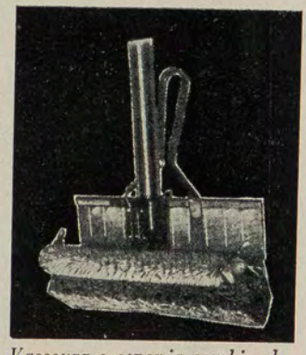
Batedeira elétrica.



Máquina para descascar batatas.



Suporte para panos de cozinha.

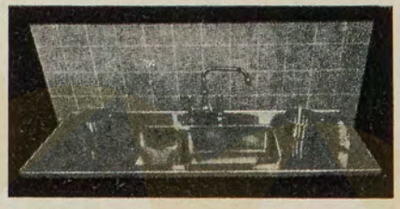


Vassoura e esponja combinadas.



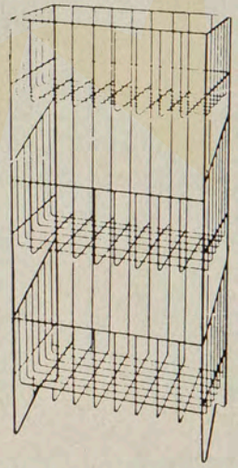
Aquecedor de pratos.

Pia em aço inoxidável.

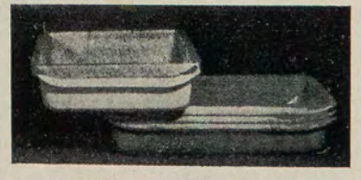


Afiador elétrico para facas.





Estante para cozinha.



Travessa de matéria plástica.

Tigela e copo de matéria plástica.





Techniques 1954

Eis algumas das novas ofertas para a exposição "Techniques 1954" que foi inaugurada em 13 de maio em Paris:

Casas "bulles", em forma semisférica, construídas em borracha armada (nylon e borracha reforçado com hastes de ferro, o todo recoberto com revestimento de cimento). Pelo que parece, essas casas aguentam um vento de 200 km. h.; seis unidades custam 2.000.000 francos.

Frangos preparados num saquinho de matéria plástica, postos no forno assim embrulhados, não precisam ser nem vigiados nem banhados; basta rasgar o saquinho no momento de servir os frangos.

Um aparêlho para emagrecer que, sem droga nem regime algum, permite perder seis quilos por mês usando-o três vezes por semana. O aparêlho age mediante vibrações que aceleram a vida das celulas.

Um rádio conjugal. Trata-se de um pequeno aparêlho receptor por meio do qual um dos cônjuges pode ouvir as recomendações, os conselhos e as críticas do outro cônjuge.

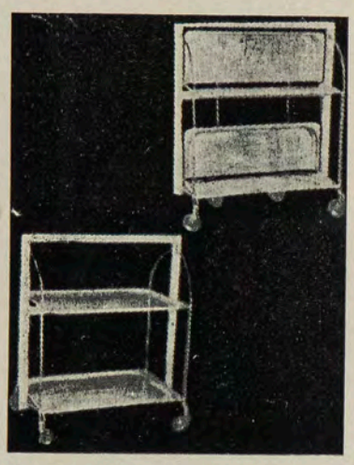
Uma armadilha infalível contra os mosquitos: o ruído caraterístico emitido por um mosquito que vôa é registrado. Transmitido, êsse ruído atrai irresistívelmente os machos que se pousam sôbre fios elétricos.

Puréias de legumes e de carne serão vendidas em conservas para as crianças e os doentes. Os próprios flocos de aveia serão vendidos cozidos e predigeridos; basta juntar-lhes um pouco de leite frio.

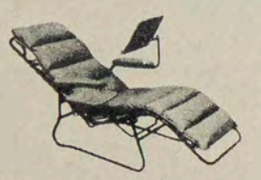
sempre em volta dos objétos de uso comum. A secção de arquitetura parece propor aos visitantes problemas muito difíceis: para se construir uma casa necessita-se de muito dinheiro; comprar um ferro de passar, qualquer um pode. Apesar dos esforços desprendidos para interessar o público às exposições de arquitetura, com plasticos, locais vistos panoramicamente do alto e com bonitas moças dentro que dão todas as explicações, o público não as visita. A secção mais concorrida é aquela dos aparelhos de cozinha, as geladeiras, agora baratas, em todos os tamanhos, até mesmo em forma cilíndrica, vista com a secção perpendicular. A aspiração mais compreensível é justamente a da geladeira, que, ainda antes da guerra, era considerada, na Europa, um luxo. As fábricas, agora, são inúmeras, e, através dessas exposições, propagam-se às provincias e ao campo.

Sob o ponto de vista estético, que é o que mais nos interessa, o melhoramento do "industrial design" é constante. Desapareceram aqueles moveis reproduções de estilos antigos; mas, nem tudo que reluz é ouro; de vez em quando algum stand com produtos fora de época (relógios de cuco, compensados, prensados com desenhos de sabor gotico, moveis "Salon des Arts décoratifs 1926", etc.) parece querer fazer medir o progresso do bom gôsto e da coerência com a época. Os novos materiais, e, de maneira especial, o triunfo dos plasticos, impõem, às produções, um novo caráter: a passagem do esmalte, por exemplo, ao aço inoxidável, impôs um estilo sóbrio, sem decorações, e desligado do tempo.

O Salon des Arts ménagers demonstra, êste ano, também, sua utilidade, e pode ser quase considerado como uma grande exposição de arte dedicada à vida quotidiana: são estas as bienais que se deviam organizar no Brasil, em vez das Bienais onde se mostra uns poucos Picassos para admiração de um grupinho de pessôas, que, por autosugestão pensam entendê-los.



Carrinho dobrável.

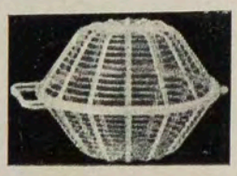


Espreguiçadeira móvel, em tubo de aço esmaltado.



Moedor elétrico de café.

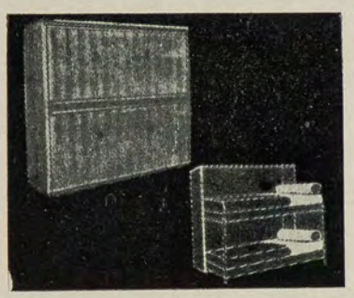
Cestinho duplo de matéria plástica.

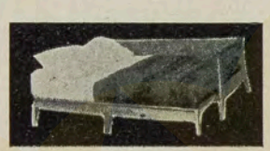




Banheira portátil pneumática.

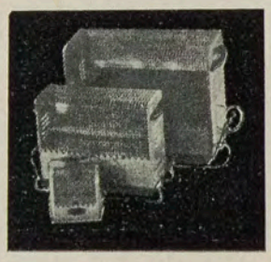
Camas-armário.

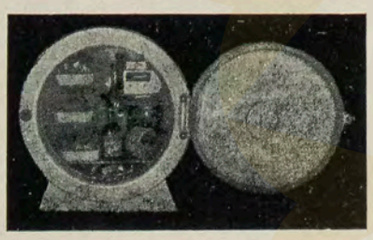




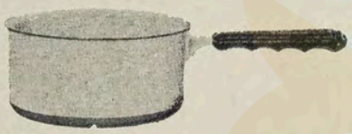
Um sofá-cama para casal.

Novas formas de radiadores cataliticos.





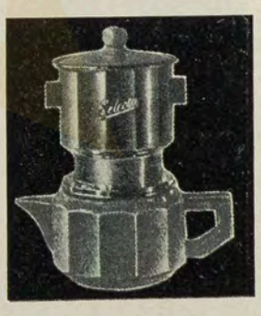
Pequena geladeira de matéria plástica.



Cassarola, com cabo de matéria plástica.

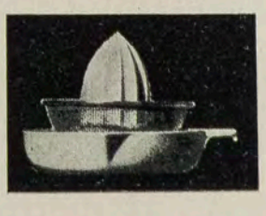


Liquidificador elétrico



Nova forma de cafeteira.

Espremedor, mat. plástica.



Visor sôbre o Rio

Não são estas duas páginas "venenosas" sôbre o Rio de Janeiro, mas um pequeno documentário de modos de viver, de flagrantes, de momentos da vida de uma grande cidade; pequenos comentários benevolentes para a história do "costume".

Fotos: Sascha Harnisch.

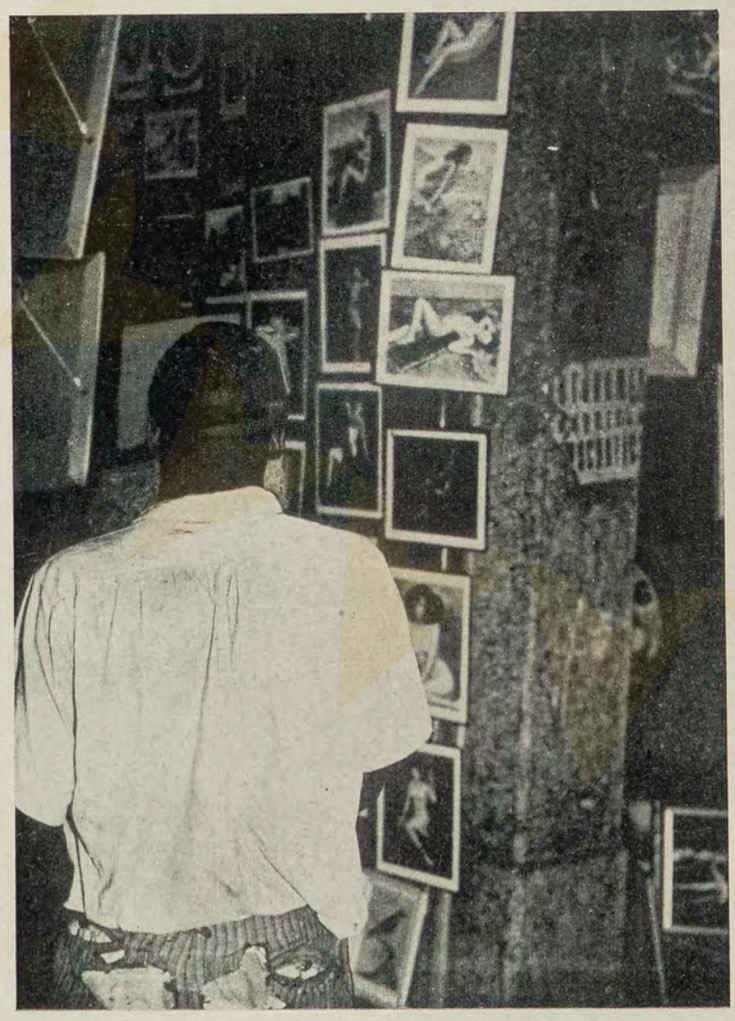


Despêjo em Copacabana.



A "Banda dos Bombeiros".

"Parada".



"Sweep-stake".





"Meia-noite em Copacabana"; Capitolio, de areia.



Barra da Tijuca.

Habitat — O Mundo

O Homem Anti-Natureza ?

O leitor lembra: começamos esta revista como revista das artes no Brasil, e em cada ramo sondámos e procurámos extrair o melhor e o mais atual. Pouco a pouco a fortuna do periódico foi-se afirmando sempre mais e os interesses de pesquisa tornaram-se mais amplos, e ei-nos a olhar além do nosso vasto país, além das fronteiras e do oceano. Nêstes anos, também a arte e sobretudo a arquitetura brasileira tiveram uma expansão natural, e os contátos com o mundo que resultavam, nos impeliram junto aos nossos leitores, a desejar de comentar nessas páginas alguns acontecimentos do espírito que parecem ignorados pela nossa imprensa, e que pertencem ao tema da nossa revista. Habitat não é um nome genérico, mas significa o lugar onde o homem vive, a casa antes de tudo e a arte que constitue e substancia a casa; mas é habitat a aldeia, a nação e portanto o mundo na sua estupenda engrenagem de natureza e de humanidade, de esperanças e de obras, de fé e de lutas. Esta nova rúbrica não quer, naturalmente, nem ser um noticiário, nem um comentário; não quer falar de tudo e de tudo tratar; o seu limite é falar de determinados assuntos que fazem parte do habitat do homem à procura daquêle nutrimento que é a "arte" e que nós procuramos espalhar ao redor afim de que frutifique o melhor e mais rápido possível... De outro lado pensamos que a pessoa culta pede a uma publicação da qual gosta, o mais possível de idéias, de horizontes abertos e de discussão, o mais possível de ajuda para ter uma opinião sôbre o porquê filosófico da nossa jornada: numa palavra: a reflexão.

Ler as relações dos congressos, pelo menos dos congressos nos relatórios dos quais cada um de nós sabe ler tendo familiaridade com os temas ou a curiosidade estimulada por um certo espírito de compreensão, é sempre instrutivo. As leituras feitas com a finalidade de tirar delas um juízo útil ao nosso aperfeiçoamento moral são, ainda hoje, no tempo do rádio e da televisão, as verdadeiras companheiras. Karl Marx foi um leitor assíduo dos boletins da Câmara dos Comuns, que êle ia comprar nas lojas dos revendedores de papel velho e Anatole France, encarniçado leitor de catálogos industriais; cada um de nós sabe o que ler, e talvez a leitura seja apenas um excitante para pensar e um diversivo, dependendo tudo, como é fácil imaginar, do grau de imaginação, da fantasia e da cultura da capacidade especulativa que se acha ou não, em cada um de nós.

Dissemos que a leitura das relações dos congressos é cheia de fascinação, permitindo-nos julgar os homens que se revezam na cena dessas reuniões de especialistas, os quais muitas vêzes não têm nada de novo para dizer, mas não querem faltar à reunião fixada no congresso anterior. Se nós tivéssemos sido os organizadores daquêle inverossímil número de congressos do Centenário de São Paulo, verdadeiro *tour de force* no que concerne ao número, teríamos pensado na realização de um congresso, que, mais cêdo ou mais tarde, será preciso organizar, convocando não os usuais funcionários dêstes ou daquêles ministérios ou destas ou daquelas universidades, espécie de prazêres recíprocos para fins turísticos, mas aquêles cinqüênta filósofos, cientistas, artistas, mentes especulativas para discutir a fundo um problema que tem de ser resolvido antes da segunda Arca de Noé: "O homem anti-natureza ?"

A idéia nos vem precisamente da leitura das atas do Congresso organizado há dois anos em Caracas pela União internacional para a proteção da natureza, e das atas do recentíssimo VIII Congresso internacional científico do Pacífico, convocado em Manila, e que parece ter sido uma espécie de corolário do primeiro. Essas duas reuniões deveriam determinar uma terceira, e é exatamente isto o que São Paulo deveria ter organizado na ocasião dos festejos do centenário, provocando uma espécie de revolta contra o conceito genérico das feiras mais ou menos oratórias, procurando reunir e deixar falar gente de diversas especialidades para tirar disso algumas conseqüências humanas, em favôr dos homens. Em Manila, estando presentes personalidades como Julian Huxley e Harold Coolidge mais uma vez se examinou o problema do perígo dos desvios dos grandes cursos de água para se obter represas, o problema dos respectivos métodos de reflorestamento, do readaptamento das culturas, das normas jurídicas contra os incêndios. De um lado a conciliação dos interesses do homem "hidroelétrico", do outro, a justa preocupação, por exemplo, pelo desaparecimento do *pinus insularis* que a natureza pôs em determinados lugares não sòmente para embelezá-los, o que é a sua máxima tarefa, mas também para fixar os terrenos e para preservá-los da erosão. Como é bom que o homem, além de trancar-se nos seus covís afim de fazer funcionar o ciclotrone, mais pelo prazer de ter uma arma destrutiva a mais do que para dar ao cidadão a possibilidade de iluminar a lâmpada portátil com a "pilha atômica", último requinte da R.C.A., como é bom que o homem se reuna também nas margens do Ambuklao e se preocupe do destino dos pinhos !

Acontece apenas que êsses botânicos, engenheiros, biólogos, geólogos, que se achavam naquêle domingo na ilha de Luzon, não tiveram propaganda alguma. O jornalismo torna-se cada vez mais horroroso: tem interêsse sempre maior em provocar guerras, vende-se àquela espécie de sadismo bélico *in pectore* que é o esporte como competição, analisa até à impudicícia tudo quanto é crime; e, de outro lado, ignora qualquer anseio poético do homem, pensando que êste desejo dos leitores se satisfaz com o suplemento literário dos domingos, autêntico furor de grafômanos impotentes. Somos severos com a imprensa porque ela não educa o mundo. O leitor, para descobrir uma notícia qualquer sôbre temas tão importantes como os acima mencionados, tem de realizar pesquisas em inexistentes bibliotecas especializadas ou esperar a publicação de atas, que depois permanecem sepultadas, pois ao homem é proibido interessar-se por si mesmo. Quem sabe, por exemplo, que Roger Heim, da Academia das Ciências de Paris, lamentou a destruição de vinte salgueiros da raríssima espécie *daphnoides*, velhos de seiscentos anos, sacrificados pela sobreelevação do lago d'Oregon, e também o desaparecimento do *Lycopodium annotnum* da única zona dos Pirineus em que existia. Essas deplorações não representam sòmente as queixas dum cientista, do mesmo modo que nós, por exemplo, nos queixaremos durante a vida tôda da administração da cidade de Bahia que permitiu a destruição da Sé primacial para deixar passar o bonde, queixa de estetas; mas constituem uma repreensão feita ao homem, que, com demasiada leviandade, pensa que já se tornou o dono da natureza, quando, ao contrário, deveria considerar-se como um seu hóspede e viver nela com todo o respeito devido ao anfitrião e à casa dêste. Eis um tema para um Congresso, um congresso que uma cidade jovem (que, de outro lado, também derruba as suas árvores seculares quando um qualquer arquiteto-mirim tem de construir uma casa naquela área) deveria ter organizado, intervindo, assim, na história do mundo com uma idéia original, em vez de que com trezentas idéiazinhas, copiadas de trezentos e uma idéias alheias, sem exame algum, e oferecidas ao público, com o dinheiro do público, como sutilíssimas invenções.

Talvez estas observações tôdas sôbre a importância do homem "natural" possam parecer românticas, à Bernardin de Saint-Pierre; mas não vemos outra possibilidade para o *habitat* do homem além dêste exame de consciência de si mesmo nas suas relações com a natureza, dos limites de sua transformação, ainda antes de tê-la compreendida e de saber o que ela é. Afirma o prof. Heim, num seu escrito, que um hidroelétrico dizia: "O futuro da humanidade exige que as experiências de transformação da natureza sejam realizadas a fim de que o homem possa pedir à terra os meios de vida para uma população que cresce incessantemente". Eis o conflito. A resposta de Heim:

"L'augmentation effarante de la population humaine aboutira à une utilisation extrême des ressources naturelles. Mais celles-ci ont une limite. Est-ce contribuer à résoudre la question que de la poser ainsi, au-devant d'un monde pléthorique et électrifié, dans lequel il n'y aurait place ni pour les cascades, ni pour les gorges, ni pour les forêts de chênes, ni pour la faune aquatique, ni finalement pour le manteau de verdure naturelle ?"

Mas o problema não é ainda êsse: a resposta permanece ainda subespécie científica. Há problemas muito mais amplos e menos biológicos que gostaríamos de ver discutidos numa reunião sem homens políticos e sem generais, sem tôdas essas ótimas pessoas que, mesmo estando de bôa fé, nada compreendem do problema central da vida: a posição do homem na natureza, a sua ilimitada posição no globo do qual pode dispôr, fora dos sistemas políticos (os quais, naturalmente, deveriam ser solvidos). Uma conferência que reunisse as mentes operantes, presidida, digamos, por Einstein ou por Schweitzer, que recomendasse aos homens um comportamento e ditasse novas normas de boa educação. Não vale a pena extrair tanta coisa da natureza e gozar dos privilégios que ela nos oferece constantemente, se o homem não participa de um progresso moral.

Esta é a sugestão à qual pensamos lendo as atas dos congressos de Caracas e de Manila, e sentimos mais uma vez que a nossa imprensa diária não tenha mandado para lá dez enviados especiais, como o faria para um jôgo de futebol ou para a recepção na casa do ilustríssimo senhor Fulano dos Anzois, recém nomeado cavaleiro da Ordem do Borocochô a Cavalo.

P.M.B.



A Natureza vista por um homem de negócios.

O poeta antecipa

O poeta, o artista e o filósofo antecipam. Já dissemos alhures que os cubistas anteciparam em pintura a idéia da decomposição da matéria em átomos. Mas eis duas notícias lidas nos jornais: a morte de M. Esclangon, antigo diretor do Observatório metereológico de Paris e inventor do relógio que fala, o lançamento do "Nautilus". No "Journal" de 6 de outubro de 1889, Jules Renard dizia: "Un jour on mettra des phonographes dans les pendules. Eles diront, au lieu de sonner: Il est cinq heures.... il est sept heurs". E como é interessante que o submarino atômico da marinha norte-americana se chame "Nautilus"! Hollywood anuncia que Charles Boyer "rodará" as "Vinte Mil Léguas Submarinas" do formidável poeta Julio Verne.

A evolução inexorável do progresso

Louis de Broglie, premio Nobel 1929, respondendo a um inquérito das "Nouvelles Littéraires" sôbre a função do cientista no mundo contemporâneo, disse:

"Um cientista escrupuloso deve naturalmente sentir uma inquietude moral, um senso de responsabilidade, quando pensa nas possíveis consequências das suas descobertas, que podem ser boas ou más para a humanidade. Porém as descobertas nunca são exclusivamente a obra de um só homem: preparadas por uma quantidade de precursores, são a consequência duma evolução global e sem dúvida inexorável do progresso científico. Um golpe de gênio pode acelerar uma descoberta, mas é quase certo que se aquêle cientista não a teria feita, um outro a teria feita mais tarde. Essas considerações podem diminuir muito os sentimentos de alegria ou de tristeza, de orgulho ou de receio, que um cientista pode experimentar individualmente, pensando nas consequências possíveis de suas descobertas.



Sir Travers Humphreys, considerado na Inglaterra como um dos juízes mais modernos.

Os livros excessivos

E' preciso observar o pensamento dos escritores, dos artistas, dos poetas para compreendermos os estados de alma que agitam o nosso mundo e para procurar de reconstruir com o nosso bom senso, e, sobretudo com a vontade de participar à formação de uma civilização, uma linha de conduta. E' neste espírito que num dado momento sentimos o dever aqui, nessas páginas dedicadas à arte e que já encontram-se em muitíssimas casas brasileiras, de registrar nesta rúbrica pensamentos, idéias, bobagens e grandezas do nosso lindo tempo.

Um dos aspectos que nos interessa a mais é portanto a produção dos artistas que são por excelência as antenas receptoras da moral.

Eis hoje um livro que nos parece importante, pois trata de um argumento que nos preocupou várias vezes enquanto Americanos, isto é cidadões de um novo continente e que constroem uma civilização que deve substituir aquêla europeia, que sem dúvida alguma, encontra-se em crise.

O livro é de um norte-americano conhecido no domínio das letras, e já foi traduzido em francês, sob o título "Le Cauchemar Climatisé" (Gallimard Ed.): Henri Miller voltou aos Estados Unidos após dez anos de estadia na Europa e ficou furioso porque tudo é horroroso, mecanizado, eletrificado, a natureza não é respeitada, a poesia jogada na cesta, e assim por diante, páginas e páginas que parecem um verdadeiro "pamphlet" à Diderot. Miller desata-se em impropérios contra os arranha-céus, e desejaria em lugar dos mesmos as catedrais góticas, o fim dos negócios e transformar Wall Street em a Paris dos cantores populares; desejaria o rio Accademo nas margens febrís do Hudson, etc. Estranhamos que nenhum dos recensores do livro tenha mencionado Ezra Pound.

Dissemos antes que os escritores, e sem dúvida Miller é um escritor, são como antenas. Temo-los em conta; mas pensamos também que, sem por isso negar-lhe um conhecimento do ambiente americano, o autor exagera e generaliza alguns pormenores que são excepções, pequenos pretextos de uma futilidade infantil e se tornam casos de catástrofes. Em suma, um livro que não descreve nem os Estados Unidos, nem os americanos. Vem-nos à mente o "Misogallo" de Vittorio Alfieri, e o dito "Genio irritabile vatum".

Erros sôbre a idade das mulheres

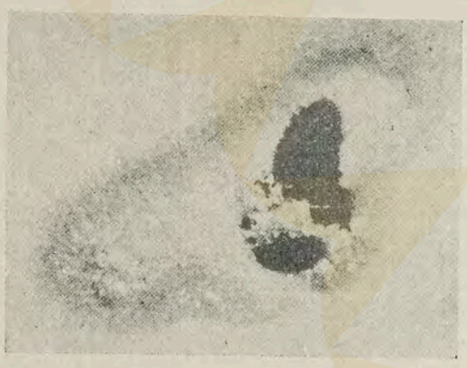
Nos Estados Unidos assiste-se hoje a uma polémica sobre a idade na qual as hostesses das linhas aéreas devem retirar-se. E' a 23 anos, pois, dizem as companhias, "A qualidade essencial das hostesses é a de ser agradáveis, de estar de bom humor. Ora, essas qualidades acham-se geralmente num degrau mais alto nas moças jovens".

Um outro homem?

O homem não é ainda, como asseveravam, dono da natureza. Ainda não a descobriu por completo, e conquanto as suas contínuas pesquisas para escavar segrêdos e desvendar mistérios continuem sem dúvida com êxitos cada dia mais emocionantes, ainda se acha longe de saber e de definir o que seja a natureza.

A expedição patrocinada pelo "Daily Mail" de Londres deve chegar por êstes dias ao Everest e armará a sua base em Namche Bazaar. O Everest já foi escalado e atingido antes. Esta nova expedição guiada pelo sr. Stonor procura "o Homem Abominável das Neves", um ser cuja presença foi assinalada diversas vêzes pelas populações locais, e que seria uma espécie de macaco muito grande, com semelhanças absolutamente humanas, agilíssima, carnívora, mas sempre entrevista de muito longe. Viram-na mais de perto, durante a guerra, três prisioneiros de um campo de concentração russo que fugiram para o Nepal, e cujo relato teve tais foros de verossimilhança que justificou as pesquisas. De uma forma ou de outra, todo mundo segue através da imprensa as peripécias dessa expedição. Queremos reproduzir aqui uma hipótese que nos foi aventada por um conhecedor das regiões tibetanas.

Acredita tratar-se do membro de um grupo de seres que foram primitivos habitantes do Tibete. Afirma certa lenda que os tibetanos são o resultado da união de uma fêmea mongólica com um antropóide fugido do Dilúvio. Tal raça primígena teria ainda representantes no Himalaia. Certos lamas estão persuadidos que êstes hoje chamados "homens abomináveis das neves" e por diversas vêzes vistos, têm uma inteligência superior á dos mortais comuns e são os guardiães dos arquivos esotéricos da raça humana. Consta que um imenso subterrâneo partindo de um mosteiro budista secreto vai ter a uma verdadeira cidade habitada por sábios que dirigem os destinos do mundo. Isto seria fantasia. Não era fantasia o vôo do homem, a imagem transmitida à distância, a voz ser transmitida através das ondas sonoras? E não era fantasia ultrapassar a estratosfera? E se a expedição do "Daily Mail" conseguir de fato falar com os sábios que regulam a sorte dos homens? E se chegar a descobrir um Eldorado?



Rasto do Abominável Homem das Neves.

O mundo dos defuntos

Um redator do "Corriere della Sera" entrevistou um velho empregado adido ao famoso "Trem Azul" que leva de Paris a Nizza ainda em 1954, os sobreviventes do mundo do "spleen".

Diz o pobre funcionário: "Tinhamos uma clientela de classe", Lord Derby, os Rockefeller, Neville Chamberlain, o rei da Suecia, o da Dinamarca, e depois todos os soberanos da indústria; Lord Guiness, rei da cerveja, Baron, rei dos cigarros, Basil Zaharoff, André, o fundador de Deauville e tantos outros. Alugavam-se "wagons" inteiros para eles, e para o cortejo de algum rajá; para um lorde do qual não lembro o nome, foi preciso preparar menus especiais, embarcar champagne dos anos escolhidos por esses conhecedores. E as Dolly Sisters?

Bastavam as duas para animar todo um comboio; como naquêle ano no qual fizeram saltar o banco de Monte Carlo. Naturalmente, agora, tudo mudou".



Newport 1902. M. e Mme. Vanderbilt na "Parade automobile fleurie".

A procura da riqueza

"Os italianos gastam durante cada estação de futebol 31 bilhões de liras no futebol e durante um exercício financeiro 28 bilhões ao Loto".

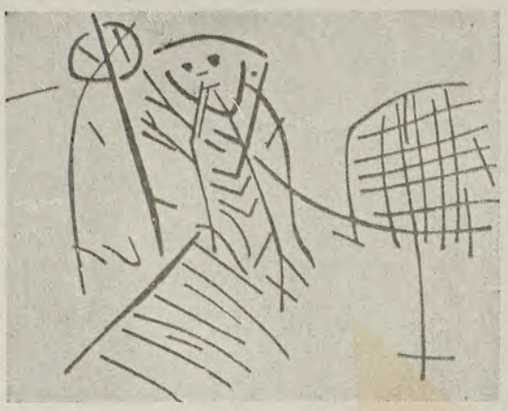


Figura humana esquematizada. Época mesolítica. Achada numa gruta de Fontainebleau, provavelmente funerária.

A procura de paisagens, o pintor Robert Humboldt foi um dia, por acaso, na floresta de Fontainebleau. Lá êle descobriu alguns dos temas mais felizes de toda sua carreira e um campo de exploração apaixonante: as imagens que ornamentam as paredes das grutas. Antes dele, certamente, sabia-se que homens prehistóricos haviam caçado na floresta; êle porém, foi o primeiro a chamar a atenção dos estudiosos sôbre os desenhos gravados nas grutas e revelou a importância do centro de cultura mesolítica que foi Fontainebleau.

O século do progresso

A última feiticeira austríaca foi condenada à fogueira e queimada há cêrca de cinco séculos. Eis, porém, que a Austria se alvoroça ainda por questões de feitiçaria. Nas imediações de Birnberg, uma vaca deu à luz um vitelo com duas cabeças. Numa herdade próxima nasceu outro monstro: um vitelo que, ao invés de pernas, apresentava quatro extremidades curiosas em cauda de peixe. Os camponeses da região se convenceram de que os seus estábulos estavam sob a ação de feitiços, e foi preciso que o clero e a polícia se dessem a árduo trabalho de persuasão para impedir que fôssem derrubados estábulos. Pois os aldeões queriam dar caça a supostas feiticeiras que muitos dêles juram ter encontrado à noite e a desoras.

A verdade científica

São as pessoas inteligentes, sempre em dia com as realidades, capazes de sínteses e de resoluções geniais, em suma, as pessoas de bom senso e de legítima educação cultural e espiritual que fazem as instituições. Conhecemos, uma noite destas, um dêstes personagens com os quais queríamos estar em contato a vida tôda, o senhor François Le Lionnais, matemático, crítico de arte, humanista e "chef-adjoint" da Divisão de Ensino e Difusão das Ciências na "Unesco". Estávamos em casa do pintor Alberto Magnelli e conversava-se sôbre as tendências abstratas; e êle falou com finura de linguagem científica e com convicção de esteta a respeito das aventuras mais diferentes da pintura.

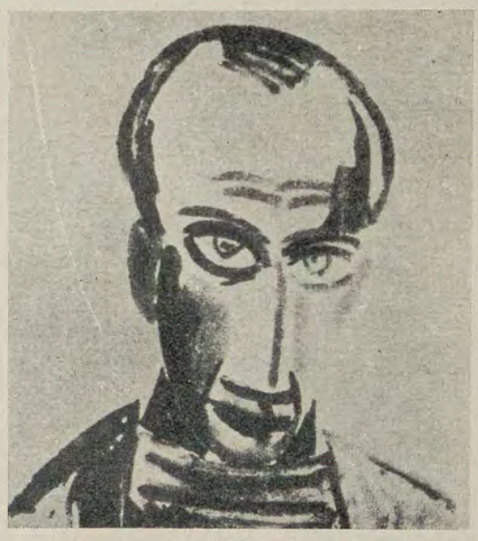
Agora revemos o nome de Le Lionnais como realizador de uma cruzada em prol da verdade científica e à qual emprestamos a mais alta importância. Na qualidade de presidente da Associação dos Escritores Cientistas da França, criou um "service de consultations scientifique-téléphoniques qui permet aux journaux de vérifier immédiatement les informations qu'ils reçoivent."

O número dos cientistas que põem assim tão magnânimamente o seu tempo e o seu saber à disposição do público vem aumentando pouco a pouco. Atualmente "toutes les disciplines sont représentées. Le service devient une arme redoutable contre les fausses informations scientifiques". Até agora foi dada uma média de trinta consultas por mês. Diz Le Lionnais que o serviço conseguiu até ao presente momento evitar a publicação de um êrro sôbre 10.

Se fôsse possível se fazer qualquer coisa dêsse gênero quanto às informações artísticas!

Caráter dos artistas

Não deve-se dar importância à maledicência entre os artistas e os poetas, à sua volubilidade e aos seus histerismos. Agora que se começa a apreciar a obra de Max Jacob, aprende-se que "Apollinaire foi a sua incessante preocupação, assim como Montaigne foi a de Pascal, como Cartesio foi a de Valéry. Nunca deixou de pensar nêle. Escreveu numa carta datada a 17 de junho: "Aliás, eu falo bem de Apollinaire só porque não é verdade e exagêro os seus méritos, a fim de que os leitores das suas obras fiquem decepcionados. E em novembro de 1918, à notícia da morte de Apollinaire, escreve: "Nem os sucessos dos meus amigos, nem aquêles da França vitoriosa podem avivar o que esta morte murchou em mim para sempre. Não sabia que "êle fosse até a tal ponto a minha vida". E, menos de que um ano depois, uma carta a Cocteau: "Descobrímos que *Alcools* é o mais feio livro da nossa mais ou menos espontânea geração. Mas logo corre ao Sacré-Coeur e alí desata em soluços".



Max Jacob, por Picasso.

Morte - Vida

Eis como foi comemorado Max Jacob:
"*A 11 heures, messe à la basilique de Saint-Benoit-sur-Loire suivie d'une visite de la tombe du poète au cimetière*".
"*A 12 h. 30, repas en commun à l'hôtel de la Madeleine, où Max Jacob traitait ses amis*"

Babel

Um inquérito do "Courrier de l'Unesco" provou que no mundo se falam 3.000 linguas diferentes.

O homem entediado

A Agência Cook anuncia reiteradamente ao homem entediado que abandone o seu ambiente para fazer alguma coisa inteiramente diversa nos seguintes locais, de todo diferentes do seu habitat natural (palacete finamente decorado, com paredes despojadas de obras de arte e sem sombra de livros exceto o catálogo de telefones, etc.):
Carnaval em Nice, partindo pelo "trem azul".
Páscoa em Lourdes.
Semana Santa em Sevilha.
Corrida de touros em Madrid.
Pesca do salmão na Noruega.
Leilão dos tesouros do Rei Faruk no Cairo.
Caça a elefantes no Kênia.
E assim por diante.

A abolição do boxe

No parlamento belga está sendo discutida com admirável seriedade uma lei que, se for votada, conforme esperamos, será um dos primeiros grandes acontecimentos favoráveis e determinantes da paz mundial: a abolição das partidas de boxe.

O poeta ancião

O grande acontecimento da poesia êste ano, em Paris, não foi a outorga do prêmio da cidade a Paul Fort, e sim as palavras que êste octogenário esquecido disse ao repórter do "Figaro", um jornal raro porque é dirigido por escritores mais do que por jornalistas:
"— J'ai fait le tour du monde. La langue française s'y parle partout et dans sa pureté. Notre poésie noue une écharp à la planète, comme des ondes radiophoniques. Ah! la radio! Elle a fait beaucoup pour ce rayonnement. Elle pourrait, cependant, faire davantage! Elle devrait, par exemple, s'adresser en ces termes aux gens de l'Union française. "Si vous aimez la poésie, enreyez nous votre adresse". Vous voyez ça, si deux cent mille personnes répondent! Quel clavier étonnant!"
E o velho poeta disse ainda, aludindo à vida dura dos poetas:
"— Il faut que nos femmes soient des saintes, vous savez".
Achava-se presente à entrevista um gato prêto e branco. O poeta explicou:
"— C'est Watermann Westminster. Autrefois il était tout blanc; mais le bon Dieu a renversé son encrier sur lui".

A nossa América

Está para desembarcar na Inglaterra Billy Graham. O nome não diz nada. Mas Billy combina comícios de 75.000 pessoas, como ainda recentemente conseguiu no Texas. Para fazer o quê? Para evangelizar descrentes e transformá-los em bons servidores da doutrina batista. Declara: "Sou o enviado de Deus e permaneço nas regiões o tempo que o Espírito Santo me ordena". Billy tem cabelos louros ondulados e sabe representar bem o seu papel. E' tão teatral que todos vão assistir às suas prédicas. Diz que para haver paz necessário é que ela já esteja nas almas, e que os cristãos se acham sempre em luta contra o pecado. Daí um permanente estado de guerra. Demais a mais, guerra contra o diabo.

Não se creia que Billy seja uma voz ressoando no deserto. Os seus artigos saem publicados em 75 jornais e são lidos por 15 milhões de pessoas; seu último livro teve uma edição de 125.000 exemplares. Não é sem razão que o chamam "o Barrymore da Bíblia".

Geografia

Lemos no jornal "Arts" de Paris (23 de fevereiro) êste titulo ao longo de duas páginas: J'ai le diable au coeur, écrivait une brésilienne à Gérard Philippe...". Curiosos, lemos a história dêsse ótimo ator francês, tambem para descobrir quem era a brasileira tão fogosa que, em suma, queria um "rendez-vous". E continuando a ler, descobrimos que a "brésilienne" era uma moça de Punta de l'Este, no Uruguay.

E' como quando "Le monde" de Paris publicou a tipos em negrito que o Museu de São Paulo foi apresentar a sua pinacoteca na Orangerie: "Muito bem, estes argentinos!"

Efemérides

Estão muito em moda, nos jornais, as efemérides; mas se catam sempre de crônicas antigas a venda de escravos ou então o nascimento de galinhas com três pés. Queremos também nós registrar uma efeméride: o 150.º aniversário da morte de Kant, extraindo do seu pequeno tratado de pedagogia êste trecho: "Duas são as coisas cuja descoberta se pode pensar que constitua o que há de mais difícil para a humanidade: a arte de governar os homens e a de educá-los... E' no problema da educação que está em jôgo o grande segrêdo da perfeição da natureza humana. E' belo pensar que a natureza humana se tornará cada vez mais desenvolvida pela educação e que se chegará a lhe dar a forma melhor e mais conveniente".

Ramu

Eis a última notícia sôbre o menino-lobo descoberto na India na selva de Lucknow enquanto fugia nú e furioso sôbre os quatro membros: os médicos do hospital onde está recolhido agora julgam que êle foi abandonado pelos pais e criado por lobos.

"Ramu, comme il a été baptisé, a déjà fait des progrès considérables. Il accepte maintenant de manger de la viande cuite, alors que les premiers jours il n'acceptait que la viande crue. Il boit également du lait, mais à la façon d'un loup, en le lappant. Son corps est couvert de cicatrices, vestiges des combats qu'il a du soutenir contre les autres bêtes de la jungle.

Les médecins font remarquer que ce n'est pas la première fois que des loups adoptent des enfants. Toutefois, il semble que ce soit le premier cas d'un enfant ayant vécu si longtemps avec des loups.

Les médecins vont faire suivre à l'enfant un traitement médico-psychologique afin qu'il recouvre tous les instincts humains. Progressivement il faudra l'amener à renoncer au langage des loups, pour adopter la langue de l'homme".



Tiro ao alvo

Foi descoberto finalmente ser verdade que o relojoeiro de Saint-Rémy (na Provença) que recebeu de presente duas paisagens de Vincent van Gogh, as utilizou como alvo para os seus exercícios de tiros de carabina. Guez de Balzac — cujo terceiro centenário de nascimento se comemora nestes dias — costumava afirmar: "Os imbecís são muito mais injustos do que os maus!"

O último pedágio

A população de Gales do Sul se acha em festa porque foi abolida a última cancela de pedágio entre Cardiff e Penarth. Não obstante isso, todo mundo progride.

O ouro peludo

Mais de um milhão de caça — lebres, visões, zibelinas, lontras, castores, esquilos e aves — foram transferidos, há vinte e cinco anos, para as regiões mais pobres de fauna da Rússia, ali se tendo aclimatado e reproduzido. Hoje em dia a URSS conta com um tesouro de peles, o "ouro peludo" conforme dizem os russos, que permitirá intenso uso de pelícias. Foram criados círculos de caçadores.

No mundo do tédio

Saudações e festejos muito especiais foram tributados ao senhor Clément Mégice que na noite de 14 de janeiro, durante uma partida de *bridge* conseguiu a famosa "mão unicolor" (13 cartas da mesma côr) fato êste que, segundo os cálculos de probabilidade, se verifica uma vez em cada 158.000.000 jogadas.

A guerra higiênica

"A guerra é a única higiene do mundo", dizia o fundador do Futurismo italiano cuja pintura foi vista na II Bienal de São Paulo. Sim, acrescentamos nós, sob a condição de tal processo, a guerra, ser declarada à mosca tsé-tsé. Êste medonho inseto que, segundo uma estatística recente, só no território de Uganda matou em cinco anos 200.000 pessoas, será combatido mediante o lançamento de aparelhos contendo gás inseticida e que por meio de um mecanismo de relojoaria agirão simultâneamente. As experiências feitas pelos inglêses demonstraram que em uma hora é possível lançar 1.285 bombas e cobrir uma superfície de dezoito quilômetros quadrados.

Sereia de alarme

A "Dalas Atlas Alarm Co." pôs à venda uma "sereia de bôlso só para senhoras que acaso se vejam atacadas por homens de más intenções". Na ocasião necessária a sereia emite um urro especial capaz de atrair imediato socôrro à senhora visada pelos maus instintos alheios.

Máquina para traduzir

Por uma daquelas felizes defesas que a natureza exercita para que o homem não vá além do necessário, ficou estabelecido que a nova máquina para traduzir não poderá verter poesia de uma língua para outra.

Os costumes esportivos

"Os rugbymen ingleses deveriam deixar de se abraçar "como moças" no gramado, quando um dêles marcou um tento. O diretor de um importante clube de rugby de Yorkshire mandoulhes um aviso severo. "Abraça-se demasiado nos gramados de rugby hoje em dia", afirma o diretor, Geoffrey Brook. Êsses costumes fazem com que os nossos jogadores de rugby pareçam com uma "troupe" de jogadoras de basket-ball. Além disso, quando tôda a equipe começa a acariciar o jogador que chutou e a dançar em volta dêle, existe o perigo que êle perca a sua modestia ("News Chronicle").

O barrôco continua

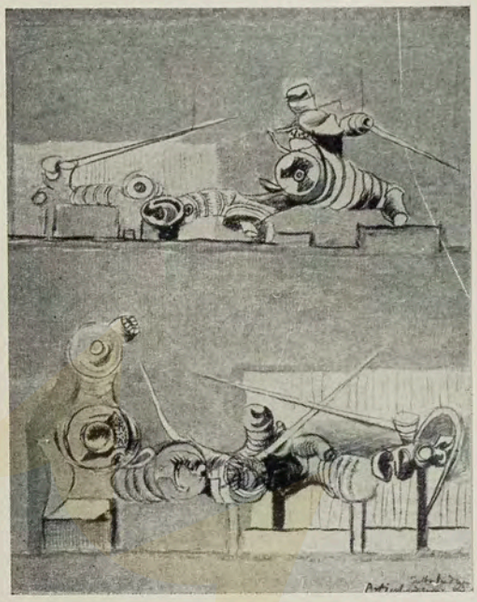
Muitos críticos insistem em afirmar que no nosso século não continua o espírito do barroco. Ora, o último chapeuzinho para senhora — o já agora famoso barrete com óculos, lançado para servir no verão, por Jacques Fath — foi inspirado nìtidamente no gorro que, numa estampa de 1622, Jacques Callot pôs na cabeça do "homem com o caracol".



O 100.º elemento

"Quatro estudiosos da Universidade de California, que fazem pesquisas atômicas em Argo, Idaho, anunciaram ter descoberto o centésimo elemento químico, que vem, assim, juntar-se à lista dos 99 elementos quimicos até agora conhecidos. Antes da era atômica os elementos conhecidos eram 92.

Este centésimo elemento não foi ainda denominado; êle é 254 vezes mais pesado do que o átomo de hidrogênio, o que o torna o elemento de pêso específico mais elevado até agora conhecido".



O "Sutherland" do Museu de Arte de São Paulo.

Sutherland e o Papa

Notam-se certos movimentos de simpatia no clero — pelo menos no clero mais ao corrente dos problemas que a vida moderna impõe à religião católica — pelas tendências da arte mais avançada e até mesmo mais hermética. Contudo, a notícia de que Graham Sutherland irá a Roma pintar o retrato de Pio XII alvoroçou deveras os ambientes. Êste fato é de grande importância na história do Papado.

Regina

"SAN JOSE, en Californie, vient d'élire une reine de beauté. Elle se nomme Mrs. Jones et elle a... 91 ans".

Notícias do século

Como todos sabem, o homem e a mulher, até um certo momento da história usaram costumes iguais. Depois o homem pôs calças e a mulher saias. Hoje a mulher, vencendo muitas hostilidades, usa calças; o juiz Thiéron, presidente do tribunal de Verviere (Belgica), recusou-se a ouvir a deposição de uma testemunha feminina, porque se havia apresentado usando calças, definindo o ato como ultragem à Justiça.

Europa-América

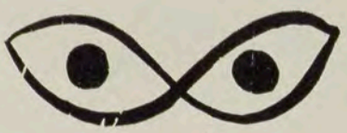
Um célebre jornalista italiano, de regresso de uma viagem à América do Norte, contou numa conferência "todo o seu embaraço, um velho embaraço europeu e burguês em face do padrão de vida que encontrava categòricamente a cada passo e em tudo quanto era cidade, excetuando apenas uma ou outra trégua que acabava por lhe parecer irreal, em raros oasis idênticos ou pelo menos não muito diversos do seu mundo de origem.

Já um outro jornalista italiano, porém, escreveu um livro sôbre a América do Sul, que se entitula: Sudamerica, Continente povero".

Não obstante os jornalistas, êstes dois continentes tenderão sempre a se completar.

As máquinas inúteis

Já muitas vezes foi projetada a construção da máquina que joga xadrez e a perfeição sempre maior dos dispositivos eletrônicos parece torná-la possível. Parece que a máquina tem só um interêsse teórico para o cientista e nenhum jogador teria o mínimo prazer em enfrentá-la; uma partida contra a máquina não seria mais divertida de que um match de boxe ou de esgrima contra um robot metálico, ou de uma escalada alpinística sobre uma montanha artificial.



Heráldica

Eis um trabalho interessante para os artistas, e poderia ser a Federação a encomendá-lo: desenhar de novo e unificar todos os brasões das cidades brasileiras, as quais, como todos nós sabemos, têm um brasão (e para dizer a verdade não o achamos necessário): um brasão no qual os símbolos são quase sempre mal representados, a maior parte das vezes cheios de coisas de maneira que o emblema cívico parece um daquêles brasões de nobreza de origem duvidosa.

Não sabemos se esta matéria heráldica está regulada por algum ente especial; em todo caso, chamamos êste assunto à atenção talvez de um deputado que esteja disposto a examinar se o que acabamos de dizer está certo e se é matéria a ser tratada na Câmara.

Mas há entre os leitores desta revista um deputado que não se ocupe de luta e de lutadores políticos?



Eis o tipo de obras de arte do qual mais gosta a senhora granfina.



"Auto-retráto em traje do XVII.º século" é a ultima pintura de Giorgio De Chirico. Quem podia prevê-lo ao tempo da pintura metafísica e das "praças de Itália"?

De Chirico e os gatos

"Quando eu tinha a idade de seis anos, contou Giorgio De Chirico a um jornalista, meus pais me presentearam, no Natal, com um livro onde havia muitas ilustrações em côres, e que representavam familias inteiras de gatos, em diferentes atitudes e expressões. Eu fiquei de tal maneira impressionado pela viveza e beleza das côres, pela vida que aquêles animalzinhos, tão bem desenhados, irradiavam, que pensei que devia ser maravilhoso poder pintar e fazer viver, sôbre um pedaço de papel, animais e homens, frutas e flores, céu e mar; enfim, tudo o que vemos. Foi um momento decisivo, que me revelou, mesmo que de maneira ainda confusa, a fatalidade de minha vocação artística".

Incompatibilidade

A escritora sovietica Olga Bergolts, fazendo a crítica da première, em Leningrado, do ballet intitulado "Nosso campo natal", se pergunta: "E' compatível com a arte da dança que as dançarinas imitem, com um realismo rigoroso, as diferentes fases da colheita do trigo? Não é estranho ver uma dançarina fazer passos delicados carregando feixes ou uma primeira dançarina, personificando um rude trabalhador, voltear sôbre a cena segurando nas mãos uma folha na qual estão escritas, em porcentagens, os excedentes dos limites de produção? Não é mais a poesia, mas a prosa da vida que se exprime em tal ballet. E' uma parodia, e uma farsa que um presidente de uma fazenda coletiva dance enquanto lê o jornal local".

A 10.ª Trienal de Milão

A X.ª Exposição da Trienal Internacional de Milão, dedicada às artes industriais e à arquitetura moderna, já distribuiu seus convites. Terá lugar, como sempre, no Palazzo delle Arti al Parco.

A trienal convidou o Museu de Arte de São Paulo a preparar um pavilhão para apresentar a organização da instituição, que é considerada modelar. A exposição deveria ter incluida uma documentação de todas as atividades museugráficas com a apresentação de algumas produções, como a moda brasileira de que muito se falou na Italia. O Museu de Arte, por motivos tecnicos, declinou o convite, prometendo participar na Trienal de 1957.

Courbet em Veneza

Procede a preparação para a Bienal internacional de Veneza. Entre as outras exposições historicas em preparação, há a retrospectiva de Courbet, para a qual foi pedido, ao Museu de Arte de São Paulo, o retrato de "Zeki", do mestre francês, e que se encontra atualmente, em mostra na Exposição de Bruxelas. O prof. Pallucchini pedira também, ao Museu de Arte, para apresentar, na proxima Bienal, a coleção completa dos Impressionistas; isto, entretanto, não poderá ser possivel, pois, durante o verão, a coleção deverá ser exposta na Tate Gallery.

Nos circulos italianos espera-se ver finalmente, em Veneza, uma pessoal de Lasar Segall que, por parte dos organizadores, nunca foi apresentado nas Bienais, apesar de ser, Segall, um dos mais ilustres pintores brasileiros.

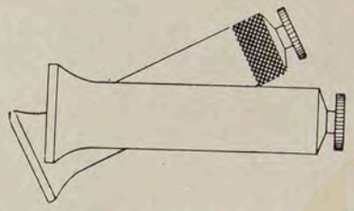
Nemo profeta in patria.



Boneca grega do sec. V° A. C. (coleção P. M. Bardi, São Paulo)

Jôgo da Antiguidade

No Museu Pedagógico de Paris houve uma Exposição sôbre "Jogos e Esportes na Antiguidade" "destinada a fazer conhecer, aos estudantes de hoje, que diariamente visitam-na em grupos dirigidos, os jogos e esportes do mundo antigo. Todas as peças, emprestadas pelos departamentos arqueológicos do Museu do Louvre e as moldagens vindas da Escola de Belas Artes, mostram-nos a natureza eterna do brinquedo infantil, do Egito e da Mesopotamia, passando pela Grecia, até Roma.



Cada vez que alguem entra numa loja de artigos para pintores, deveria fazer um exame de consciência, e perguntar-se se vale a pena fazê-lo.

Manual para poetas

Ouve-se frequentemente lamentar o excesso de poetas. Existem aos milhares na França (e no Brasil?) e não são bastantes, se considerarmos a iniciativa da "Oeuvre nationale des études poétiques" que, sob a proteção do Ministerio da Educação Nacional, acaba de publicar uma edição de propaganda gratuita de "*Précis de poésie, pour servir à la composition rationelle des vers de Martin Saint-René*". Eis o meio mais garantido para se matar a poesia, e, de maneira racional!



Assiettes et Plats décorés.
A arte para as familias: publicidade francêsa para vender pratos de propaganda.

Teatro britânico

"O drama é arte britânica por excelência: ótimos, principalmente, seus artistas, não sòmente os profissionais, mas também os amadores, dos quais, mais de 30.000 sociedades são espalhadas pelo país, e organizam freqüentemente, com grande entusiasmo, ótimas representações. Em Londres sòmente, há 47 teatros, sem contar aqueles dos arrabaldes.

Quatro primitivos

"Numa época em que os mestres da realidade popular estão na ordem do dia, a Galeria de Berry faz uma reunião feliz, aproximando as obras de terraplenagem de Bombois, do horticultor Bauchant, do ferreiro Lefranc e do carteiro Vivin, môrto há pouco, já famoso e comparado a Henri Rousseau. Esta manifestação vem provar, mais uma vez, que alguns autodidatas podem, com singular talento, unir a pintura à poesia.

Vivin, Mulher.



Academias

Se uma polêmica, uma tendência, um modo artístico, torna-se estilo ou academia, isto significa que aquela polêmica, tendência, modo, esgotaram sua função de inovação na história da arte.

O abstracionismo está se tornando uma academia.

The Big Carnival

Não nos referimos, em absoluto, ao Carnaval do Rio, que saiu meio chôcho, graças a Deus, não obstante as injecções de cafeína do entusiasmo oficializado e de óleo canforado ministrado pela Prefeitura, que o foi buscar na Casa da Moeda, a pretexto de incrementar o turismo. (Entendem-se, entre nós, por turistas, quatro gatos pingados que vêm aqui tratar de seus negócios e, entre duas noites numa *boite* qualquer, mandam para a família um postal ilustrado do Pão de Açúcar). E nem falemos do Carnaval paulistano, coitadinho dêle, que deu com o senhor Ciccillo Matarazzo para fora da Comissão do IV Centenário. Homenageamos, nestas páginas, o outro carnaval, cinematográfico, gástrico e poliglota, que, com o pomposo nome de I Festival Internacional de Cinema do Brasil, andou atirando sôbre a cidade quadricentenária, durante duas semanas, rôlos de fita de celuloide em vez de serpentinas de papel, causando certo reboliço na população.

Lembram-se de "The big Carnival", de Billy Wilder? Um sujeito está sepultado sob os escombros de uma mina que desabou; e é dificílimo tirá-lo dali. Um jornalista resolve fazer sensacionalismo e tomar conta do salvamento, à base de manchetes e falações na rádio. À volta do agonizante arma-se logo gigantesco pique nique à americana; ônibus carregados de caravanas de basbaques, rabos-de-peixe trazendo damas fartamente decotadas, o hotelzinho do lugar não tem mãos a medir para alojar e alimentar turistas, grupos que cantam, em ritmo de *boogie-woogie*, patéticas canções, nas quais se pede ao desinfeliz que aguente firme e não pregue a peça de morrer. No fim, o coitado morre mesmo. Foi isso, mais ou menos — salvo o final trágico — o que se passou em São Paulo, traduzido em festança cinematográfica, de 12 a 26 do segundo mês dêstes doze em que os paulistas de quatrocentos anos passarão a ter quatrocentos e um. Havia um agonizante, sepultado sob o ruir estrondoso de enormes blocos de despreocupada improvisação industrial: o cinema brasileiro. E o pique nique foi oferecido pela presença de Delegações vindas de vários países do mundo, devidamente convidadas para o velório prematuro. Com essa diferença fundamental: que o carnaval do filme era uma farra muito bem organizada, com policiais regulando o trânsito, indicações claras de como chegar-se ao lugar do desmoronamento, pileques perfeitamente controlados. Em o nosso caso, à parte as vertiginosas ingestões de uísque, que ninguém podia controlar, de certo ator norte-americano, reinou sem rival aquêle tipo de organização, eminentemente nacional, em que ninguém se entende e para a qual os dicionários de sinônimos registram os têrmos anarquia, desordem, desgovêrno, caos, confusão, balbúrdia e outros que tais.

E' bem verdade que, quando surgira a idéia do monumental regabofe fílmico, os grandes sábios da medicina cinematográfica ainda não tinham diagnosticado o mal que minava o organismo da indústria nacional de fitas, em vésperas de dar com os burros nágua. Estavam assim, certos super-homens da filmofabricação indígena, num estado de inexplicável euforia, bazofiando alegres e contando como fazer seus brilharetos diante das gentes que haveriam de vir da estranja. Mas nem bem tinha chegado a hora dos aperitivos e a crônica azia bancária, de que sofriam, já degenerara em grave caso de úlcera. E vendo-os assim murchos e tolhidos de particular no festim, resolveram seus amigos, criados e obrigados erguerem em altos brados indignado protesto contra o Festival. Nasceu destarte, em meio ao espoucar do foguetório festivalesco, uma espécie de contra-festival ou do festival do contra, sintonizado em fôlhas, rádios e, até, televisão. Com uma finalidade principal: arranjar algum dinheiro do Govêrno ou do Festival — enfim, do contribuinte — para o enfêrmo cheirar um pouco de oxigênio e aguardar a costumeira intervenção de Deus, que é brasileiro e atua à noite quando os brasileiros dormem e não conseguem atrapalhá-lo. Nada mais justo, com efeito, do que êsse apêlo ao bôlso da gente. Quando os filomagnatas se estabeleceram, sem muita competência, e andaram fixando importâncias de salários e ordenados a seu bel prazer — o dinheiro era dêles — e a favor de quem bem quiseram, organizando-se como melhor lhes pareceu e contratando todos os gênios disponíveis na praça para experimentarem se sabiam fazer filmes (pois se a pessoa nunca fêz, como pode saber se sabe fazer ou não), já tinham muito firmemente arraigada num cantinho do espírito uma nobre resolução: se der certo, um bom quinhão dos lucros irá para os contribuintes, eficientemente representados pelo Govêrno, que por sua vez encarna, com direito de exclusividade por cinco anos, a pátria amada e idolatrada. Não disseram isso a ninguém. Por modéstia. Para não desmanchar o prazer da surprêsa. Que fazem, pois, êsses ingratos Govêrno e contribuintes, que, na hora do apêrto, não caem com os cobres? Acabou havendo uma coleta particular em benefício do desenguiço de um dos filmes com o carburador monetário entupido.

"A bagunça está aí", declarou a certa altura dos acontecimentos, segundo os jornais, um membro responsável da Comissão do Festival. Também, não era para menos. Como evitá-la numa cidade de quase três milhões de habitantes, em que umas cem mil pessoas, pelo menos — fora outras cem mil do Rio — se julgavam com direito herdado ou adquirido a ser convidadas para tudo, inclusive para assistir às exibições numa sala de mil e quinhentos lugares ou por aí? E com uma Comissão executiva cujos inexperientes pulmões tinham de respirar, pela primeira vez, no clima estratosférico de um Festival internacional de cinema? À alegre ingenuidade da Comissão aliou-se, para maior potenciamento da bagunça, a colaboração graciosa das próprias Delegações estrangeiras. Alguns dos filmes, que deviam chegar, segundo o regulamento, um mês antes de se iniciar a farândula, ainda andavam fazendo escala por vários aeródromos da terra nos últimos dias de exibição. O regulamento admitia a inscrição, nas seleções oficiais, de um máximo de 4 filmes. Os norte-americanos, donos do *show* de antemão ("Ce n'est pas une délégation, c'est une occupation", falou azêdo, certo dia, um francês), exigiram, de saída, 5. Concedido. O regulamento previa, para cada país participante, duas jornadas nacionais com um máximo de 3 filmes cada uma; os norte-americanos programaram logo três, com 4 filmes cada uma. Concedido. Aí os franceses, que tinham direito a 3 filmes em seleção e duas jornadas, pediram *s'il vous plait* para inscrever 4 filmes e realizar três jornadas. Concedido. Mais temperamentais, os italianos, quando souberam da novidade, puseram a bôca no mundo e pretenderam tratamento igual, pelo menos, ao que fôra dispensado aos franceses. Concedido. Outros quiseram mudança das datas fixadas para seus filmes. Concedido. Quiseram substituição disso ou daquilo. Concedido. Já no primeiro dia, as normas regulamentares tinham estourado nas mãos da Comissão como balão de criança no qual se encoste a ponta do cigarro acêso. Só num ponto a Comissão se mantivera intransigente: nas seleções oficiais não haveriam de exibir-se filmes já apresentados em outros festivais. Francêses, italianos, mexicanos e japoneses tentaram tomar de assalto êsse derradeiro reduto da violadíssima virgindade regulamentar. A Comissão, heroicamente, defendeu-o com unhas e dentes. Parecia Carlitos naquela cena de "O circo", quando, sem querer, mexe um botão da mesa do mágico: começa a sair coisa de todos os lados, pombos, patos, galinhas, coelhos — o diabo. E um leitão. Carlitos, de qualquer jeito, procura remediar o desastre, mas não consegue segurar nada, menos o leitão, pois a êsse mete três, quatro, cinco vêzes, intransigentemente, como louco obsedado por idéia fixa, dentro do falso fundo da mesa em que devia estar. Mas também o leitão escapou das mãos da Comissão. Quando os norte-americanos, piscando o ôlho, inscreveram na seleção oficial aquêle "Roman holiday", de Wyler, apresentadíssimo no último festival de Veneza, o resto do pundonor regulamentar da Comissão desfez-se como pólen de malmequer ao vento da primavera. Com um arrepio de solteirona que vê finalmente chegar-lhe o momento do amor, ela soltou um suspiro e entregou sumàriamente os pontos. Norte-americano, gigolô da gente.

Seleções oficiais. Jornadas nacionais. Filmes científicos. Festival do cinema infantil. Retrospectiva do cinema nacional. Retrospectiva de Eric von Stroheim. Retrospectiva de Abel Gance. Retrospectiva do cinema internacional. Homenagem a Alberto Cavalcanti. Quantos quilômetros de celulóide terá ingerido e, quiçá, até digerido o espírito do frequentador do Festival, que, como num quadro futurista — digamos: "Dinamismo do homem no espaço cinematográfico" — conseguisse estar com as partes moles nas poltronas e os olhos cravados nas telas, simultâneamente, dos cinemas Marrocos, Arlequim, Pinheiros, Ipiranga e nas salas do Museu de Arte de São Paulo, Museu de Arte Moderna e Teatro Leopoldo Fróis?

Mas um festival de cinema, aqui, em Veneza, em Cannes ou em Caixapregos, não pode julgar-se apenas pela maior ou menor desorganização que presidiu à sua efetivação. Seu valor deve, principalmente, aferir-se pelos filmes que nêle se apresentam. Nêsse gargantuesco banquete de fitas de cinema que foi o Festival, como o é tôda e qualquer manifestação do gênero, viu-se muita droga, de várias nacionalidades. Mas houve, segundo os entendidos, uns dois ou três filmes que tangenciaram a obra de arte. E houve também, realmente importante, a apresentação de algumas velhas fitas de Stroheim, por exemplo, que, de outro modo poucos cá de casa teriam podido apreciar. Duas ou três fitas boas, entre as novas, e um par de filmes velhos que contam alguma coisa da história do cinema, não é resultado que se jogue no lixo, em qualquer festival. De mais a mais, alguns raros documentos cinematográficos de filmotecas européias vieram para aqui — e, de outro modo, não teriam vindo — e aqui ficarão, ao que parece, como início de um futuro museu do cinema. E o cinema ou é brincadeira ou é coisa séria, é diversão pública ou é também meio de expressão e, pois, fator cultural. Se é brincadeira, não se fale mais nisso. Mas se é coisa séria, senhores do júri, que um mínimo de justiça, além da caridade, que é máxima virtude cristã, dite o vosso veredito.

Alguns produtores estrangeiros aproveitaram a ocasião para colocarem seus filmes no já abarrotado mercado nacional. Alguns atores nacionais aproveitaram a ocasião para ver se conseguem ir filmar no exterior, desfalcando gravemente o time meio de pelada do qual dispomos. Em compensação, os nossos cineastas, cinematografistas, cinematografeiros e cinematografômanos estabeleceram relações íntimas (*absit iniuria verbo*) com Michal Simon, Eric von Stroheim, Abel Gance, Sergio Amidei, Edward G. Robinson, André Bazin e umas quantas veteranas de Hollywood e alguns brotinhos de Paris ou Cinecittà. Depois disso, doravante, as fitas nacionais serão cenarizadas à perfeição, dirigidas com arte consumada, interpretadas genialmente. As críticas das fôlhas serão, tôdas elas, primorosas e pautadas pela mais pura estética cinematográfica. E o público, educado por quatorze dias de maratonas entre uma exibição e outra, só aceitará obras-primas. O Brasil se tornará assim, dentro em breve, o país cinematogràficamente mais adiantado do mundo; o cinema nacional, o melhor do mundo; os diretores, cenaristas, atores, críticos especializados ou não, os maiores do mundo. Tudo isso apenas por mais ou menos 20 milhões de cruzeiros — talvez mais. Dinheirinho bem gasto, sim senhores. ✶

Teatro

Em consciência, não podemos afirmar que entre nós o teatro seja sentido em seus justos têrmos. Tão pouco se pode asseverar em nenhum sentido que se tenha compreendido que além da escola obrigatória, dos semáforos, do sentido único, da água corrente, dos controles higiênicos e fiscais, o teatro reentra na ordem das exigências.

Como justificação disto está a ausência de uma História com H maiúsculo que — quer se queira ou não — o homem da rua sinta e assimile com o fluir dos seus dias; a ausência de uma história das artes que se insira lògicamente no grande mecanismo da cultura mundial. Na base dessa carência se acha a necessidade de crescer, de se dilatar, de expandir-se para cima e para os lados, com a mesma cegueira esplêndida e veemente do jovem que despreza as experiências passadas, voltado apenas para as de futuro mais imediato a fim de se sentir maior, mais importante. Tornar-se-á história também essa fase, mas para os tempos vindouros; por enquanto é crônica ainda; uma crônica que só fala de cifras, que se serve de adjetivos sempre mais superpostos, que fala em voz alta, mas que na verdade não conhece meios tons e, principalmente, é unilateral, surda aos apelos e às solicitações de uma vida que não se pode suster apenas sôbre as bases dos aspectos práticos da nutrição, do alojamento e da saúde corporal.

O argumento é complexo e não podemos — por certo — resolvê-lo nestas primeiras e breves linhas. Mas é evidente que a classe que dirige, que governa, que possue os meios mais amplos, que com uma simples deliberação poderia dar aviamento a uma história do teatro brasileiro, se desinteressa e, quando às vêzes se ocupa disso, o faz por motivos que estão muito longe dos únicos que não só nos permitiriam falar não mais em clave esporádica de crônica ou de divagação, mas também pautar e inserir o nosso discurso segundo o diapasão europeu ou norte-americano.

Na realidade nos quedamos, não obstante a useira afirmativa de "o maior do mundo", uma província das artes, pronta a outorgar a qualquer um os nossos adjetivos, pronta a retirá-los de novo sem tempo para nós e para os outros, de avaliar os erros mútuos.

O discurso insere-se nestas manifestações.

A um festival cinematográfico de segunda ordem não se dá sequer como contrapêso um equivalente festival teatral, mesmo que se objete que uma companhia francêsa e outra italiana serão convidadas e alojadas por ocasião das celebrações comemorativas. Isso não basta para incrementar o teatro que vive sobretudo da sua continuidade feita de coisas boas e más.

Faltam os instrumentos técnicos, e na realidade é como se aos hóspedes de nossa casa impuséssemos que trouxessem sabão e toalha. Para obter que o mínimo indispensável seja pôsto à disposição urge manobrar diplomàticamente contra empresários incorretos, há que assumir posições intransigentes, remover obstáculos que jamais deveriam existir, anular hostilidades contraproducentes.

Para uma "civilização", do nosso teatro, fatos desta ordem não deveriam ocorrer; seria desejável que uma parte dos dinheiros públicos fôsse empregada de maneira a permitir a todos que não considerem "velhas" as coisas "antigas", descobrindo que também se podem divertir e distrair escutando e vendo coisas belas, estèticamente válidas.

O público é subestimado. Julga-se como forma mental aquilo que com efeito é um hábito ao qual êle se viu obrigado. O público paga o quinhão da preguiça mental dos seus empresários e dos seus comediantes.

Há alguns anos, antes que o T.B.C. (recolhendo os resultados das tentativas experimentais dos vários amadores) se firmasse assumindo aquela fisionomia que o distingue sobremaneira (não obstante as várias pequenas cabanas e os diversos leitos nupciais) de todos os outros expedientes comerciais, de tôdas as outras tentativas diletantísticas locais, não se suporia no público a capacidade de aceitar textos de autores como Cocteau, O'Neil, Sartre, Pirandello, Anouilh, Sófocles — para só citarmos alguns. Todavia o público compareceu também e principalmente por causa da qualidade dos espetáculos que, procurando esclarecer os significados e oferecer um jôgo cênico nos limites do possível, libertado das inflexões e dos equívocos de educações errôneas ou inexistentes lhe permitisse avaliar — pelo menos em parte quando não sempre na medida justa — problemas e situações sempre atuais porque apresentados em sua própria linguagem.

Continua-se, porém, a acusar o público de acorrer em maior quantidade a peças como as das pequenas cabanas ou de preferir as de leito nupcial aos brados trágicos de uma Hécuba ou de um Wozzeck.

O teatro deve poder viver mesmo não obstante as defecções do seu público. Um teatro nacional deve ter o direito de perder, porque não tem o direito de ganhar senão quando é emprêsa particular.

Trata-se de um investimento de carater aparentemente negativo do qual uma classe dirigente qualificada e que não queira ser acusada de abstenção precisa responsabilizar-se. Em caso contrário, mesmo quando se verificassem os milagres de uma ou de duas companhias de primeira ordem, o problema não estaria resolvido. Se falta a tradição, não é motivo razoável para que não tenha início agora, seja qual for o dia e seja qual for o modo de ser iniciada.

Em sentido amplo, um teatro é vivo também e principalmente através dos seus autores; e êstes são vivos e vivem porque existe um teatro que os representa; eis uma afirmação elementar, mas que convem ser feita. Os teatros estáveis são tão necessários como as pinacotecas, os museus de história natural, os jardins públicos. Como estas atividades que se realizam com o dinheiro público, o teatro também deve ser considerado uma instituição pública e sob êste ponto de vista tratado e resolvido.

Mas, repetimos, o argumento é complexo; de vez em quando voltaremos a êle, no intento de contribuir para a solução de um problema do qual de nenhuma forma nos podemos subtrair.

Êste IV Centenário está inflacionado de homenagens. Vêmo-las cairem a tôrto e a direito, sem discriminações. Desde os brinquedos baratos vendidos pelas ruas até aos artigos higiênicos; desde os espetáculos até às liquidações.

Se é verdade, conforme diz o refrão, que a cavalo dado não se olham os dentes, a verdade é que no mais das vêzes se trata de asnos com as orelhas cortadas.

E no fim de contas se percebe que com esta fórmula se "tapeia" com produtos de valor ordinaríssimo ou se tenta (por certo mesmo com boa fé) dar uma etiqueta às presunções pessoais.

A "Hécuba" apresentada por Paschoal Carlos Magno no Teatro Santana é um exemplo disso.

Pondo de lado qualquer avaliação crítica, resta ver quanto seja oportuno afrontar temas e testes de tal alcance que exigem uma preparação e um rigor que o diretor dos estudantes de *boa vontade* do Rio evidentemente não possue. Valha como exemplificação o fato de êle não se ter dado conta das duas claves sôbre as quais se articula o personagem de Hécuba: primeiro, humana e fechada no próprio tormento, mulher em tôda a acepção da palavra; depois, símbolo e instrumento de um destino implacável que lhe move os pés. Valham ainda como exemplificação os elmos romanos, a ausência de rítmos no espectáculo, as luzes erradas, o côro autônomo e desordenado, a recitação com tom de dilletantes.

O resultado foi que, ao invés de uma autêntica representação, se teve a sensação de assistir a um exemplo de como não se deve fazer um espetáculo, mesmo que a etiqueta e as intenções fizessem esperar coisa muito outra.

O que mais reprovamos em Salce pelo espetáculo "Leito Nupcial" realizado no T.B.C. — não falando no desequilíbrio de impostação entre o primeiro e os outros atos — é não haver êle compreendido (ou não ter sabido realizar) que nessa comédia frágil a razão essencial está no evolver do tempo em tôrno aos dois personagens, no seu ambiente próprio, sem que êles se dêm conta dos pequenos incidentes cotidianos.

Comédia tanto ou mais conservadora e conformista do que as outras, esta, "Leito Nupcial".

O fluir do tempo, o evolver de uma estética, o mudar de um gôsto gráfico e decorativo, o suceder de rítimos sempre mais cerrados, o estratificar-se de uma moda que cada dia se tornava mais audaz e desligada — tôdas estas coisas, enfim, quiséramos sentí-las mais sublinhadas, mas postas em foco. Os valores daquela ilhota que permanece imutável ante o transcorrer implacável da vida e das suas manifestações, assumiriam uma razão mais evidente e, provàvelmente, a própria comédia sairia mais válida e coerente com as intenções secretas do autor. Nem mesmo onde a marcação teria sido mais fácil se sentiu êsse esfôrço. Assim à cenografia superficial se pespegou o recurso da projeção que do início ao fim do espetáculo sublinhou uma solução de continuidade (ao invés de destruí-la) com um desenhinho de pequeno jornal domingueiro, imutável do primeiro ao último ato.

Tudo genérico, em suma. Menos os dois atores que deram prova notável de seus meios e de sua sensibilidade.

No "Suplemento Feminino de "O Estado de São Paulo", a senhorita Odette de Freitas — concluindo as suas crônicas femininas sôbre teatro, se refere ao elenco e ao repertório da "Escola de Arte Dramática" dirigida por Alfredo Mesquita" e afirma: "Aqui deixamos aplausos a todos os atores, diretores e demais artistas que colaboraram para o êxito, que é certo, de tão simpatica iniciativa".

Prescindindo dos aplausos, que são da competência do público, sublinhamos a "tão simpática iniciativa". Com efeito a respeito de tal escola preferimos considerá-la sob êsse aspecto, pois isso nos livra do desagradável mister de arrazar a leviandade com que, sem nenhuma experiência ou preparação especificamente profissional se distraem autoelegendo-se diretores e formadores durante bons quatro anos jovens que, afinal de contas, prestariam serviço mais valioso à sua cidade dedicando-se — porque não?! — ao cultivo da cana de açúcar.

Passemos por cima, nimia caridade das críticas que irrompem.

Unicas consolações, o aluno Jorge Fischer que encarnou com grande coerência o personagem que a inteligente direção de Luís de Lima lhe confiou. Costumes magnificamente realizados e outrossim cenas bem desempenhadas. ★★

Moore

A crítica não acolheu bem a última obra do escultor inglês Henry Moore, exposta nesses dias em Londres: o Rei e a Rainha da Inglaterra. O "Picasso de relêvo", como é chamado Henry Moore, representou o rei e a rainha como dois sêres mirrados, sentados num simples banco, tendo a corôa equilibrada na cabeça; os braços pendem numa posição de cansaço; os corpos são rigidos e compostos. "Mais de que dois soberanos", escreveu o *Manchester Guardian*, parecem duas vítimas, dignas e esquálidas, à espera de alguma coisa que nunca chegará. É uma ofensa à magestade.



Henry Moore, o Rei e a Rainha.

Arte 1954



Uma pintura posta em leilão? Não. Trata-se do veredicto do júri da Royal Academy de Londres sôbre uma pintura que devería figurar na Exposição de Verão.

Grupo

Falou-se em formar um grupo de estetas na Câmara dos Deputados no Palácio Tiradentes. Porém, nada foi feito.

Inglaterra

Cada um tem a própria definição para uma casa ideal. O "Daily Mail" propõe a sua numa Exposição aberta em março. Entre as várias atrações secundárias, pois trata-se de uma exposição viva, encontra-se: a história de 400 anos de fumo; a estrada dos tapetes persas, o processo do nylon; a demonstração da preparação dos alimentos, etc. Em todo caso, eis aqui em baixo o símbolo da exposição.



A bandeira da Música

Desaparecido durante a guerra de 1914-1918, a bandeira da Filarmônica de Comines, perto de Lila, uma das mais antigas sociedades de música, foi encontrada no castelo de Bonndorf, na Alemanha, aonde havia sido levada, como trofeu de guerra, por um alemão. A Filarmônica vai recuperar sua bandeira e agora toca melhor.

Industrial Design

Quando os engenheiros das usinas Alsthom acabavam de terminar a construção da CC-7000, a locomotiva francêsa que bateu o recorde mundial de velocidade, um dêles disse: Falta a esta locomotiva um toque de arte que nossos conhecimentos de técnicos não lhe podem dar..."

Escola

A um prefeito amigo que deve construir a nova escola do Município enviámos o seguinte epigrama de Oscar Wilde:
"A escola deveria ser o lugar mais bonito de todas as cidades e vilas, tão bonito que o maior castigo para as crianças desobedientes seria de não os enviar à escola no dia seguinte".

Rimbaud

De vez em quando as crônicas políticas têm algum trecho de sereno nos céus sempre escuros de parlamentarismos, ministerismos, discursismos, ordens do dia, etc. Os membros do Senado francês prestaram homenagem ao novo presidente Coty, levando-lhe em presente as obras completas de Rimbaud.
Coty respondeu: — Rien, Messieurs, ne pouvait me faire plus de plaisir.

Picasso e Faulkner

Ao julgar a arte contemporânea, a pessoa que não consegue estabelecer as analogias entre o tempo e a expressão do tempo não compreende porque Picasso tenha desmanchado a forma e porque, seguindo o seu exemplo, a pintura mais viva continue o massacre. Talvez essa pessoa, que não sabe ver nas atitudes do artista dos nossos tempos, leia a seguir os romances de Faulkner (com todos os seus assassínios, estupros, raptos, contínuas brigas) e os ache lindos. Mas Picasso e Faulkner representam no domínio da arte a mesma coisa, possuem as mesmas caraterísticas dêsse tempo.

O valor da Arte

A venda dos objetos de arte do rei Farouk acaba de ser encerrada. O total das ofertas para essas coleções — inclusive os selos e as moedas — vai além de 700.000 libras (Cr$ 115.500.000,00). M. Maurice Rheims, delegado dos comissários avaliadores de Paris, estima que daí em diante o recorde mundial das ofertas foi batido.
A êste respeito precisamos também dizer que muitas coisas, isto é todo o bric-à-brac de Farouk que foi adquirido só por vontade de comprar, não foi vendido.

Este leilão do Cairo, como aliás o de Paris e a recente venda das cinco obras da coleção do Principe Liechtenstein na Galeria Nacional de Ottawa, 131.860 libras) não demonstram a estabilidade do valor da arte, e sim o aumento dos preços.



Janik Mabille, Cavalo.

O ladrilho cerâmico, excelente elemento decorativo da arquitetura está achando novamente uma razão de ser na arte contemporânea em novas expressões, seja estética, seja técnicas. Eis, por exemplo, uma linda cerâmica (70-27) de Janik Mabille, em três pedaços, cujo titulo é "Cavalo". É útil observar como os entrecortes dos três elementos foram desenhados segundo um critério construtivo. Assinalamos isto aos ceramistas brasileiros que continuam pintando os azulejos das cozinhas.

Museu de Arte

Há anos o Museu de Arte de São Paulo, interessa-se, por meio de exposições, aqui e no exterior, publicações, etc. pelo grupo indubitavelmente mais representativo da Arte moderna brasileira: Lasar Segall, Cândido Portinari e Roberto Burle Marx.

Definições

Eis qual é o título em "Les Nouvelles Littéraires" para a morte de Auguste Perret: "Le père de l'architecture moderne disparait". Nada de mais arriscado num título, apesar de toda a consideração que merece êste arquiteto francês, definido no fim do artigo: "um clássico".

A pobre crítica

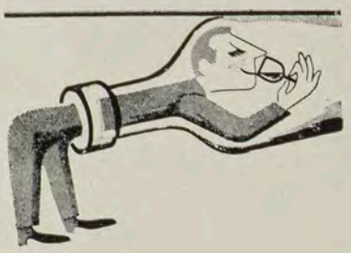
Em agôsto do ano passado um crítico de Zurique publicou um artigo desfavorável sôbre um filme que esteve passando num cinema local. O proprietário dêste último irritou-se a tal ponto que por escrito proibiu ao critico de entrar daí em diante no seu cinema, e também de adquirir um normal bilhete de entrada. Esta determinação pareceu tão grave às associações da imprensa e a todas as entidades interessadas, que o crítico decidiu recorrer aos tribunais. Acontece porém que estes não lhe deram razão afirmando que a aquisição de uma entrada estabelece e aperfeiçoa um contrato entre o dono do cinema e o espectador, e que nenhuma das duas partes pode ser obrigada a êste contráto. A defesa do crítico retrucou citando um artigo do código suiço pelo qual o ato de expor mercadorias com indicação dos preços considera-se normalmente como uma oferta que empenha aquêle que a faz. Replicou-se que uma sala cinematográfica expõe preços e não mercadorias, e outras subtilezas dêsse gênero; a sentença foi confirmada e despertou muitos comentários. Os donos dos cinemas poderíam então proibir o uso da crítica. Mas existe uma única alternativa. Ou aquêle crítico exagerou nos seus comentários, errou, foi injusto: e isso desclassifica o crítico em frente aos seus leitores, o que é a pior das condenações. Ou aquêle crítico foi serenamente, objetivamente, devidamente severo e então o episódio desclassifica o dono do cinema.



Bronze da Sardenha "Miles Cornutus".

Bronzes da Sardenha

Descobertas recentes permitiram juntar uma série de pequenas esculturas sardas arcaicas que será apresentada em diversas exposições no estrangeiro. A Sardenha é considerada uma grandiosa reserva arqueológica.



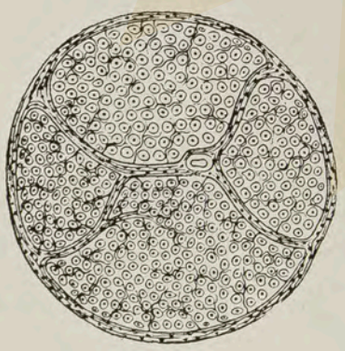
Uma boa idéia publicitária para uma pinga; não pode, porém, ser copiada, porque já é publicidade do "gévéor" de Hervé Morvan.



Por quanto incrível possa parecer, estes são os monumentos que ainda hoje se erigem nas praças: eis a maquete do monumento inaugurado em Monza, (Itália) para celebrar o sacrifício das vítimas do trabalho. Como vai ser possível, de agora em diante, concentrar-se para pensar, com sentimento e seriedade, nas desfortunas, depois de ter visto esta semente nua esmagada por um maquinismo acionado pela mão do gigante Golias?

Pernas - appeal

Lêmos: "Uma "neo-artista" pegou a tapas um regista que, para uma cena do seu filme havia-lhe pedido para "mostrar as pernas"; isto aconteceu realmente; omitem-se os nomes para evitar publicidade gratuita". E pensamos que muitas artistas acham-se interessantes devido à própria inteligência.



Uma nova expressão da arte abstráta? Não. Secção de um nervo do corpo humano.



Giuliana, depois do êxito de São Paulo, vai expôr no Rio suas cerâmicas.

As nossas escolas de pintura

"Para a maquilagem, duas escolas: alguns institutos acentuam o desenho da bôca e a pintam de maneira violenta; outros a preferem de uma côr de rosa pálido, a fim de que pareça natural. Isso é novidade no que se refere às jovens, mas as "que não têm mais 20 anos" agirão mais acertadamente restando fieis ao "baton que cobre bem os lábios". Assim se expressou Simon Baron, crítico de arte (Beauté Féminine) mais conhecido, entre nossas senhoras, por Herbert Read.

Entusiasmo

Nas pinturas de tendência social ou, se preferem, realista, como vimos no ultimo Salão da Jovem Pintura no Museu de Arte Moderna de Paris, encontramos sòmente figuras de operários e de mulheres aplicadas em trabalhos de cozinha. Êste, também, é um exagêro do neo-realismo, já velho, aliás, desde o tempo de Courbet, e que agora volta não espontaneamente, e, porisso mesmo, com todos os defeitos do entusiasmo. Bem vinda seja a pintura social; não esqueça, porém, que as classes sociais não são sòmente duas.

Charles Folk, Pintura.



Os Museus filatélicos

"Parece supérfluo apresentar argumentos em favor da utilidade dos museus postais, escreve o jornal "Le Soir", se o pincel e a palheta justificaram a criação de inúmeras e reputadas galerias de quadros, porque maltratar o lápis do desenhador e o buril do gravador? O prazer dos olhos não é a razão de ser comum? São numerosas, aliás, as vinhetas postais comparáveis a miniaturas. Que os incrédulos se dignem lançar um olhar sôbre as séries das cidades, dos músicos, pintores e poetas, emitidas na Austria há cerca de vinte anos atrás (para não citar que êstes são pequenas obras de arte) e ficarão admirados". E' verdade: muitas vezes encontram-se selos verdadeiramente magníficos. Mas, e os selos brasileiros? E aquêle do Centenario de São Paulo, a propósito?



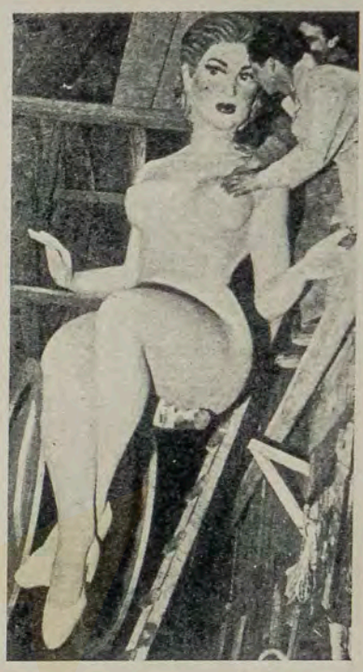
Eis alguns anuncios que, em jornais europeus, lembram que o Brasil existe também para as coisas de arte. Isso dá gosto.

O Cangaceiro

Êste filme, que continuam a apresentar na Europa, sempre com grande sucesso, demonstra que o Brasil tem ótimas possibilidades de construir uma indústria cinematográfica nacional. Revendo o filme depois de tanto tempo, e com olhos, por assim dizer, mais desapegados das contingências locais, observamos que a primeira necessidade, para uma casa cinematográfica, num país novo, é ter um supervisor que suprima todas as ingenuidades de um filme, todas as exagerações de retórica, etc. isto é, ver, mais além dos entusiasmos dos diretores locais, que estão em suas primeiras experiências, a unidade do trabalho como obra de arte, com todas as exigências que um estilo impõe. As obras primas não podem ser produzidas de um dia para outro; mas filmes limpos, inteligentes e com um pouco de genialidade são possíveis tanto no Brasil quanto em outros países.
O mais importante é encontrar homens que saibam compreender a importância de um filme e que, por exemplo, expliquem a Lima Barreto, cineasta sem dúvida inteligente, que Lord Brummel atravessava Londres sem ser notado.

Amsterdam

Falando de Amsterdam: esta cidade possue cinqüenta museus e grandes coleções que devem ser vistas com muita atenção.



Escultores italianos trabalhando na preparação dos carros carnavalescos: Gina Lollobrigida ou Silvana Mangano: a critério do leitor.

Rua

Considerando que as ruas são tão feias e monótonas, sugerimos às casas de moda que apresentem os modêlos com manequins viventes, seguindo o exemplo da América e das capitais européias.

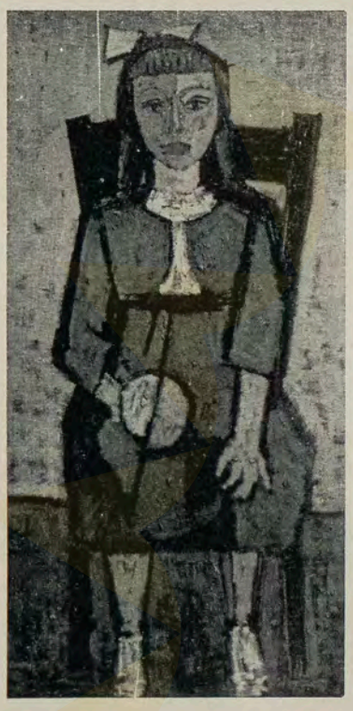


Êsses simbolos musicais são usados por uma firma italiana como publicidade de um confeito purgativo "equilíbrio e ritmo do intestino; confeito laxativo e purgativo".

Pintura social

Uma vez um escultor mandou, para uma Exposição do "Trabalho", a estátua de uma linda jovem núa. Foi-lhe timidamente perguntado qual a relação entre àquela nudez florida e bem repousada e o trabalho. O escultor respondeu: "É o retrato de uma modêlo enquanto ela *trabalha* pousando. Não é trabalho então, também aquele da modêlo?" Nos concursos sôbre o tema "Trabalho e trabalhadores", a escolha dos temas limita-se geralmente a

"rudes" trabalhadores e não menos "rudes" trabalhadoras. Em tantas exposições do gênero, que, quem escreve estas notas teve ocasião de ver, nunca foi vista uma "bonita costureirinha" ou um "distinto funcionário de banco" ou, em geral, um qualquer "empregado de conceito", sentado à mesa de trabalho. Em compensação, quantidades de trabalhadores montados sôbre bicicletas, descarregadores do pôrto, pescadores sisudos. Arquivistas, bibliotecários, manequins, dançarinas, artistas de cinema ou de teatro, nunca. Um trabalhador de aspecto satisfeito, também não.



Jeacques Boussard, Menina. Galeria Kaganowitch, Paris.

Sandberg

Encontrámos na Europa Sandberg, que imediatamente nos pediu os desenhos da iluminação do Museu de Arte de São Paulo, pois quer aplicá-la numa nova sala do Museu Stdelijk de Amsterdam, do qual êle é o diretor e do qual falámos em "O Museu" n.º 2.



Sandberg em São Paulo.

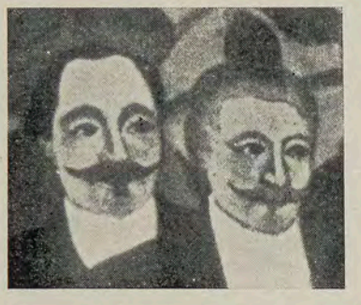
Cendrars - Modigliani

O nome do Sr. Drot, no setor da cinematografia dedicada à arte plástica já tornou-se bastante popular na França. E' êle que orienta e dirige aquêles belíssimos documentários dedicados aos pintores, usando textos de grandes poetas e de músicas adequadas, como por exemplo o "Vermeer" com letra de Marcel Proust e músicas de Ravel.

O último filme dêste gênero do Sr. Drot representa mais um passo em diante e, por assim dizer, uma nova tendência, e embora evoque um artista, tenta colocá-lo na história mediante a presença no palco de um evocador. Isto naturalmente é só possível para a arte contemporânea, como acontece com "Modigliani por Blaise Cendrars".

O poeta do famoso canto sôbre São Paulo por nós evocado no "Habitat" na ocasião da reportagem sôbre Tarsila do Amaral apresenta-se para falar em Amedeo Modigliani do qual foi amigo íntimo. O filme começa seguindo uma visitante que olha para as quatro pinturas do pintor italiano exibidas na exposição da Orangerie apresentando em seguida uma série de outros retratos, até à chegada de Blaise Cendrars, o qual fala do amigo lacônicamente, percorrendo todos os estudos na velha Montmartre, encontrando frequentadores de cafés, e "concierges" que tinham conhecido Modi. Emana dêste filme toda uma íntima linguagem emotiva, uma evocação bem natural que nos faz pensar na importância indiscutível dêste documentário.

Rousseau

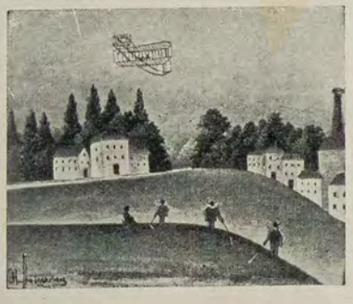


Rousseau"; Casamento no Campo", (Detalhe).

Epitáfio de Guillaume Apollinaire sobre o túmulo de Henri Rousseau, le douanier:

"Gentil Rousseau, tu nous entends,
Nous te saluons
Delaunay, sa femme, Monsieur Quével et moi,
Laisse passer nos bagages en franchise à la porte duciel
Nous t'apporterons des pinceaux, des couleurs, des toiles
Afin que les loisirs sacrés dans la lumière réelle,
Tu les consacres à peindre comme tu tiras mon portrait,
La face des étoiles".

Rousseau. Pescadores







O retráto de Diego Rivera pintado por Amadeo Modigliani e que atualmente acha-se na Europa com a coleção do Museu de Arte de São Paulo, foi uma das obras mais admiradas, seja porque trata-se de um trabalho de um quadro pouco conhecido, seja pela personalidade da personagem reproduzida. Uma carta de Diego Rivera estabelece definitivamente a data da obra, isto é 1916. Neste tempo o pintor mexicano vive em Paris pintando à maneira dos cubistas, mas já demonstra uma personalidade muito viva. A exposição do Museu na Orangerie permitiu chamar mais uma vez a atenção para o período parisiense de Rivera: eis, em efeito, um seu quadro, com a mesma data do retrato de Modigliani: 1916, retrato de Mlle. Zietlin.

Grosz

O Museum of Modern Art de Nova York, continuando a série das suas clássicas exposições, apresentou a Retrospetiva de George Grosz, o expressionista alemão, cujo nome é ligado à satira do burguês e do militarista germânico do tempo da primeira guerra mundial. Êle hoje é americano, e o seu lápis perdeu muito em vigor, mas esta retrospetiva deu a oportunidade de ver um artista da tradição de um Bosch.

Publicamos uma poesia de George Grosz, uma daquêlas poesias que êle cantava em Berlim, aos vinte anos, quando era artista de revistas. Ator e dançarino, dançava excentricamente acompanhando-se com seu violão e recitando monólogos de sua autoria. Apesar de pertencer à burguesia, Grosz detestava os burgueses, e seus monólogos falavam de pequenos burgueses dentro de sujos botequins noturnos, onde as raparigas dançam nuas. Ilustrava os monólogos com desenhos inspirados pela arte dos muros dos quarteis e dos reservados.

Criticou ferozmente o Kaiser, o Exército, a classe média e o dinheiro. Terminada a guerra, continuou sua violenta crítica contra os novos donos. Com a subida de Hitler, Grosz expatriou nos Estados Unidos. Em Nova York, numa atmosfera mais calma, pintou aquarelas; sua violência de revoltado tinha-se acalmado e, como que destemperado.



G. Grosz, O Dono.

AO PASSAR PELO VESTIÁRIO

Levanta uma gorducha um pêso de cem libras,

Chora um gurí...

Um palhaço, ao espêlho, pinta os olhos de carmim.

Alguém bebe um gole às escondidas.

Dorme em pé o porteiro do teatro.

Dois tipos jogam cartas...

(Indiscreta tremula a luz do gás...)

Há um terceiro, com uma cicatriz, em íntimas negociações com Miss Orelli.

Perezoff, o dos leões, carrega o pente da pistola.

Tem um ar assim de hussardo lá da Hungria.

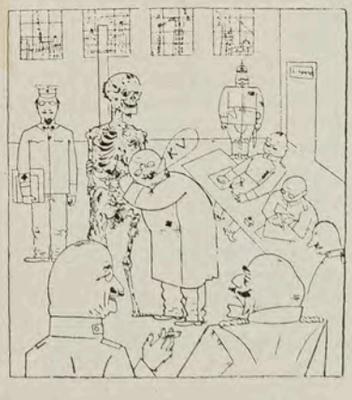
E o mulherio, que vem com os "coronéis",

Escreve-lhe cartinhas.

Tem coxas fortes, como as feras

De que êle tanto gosta... E seu cabelo é ruivo!

G. Grosz, "Habilitado".



Correspondência

Ci-Cio. O prezado senhor, também, quer organizar uma exposição internacional que lhe proporcionará muitas honrarias e muita publicidade, lançando-o assim no ambiente mundano, o torne conhecido no estrangeiro e que de repente lhe permita achar uma bonita ordem honorífica sôbre o seu peito ainda imaculado no que se refere às medalhas. Mas não faça uma Exposição internacional de arte; por outro lado, a sua idéia de copiar a idéia da Trienal de Milão ou da Quadrienal de Roma é bilhete corrido. Esqueça a arte, pois não entende nada disso, e em vez, organize a Exposição Internacional dos Cavalos, da qual muita gente parece ter saudade.

C. V. S. — O senhor não gostou do catálogo da 2.ª Bienal. Nós também não gostamos apesar da capa não ser feia.

Romeo. — O festival de cinema não foi um fracasso. Fez parte dos festejos carnavalescos e como tal foi interpretado. No carnaval vale tudo. Esperamos que a Quaresma restabeleça o equilíbrio.

Ot. & To. — Não seja "feroz"; deixe-nos êste privilégio.

Bi. — Porque não protestamos mais contra o "crítico da corda"? Porque não escreve mais; está de ferias.

Ba. — O senhor quer uma receita para tornar-se pintor abstrato? Compre um kaleidóscopo e copie o que vê; ou faça fotografias fora de foco e copie; ou apanhe uma mosca, a esmague entre dois pedaços de papel, e copie. Se, ao contrário, o senhor quizer ser um escultor, apanhe a primeira pedra que encontrar e a ponha sôbre um pedestal e a chame simplesmente "Pedra apanhada em...". Reuna os amigos para admirá-la, depois chame um crítico, mande publicar a obra no jornal, mande expô-la, e procure ganhar um prémio. Se fôr mulher (não o podemos adivinhar nem pelo pseudônimo, nem pela letra), não conseguindo apanhar a pedra, chame um carregador. Se fôr mulher, terá mais sucesso.

Lo.Ma. — O senhor que se queixa que no nosso setor das artes a maioria dos artistas não seja brasileiros natos, tenha paciência e seja condescendente. A arte supera os confins. Talvez o senhor não saiba que um dos maiores poetas francêses, Ronsard, foi filho de um soldado mercenário romêno, que Pouchkine foi de sangue etíope, que Lautréamont nasceu no Uruguai, Moréas foi grego, Mme. de Noailles romêna, e assim por diante. E os francêses que fazem todos tornar-se francêses não se queixam, pelo contrário. E o senhor como pode lamentar que no setor das artes brasileiras haja algum russo, algum italiano e algum francês? Vamos, não esqueça que o nacionalismo está fora de moda.

Farol. — Pensar nas coisas da arte *sub specie* recepções. Pensar nas recepções *sub specie* farol. Pensar no farol *sub specie* arte. São todos pensamentos concatenados: cada um dêles conduz ao outro e todos juntos conduzem ao arco de triunfo de papelão.

Cabeças com idéias

No ano de 1958 Bruxelas terá sua Exposição universal, conforme o calendário internacional. Os Belgas começaram a trabalhar com cinco anos de antecedência. O presidente é o Barão Moens de Fernig, que disse: "Antigamente, uma exposição universal era uma imensa mostra, um alinhamento de orgulhosos balcões. O XIX século, em sua febre genial e rica, afixou seu boletim de temperatura. Pensai ao Palácio de Cristal de Londres, à Galeria das máquinas de Paris, à Torre Eiffel! Hoje o progresso dos meios de comunicação equilibrou muito os conhecimentos técnicos e o desenvolvimento industrial do mundo. O homem, após mais que um século de trabalho obstinado, larga seus utensílios, descobre de repente suas riquezas e começa a pensar. Êle se pergunta: feito o balanço dos bens, em que ponto está êle no caminho do espírito? Está mais próximo da felicidade e da fraternidade? E' a estas perguntas que a Exposição universal de Bruxelas deverá responder em 1958. Ela não será uma mera comparação de riquezas, mas cada povo deverá explicar aos outros suas concepções filosóficas, seu modo de viver, suas realizações sociais. Em Bruxelas não haverá suspeitosa concorrência de nações, mas harmonia. Iremos observar tudo o que une os homens; e o que os separa poderá talvez ser explicado. E' êste o meio mais seguro de lhes demonstrar a solidariedade inelutável de seu destino...

Se nossos presidentes de exposições tivessem falado desta forma na cidade do IV Centenário, teriamos podido antecipar algumas idéias. Temos plena certeza que também no Brasil existem pessoas que raciocinam.





Galo, Tapeçaria de Jean Lurçat, na exposição do Museu de Arte.



Um Fraus Post inédito: Arredores de Pernambuco, 1665. (Col. part. suiça).

Europa

A decoração da casa, na Europa, está tomando iniciativas muito estranhas. Desta vez não falamos da arquitetura de interiores devida àqueles arquitetos que estão em dia com a época, a época, pelo menos, como nós a entendemos; falamos, ao contrário, daquela decoração vulgar, que representa a quase totalidade da decoração moderna, e, consequentemente, poder-se-ia objetar: ...a nossa época.

Em todo caso, o que temos notado na Europa foi o seguinte:

1 — Volta aos estilos, por exemplo ao Sedelmeyer e ao Louis Philippe, com respetiva construção de *novos* móveis adaptados conforme as exigências e as necessidades atuais.

2 — Fabricação em série daquêles pequenos tapetes — mosaico de antigos damascos e bordaduras douradas em uso no fim do século. Êsses pequenos tapetes-mosaicos são feitos com tecidos "antigos" fabricados hoje.

3 — "Fabricação" de madeiras para folhaduras, manchadas de antigo, falso consumido, para servir à fabricação dos móveis dos quais falámos no numero 1.

4 — Cestinhos de vimes, mas fabricados de matéria plástica.

5 — Máscaras carnavalescas representando homens e mulheres normais.



A "casa" de Silvana Pampanini.

Acabada a festa

Será que, acabadas as festas do Centenário, São Paulo continuará sem um teatro digno dêste nome, dispondo apenas de teatrinhos metidos em garagens e sob coberturas de alumínio? Tantas promessas foram feitas a respeito de teatros além do Municipal reformado e do Teatro Ibirapuera.

E isso sem contar a promessa da famosa Orquestra Sinfônica do Centenário que se pôs em fuga antes mesmo dos primeiros compassos da "ouverture"!

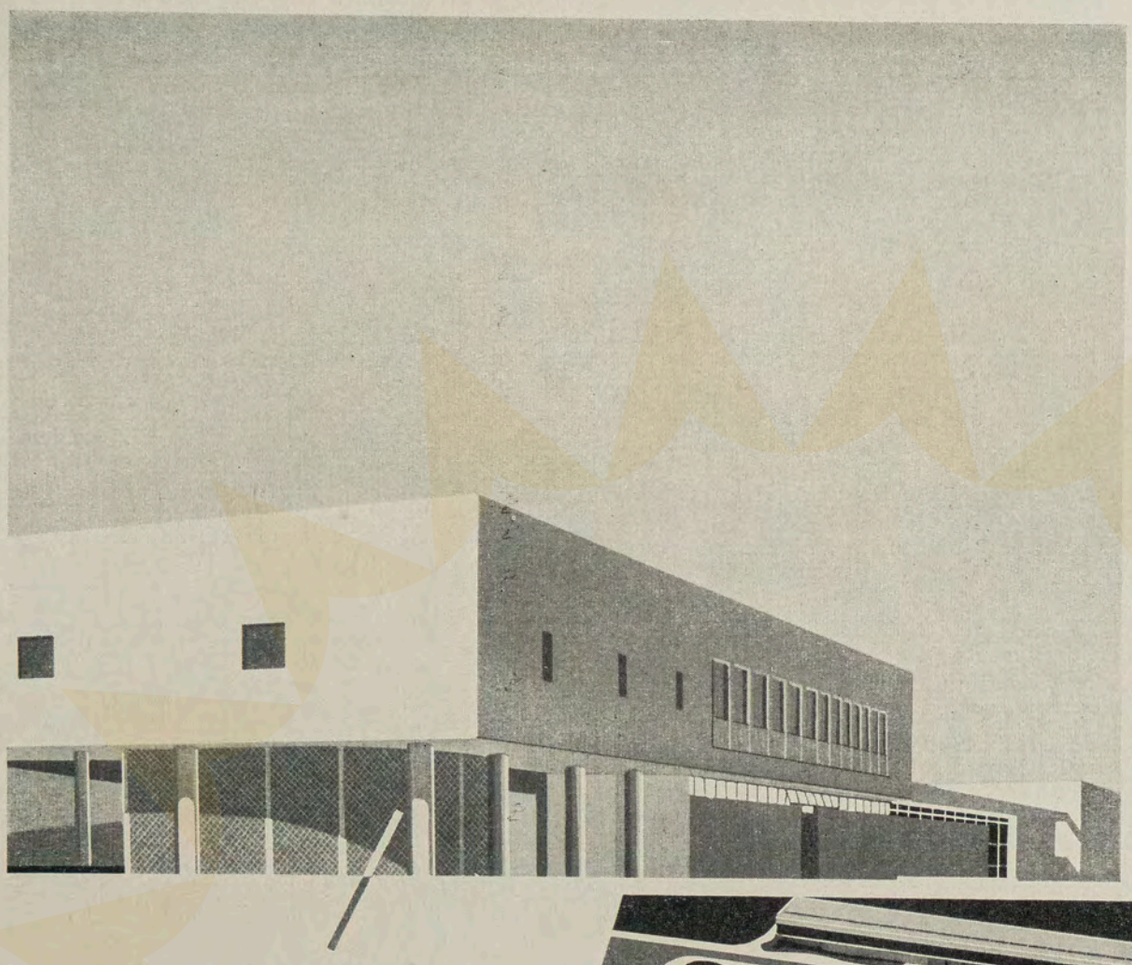
Cavalcanti Festival

Foi escassa a repercussão na Europa do festival cinematográfico de São Paulo. Mas os poucos críticos que trataram do assunto, como Claude Mauriac no "Figaro Littéraire", só falam de Alberto Cavalcanti.

"*Autre revenant de la grande époque, mais n'ayant rien d'un fantôme: Alberto Cavalcanti, homme de légende devenu soudain le monsieur serviable qui nous guide dans São Paulo. Nous passâmes en sa compagnie une nuit étrange dans un bal nègre, où nous connumes pour la première fois la danse à l'état pur. Cavalcanti n'était pas le moins possédé, et nous cédions les uns après les autres à cet envoutement. Pas d'alcool, mais, s'ajoutant à l'ivresse de la musique et des chants, celle d'un parfum glacé à base d'éther que chacun vaporisait sur son voisin: coutume du carnaval, alors à ses débuts. Notre hôte usait avec un particulier acharnement de cet instrument maléfique. Je le regardais danser. Je pensais. "C'est Cavalcanti, l'un des maitres de l'avant-garde française. L'auteur d'*En rade*..." Et je me réjouissais d'être là.*

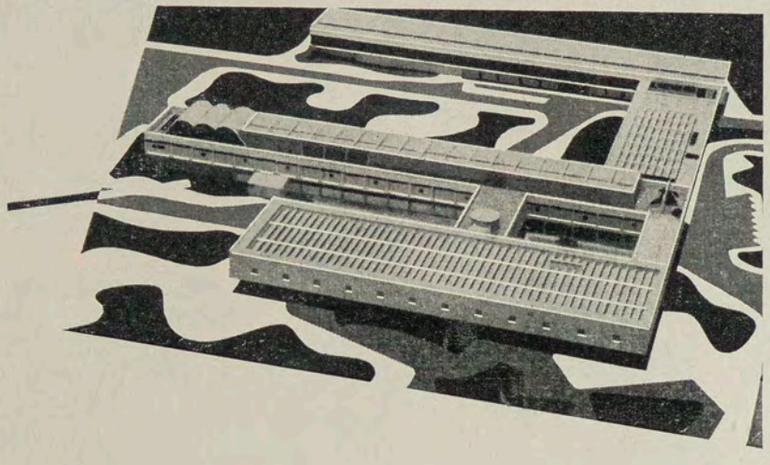
Alberto Cavalcanti est peu aimé, peu compris dans son pays, où il est retourné depuis quelques années. Son dernier film, Le Chant de la mer, *y fut mal accueilli, qu'il nous montra un jour, en marge du festival. Oeuvre inégale, techniquement imparfaite, mais telle qu'il en est de plus en plus rarement à l'écran. Il est deux sortes de cinéma: le plus fréquent (et qui comporte beaucoup de prétendus chefs-d'oeuvre) ou les images n'ont ni densité ni relief; et l'autre, le vrai, celui de Cavalcanti, où chaque plan foisonne de richesses, dont quelques unes seulement servent à la compréhension immédiate de l'action.*

Fim de HABITAT 15



Cidade Universitária do Rio. Instituto de Puericultura, onde foram empregadas Tintas TRIANGULO

Grandes obras arquitetônicas consagraram as tintas TRIANGULO



Produtos Especificados na Pintura

Tinta de Aparelho para Alvenaria "TRIANGULO" (Sealing-Coat)

Massa Nivelante (Base Oleo) "TRIANGULO"

Tinta para Aparelhar Fundos "TRIANGULO" (Surfacer a Oleo)

Tinta a Oleo Fôsca "TRIANGULO"

Tinta a Oleo TINTOLINA

Tinta a Oleo Plástica PLASTOLUX

Esmalte Sintético "AÇOFLEX"

Esmalte Sintético "MILITEX"

(Acabamento Porcelana)

REPRESENTANTES E REVENDEDORES

A. F. Coelho	Trav. Padre Prudencio, 45	BELEM	Pará
C. Pereira & Cia.	R. B. do Triunfo, 277-1.º	J. PESSOA	Paraíba
Casa Leite Imp. de Ferragens	R. Pres. Bandeira, 404-A	NATAL	R. G. Norte
Cia. Bras. Mercantil do Rio Grande	Av. Alberto Bins, 373	P. ALEGRE	R. G. Sul
Distr. Fluminense Tintas Ltda.	Rua Marechal Deodoro, 13	NITERÓI	R. Janeiro
Usina São Christovão Tintas S. A. (Filial S. Paulo)	Av. Campos Eliseos, 86	S. PAULO	S. Paulo
Freire & Cia.	Rua Duque de Caxias, 622	PARNAIBA	Piauí
Hasenclever & Mund	Rua S. Paulo, 421	BLUMENAU	S. Catarina
Hercilio Prado Almeida & Cia.	Rua Laranjeiras, 209	ARACAJÚ	Sergipe
Importadora «ICO» Comercial S. A.	Rua Pedro Ivo, 208	CURITIBA	Paraná
Irmãos Gentil Ltda.	Rua Senador Alencar, 77	FORTALEZA	Ceará
Irmãos Machado & Cia. Ltda.	Rua da Concórdia, 176	RECIFE	Pernambuco
J. Bovendorp & Cia.	R. Santa Quitéria, 634	B. HORIZONTE	Minas
L. Amorim & Cia.	Rua do Comércio, 299	MACEIÓ	Alagoas
Macife Bahia S. A. Mat. Constr.	R. Conselheiro Dantas, 36	SALVADOR	Bahia
Mario Freire Leahy	Praça do Comércio, 133	PENEDO	Alagoas
Mattos Areosa & Cia. Ltda.	R. Marechal Deodoro, 290	MANAUS	Amazonas
Nunes dos Santos & Cia. Ltda.	Av. Pedro II, 231	S. LUIZ	Maranhão
Paiva, Fortes & Cia.	R. Simplicio Mendes, 147	TERESINA	Piauí

Nos próximos números serão publicados os catálogos de côres das tintas especificadas.

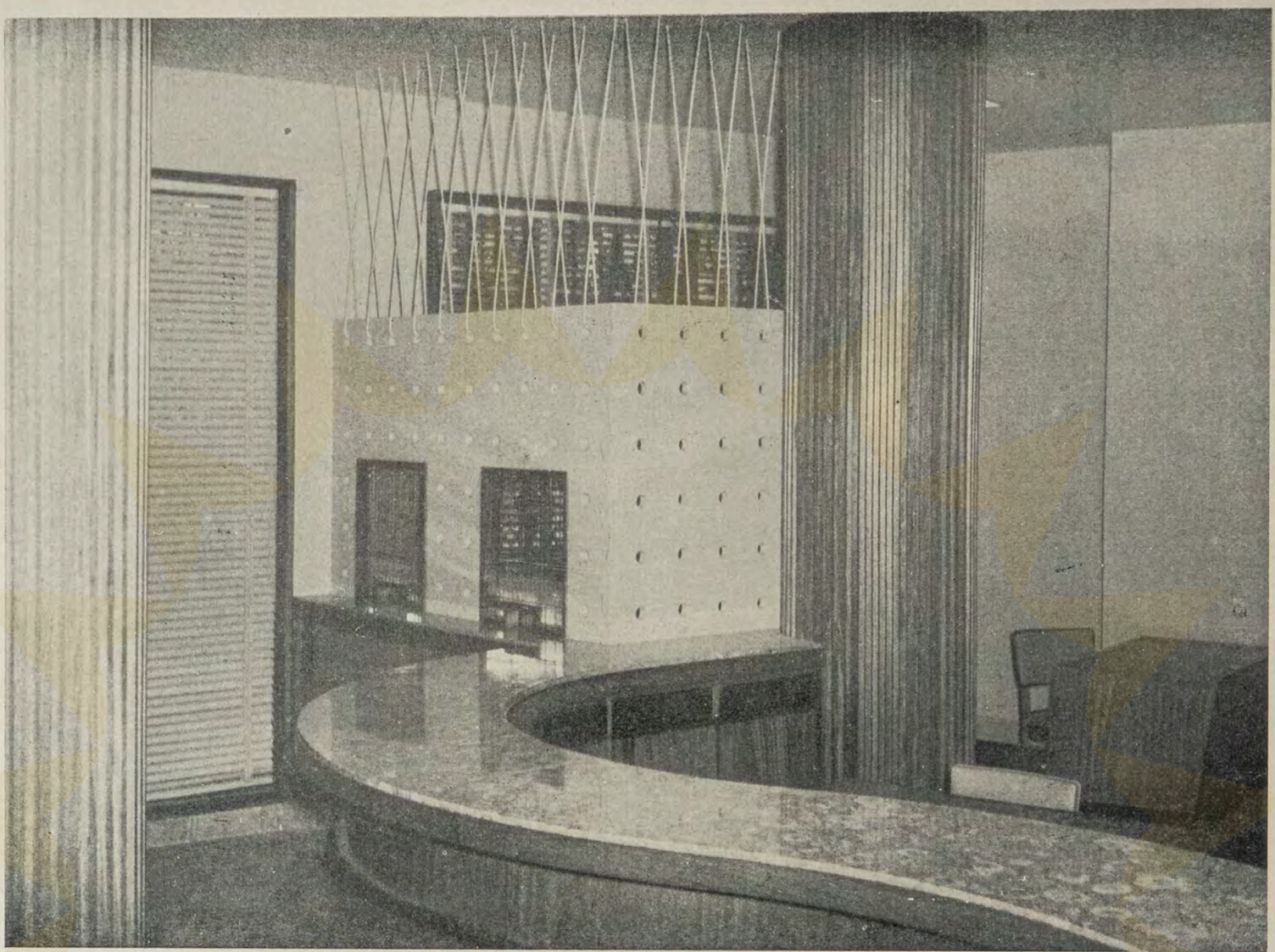
Tintas Triângulo

tintas **triangulo**

USINA SÃO CHRISTOVÃO TINTAS S/A

RIO DE JANEIRO: FÁBRICA: Rua Lima Barros, 57. Telefone: 28-7150

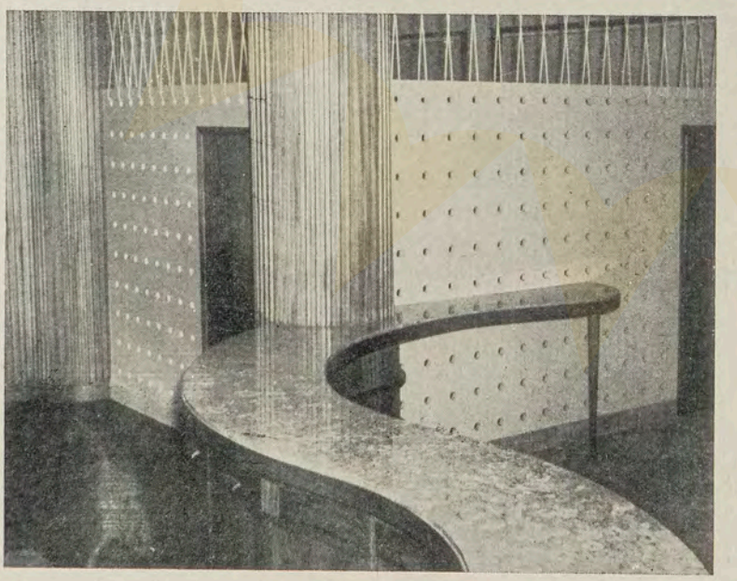
S. PAULO: FÁBRICA: R. Dr. Guilherme Ellis, 143. LOJA: Av. Campos Eliseos, 86. Fone: 35-9789

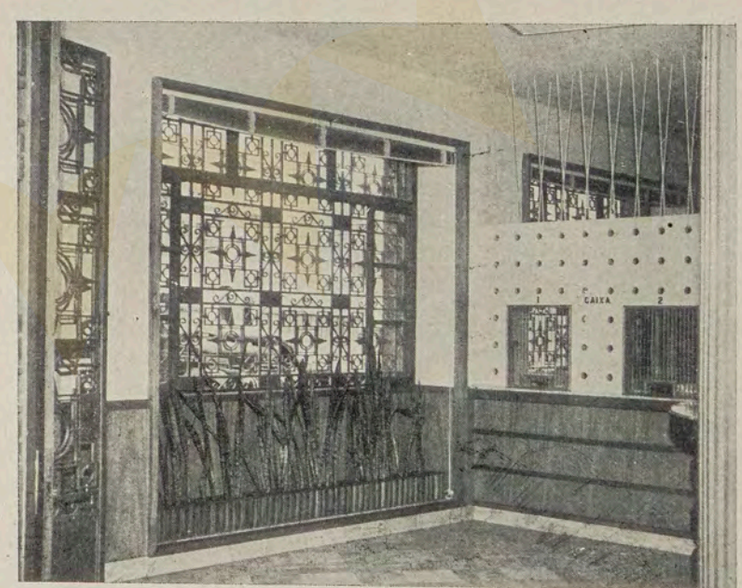


A decoração moderna no Recife, a "Veneza Brasileira"

As novas instalações do Banco Nacional do Norte, Recife.

Projeto e execução da parte decorativa: Casa Hollanda Ltda., Recife.





São Paulo, juntamente com a Capital da República, é apontada como a cidade que mais cresce nestas bandas do continente sul-americano. O cinema, o jornal, o rádio, se encarregam de difundir, por todos os quadrantes da nacionalidade, a aura de progresso por que passam essas duas grandes metrópoles. No entretanto, êsses veículos de difusão laboram numa omissão entristecedora quanto ao que se passa nas demais grandes capitais ou cidades brasileiras. Recife, por exemplo, nem sempre mereceu uma atenção mais acurada por parte daquêles que são responsáveis pela propalação do que ocorre nos grandes centros. Desejamos, pois, nestas colunas, dar um destaque a essa grande metrópole "esquecida".

Quem visita a chamada "Veneza brasileira", hoje, último aeropôrto brasileiro, que serve de trampolim para o continente africano e europeu, surpreende-se com o que alí ocorre. De um lado os velhos casarões e os sobrados das ruas Nova e Imperatriz, os resquícios dos tempos coloniais, a aura dos "senhores de engenho", a presidir muitas iniciativas; de outro lado o progresso urbano a se acentuar dia a dia. Veja-se, por exemplo, a contribuição que o Banco Nacional do Norte vem de dar ao Recife, instalando a sua agência metropolitana no andar térreo do Edifício Inalmar, de recente construção na Avenida Dantas Barreto. Inaugurada recentemente, esta agência recebeu uma decoração que vem nos demonstrar o gráu de desenvolvimento e de apurado gôsto da arte decorativa daquele Estado da Federação. O decorador Sebastião de Hollanda Cavalcanti e sua equipe, revelaram-se artístas de grandes recursos e ao mesmo tempo técnicos capazes de superarem as múltiplas dificuldades surgidas na execução das tarefas que lhes foram confiadas.

Para resolverem os problemas de ordem decorativa, na execução do projéto de instalação da filial do Banco Nacional do Norte, defrontaram-se os artístas com várias dificuldades como, por exemplo, a desproporção existente entre os vários elementos a serem decorados. A disposição e o grande volume das colunas desarmonizavam com todo o ambiente, contribuindo, juntamente com a exagerada altura do pé direito, para tornar o salão impreciso e difícil de ser decorado racionalmente. Tornou-se, então, necessário usar diversos artifícios no sentido de superar as deficiências e equilibrar o conjunto.

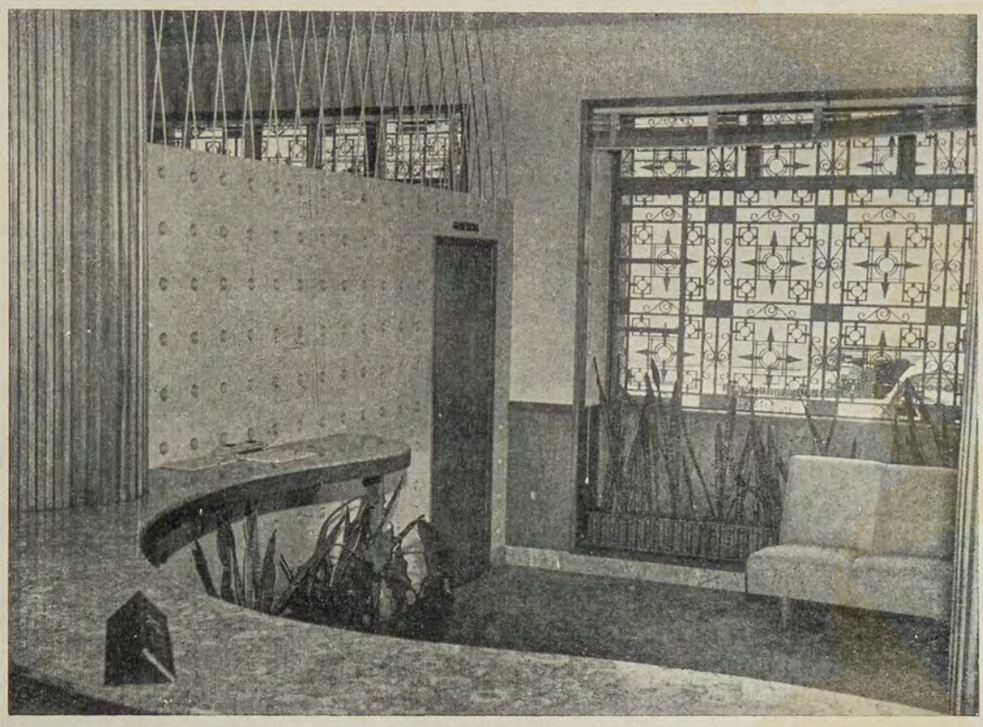
Um této, colocado cerca de oitenta centímetros abaixo da lage de concreto armado, resolveu uma parte do problema. Para tornar as colunas menos agressivas, empregou-se um revestimento de madeira em caneluras, que ajudaram a dar uma impressão de maior verticalidade. O mesmo artifício foi usado na painél de madeira do fundo, que apôia todo o conjunto.

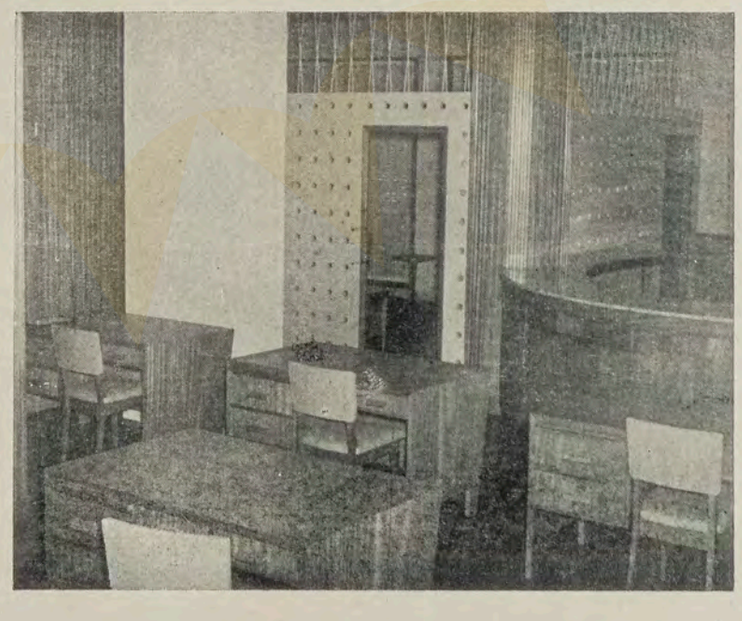
Nas divisões destinadas à gerência e aos caixas, foi usado, de determinada altura para cima, um conjunto de varetas de ferro, pintadas de claro, entrecruzadas conjuntamente com o painél de madeira, laqueado de cinza e aberto em pequenos círculos, para dar maior leveza ao ambiente. Tanto a madeira empregada — cereja — quanto aos laqueados e as tonalidades de tintas usadas nas paredes e této, sempre suaves, harmonizam com os estofados escolhidos propositadamente para evitar ao máximo contrastes violentos onde não se faziam necessários.

Como nota decorativa final e completando harmoniosamente o conjunto, um apanhado de vegetação quente e tropical.

A execução da parte decorativa esteve a cargo da Casa Hollanda Ltda., instalada à Rua da Aurora, 1,255, no Recife, a qual demonstrou a sua alta capacidade técnica e esmêro no acabamento.



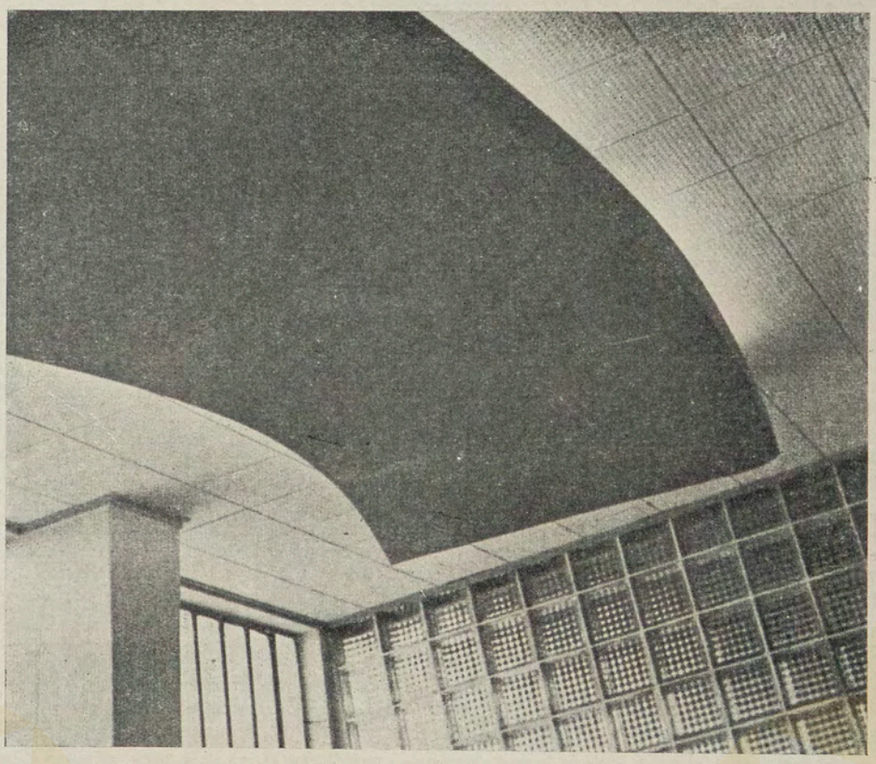




HEMEL

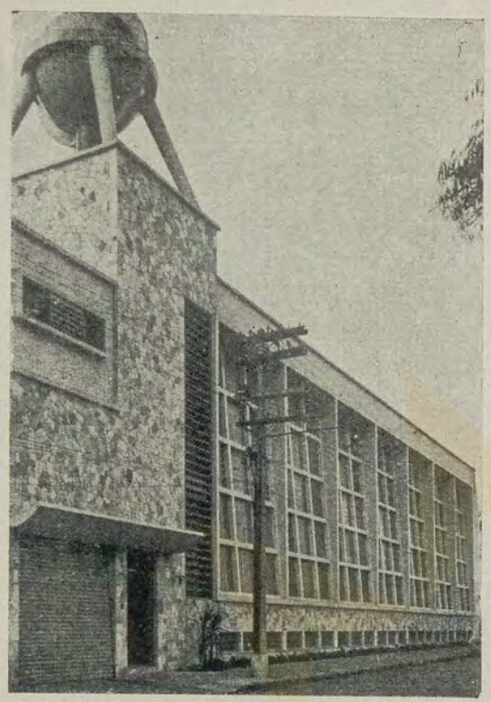
Projetou e executou as instalações
elétricas da nova fábrica

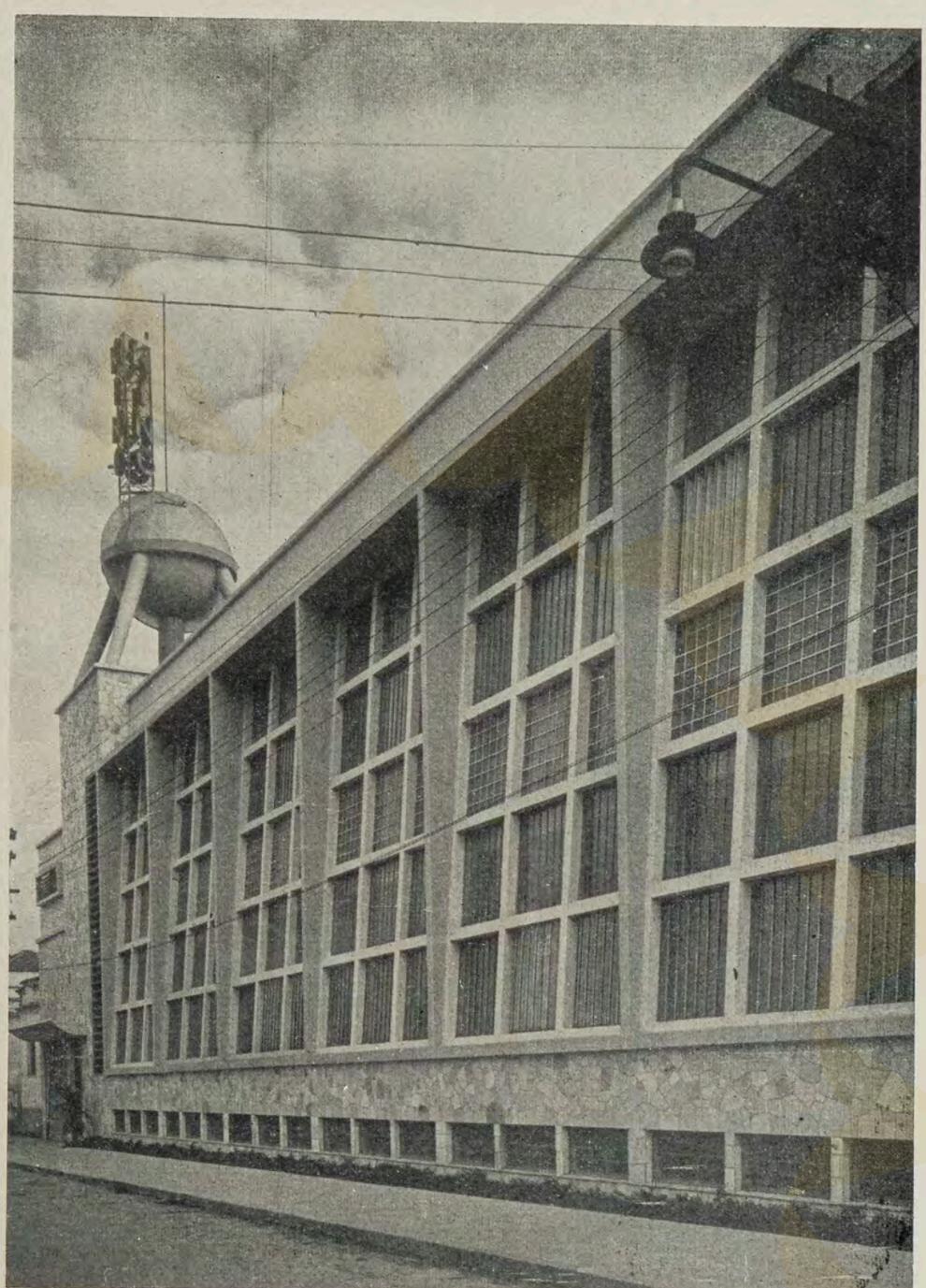
KING INDÚSTRIA E COMÉRCIO S/A.



HEMEL HIDRO-ELETRO MECÂNICA DE ENGENHARIA LTDA.

avenida ipiranga, 674 - 9.º andar - sala 904 - fone 36-6263 - são paulo





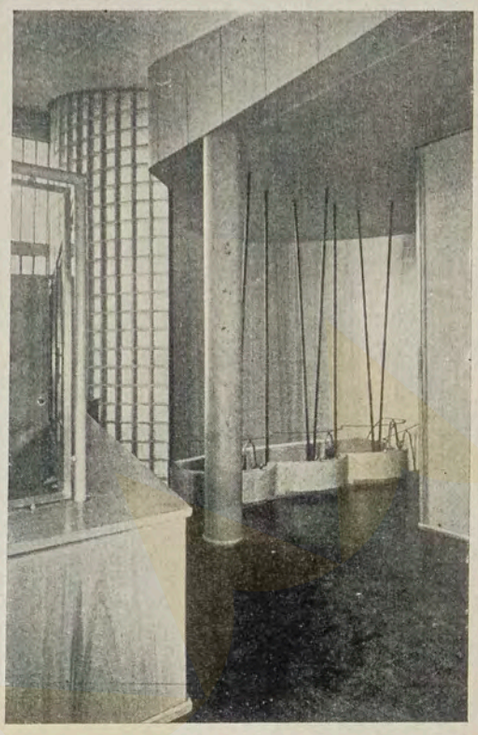
Uma fábrica funcional em S. Paulo

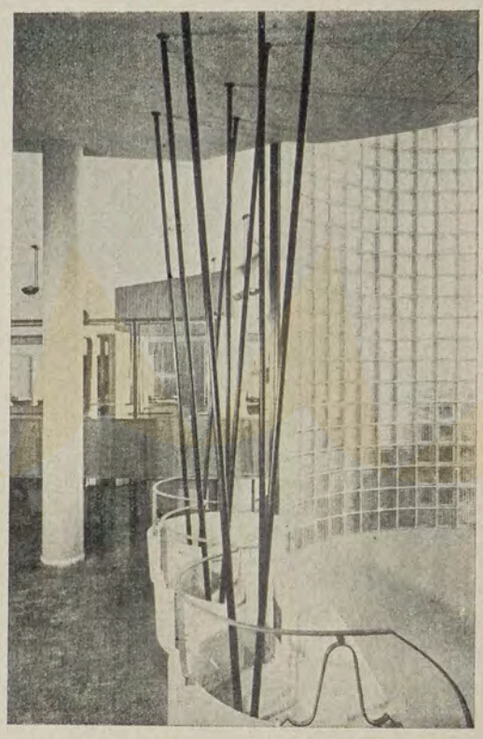
King Indústria e Comércio S/A

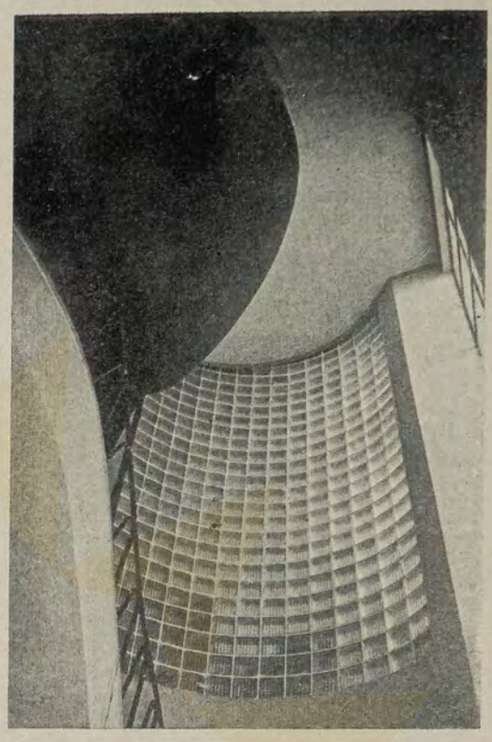
Projeto, construção e interiores: Escritório Técnico Bernardo Rzezak



Painel decorativo no hall, de autoria de Gastão Novelli, executado em mosaico vidroso Vidrotil.







Hall de recepção, no pavimento superior da fábrica, vendo-se os vários detalhes decorativos, executados com tubos, metais, vidros e pastilhas de porcelana.

Quem percorre os chamados bairros industriais desta chamada "Cidade que mais cresce no mundo", fica espantado com o número de fábricas como também não deixa observar a quantidade de chaminés plantadas em edifícios horrendos. Raras são as fábricas que diferem do "estilo clássico": tijolos nús e coberturas de têlhas comuns, a abrigarem o maquinário e os milhares de operários que forjam a grandeza de São Paulo. Às vezes são edifícios recém-construidos, mas seguindo sempre o "estilo" apontado. Entra, aqui, uma bôa parcela de responsabilidade por parte daqueles que recebem a incumbência de projetar e construir edifícios industriais. Sim, porque, poucos são os arquitetos que procuram quebrar a aridez dos imensos casarões e galpões, dando-nos o que chamaríamos uma arquitetura moderna, funcional, hoje tão consagrada em todo o mundo.

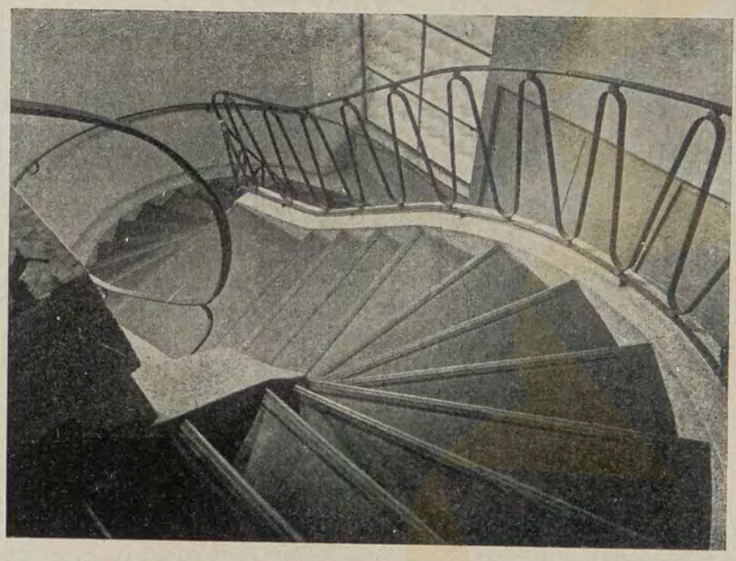
Dentre êstes poucos arquitetos chamados a fazer um projeto de uma fábrica e que no entanto não deixa de realizar um bom trabalho, queremos, aqui, destacar o Escritório Técnico Bernardo Rzezak. Os seus responsáveis elaboraram para a King Indústria e Comércio S. A. um projeto e efetivaram a construção e a decoração de uma fábrica que podemos qualificar como sendo um bom trabalho. Dando-lhe um aspecto moderno, vivo e agradavel, a execução do projeto foi tarefa que os arquitetos não tiveram dificuldades em levar a bom têrmo. Não quer isto dizer que o arquiteto não encontrou entraves de ordem técnica. Teve-os e muitos. Tanto assim que o problema que se apresentou aos referidos projetistas foi, inicialmente, o de conseguir num terreno de dimensões restritas mas de grande valor por situar-se próximo do centro da cidade, um conjunto industrial que obedecesse ao programa e fim a que se destinava. Para tanto, os projetistas contaram com a colaboração inteligente e o apôio integral dos proprietários da indústria.

Em linhas gerais, podemos dizer que o edifício de propriedade de King Indústria e Comércio S. A., destaca-se pela sua perfeita organização no plano industrial, isto no que diz respeito à circulação, ou melhor, desde a descarga da matéria-prima num dos lados do edifício, sua elaboração, confecção e posterior saída, já devidamente manufaturada, por outro portão. Não foram esquecidas, também, portas independentes para entrada e saída dos operários que ali exercem suas atividades.

A administração da indústria foi localizada no pavimento superior, com entrada, também, independente. Nesse pavimento existem dependências e salões destinados à freguezia, escritórios, salas de reuniões, mostruários, bem como o grande hall. A parte administrativa comunica-se com a parte industrial por meio de uma galeria, onde através de visores aí localizados, os chefes de secções podem controlar e fiscalizar o trabalho.

As dependências destinadas ao bem-estar dos funcionários e operários, como o amplo e artisticamente decorado refeitório, que está ligado diretamente ao pátio ajardinado, bem como as dependências dos gabinetes médico e dentário, barbeiro, creche, etc., foram projetados na parte posterior do terreno. Tratando-se de fábrica de artefatos de metal e bijouterias, *produtos de enfeites*, deu-se um tratamento arquitetônico mais rico do que o habitualmente empregado em construções dessa natureza.

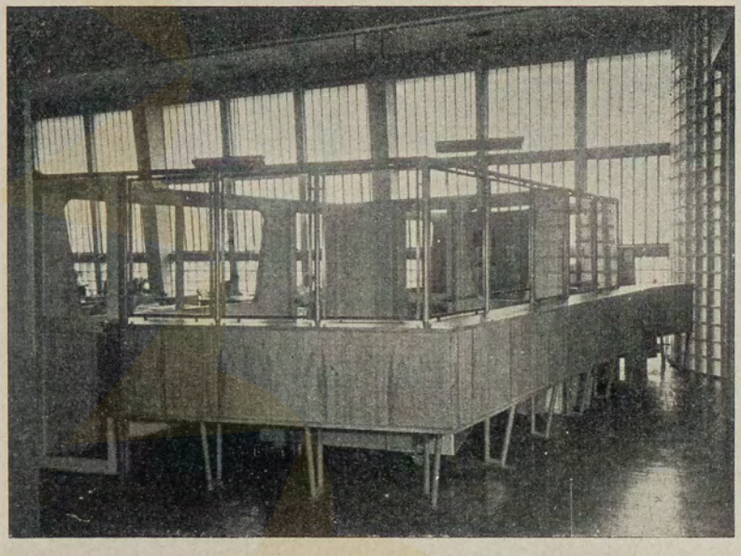
Os elementos que compõem a fachada, são uma ampla frente de janelas, destacando-se unicamente a entrada da administração, coroada, ainda, por uma caixa dágua em forma de pérola. Os caixilhos laterais e os superiores entre as diversas coberturas em conjunto com os da fachada principal, garantem uma bôa luz natural e ativa ventilação para tôdas as dependências. A estrutura da cobertura forma um arco que começa num lado com pé direito de quatro metros, terminando no opôsto com oito metros de altura, permitindo, assim, a localização de ampla galeria e do pavimento de administração num pavimento intermediário, sem aumentar o custo da obra. Como bem dissemos acima e conforme nos mostram as fotografias que ilustram estas páginas, os arquitetos, construtores e decoradores da fábrica de King Indústria e Comércio S. A., foram felizes no desempenho da missão que lhes foi confiada.



Vista da escadaria.

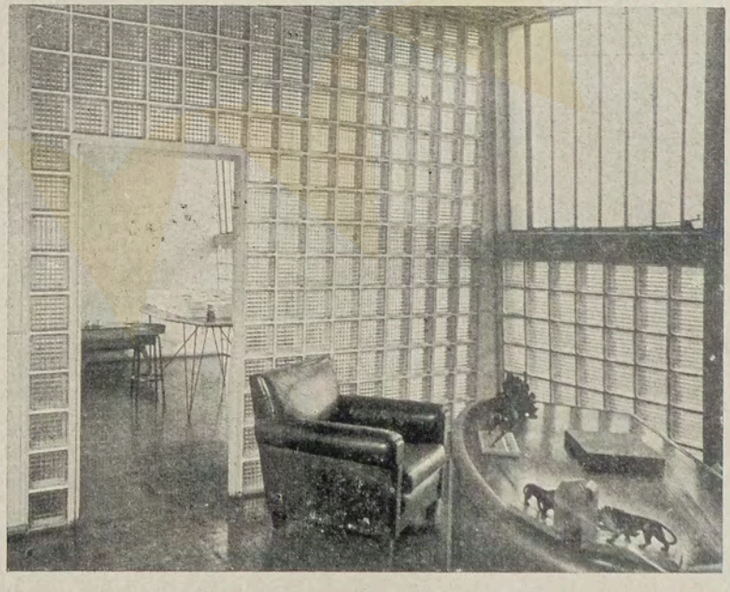


Um dos grandes escritórios.



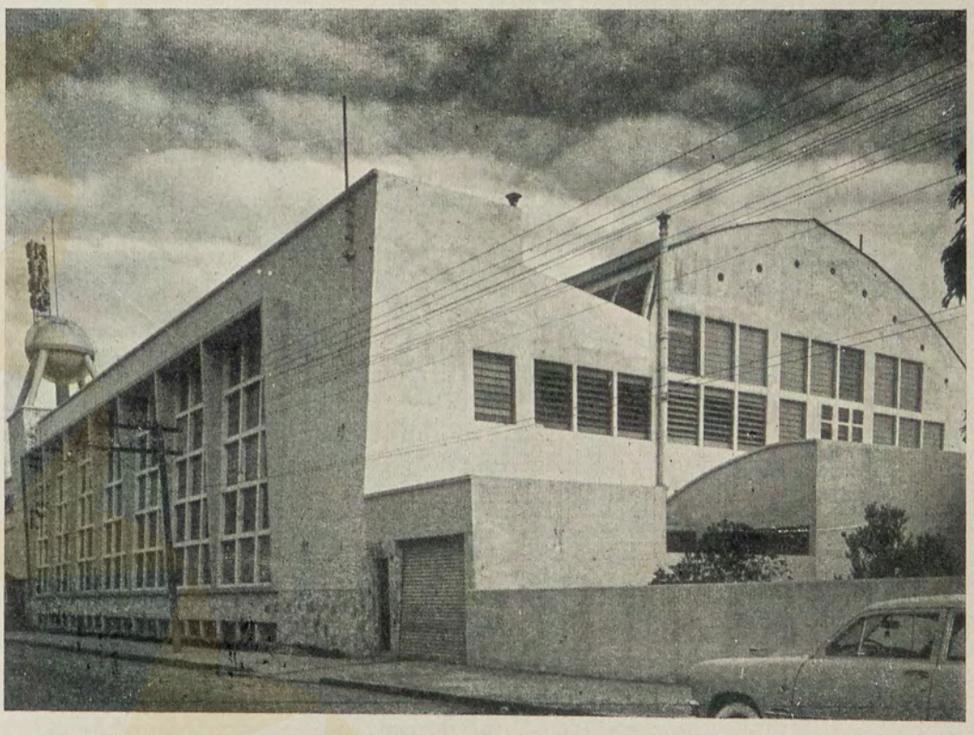
Contabilidade.

Sala do diretor.



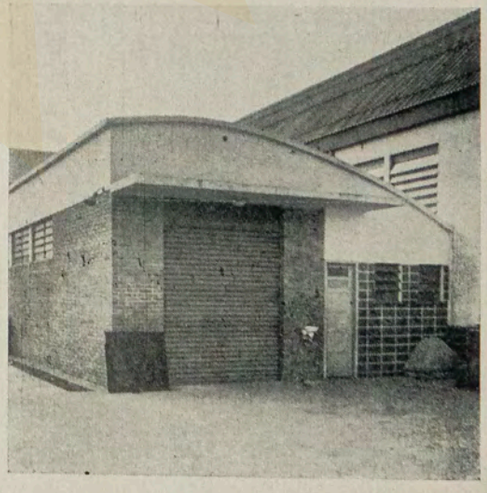


Galeria



Vista da fachada para a rua Sumidouro, Pinheiros, São Paulo.

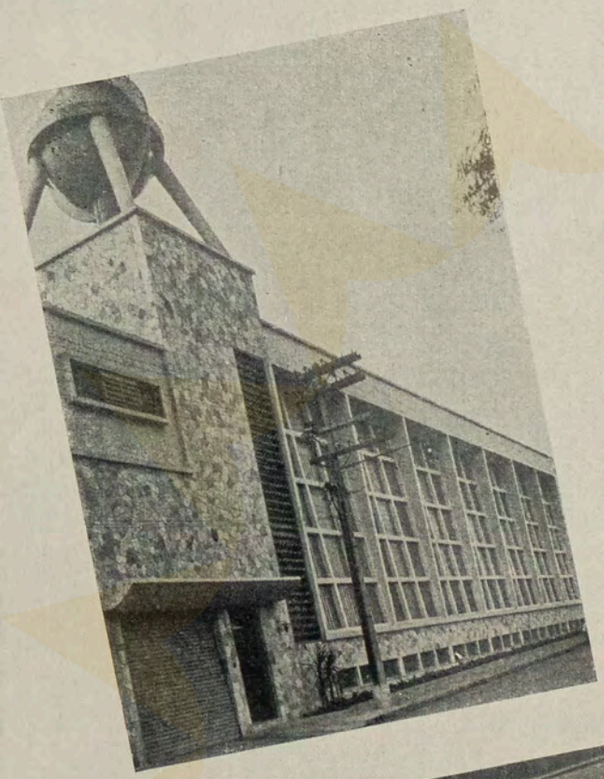
Vista posterior da fábrica KING



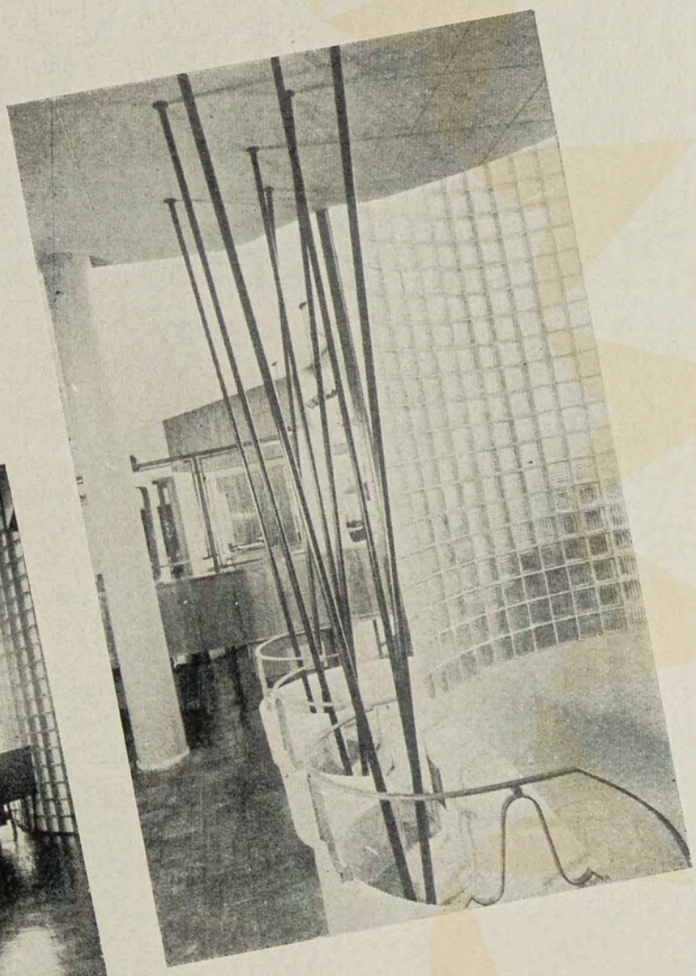
FOTOS: Ernesto Mandowsky.

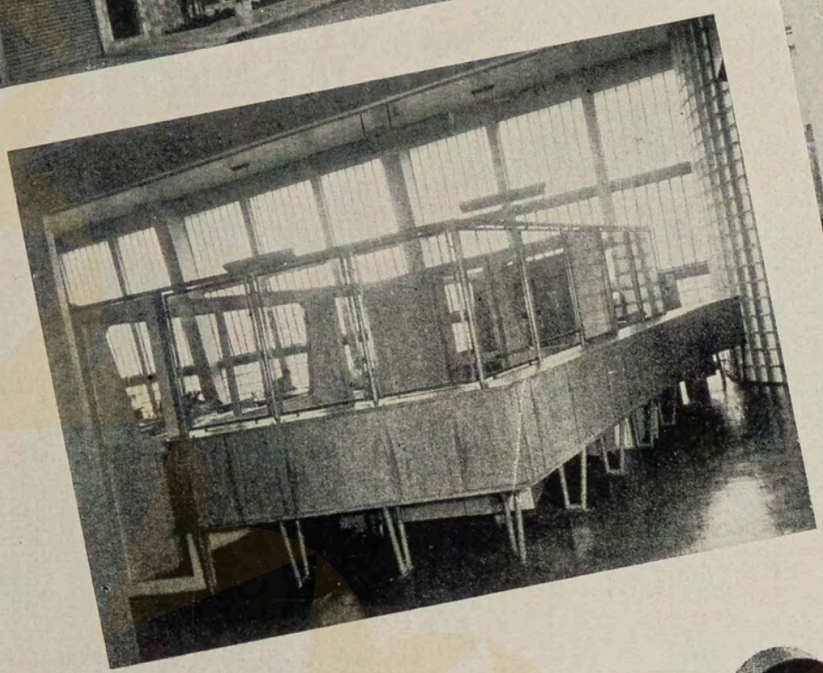
em prédios
em residências
em FÁBRICAS

TUBOS CONDUITS STELLA
TUBOS INDUSTRIAIS STELLA
TUBOS DECORATIVOS STELLA



Vistas da nova Fábrica KING Indústria e Comércio S. A., São Paulo

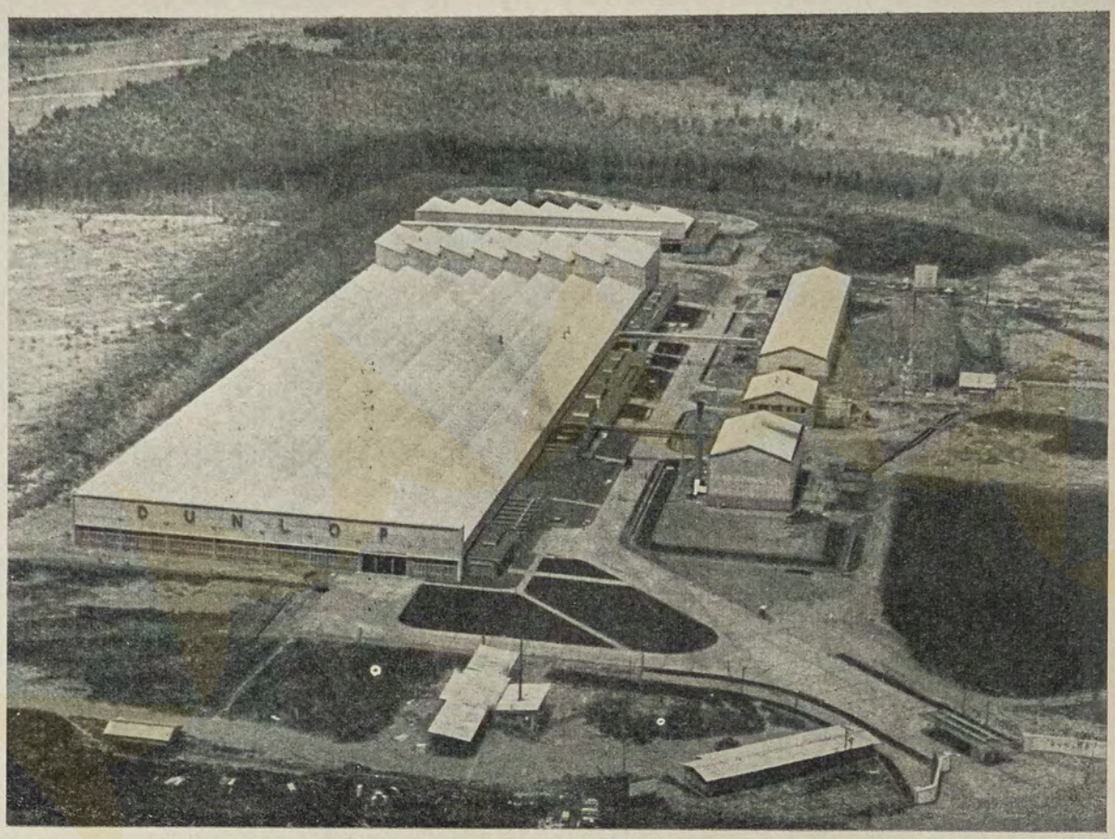




Conduits **Stella**

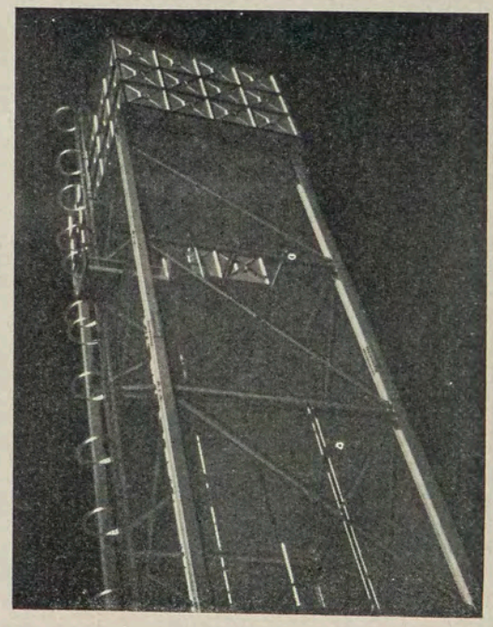
INDÚSTRIA METALÚRGICA STELLA LTDA.

RUA SERRA DE JAPI, 31; FONE 9-0262; ENDEREÇO TELEGRÁFICO: "ROSECK", CAIXA POSTAL, 6623; SÃO PAULO



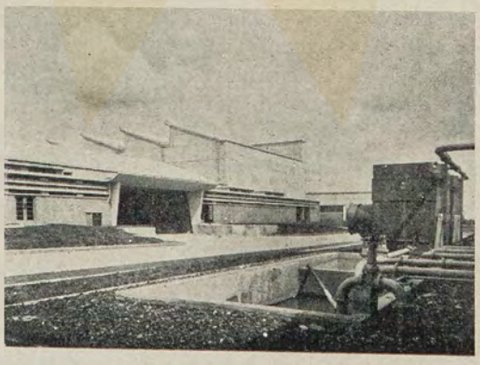
Vista geral aérea.

A nova fábrica "DUNLOP", em Campinas

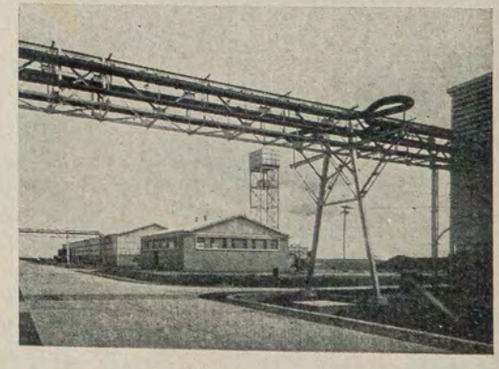


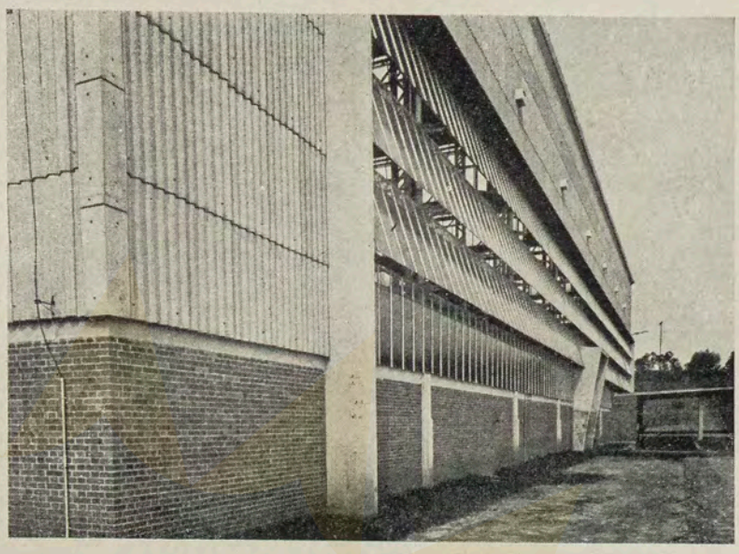


Vista lateral e instalações de ar condicionado.

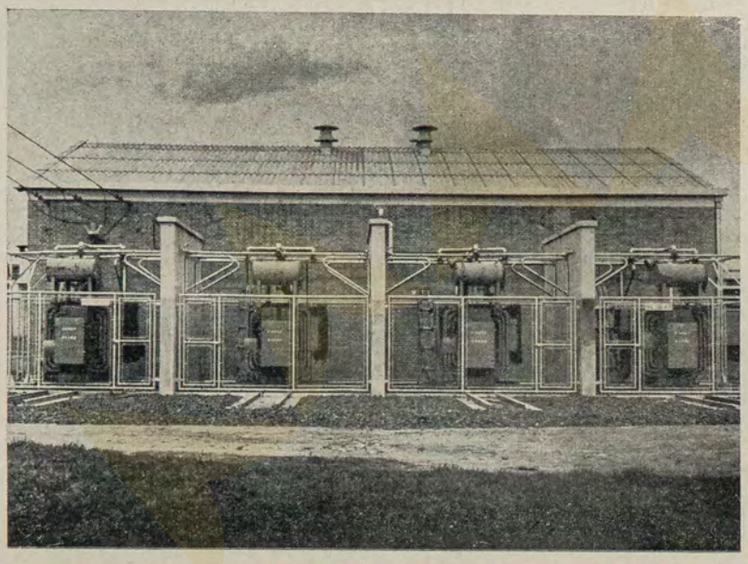


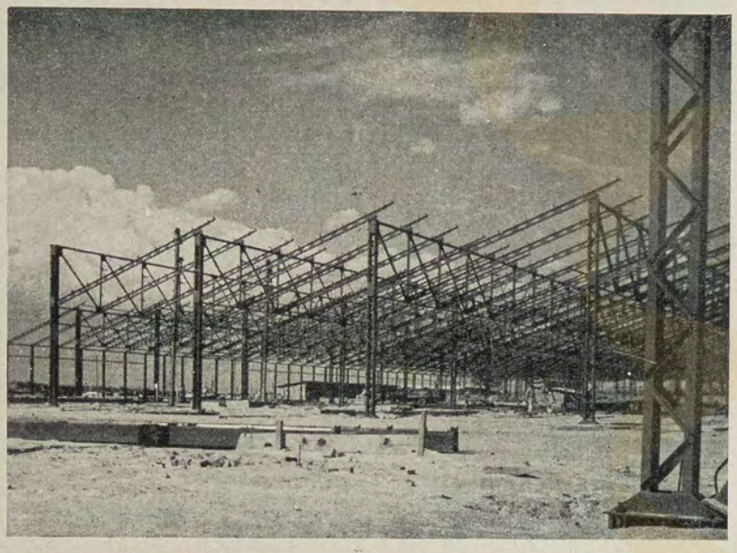
Casa de fôrça e oficinas de reparação.



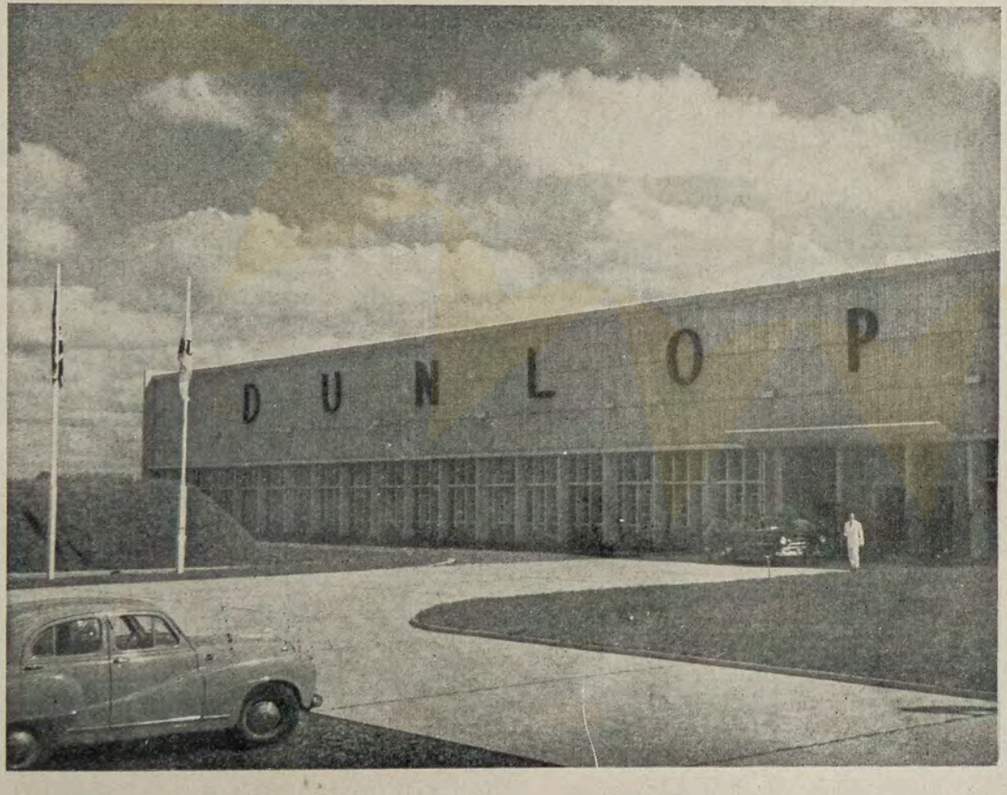


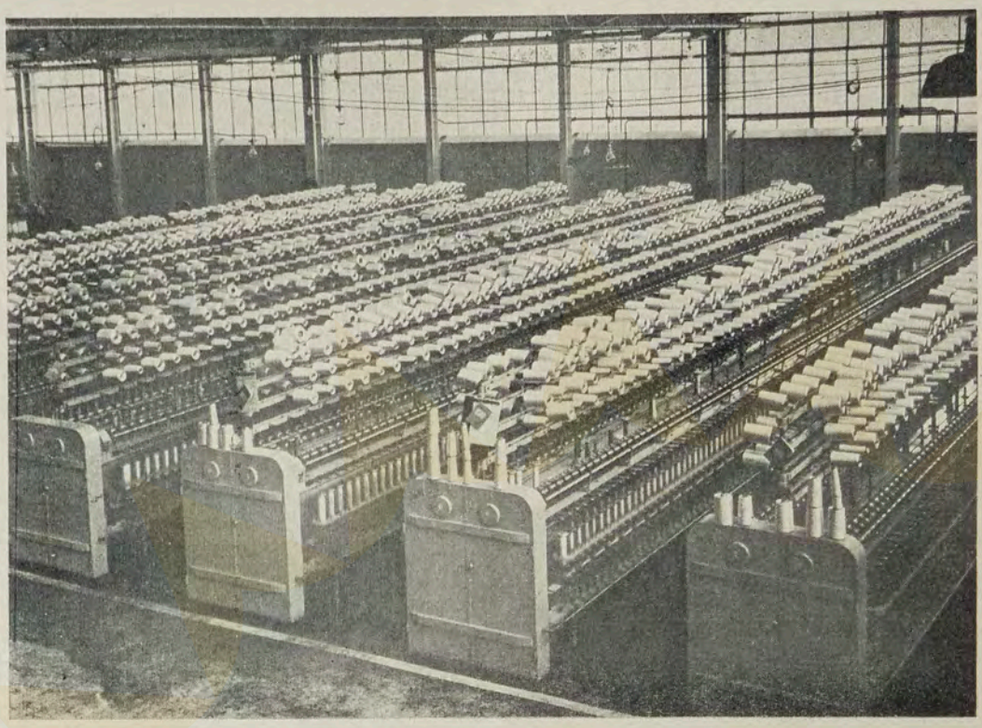
Vista trazeira da casa de fôrça e transformadores.





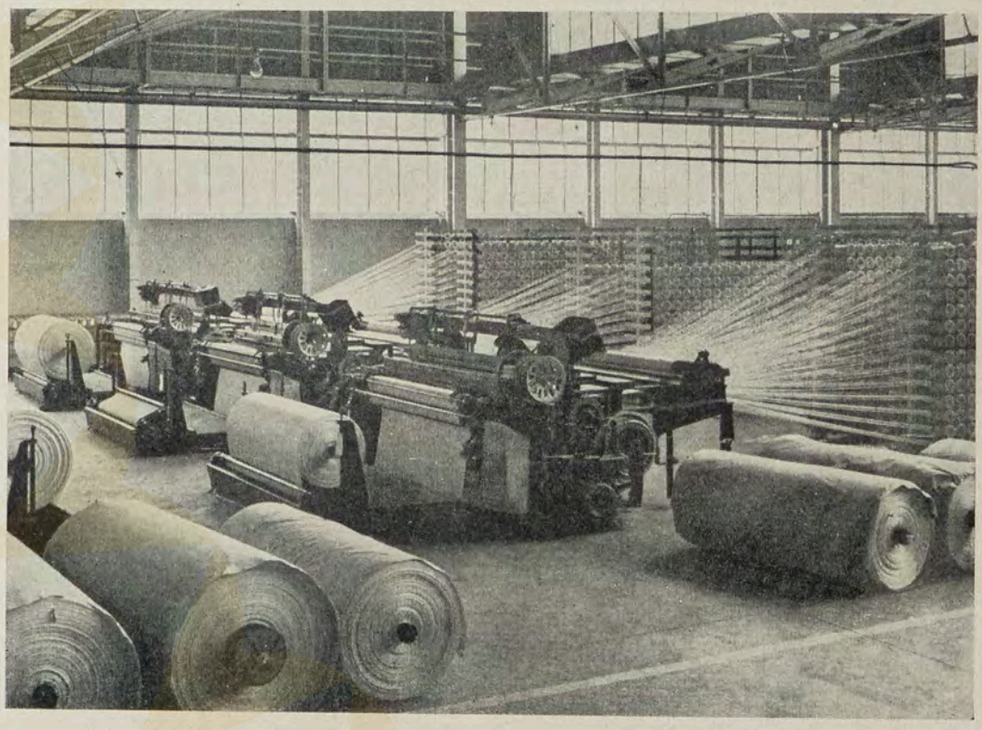
A estrutura metálica, durante a fase de construção.





Secção de tecelagem.

Teares automáticos.



Universalmente conhecido, o nome 'Dunlop" é pioneiro na indústria da borracha, hoje uma das mais importantes do mundo. Sua origem data da invenção do pneumático, em 1888, pelo cirurgião-veterinário escocês John Boyd Dunlop. Naquela época, Dunlop costumava visitar seus clientes numa charrete. Esta fazia-o sentir muito o desconfôrto das viagens pelas estradas de pedregulhos. Dunlop começou, então, a pensar num revestimento das rodas para que as viagens fossem mais amenas. Foi no dia 28 de fevereiro de 1888, que Dunlop provou, no velocípede de seu filho Johnny, a eficiência do pneumático, patenteado em julho daquele mesmo ano. Essa a maravilhosa invenção que revolucionou a indústria de transportes e colocou o mundo sôbre rodas.

A declaração de John Boyd Dunlop sôbre a sua invenção, data de 20 de julho de 1888. E', desde então, a Carta Magna da Organização Dunlop, fundada no ano seguinte e que, de uma pequena indústria de pneumáticos para bicicletas, se transformou, com o correr dos anos, numa organização internacional de alto prestígio pela qualidade e variedade de seus produtos.

Cresceu tanto a organização que, em 1910, apenas 22 anos depois da manufatura do primeiro pneumático "Dunlop", a companhia decidiu produzir sua própria matéria-prima. Hoje, seus seringais são os mais importantes do mundo.

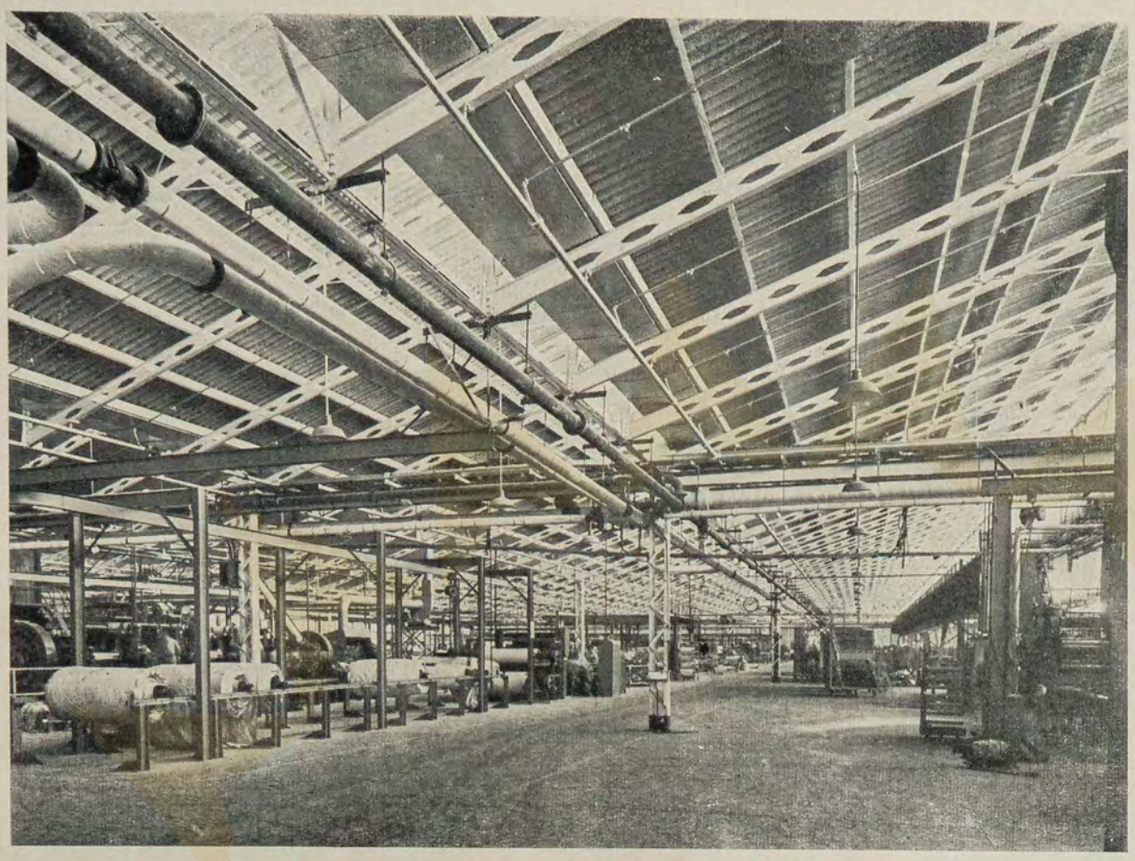
Começando em 1889 com uma modesta fábrica e um capital de 25.000 libras, Dunlop é, hoje, um gigante industrial no mundo. Emprega, aproximadamente, 90.000 pessôas e já conta com mais de 100.000 acionistas.

A organização "Dunlop" produz, hoje, além de completa linha de pneumáticos, desde pneus de bicicletas até os pneus dos famosos aviões a jacto, os mais rápidos do mundo, grande variedade de acessórios para veículos motorizados, rodas para aviões e artigos para esporte, capas de borracha, roupas, calçados, artigos de borracha em geral e a famosa linha "Dunlopillo" (espuma de latex) de colchões, almofadas e assentos para veículos.

Em 66 anos de existência, a "Dunlop" tornou-se uma indústria mundial com 64 fábricas na Grã-Bretanha, França, Alemanha, Canadá, Austrália, Japão, Estados Unidos, África do Sul, Índia, Nova Zelândia e Eire e, agora, no Brasil.

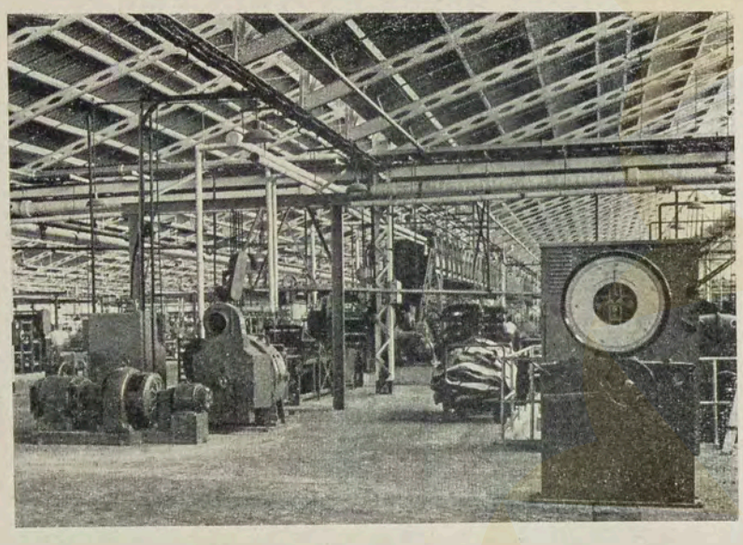
As atividades da Dunlop em nosso país, datam dos princípios dêste século, quando suas fábricas, na Inglaterra, iniciaram o fornecimento de pneumáticos e outros produtos ao então novo mercado automobilístico brasileiro.

Em 1913, o desenvolvimento do mercado nacional e o aumento das vendas dos produtos "Dunlop" no Brasil determinaram o estabelecimento dos escritórios da "Dunlop Pneumatic Tyre Co. S. A., no Rio de Janeiro e, mais tarde, em São Paulo, para dirigir os negócios da companhia e prepará-la para o futuro, que se mostrava promissor. Essa organização, posteriormente transformada em "Dunlop do Brasil S. A., Indústria de Borracha", logo alcançou importância nacional. Sua séde em São Paulo, à praça da República, 148, coordena as atividades de seis filiais e 4 distribuidores, cobrindo todo o território brasileiro. Em contacto constante com estas seis filiais existe uma rêde de 1.800 revendedores, distribuidos por todo o país. O desenvolvimento da "Dunlop do Brasil S. A." foi, até agora, limitado sòmente pela quantidade de seus produtos disponíveis para a venda no mercado brasileiro. Mas, a despeito dêste fato, o crescimento da companhia tem sido constante e compensador, tanto assim que animou sua direção a construir nova fábrica, no Estado de São Paulo, tendo em vista maior capacidade de produção e a constante expansão do mercado brasileiro e do sistema de transportes do país. A nova fábrica "Dunlop", inaugurada há pouco em Campinas, foi idealizada de forma a poder sofrer ex-

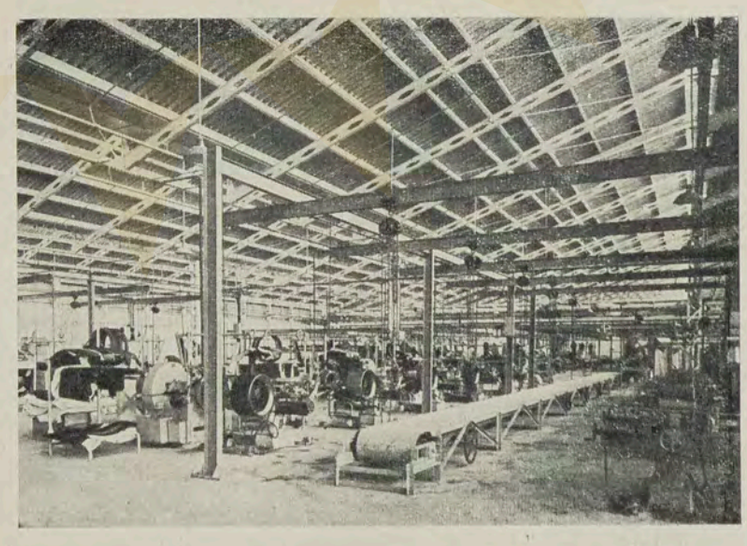


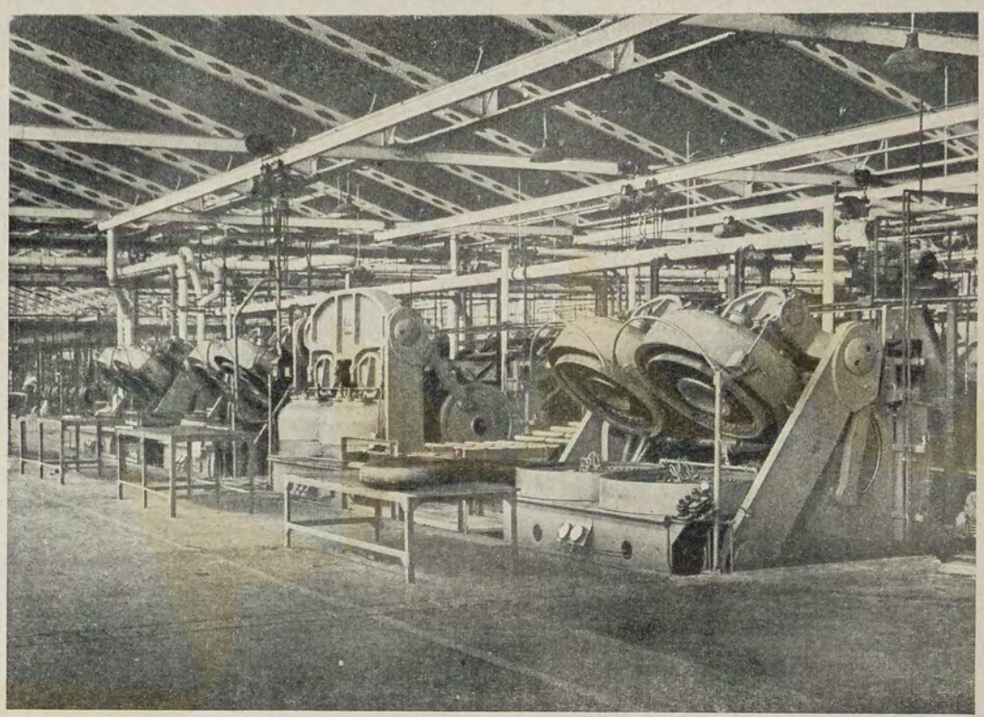
pansão gradativa, dentro da área de 800.000 m2. Antes de ser iniciada a construção da fábrica propriamente dita, tôda esta área teve de ser limpa de pés de eucaliptos.

Trabalhando noite e dia, um equipamento pesado de atêrro movimentou naquele sítio e em quatro meses e meio, mais de um quarto de milhão de toneladas de terra. Mais de 80.000 sacos de cimento, cerca de 3 mil toneladas de aço para as estruturas e um milhão e meio de tijolos foram utilizados na construção. Depois, nada menos de 2.500 toneladas de maquinaria e equipamento britânicos foram instalados. Praticamente todos os materiais da construção, inclusive as estruturas de aço, vieram de Volta Redonda. Tudo foi produzido no local. Apenas o equipamento feito segundo as especificações da "Dunlop" foi fabricado na Grã-Bretanha. A fábrica conta com abastecimento de eletricidade através de uma linha de transmissão e seu equipamento elétrico inclui quatro transformadores de 1.500 quilowatts, um aparêlho gerador "Diesel" e um retificador de arco voltáico de 300 quilowatts, a mercúrio. Embora de desenho de estilo britânico, a fábrica não foge ao aspecto da arquitetura moderna do Brasil e foi levantada em tempo recorde por engenheiros brasileiros. Em aditamento à sua produção principal de pneumáticos, a fábrica inclui moderna secção de tecidos, uma caldeira, uma sub-estação e uma oficina completa capaz de executar, no próprio local, qualquer serviço de manutenção e reparo de maior vulto. O número dos operários que vai utilizar será de 400, aproximadamente. A fábrica tem uma área edificada de 37.000 metros quadrados e o capital registrado alcança a importância de Cr$ 200.000.000,00.

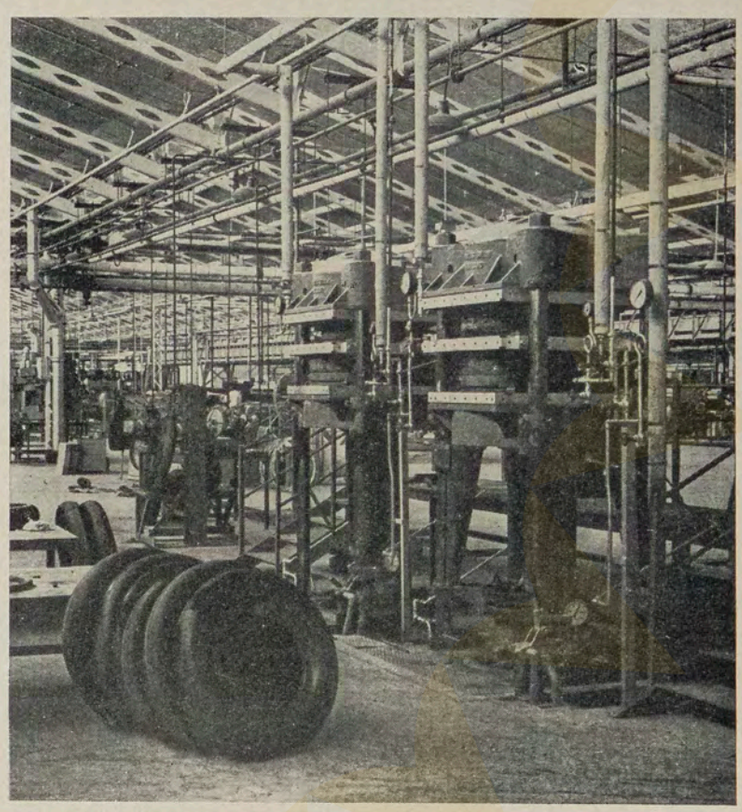


Detalhes dos interiores da fábrica Dunlop, em Campinas.

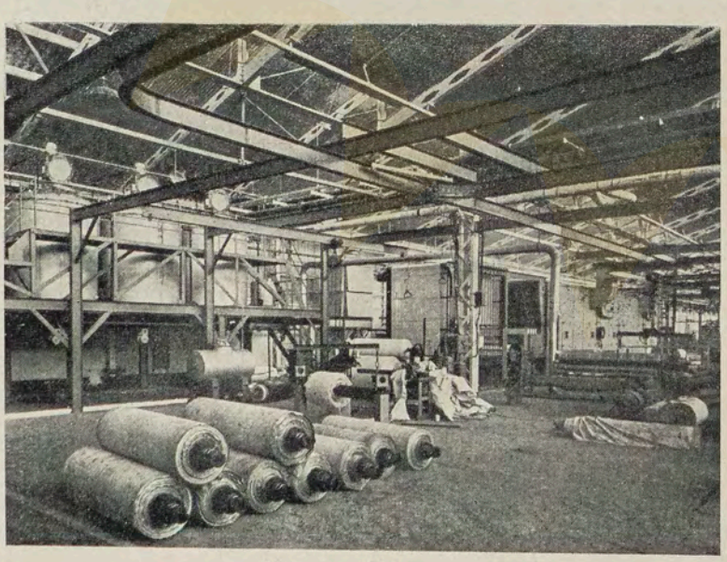




Prensas automáticas para vulcanização.



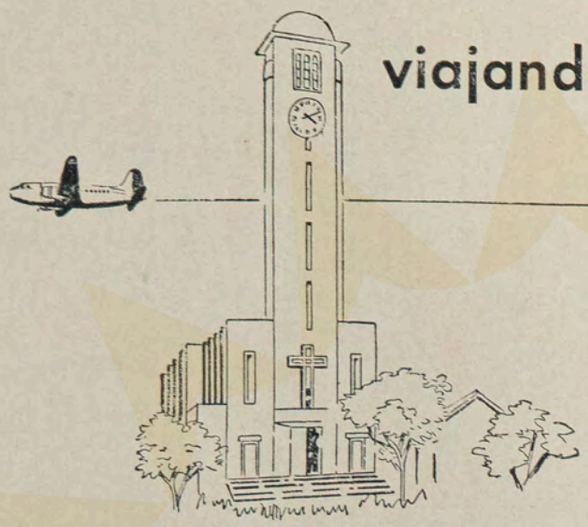
FOTOGRAFOS: VISTA AÉREA: Foto Moraes, Campinas. VISTAS INTERNAS E EXTERNAS: Ernesto Mandowsky. VISTAS EXTERNAS: Orion Publicidade S.A.



Máquina para tratamento de tecidos.

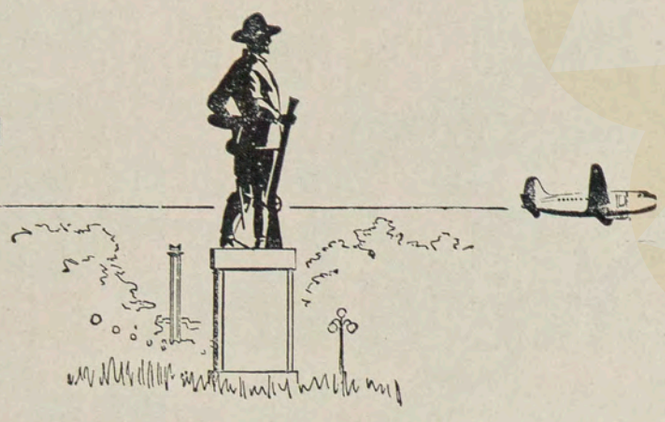
viajando a

UBERLÂNDIA

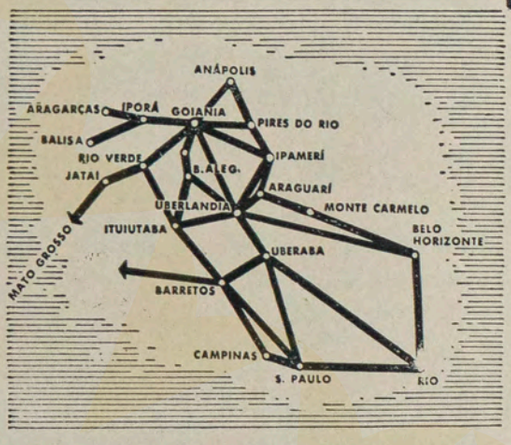


...ou a

GOIÂNIA



dê preferência aos aviões da **NACIONAL** TRANSPORTES AÉREOS



As linhas da "Nacional" para o Triângulo Mineiro e Goiás atingem a maioria das cidades dessas regiões, com extensões por Mato Grosso e Paraguai. Solicite informações sobre os serviços de passageiros, encomendas e cargas.

É uma questão de minutos... e o Sr. desembarcará no "Aeroporto Eduardo Gomes", da próspera cidade de Uberlândia, com magnífica disposição para atender os seus afazeres, graças ao "conforto aéreo" oferecido à bordo dos aviões da NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS.
Si o objetivo de sua viagem fôr Goiânia, o Sr. prosseguirá no mesmo avião, alcançando, pouco depois, a bela capital de Goiás.
Consulte a nossa agência local sobre os horários dos aviões e realize uma ótima viagem a Uberlândia ou Goiânia, pela NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS.

Rua Cons. Crispiniano, 28 · Tel. 36 4603 · S. Paulo

NACIONAL

TRANSPORTES AÉREOS

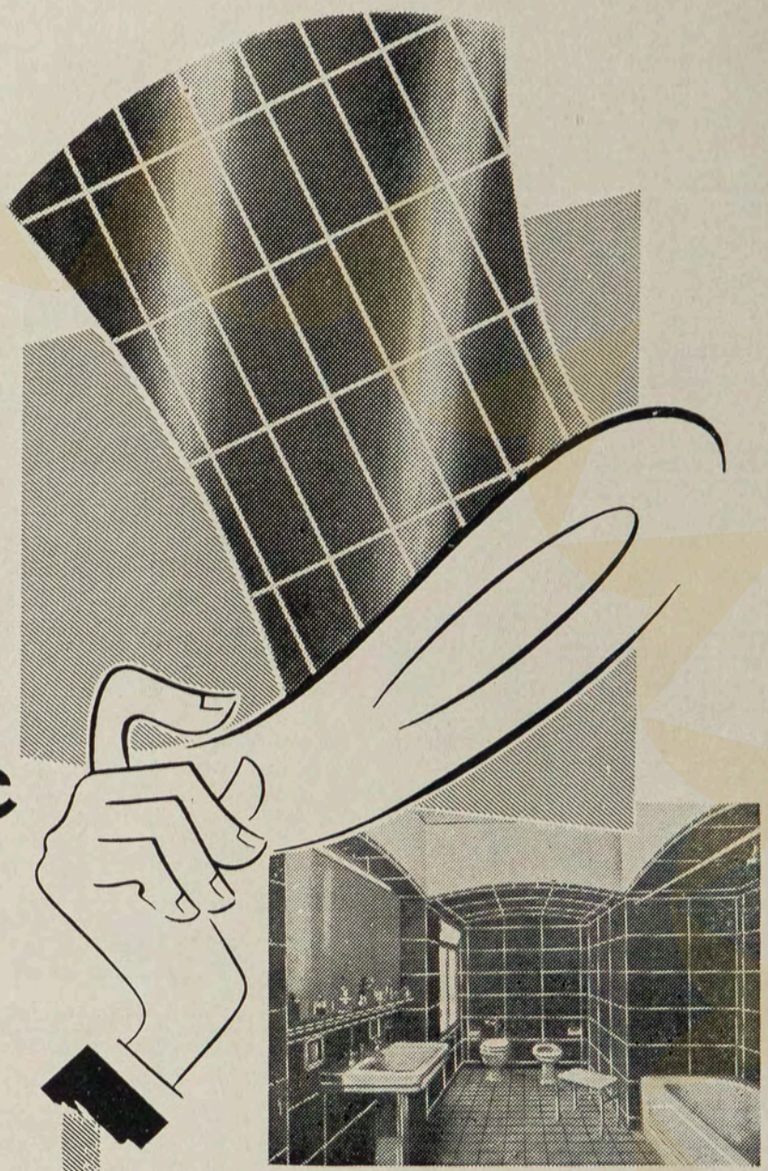
A FÁBRICA DE AZULEJOS E PISOS MARMORIZADOS

GIANNINI

orgulha-se
de apresentar

Revilux

- um produto novo para
revestir de beleza
a sua residência.

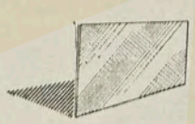




Resistente



Não risca



Brilho permanente

...SUA CASA MERECE REVILUX!

Em diversos tamanhos.
Desenhos especiais
sob encomenda.

Tipos especiais para bares,
confeitarias, hospitais,
laboratórios, etc.

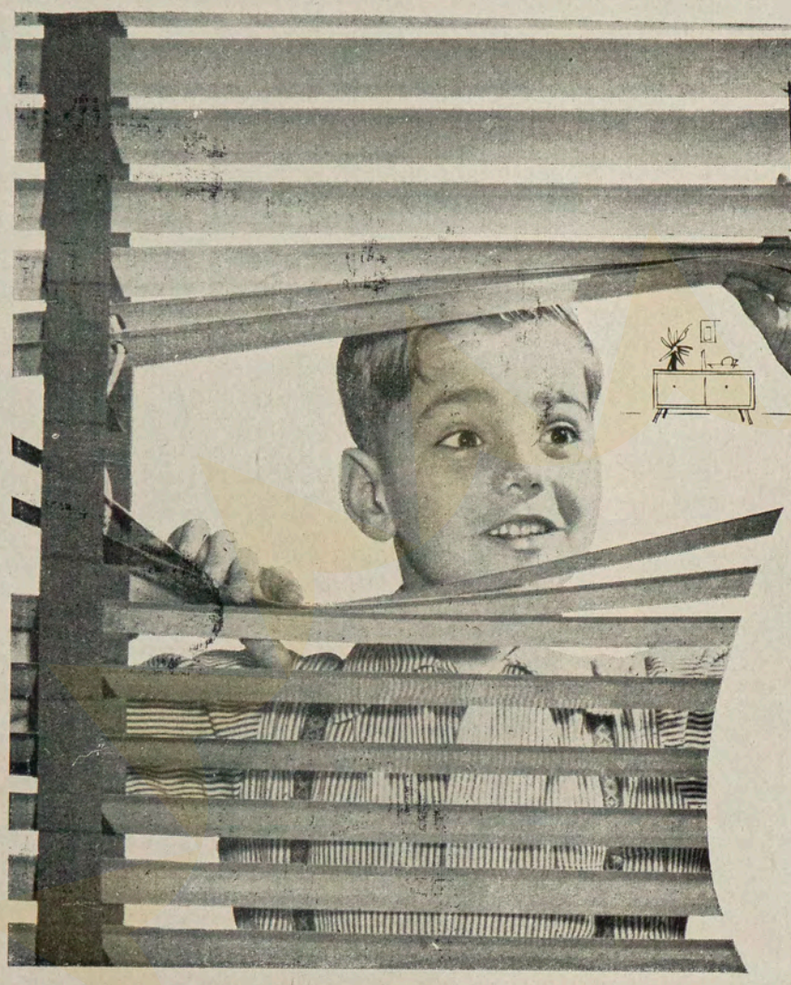
COMPRE DIRETAMENTE DA FÁBRICA

FÁBRICA DE AZULEJOS

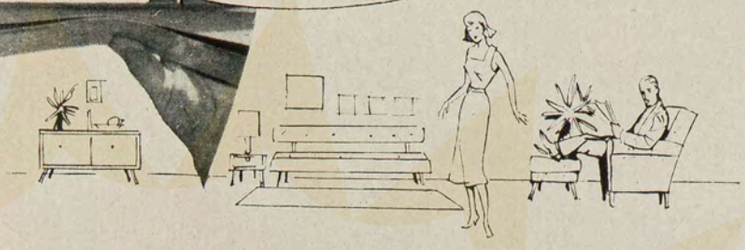
GIANNINI

EXPOSIÇÃO E FÁBRICA: **Rua Barão de Jaguara, 1.085**
Telefone 33-6593 — São Paulo

ÉTICA *propaganda*



flexibilidade...

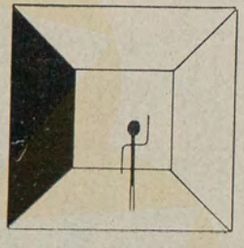


A Persiana Sunaire "Kirsch" é indeformável!

- A única com lâminas de alumínio em forma de "S"
- Côres agradáveis.
- Linhas sóbrias e decorativas.
- Qualidade insuperável.

Uma exclusividade das lojas Kirsch

Av. Copacabana, 445-A - Tel.: 57-2618 - RIO
Cons. Crispiniano, 115 - Tels.: 32-0641 e 35-1496 - SÃO PAULO



MOVEIS **HABITAT**

São Paulo, rua Augusta, 2390 - fone 80-9527

VIBRADOR PARA CONCRETO

ZANFLEX

de grande rendimento

"alta frequência"

Revestido inteiramente de alumin leve, de transporte fácil, com motor trifásico para 7.000 ou 9.00 vibrações por minuto, equipado com engrenage em substituição ao antiqu sistema de corre ias.



Motor de 2 HP 50/60 ciclos 220/380 volts

Mangote de 4 ou 5 metros

Agulha vibradora de aço sueco de 400 milimetros de comprimento e 54 de diametro (Tambem em outras medidas.)

PRONTA ENTREGA

Assistência técnica imediata

ZANOLINI & ANTUNES

Rua Solon, 674/678 - Fone: 51-9795

São Paulo

Norton - 1019

NA

CIDADE

UNIVERSITARIA

ELETROMAR S.A.

"ELETROMAR"

INDÚSTRIA ELÉTRICA BRASILEIRA

SOCIEDADE ANÔNIMA

FORNECEU

O EQUIPAMENTO

DE LUZ

FLUORESCENTE

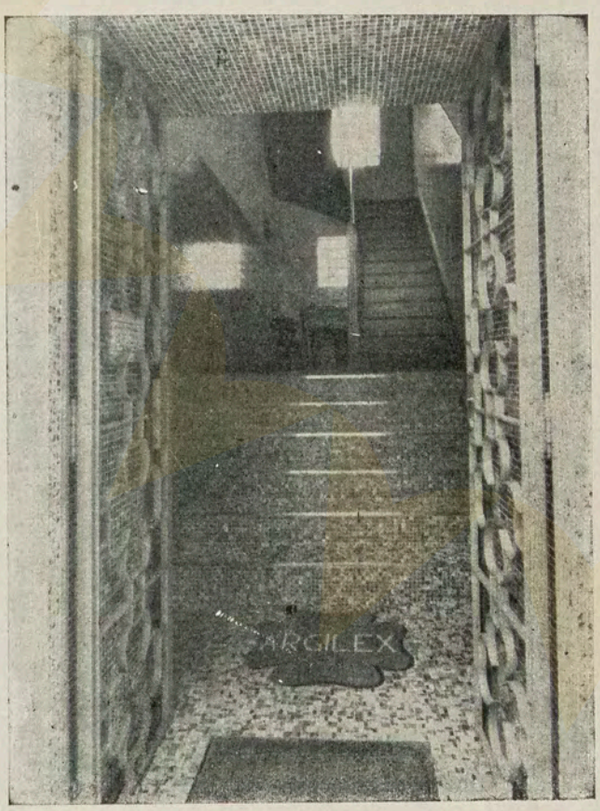
RIO

Rua México 90 - 1.º

S. PAULO

R. Maj. Sertorio - 88 - 6.º

para fachadas, pisos e paredes



Indústria Paulista de Porcelanas

ARGILEX S.A.

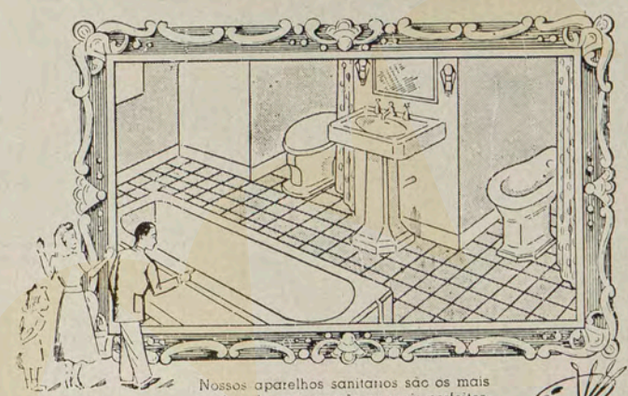
Rua Nestor Pestana, 47; Fone 34-8043

SÃO PAULO



não devem faltar os aparelhos sanitários

SOUZA NOSCHESE



Nossos aparelhos sanitarios são os mais conhecidos porque são os mais perfeitos

VISITE NOSSAS EXPOSIÇÕES

Em nossa loja:

Rua Marconi, 28 – Tel. 4-8876 – São Paulo

LINDAS CÔRES

DURABILIDADE

LINHAS PERFEITAS

SOC. AN. COMÉRCIO E INDÚSTRIAS

SOUZA NOSCHESE

São Paulo - Matriz: Rua Julio Ribeiro, 243 - Tel. 9-1164 C. Postal, 920

Filiais: R. Oriente, 487 - Tel. 9-5334 - S. Paulo - R. João Pessoa, 138 - Tel. 2055 Santos

REPRESENTANTES:

V. TEIXEIRA & CIA. LTDA. Rua Riachuelo, 411 – RIO DE JANEIRO

ALBERTO NIGRO & CIA. – Rua Dr. Muricy, 419 – CURITIBA



"Busto de Adolescente". Óleo de Vicente Caruso

Galeria 7 de Abril

QUADROS DE MÉSTRES DA PINTURA CONTEMPORÂNEA

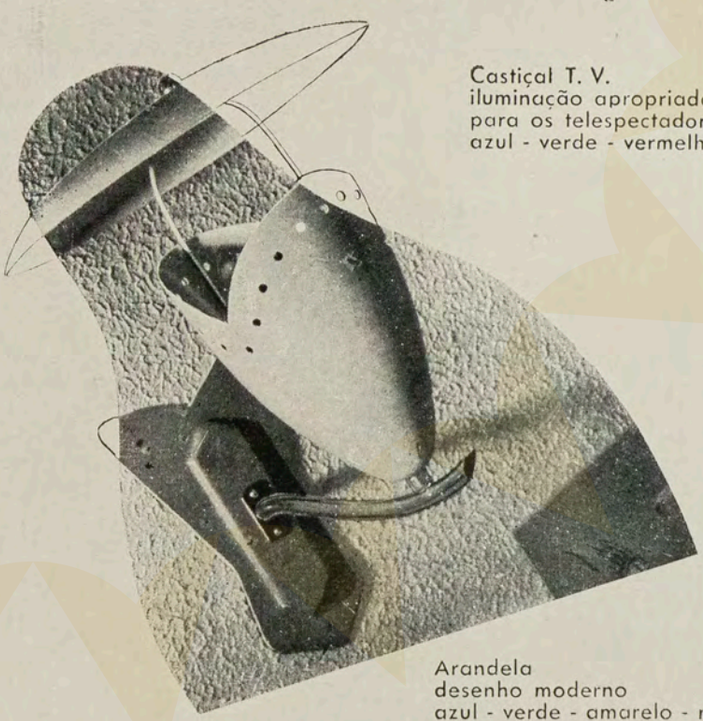
AVENIDA ANGÉLICA, 548
SÃO PAULO

TEL. 52-3948
BRASIL

nadir

= uma tradição
= de 40 anos
= a serviço
= da iluminação





Castiçal T. V.
iluminação apropriada
para os telespectadores
azul - verde - vermelho

Arandela
desenho moderno
azul - verde - amarelo - rosa

NADIR FIGUEIREDO SA
INDÚSTRIA E COMÉRCIO

EXPOSIÇÃO E VENDAS
RUA INDEPENDENCIA, 446 - FONES: 32-7950 - 32-7951
SÃO PAULO

E NAS BÔAS CASAS DO RAMO!

ARTE-DECORAÇÕES

HENRIQUE LIBERAL S/A

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA TODO O BRASIL DE

JANSEN
PARIS

Comunica aos seus prezados clientes que transferiu as suas oficinas e escritórios da Alameda Casa Branca, para

RUA IMPERIAL, 15 (ITAIM) FONE: 8-3664

lambris MADEIRIT





Madeira laminada para decorar econômicamente paredes de salas, escritórios e de qualquer ambiente, e para forrar armários embutidos.

Os Lambris MADEIRIT são fabricados nos tipos Embúia (clara, rajada e escura), Peroba de campo, Jacarandá (pardo e da Bahia) e Pau Marfim.

Solicite a presença de um dos nossos representantes e verifique as qualidades dos **Lambris Madeirit!**

Madeirit

Rua Xavier de Toledo, 264 – 10.º andar
sala 102 – Telefone 36-7020 – São Paulo

CARVALHO MEIRA S/A

COMERCIAL E INDUSTRIAL

ARTIGOS SANITÁRIOS
FERRAGENS FINAS

LA FONTE

A Fechadura que Fecha e Dura

ESC. E LOJA, RUA LÍBERO BADARÓ, 605
FONE: 36-9149, C. POSTAL, 201
END. TELEGRÁFICO - "RODOL"
SÃO PAULO - BRASIL

SILPA

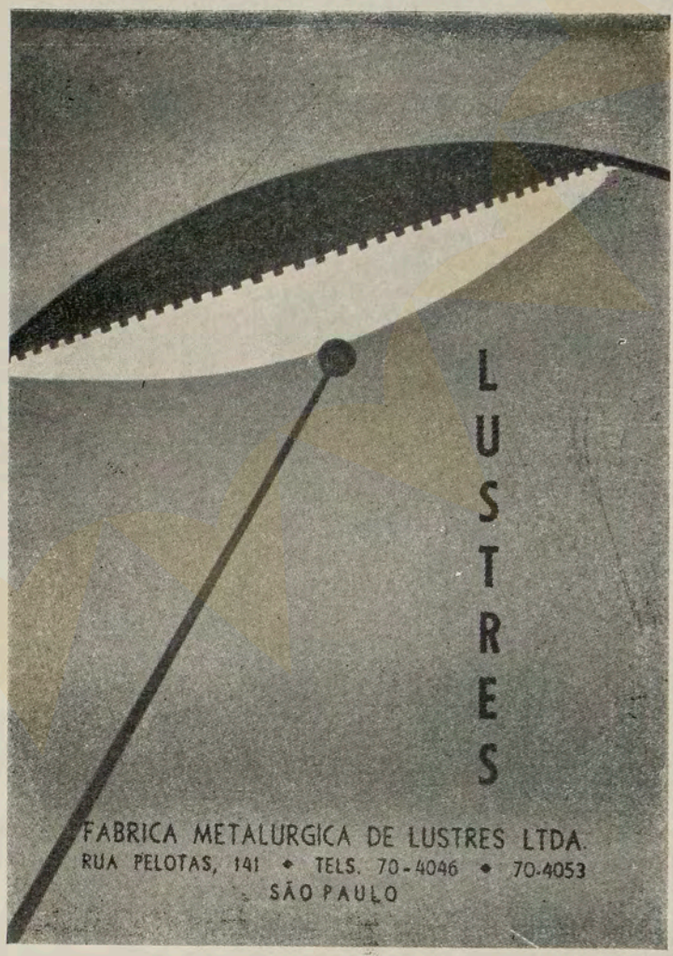
PATENTES MUNDIAIS

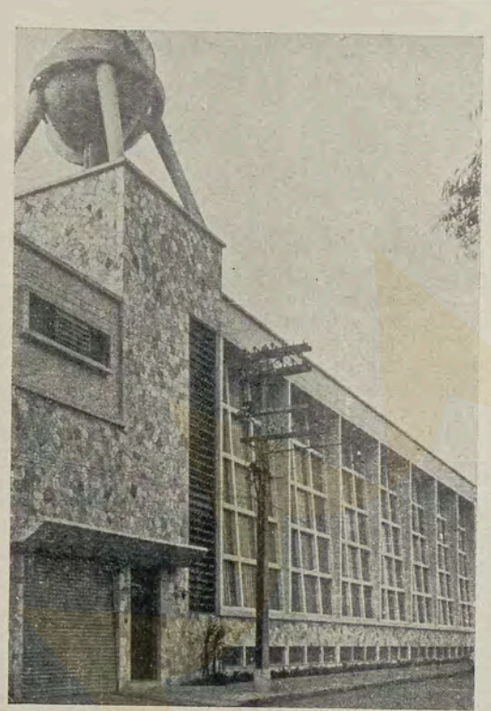
estudos
e sugestões
para quaisquer
acabamentos.

FUNCIONAIS • DURÁVEIS • MODERNOS

SOCIEDADE INDUSTRIAL
"SILPA" LTDA.
BELA CINTRA, 71 — 36-5998
SÃO PAULO — BRASIL

LETREIROS DESARMÁVEIS





A nova fábrica da KING em S. Paulo

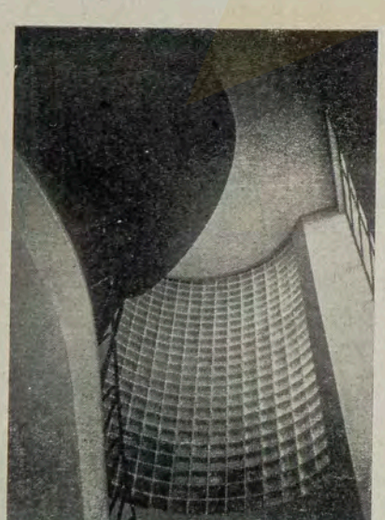
PASCOAL BRANDI

EMPREITEIRO
DE OBRAS
EM GERAL
COM CONCRETO ARMADO

RUA OSCAR FREIRE, 2486
FONE: 80-3237 - SÃO PAULO



ENCERADEIRAS – LIQUIDIFICADORES – ASPIRADORES DE PÓ – CHUVEIROS
EPEL S/A INDUSTRIA E COMÉRCIO DE APARELHOS ELÉTRICOS - CAIXA POSTAL 1460 - S. PAULO

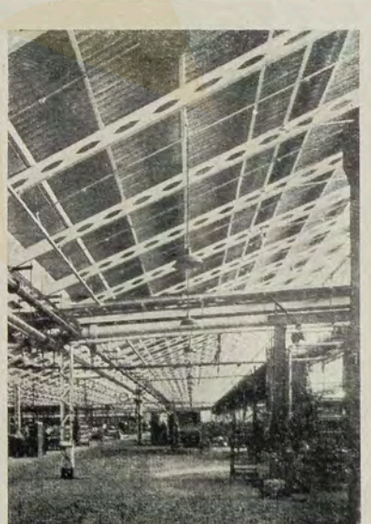


As fotos dos interiores da nova fábrica da DUNLOP em Campinas, da fábrica KING em S. Paulo, dos anúncios VIDROTIL, J. TEDESCO e LICEARS, foram executados por

ERNESTO MANDOWSKY

Fotógrafo Industrial

Rua Metropole, 5; fone 7-1724; São Paulo

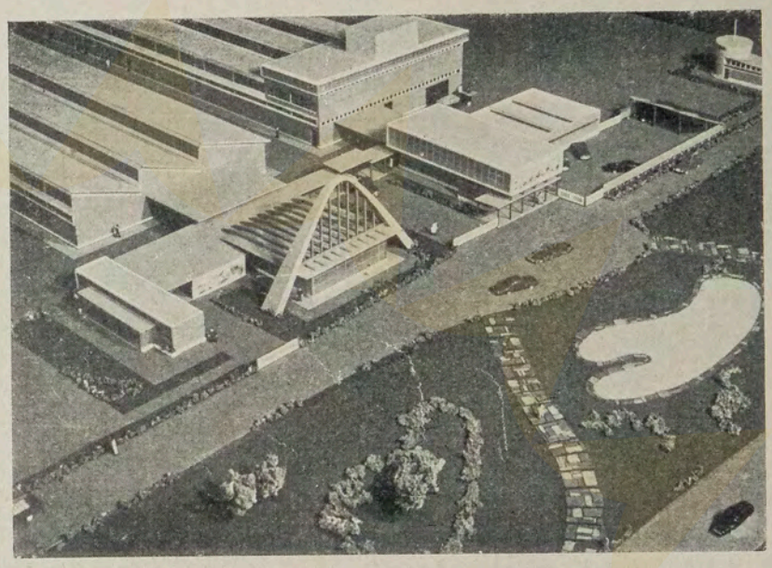




Instituto Central do Câncer, à rua José Getulio, em São Paulo, uma das nossas últimas construções.

ENGENHARIA
ARQUITETURA

CONSTRUÇÕES
TERRAPLENAGEM



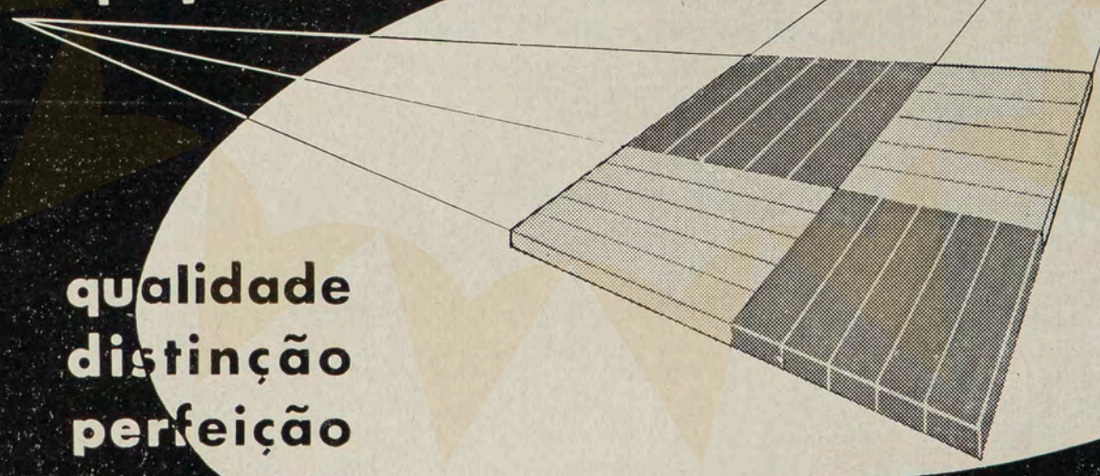
Maquete da Fábrica Paramount S. A. (em construção, Via Anchieta, km. 11).

Alberto Badra, Miguel Badra Junior & Cia. Ltda.

Rua João Brícola, 39, 7.° andar, fone: 35-0197; São Paulo

PARKEX
o assoalho de luxo

...projeta-se em todos os pontos de vista sobre os demais...



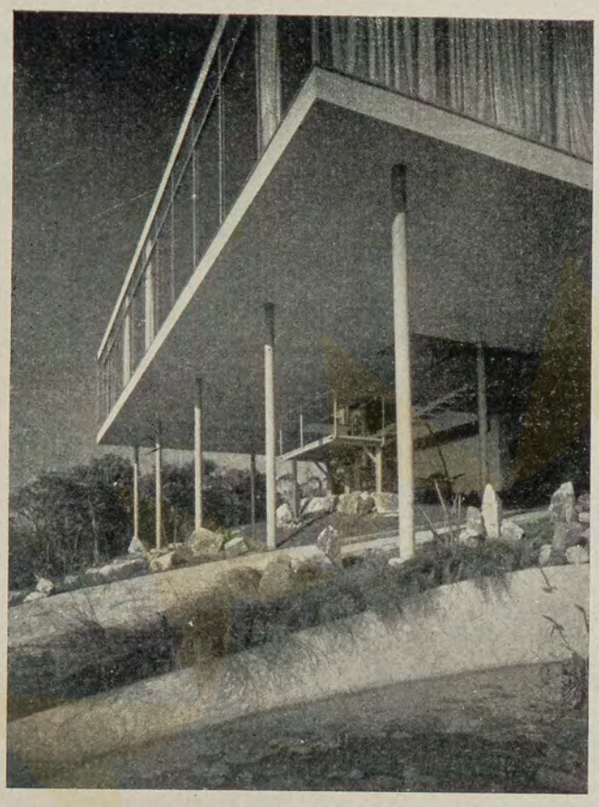
qualidade
distinção
perfeição

DISTRIBUIDORES:

MONTANA S/A ENGENHARIA E COMÉRCIO

RUA CONS. CRISPINIANO, 20 - 4°. - TEL. 34-5116 - C. P. 3056 - S. PAULO

SOCIMA



Nas mais modernas residências do Brasil

CALDEIRAS AUTOMÁTICAS

INCINERADORES

LABOR INDUSTRIAL LIMITADA

Rua Conego Eugenio Leite, 890 - Fone 8-6862 - São Paulo

CASA WALTER

MÓVEIS DECORAÇÕES ESTOFOS

FABRICAÇÃO PRÓPRIA

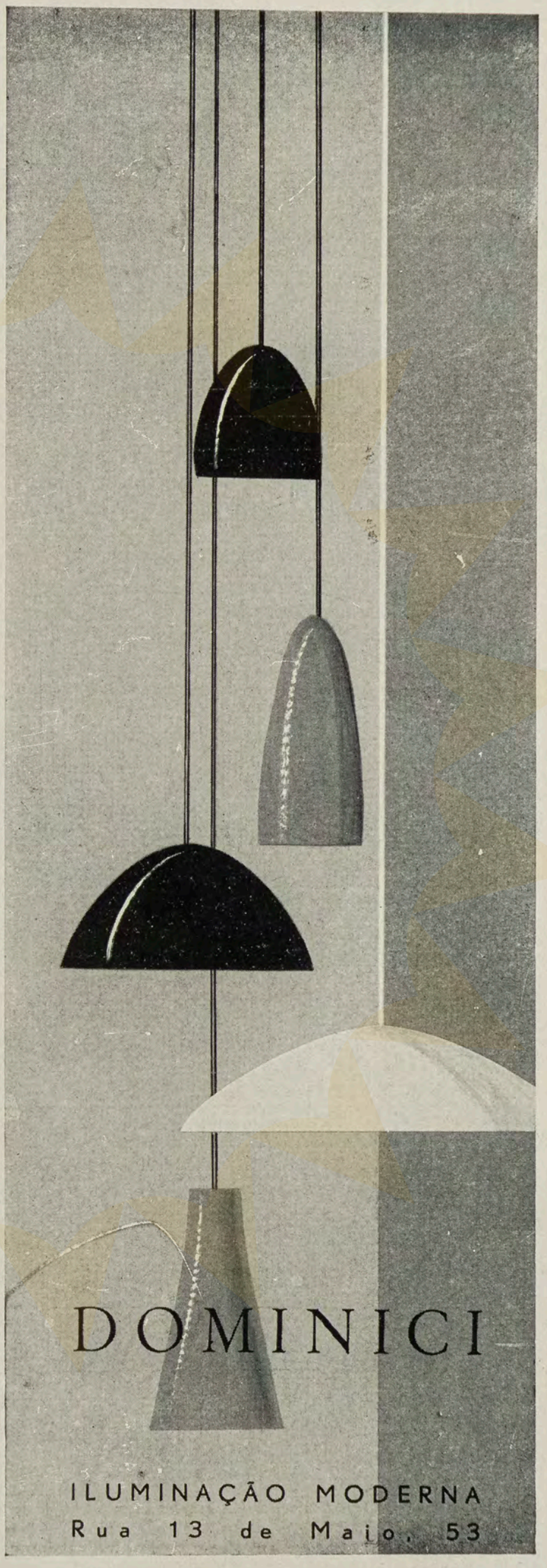
SOFÁS, POLTRONAS, ARMÁRIOS SIMPLES E COMBINADOS,
MESAS, CONSOLOS, ESTANTES, MESINHAS ETC.

EXPOSIÇÃO E LOJAS

Rua Min. Viveiros de Castro, 72-A
Telefone: 37-7554 (atrás do Lido)

Rua Real Grandeza, 96-A
Telefone: 46-1644 (Botafogo)

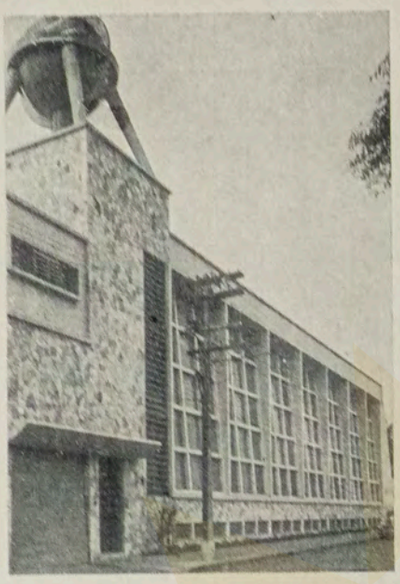
RIO DE JANEIRO



DOMINICI

ILUMINAÇÃO MODERNA

Rua 13 de Maio, 53



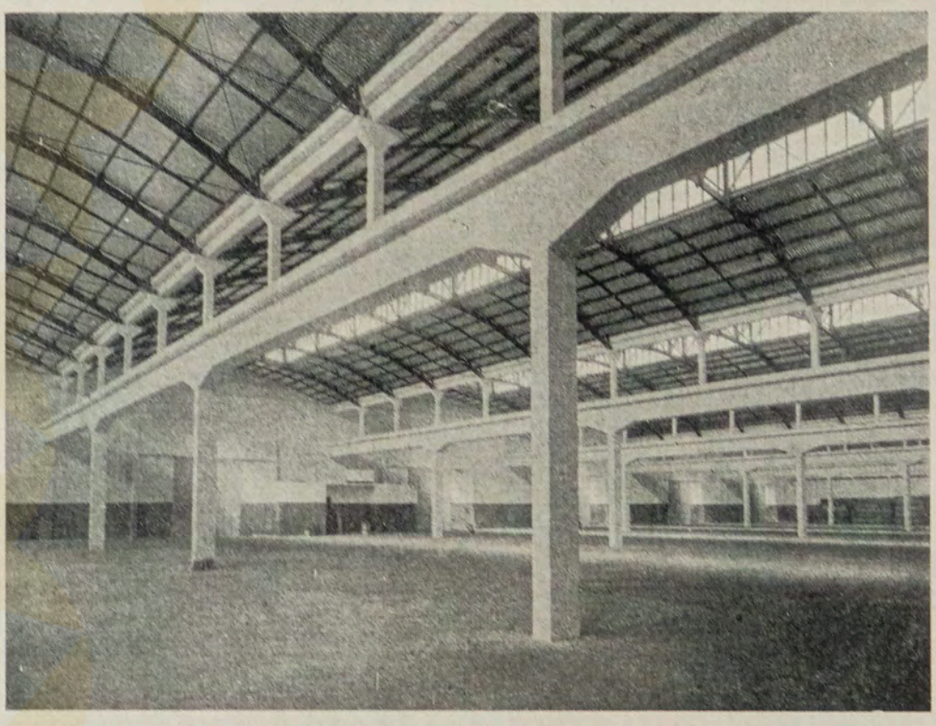
Fachada da nova fábrica King à rua Sumidouro (Pinheiros) S. Paulo

MARMORARIA E CANTARIA - SERVIÇOS DE PEDRAS EM GERAL

A. PEDRINI & CIA.

Especializados em Revestimentos de Paredes e Pisos com Pedras Naturais de Granito, Arenito e Pedras Mineiras de S. Tomé Jazida Própria.

ESCRITÓRIO E VENDAS: Viaduto 9 de Julho, 181 - Tels.: 36-0725 e 37-6221
DEPÓSITOS: Rua Tucuna, 1050 e rua Cel. Nelo de Oliveira, 1141 (Vila Pompeia)
MARMORARIA Rua Placidina, 348 (Moóca)
São Paulo



Conjunto de 9 galpões construidos para Guilherme Meyer & Irmãos, no bairro industrial do Jaguará. Vão livre de cada galpão 17 metros.

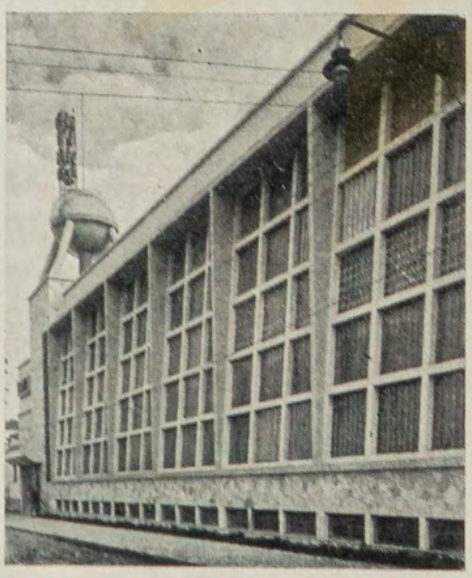
- Estruturas em madeira
- Estruturas metálicas
- Estruturas em CONCRETO ARMADO
- Estruturas em CONCRETO ARMADO PRÉ-MOLDADO

Soc. TEKNO Ltda.

Especializada em estruturas industriais para fábricas, garagens, hangares, depósitos, cinemas.

Rua Major Quedinho, 96 - 10.º
Fones: 33-4329 e 36-4920
SÃO PAULO

Escritório e Fábrica
Avenida Brasil, 9110
Tel. 30-2066
RIO DE JANEIRO
End. teleg. TEKNO



O estaqueamento da nova fábrica KING, em São Paulo, foi confiado à

ESTAQUEAMENTO BENACCHIO & CIA. LTDA.

RUA SÃO BENTO, 200 - 2.º Andar - Fones: 32-3535 e 33-7951 - SÃO PAULO



Vista da fábrica «KING», em Pinheiros, São Paulo

ESTRUTURA DE MADEIRA
EM ARCOS LAMINADOS
E COBERTURA BRASILIT

ESTRUTURAS DE MADEIRA

ESTRUTURAS METÁLICAS

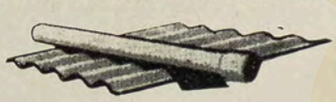
FORROS E DIVISÕES

FIBRO-TÉCNICA LTDA.

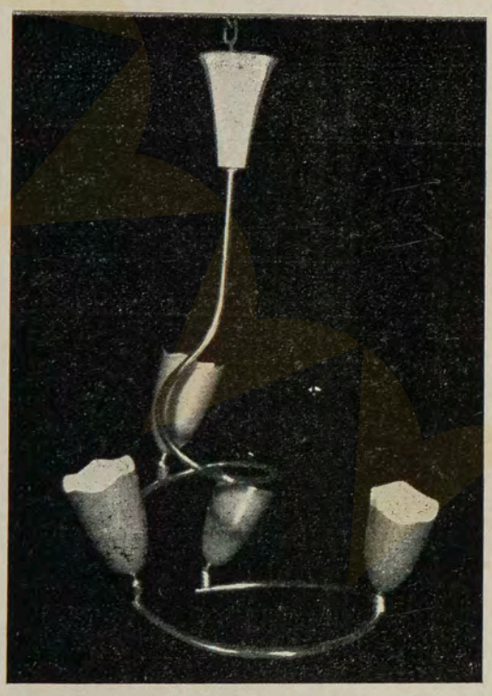
ENGENHARIA E COMÉRCIO

ESCRITÓRIO: Rua 7 de Abril, 252 - 8.º
Telefones: 36-6589 e 36-3059 - Caixa Postal, 6529
Enderêço Telegráfico: "FIBROTECA" - São Paulo

DISTRIBUIDORES DA
S.A. TUBOS BRASILIT

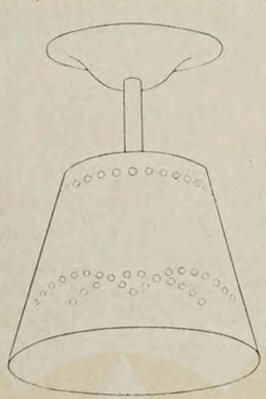


FÁBRICA DE LUSTRES



LUSTRES para DECORAÇÃO

Executa-se qualquer serviço sob desenho, para Hotéis, Cinemas e Residencias finas



Encontra-se em exposição grande variedade de lustres de cristal da Bohemia, nacional e espanhol e lustres de porcelana francêsa nas côres azul, rosa e ouro, como também pendentes para dormitório, plafonieres e iluminação moderna, e todos os artigos do ramo.



V. RIBEIRO LTDA.

FABRICANTE - IMPORTADOR - EXPORTADOR

ESCRITÓRIO - EXPOSIÇÃO - FÁBRICA

RUA GALVÃO BUENO, 30 (Praça da Liberdade) - FONES: Vendas: 37-4682 - ESCRITÓRIO: 34-8597 - SÃO PAULO

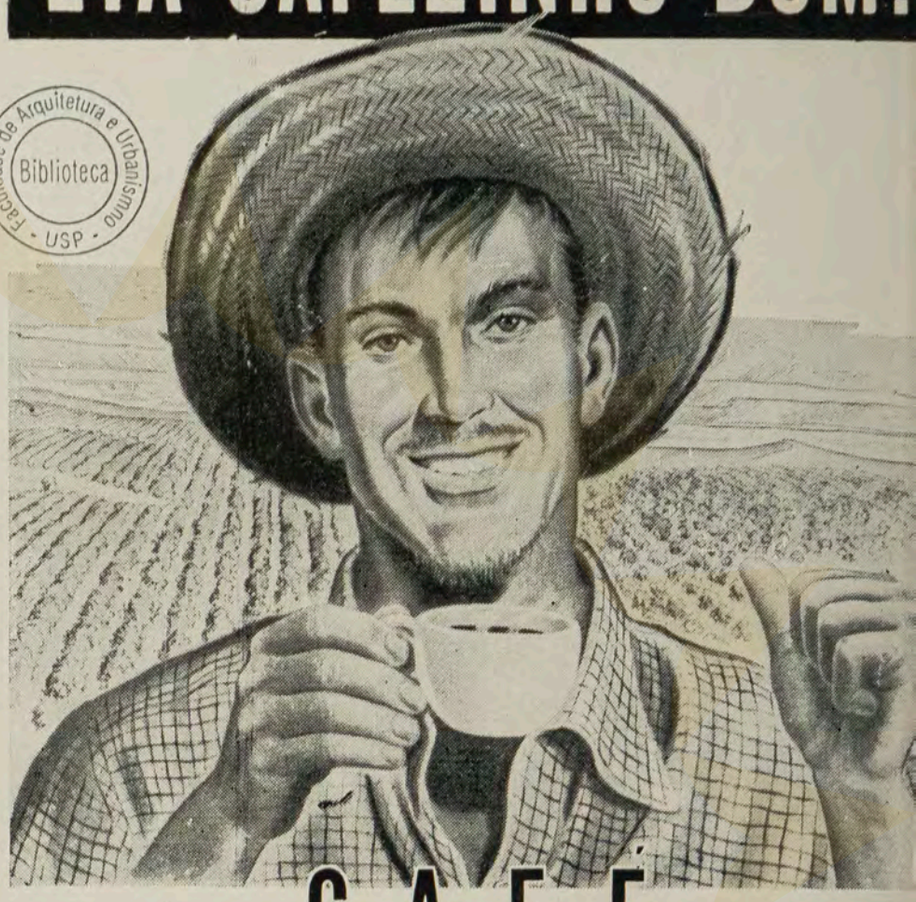
GIN SÊCO



BOLS

MARCA FAMOSA DESDE 1575

ÊTA CAFÉZINHO BOM!



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Biblioteca
USP

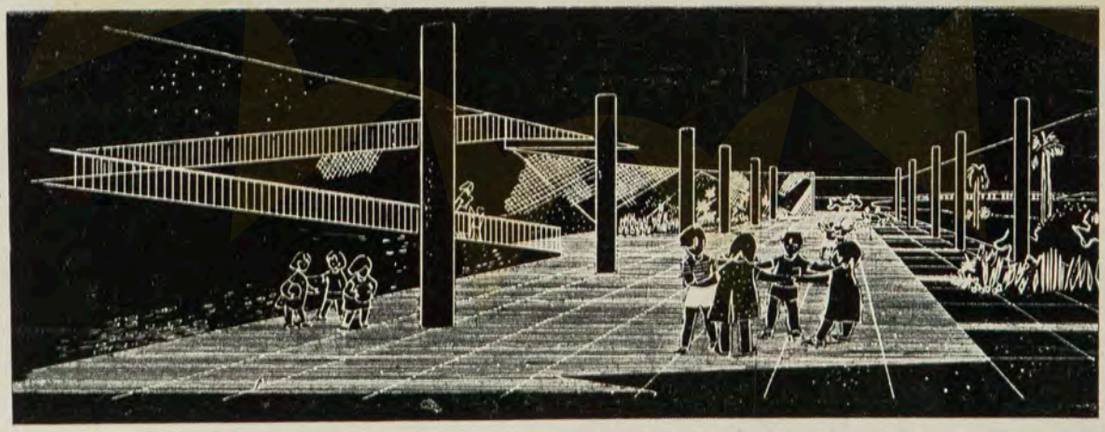
CAFÉ

Caboclo

COMPANHIA UNIÃO DOS REFINADORES

PISOS DE KENTILE (ASPHALT TILE)

ASCÉTICOS — RESISTENTES A ÁCIDOS E ÁLCALIS — LAVAVEIS

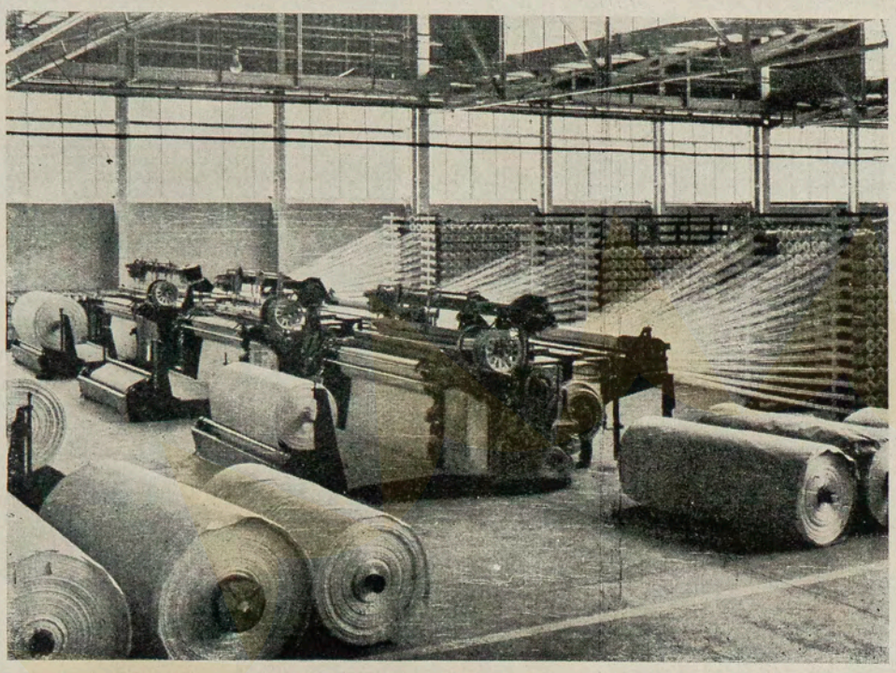


Recreio coberto do Instituto de Puericultura da Cidade Universitaria, do Rio de Janeiro

FORNECIDOS POR:

BRUNO BAGRICHEVSKY *(Sucessor de Soc. Minerva de Engenharia)*

Av. Nilo Peçanha, 26 - 8.° - S/817 - Tel. 52-5644 — Rio de Janeiro



TEARES AUTOMÁTICOS

"NORTHROP"

em funcionamento na nova fabrica Dunlop.

AGENTES

HENRY ROGERS & CIA. LTDA.

590 R. Florêncio de Abreu
SÃO PAULO

85 R. Visc. Inhauma
RIO DE JANEIRO

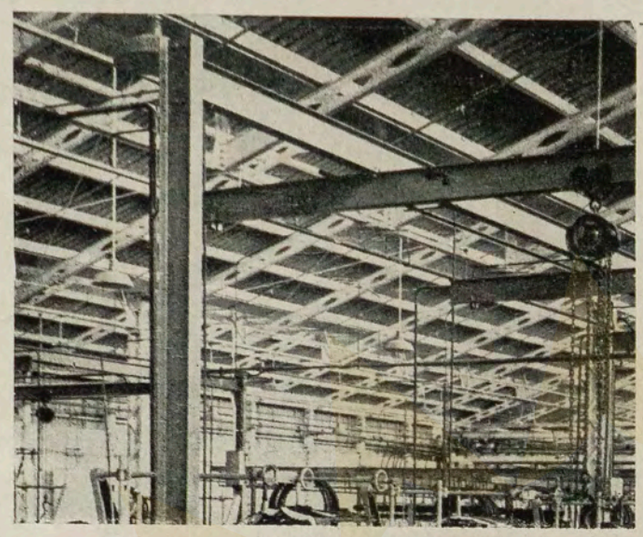
413 R. da Palma
RECIFE

EMAQ - ENGENHARIA E MÁQUINAS S/A

CONSTRUÇÕES NAVAIS
ESTRUTURAS METÁLICAS
DRAGAGEM

Escritórios:
Rua Visc. de Inhauma, 134 - 19.º andar
Telefone 43-9696 - Distrito Federal

Estaleiros:
Avenida Brasil, 7022 - Fundos
Distrito Federal

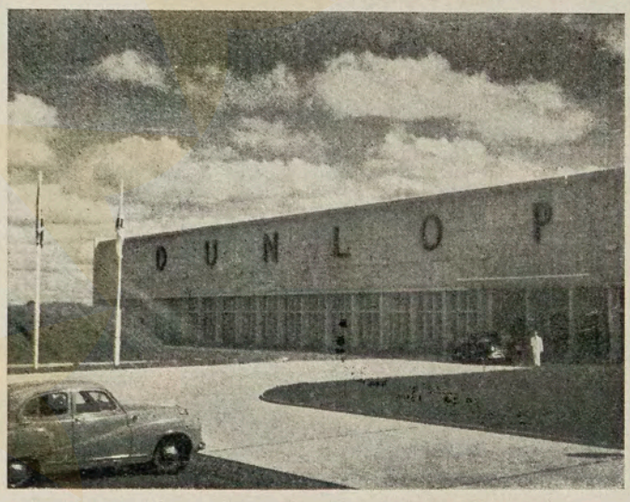


"SOKOFER"

PARAFUSOS EM GERAL

Orgulha-se de ter fornecido PARAFUSOS para montagem das estruturas metálicas da nova fábrica DUNLOP, em Campinas.

Av. Celso Garcia, 939 e 941 - Fones: 9-3806 e 9-3807
SÃO PAULO



Ferros - Aços - Carvão - Coque

JOSÉ ANTONIO REZZE

DEPOSITO
Rua Henrique de Barcelos, 63
Fone, 2933

CAMPINAS

RESID. PARTICULAR
Rua Henrique de Barcelos, 77

FORNECEDOR DE VIGAS E CHAPAS PARA A NOVA FABRICA DA DUNLOP

CHAPAS:
pretas — galvanisadas de cobre e latão, inoxidáveis, fôlhas de Flandres

TUBOS:
p/ Caldeira, gaz e vapor, de cobre e latão, galvanisados

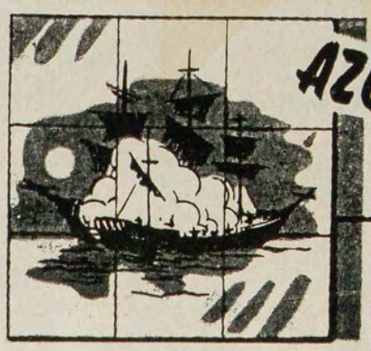
ARAMES:
galvanisados, preto recozido, fio máquina, farpado, de cobre e latão

Conexões e Acessórios em geral para água e vapor. — Em barras: ferro redondo, quadrado, chato, tee, cantoneiras, U e duplo tee. Metais e Ferragens em geral.

Distribuidores: **CIA. SIDERURGICA NACIONAL - VOLTA REDONDA**
CIA. SIDERURGICA BELGO MINEIRA e outras Usinas Nac. e Extr.

SANAF *Sociedade anonima nacional de aço e ferro*

RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 174; Fones: 33-7303 — 33-5442 — 32-2992 — 35-0881
Armazens: RUA MILER, 281 a 311; Enderêço Telegráfico: "SANAFERRO" — Caixa Postal, 5236 — São Paulo
Forneceu ferro, chapas e tubos para a construção da nova fábrica DUNLOP



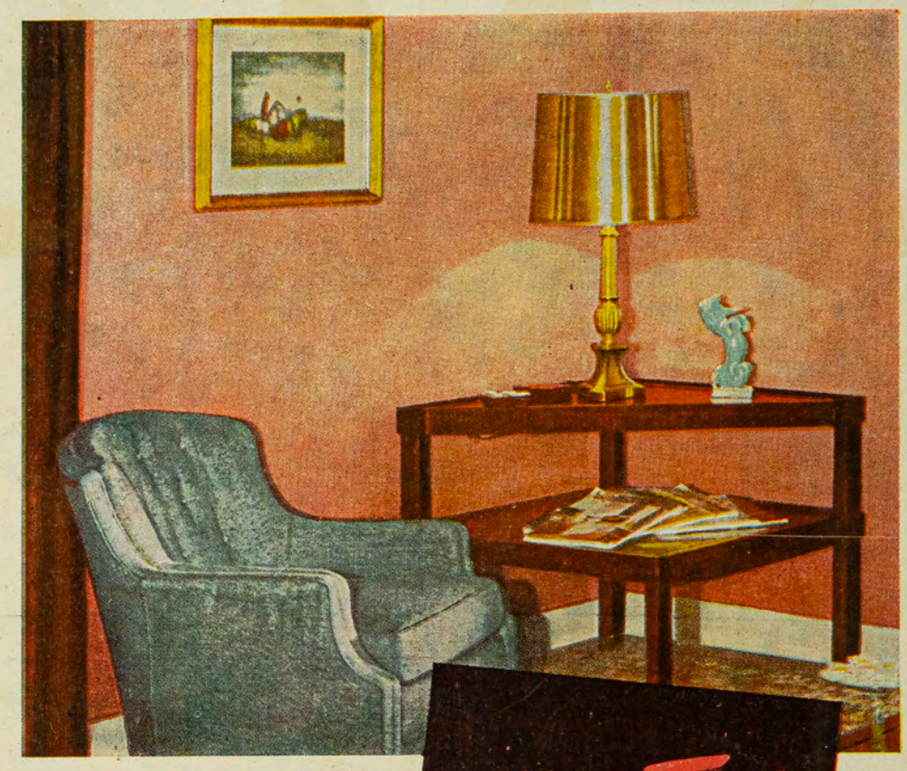
AZULEJOS-ARTIGOS SANITARIOS

Copas e Cosinhas Americanas — Exaustores

A.W. KAUFFMANN — ARKA

RUA GENERAL COUTO DE MAGALHÃES, 139
Endereço Telegráfico: ARKA — Telefones: 34-5524 - 34-3767
EXPOSIÇÃO: Rua Brigadeiro Tobias, 635, Fone 34-6612


Tricot-Lã
SWEATER
ORIGINAL
Tricot-Lã
SWEATER
ORIGINAL
UM PRODUTO DA INDÚSTRIA TRICOT S.A.



Dá gôsto estar
numa sala
pintada com...

Kem-Tone

Uma sala pintada com Kem-Tone é sempre mais acôlhedora. Apresentada em côres modernas, Kem-Tone completa o encanto de sua sala. Fácil de usar (V. mesmo pode pintar seu lar com Kem-Tone), seca numa hora, apenas. Kem-Tone proporciona acabamento perfeito, fôsco e uniforme.

★ Em tôdas as casas do ramo você encontra Kem-Tone em 11 lindas côres à sua escolha!

SHERWIN WILLIAMS
DO BRASIL S.A.

Tintas de alta qualidade em seleções de côres para tôdas as necessidades